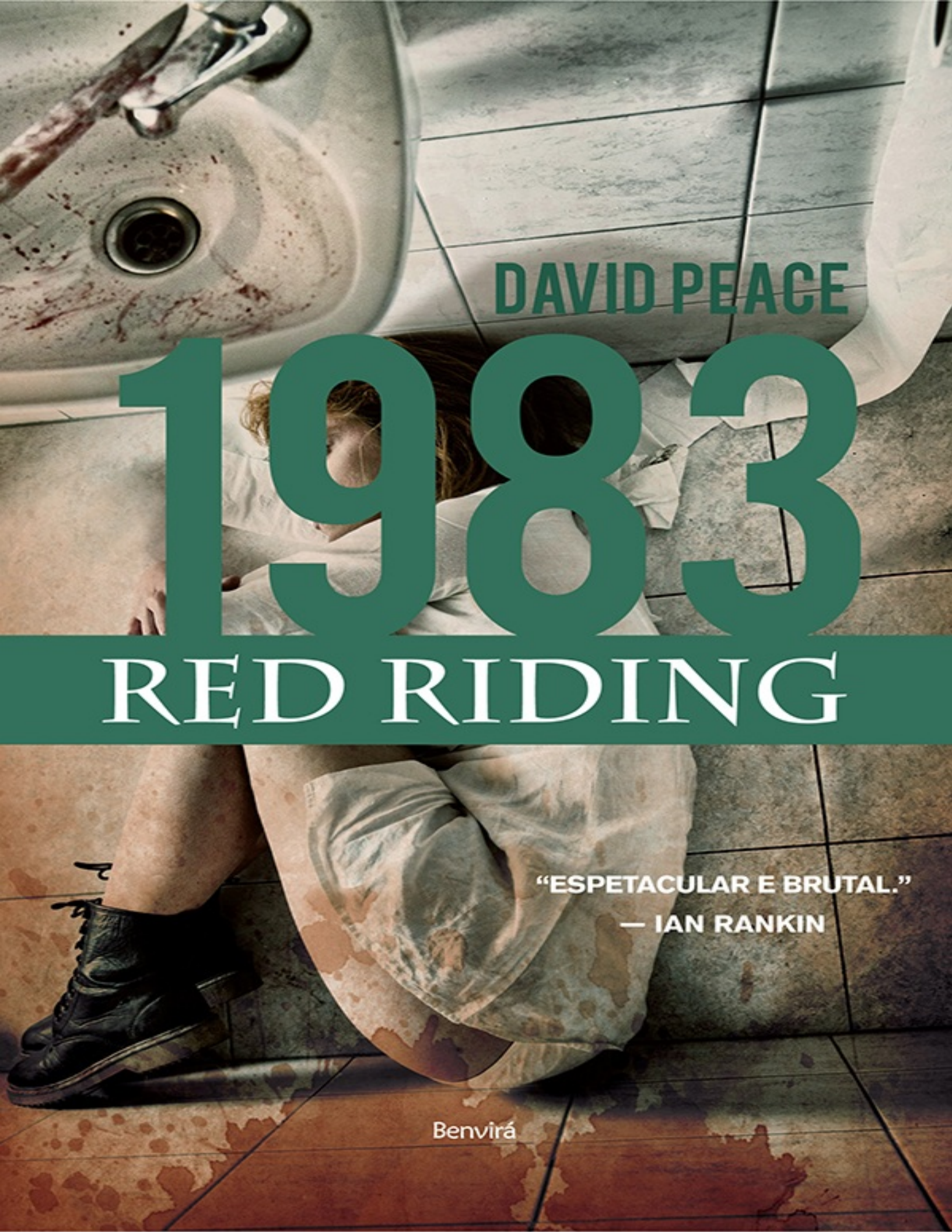

DAVID PEACE
1983
RED RIDING
"ESPETACULAR E BRUTAL."
— IAN RANKIN
Benvirá

DAVID PEACE

1983
RED RIDING

Tradução
Rodrigo Peixoto

Benvirá

Para William Miller, John Williams e Pete Ayrton:
obrigado.

“Oh, eis o caminho para o bosque encantado
Onde o lobo comeu a Chapeuzinho Vermelho.
Mas esta é a charada que você deve lançar:
Se é que isso aconteceu, como ele
Conseguiu comê-la daquela forma terrível,
Nessas lindas páginas onde ela hoje vive?”
TRADIÇÃO POPULAR

A última súplica

Yorkshire.

O verão do amor:

O cão de Jimmy está latindo e os meninos chorando, Michael gritando. Martin deu um tapa na cara dele e perguntou:

– Quer ser o próximo?

Os meninos fecharam os olhos.

Ele vai me dar uma lição.

Eles ataram minhas mãos às costas e deram um chute nos meus joelhos, pressionando meu rosto contra a grama. O pai de Leonard abaixou minha calça e perguntou:

– Você me ama, Barry?

Fechei os olhos.

Ele vai me fazer aprender.

PARTE 1

“A história nunca se repete, apenas os homens.”
VOLTAIRE

1

– Para nós, é o fim dos cachorros mortos e dos cisnes esquartejados – murmurou Dick Alderman como se fosse uma boa notícia.

Mas não era. Era o Dia 2.

9h30.

Sexta-feira, 13 de maio de 1983.

Delegacia de polícia de Millgarth, Leeds.

Yorkshire.

Esperando nos bastidores.

Abri a porta lateral, a sala de conferências estava silenciosa no momento em que eu liderava esta maldita procissão:

O detetive superintendente Alderman e o pai. Uma policial e a mãe. Evans, do Departamento de Relações Públicas e assessoria de imprensa, e eu…

O Coruja:

Maurice Jobson. O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson.

Sentamo-nos às mesas de fórmica, com microfones e copos de água.

Tirei os óculos. Esfreguei os olhos.

Sem me deitar, sem dormir, apenas isto:

A coletiva de imprensa.

Naquele mesmo local familiar novamente:

Inferno.

Recoloquei os óculos, as lentes grossas e a armação preta. Sentei-me e olhei para o público.

O mesmo público familiar:

Aquela centena de cães de caça, suando sob as luzes da televisão e a pressão de seus prazos, em meio à fumaça de cigarro e às últimas cervejas da noite, com os músculos tensos e as bundas limpas, as línguas e as bocas cheias de água, loucos por ossos…

Ossos frescos.

Liguei o microfone. Fui envolvido pelo lamento inevitável.

Tossi uma vez para limpar a garganta e disse:

– Senhoras e senhores, aproximadamente às quatro da tarde de ontem, Hazel Atkins desapareceu ao voltar da sua escola, a Morley Grange Junior and Infants.

Hazel foi vista pela última vez subindo a Rooms Lane em direção à sua casa, na Bradstock Gardens.

Tomei um gole da água morna.

– Ao notar que Hazel não chegava em casa, o senhor e a senhora Atkins entraram em contato com a polícia de Morley, e uma busca foi iniciada no começo da noite de ontem. Como alguns dos senhores já sabem, mais de cem populares uniram-se às buscas policiais. Infelizmente, o tempo horrível que fazia ontem à noite dificultou a ação, que só pôde ser reiniciada às seis da manhã de hoje. Diante do terrível clima e ao fato de ser a primeira vez que Hazel desaparece de casa, estamos obviamente preocupados com sua segurança e paradeiro.

Mais um gole da água morna.

– Hazel tem dez anos, cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos. Ontem à noite, vestia calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e jaqueta acolchoada vermelha sem mangas. Ela carregava uma bolsa de ginástica preta, também bordada com a letra H.

Mostrei a todos a foto ampliada de uma menina sorridente de cabelos castanhos e disse:

– Cópias desta foto, tirada recentemente na sua escola, serão distribuídas a todos, como eu já disse.

Mais um gole da água morna.

Olhei para baixo, para a mesa, para Dick Alderman. Ele tocou o braço do pai. Este ergueu os olhos, depois virou-se para mim.

Fiz que sim.

O pai piscou.

Eu disse:

– O senhor Atkins gostaria de ler um breve depoimento na esperança de que alguém tenha visto Hazel após as quatro da tarde de ontem ou tenha qualquer informação sobre o paradeiro ou o desaparecimento da menina. Pedimos que, caso alguém tenha alguma informação, venha até a frente conversar com o senhor e a senhora Atkins e conosco.

Passei o microfone para o senhor Atkins, que inclinou o corpo em direção àqueles homens ofegantes que farejavam ossos.

Os ossos da sua filha.

E o cheiro era forte, próximo.

O senhor Atkins olhou para a esposa. Seus quatro olhos estavam vermelhos de lágrimas e falta de sono, eles eram uma espécie de reféns da noite, vestindo

roupas úmidas e amassadas. Ele encarou os cães sedentos que esperavam e observavam, esperavam e observavam.

Os ossos dele.

O senhor Atkins disse com determinação:

– Gostaria de fazer um apelo a qualquer pessoa que saiba onde está a nossa Hazel ou que a tenha visto após as quatro da tarde de ontem. Peço que telefonem para a polícia. Por favor, quem souber de qualquer coisa, telefone para a polícia. Por favor…

Pausa.

– Permita que ela volte para casa.

Pausa.

Silêncio.

A senhora Atkins estava em lágrimas, seus ombros tremiam, a policial Martin a amparava.

Seu marido, o pai de Hazel, colocou os dedos sobre a boca.

E disse:

– A gente sente falta dela. Eu…

Pausa.

Silêncio.

Um longo, longo silêncio.

Acenei com a cabeça para Dick. Ele passou o microfone para mim.

Eu disse:

– Essa é toda a informação que temos até o momento. Vamos deixar que o senhor e a senhora Atkins saiam da sala e eu responderei a todas as suas perguntas.

Levantei-me enquanto a policial e Dick conduziam a mãe e o pai de Hazel para fora da sala, atravessando a porta lateral. Os cães sedentos os observavam, ainda famintos.

Famintos por ossos.

Meus ossos.

Sozinho com Evans à frente da sala, eu disse:

– Senhores…

Um mar de mãos se ergueu. Dos murmúrios, um grito foi ouvido:

– Clare Kemplay.

Mais ossos.

– Coincidência – eu disse, vendo…

Velhos ossos.

– Coincidência – repeti, sabendo…

Ninguém está a salvo.

No andar de cima, com uma xícara de chá frio em uma das mãos:

– Cadê os pais?

– Jim os levou de volta a Morley – respondeu Dick.

– Deveríamos voltar lá.

– No meu carro? – perguntou Dick.

Eu fiz que sim.

Dick apagou o cigarro e foi pegar o casaco.

– Dick?

Ele se virou e disse:

– O que foi?

– Cadê o arquivo de Kemplay?

– O quê?

– Os arquivos de Clare Kemplay.

– É apenas uma coincidência – ele disse, suspirando. – Você mesmo disse. O que mais poderia ser?

– Onde está a merda desse arquivo, Dick?

– Provavelmente em Wood Street – ele respondeu, dando de ombros.

– Obrigado.

Descemos a Dewsbury Road, passamos por Beeston e depois por Elland Road até ela se transformar em Victoria Road e Morley….

Dick dirigia. Eu estava de olhos fechados….

Tudo o que ouvíamos era o granizo, o limpador de para-brisa e o rádio:

“O Parlamento foi dissolvido entre excitação e alívio diante das eleições de 9 de junho. Continua a busca pela menina desaparecida de dez anos de Morley. O corpo de um menino de três anos foi encontrado em Northampton. Cidadão de dezoito anos encontrado enforcado numa cela policial. Nilsen está a ponto de ser acusado de novos assassinatos…”

– Quantos você acha que ele matou? – perguntou Dick.

– Não tenho ideia – respondi, com os olhos ainda fechados. – Não mesmo.

Nevava e já estávamos no meio do mês de maio. Hazel Atkins estava

desaparecida havia dezenove horas.

Desaparecida.

Delegacia de Morley.

Quatro horas.

A Sala de Ocorrências:

Mapas e um quadro-negro, marcadores e giz, grades e horários.

Uma fotografia.

Listas de oficiais e seus territórios, listas de casas e seus ocupantes.

Gaskins estava em trabalho de campo, Ellis batendo de porta em porta.

Evans envolvido com a imprensa.

Dick Alderman e Jim Prentice sentados, esperando.

O giz nas minhas mãos, as manchas no meu paletó.

Os sanduíches de ovo, envoltos em papel laminado, intocados.

Tirei os óculos e os limpei com meu lenço.

Não havia mais nada a ser dito:

Do lado de fora continuava nevando e Hazel Atkins continuava desaparecida.

Há vinte e quatro horas.

Seus pais de volta ao sofá na fria sala de estar de sua casa escura…

As cortinas abertas.

Todo mundo perdido.

Uma batida na porta.

Ergui os olhos.

– Uma saideira, chefe? – perguntou Dick Alderman.

Fiz que não. Fechei a pasta, tirei os óculos e os deixei sobre a mesa.

– Clare Kemplay? – perguntou Dick, olhando para a pasta.

– É.

– O *Evening Post* mencionou… – ele murmurou.

– Artigo da Kathryn Williams?

Ele fez que sim.

– O que ela disse?

– Que há nove anos, na mesma escola… – ele respondeu, dando de ombros. – E falou algo sobre Myshkin.

– O que falou sobre ele?

– As mesmas besteiras de sempre.

Peguei os meus óculos, com as mesmas lentes grossas e armação preta, e voltei a colocá-los. Sentei-me e o encarei, pensando:

Eu sou o Coruja.

Eu sou o Coruja e enxergo através dessas lentes grossas e dessa armação preta, enxergo através de tudo.

Sem piscar.

As mesmas besteiras de sempre.

Tudo.

2

Nova esperança para a Grã-Bretanha:

Sábado, 14 de maio de 1983.

D-26.

Névoa e granizo de Wakefield até aqui.

O Park Lane Special Hospital, em Merseyside.

Um lugar *podre*, sujo.

Você desligou o rádio, que transmitia o debate eleitoral, e baixou o vidro da janela.

– Estou aqui para ver Michael Myshkin – você disse ao segurança no portão.

– E quem é o senhor?

– John Piggott.

O segurança olhou para a prancheta que tinha nas mãos, aproximando-a do corpo para deixá-la fora da chuva.

– John Winston Piggott?

Você fez que sim.

– Advogado dele?

Você fez que sim novamente, mesmo sem ter certeza.

Ele lhe entregou uma identificação de visitante e disse:

– Siga em direção ao edifício principal e ao estacionamento. Depois vá até a recepção. Eles indicarão o caminho.

– Obrigado.

Você subiu o caminho molhado e escuro em direção a um prédio baixo e cinza, moderno e árido. Estacionou e saiu do carro sob a luz fria e sombria, o granizo e a chuva. Tocou uma campainha e esperou do lado de fora de uma porta de metal, porta de entrada do edifício principal. Ouviu um clique alto e o som de um alarme. Abriu a porta e entrou numa gaiola de metal. Mostrou sua identificação plastificada de visitante ao segurança do outro lado das barras de metal e lhe disse o seu nome. Ele bateu duas vezes o cassetete preto e brilhante numa das barras. Outro conjunto de fechaduras. Um novo alarme soou e você passou à recepção. Outro guarda lhe entregou um pedaço de papel com um número. Ele acenou com a cabeça em direção a um banco. Você se aproximou do banco e sentou-se entre dois velhos e uma mulher que carregava uma criança chorona.

Sentou-se e ficou esperando naquela sala cinza e úmida, cinza e úmida, com o cheiro de pessoas que tinham viajado centenas de quilômetros por estradas cinzentas e úmidas para ouvir de homens acima do peso, vestindo uniformes cinzentos e úmidos e com cassetetes pretos e brilhantes, que deveriam esperar naqueles assentos cinzentos e úmidos por nada além que mais notícias ruins, notícias cinzentas e úmidas, enquanto ferrolhos e fechaduras eram abertos e fechados, alarmes soavam e números eram chamados, e as pessoas velhas se levantavam e voltavam a se sentar, e a criança chorava sem parar até que uma voz, vinda de uma mesa ao lado de uma porta, gritou:

– Vinte e sete.

A criança parou de chorar e a mãe ficou olhando para você.

– Vinte e sete!

Você se levantou.

– Número vinte e sete!

À mesa, você disse:

– John Piggott. Venho ver Michael Myshkin.

Uma mulher vestindo uniforme cinza passou seus dedos úmidos com unhas roídas numa lista, fungou e perguntou:

– Qual é o propósito da visita?

– A mãe dele pediu que eu viesse.

– Familiar? – ela perguntou, olhando para você e fungando.

– Não – você respondeu. – Sou seu advogado.

– Uma visita legal, então? – ela perguntou, cuspindo em cima de você com um repentino ódio inglês, um ódio frio e cruel.

Você fez que sim, com um pouco de medo.

Ela lhe devolveu a identificação de visitante.

– Primeira vez?

Você fez que sim novamente, sentindo seu hálito podre muito próximo.

– O paciente será levado à sala de visita e uma pessoa da equipe estará presente o tempo inteiro. As visitas são limitadas a quarenta e cinco minutos. Vocês ficarão sentados numa mesa e deverão permanecer sentados durante todo o tempo. Evite qualquer tipo de contato físico e não passe nada diretamente ao paciente. Qualquer coisa que queira entregar a ele deve passar por este escritório, e só poderá ser um objeto que conste nesta lista – ela disse, entregando-lhe uma fotocópia em papel A4.

– Obrigado – você respondeu, sorrindo.

– Volte ao seu lugar e espere até que uma pessoa da equipe o leve à área de

visitas.

– Obrigado – você repetiu, fazendo o que lhe fora dito.

Trinta minutos mais tarde, e terminado mais um cisne de papel, um policial magricelo com manchas de sangue no colarinho perguntou:

– John Winston Piggott?

Você se levantou.

– Por aqui.

Você o seguiu em direção a outra porta e a outra tranca, a outro alarme e a outra campainha, passou pela porta e seguiu em direção a um corredor cinza muito quente e muito iluminado.

Ao aproximar-se de mais uma porta, ele parou e perguntou:

– Conhece as regras?

Você fez que sim.

– Permaneça sentado, nada de contato físico, não passe nada a ele, nada de cigarros, nada – ele disse mesmo assim.

Você fez que sim novamente.

– Eu avisarei quando o tempo acabar – ele disse. – Caso conclua antes, é só avisar.

– Obrigado.

O guarda digitou um número num painel preso à parede.

Um alarme soou, ele abriu a porta e disse:

– Primeiro as damas.

Você entrou numa sala pequena com carpete e paredes cinza, duas mesas de plástico, cada uma delas com duas cadeiras de plástico.

Nenhuma janela, apenas uma porta no lado oposto.

Nada de chá ou biscoito.

– Sente-se – disse o guarda.

Você se sentou na cadeira de plástico cinza, dando as costas à porta cinza que acabara de atravesssar. Inclinou o corpo para a frente, apoiando os braços na superfície marcada da mesa de plástico cinza, com os olhos fixos na porta do outro lado da sala.

O guarda pegou uma cadeira da outra mesa e sentou-se atrás de você.

Você se virou para perguntar:

– Como ele é, o Myshkin?

O homem olhou para a porta, depois para você, e deu uma piscadela:

– Perverso, como todos os demais.

– Ele é violento?

– Só com a mão direita – disse o guarda, fazendo um movimento com a mão.

Você sorriu e se virou. Lá estava ele, bem na sua frente.

Como se fosse mágica.

Usando macacão cinza e camisa cinza, imenso, com uma cabeça duas vezes maior que o normal.

Michael John Myshkin, assassino de crianças.

Você parou de sorrir.

Michael Myshkin, à porta, cuspiu.

– Oi – você disse.

– Oi – disse Myshkin, sorrindo e piscando.

O guarda que o escoltava o empurrou para as cadeiras cinza de plástico à sua frente, depois fechou a porta e pegou uma cadeira para se sentar atrás de Myshkin.

Michael Myshkin olhou para você.

Você parou de encará-lo.

Myshkin abaixou o olhar para a mesa de plástico cinza.

– O meu nome é John Piggott – você disse. – Eu morava em Fitzwilliam, perto de você. Sou advogado. Sua mãe pediu que viesse até aqui para conversar sobre um recurso judicial.

Você fez uma pausa.

Michael Myshkin passava a gorda mão direita sobre os cabelos loiros e sujos, finos e oleosos.

– Um recurso é um procedimento lento e custoso, que demanda muito tempo e envolve diferentes pessoas – você continuou. – Então, antes de iniciar algo dessa natureza com um cliente, precisamos ter certeza de que existe uma boa base para levá-lo adiante, além de chances de êxito. E até isso custa muito.

Você fez uma nova pausa.

Myshkin olhou-o.

Você perguntou:

– Entende o que estou dizendo?

Ele limpou a mão direita no macacão e sorriu. Seus olhos azul-pálidos piscavam naquela sala cinzenta e quente.

– Entende realmente o que estou dizendo?

Michael Myshkin fez que sim, ainda sorrindo, ainda piscando.

Você olhou para o guarda logo atrás e perguntou:

– Posso fazer algumas anotações?

Ele deu de ombros, e você pegou um caderno com espiral e uma caneta de sua pasta.

Abriu o caderno e perguntou a Myshkin:

– Quantos anos você tem, Michael?

Ele olhou para o guarda sentado atrás dele, depois voltou a olhar para você e murmurou:

– Vinte e dois.

– Sério?

Ele piscou, sorriu e fez que sim novamente.

– Sua mãe disse que tinha trinta.

– Lá fora – ele murmurou, passando o dedo indicador da mão esquerda sobre os lábios úmidos.

– Como assim? – você perguntou. – Há quanto tempo você está aqui?

Michael Myshkin olhou para você, sem sorrir, sem piscar, e lentamente respondeu:

– Sete anos, quatro meses e vinte e seis dias.

Você se recostou na cadeira de plástico, batendo a caneta de plástico na mesa também de plástico.

Olhou para ele.

Myshkin voltou a passar a mão no cabelo.

– Michael – você disse.

Ele levantou os olhos.

– Você sabe por que está aqui, neste lugar?

Ele fez que sim.

– Então me diga por quê.

– Por causa de Clare – ele respondeu.

– Que Clare?

– Clare Kemplay.

– O que aconteceu com ela?

– Eles dizem que a matei.

– E isso é verdade? – você perguntou calmamente. – Você a matou?

Michael John Myshkin fez que não com a cabeça e disse:

– Não.

– Não o quê? – você insistiu, escrevendo cada uma das palavras ditas por ele.

– Eu não a matei.

– Mas havia dito que a matou.
– Eles disseram que eu a matei.
– Eles quem?
– A polícia, os jornais, o juiz, o júri – ele respondeu. – Todo mundo.
– E você. Você também disse.
– Não – retrucou Michael Myshkin.
– Você não disse ou não a matou?
– Não matei.
– E por que disse que matou se não matou?
Myshkin voltou a passar a mão no cabelo.
– Michael – você disse. – Isso é muito, muito importante.
Ele ergueu os olhos.
Você repetiu:
– Por que você confessou o crime?
– Eles disseram que eu deveria fazer isso.
– Eles quem?
– Todo mundo.
– Quem é todo mundo?
– Meu pai, minha mãe, meus vizinhos, o pessoal do trabalho, os advogados, os policiais. Todo mundo.
– Que policiais? – você perguntou. – Consegue se lembrar dos nomes?
Michael Myshkin parou de mexer nos cabelos e fez que não com a cabeça.
– Você se lembra de como eles são?
Ainda de cabeça baixa, ele fez que sim.
Você parou de escrever, olhando nos olhos do homem uniformizado sentado logo atrás de Michael Myshkin, e sentindo outro par de olhos uniformizados logo atrás. Você disse:
– Por que pediram que fizesse isso? Por que pediram que dissesse que a matou?
Michael John Myshkin olhou para você. Ele não sorria. Ele não piscava. Ele não mexia no cabelo.
– Porque eu sei quem matou – respondeu.
– Você sabe quem a matou?
Ele olhou para a mesa, novamente mexendo nos cabelos.
– Quem? – você perguntou, voltando a tomar notas.
Ele mexia no cabelo, piscava em direção à mesa.
– Michael, se não foi você, quem foi?

Ele mexia no cabelo. Piscava. Sorria.

– Quem?

Sorria e piscava, mexia nos cabelos e…

– Quem?

Michael Myshkin olhou para você e disse:

– O Lobo.

Você deixou a caneta sobre a mesa.

– O Lobo?

Myshkin, com seu macacão cinza e sua camisa cinza, com seu corpo enorme e sua cabeça grande, fazia que sim.

Fazia que sim e ria.

Ria com vontade.

Os guardas também.

Ele sorria, fazia que sim e piscava, mexendo nos cabelos, com baba no queixo.

Michael John Myshkin, assassino de crianças, ria.

Com baba no queixo, lágrimas nas bochechas.

Do lado de fora, em seu carro, você ligou o rádio nas notícias e acendeu um cigarro:

"Thatcher diz que defesa é a prioridade da nação. Dez mulheres de Greenham foram presas quando oficiais de justiça ocuparam o local. Menino de quinze anos será posto diante dos magistrados de Northampton acusado pela morte de um garoto de três anos. Hazel, terceiro dia, a busca continua. Nilsen acusado de quatro mortes: Kenneth Ockendon em dezembro de 1979, Martyn Duffey em maio de 1980, William Sutherland em setembro de 1980, Malcolm Barlow em…"

Você desligou o rádio e acendeu outro cigarro, ouvindo a chuva cair no teto do carro, os olhos fechados.

Fitzwilliam, três dias atrás. Você esperava na mesma chuva pela chegada de Pete. Ele não apareceu, então você entrou e cremou sua mãe. De pé, sozinho, lá na frente, mordendo a parte interna de seus lábios até começar a sangrar e finalmente surgirem as lágrimas.

A senhora Myshkin estava lá, também estavam a senhora Ashworth e algumas outras poucas pessoas.

Mas não Pete.

A senhora Myshkin o alcançou no caminho de volta para casa, carregando um sanduíche de margarina amarela e presunto velho no bolso do seu barato *blazer* preto. Ela lhe ofereceu o sanduíche com um guardanapo florido e disse:

– Vai se encontrar com ele?

Você abriu os olhos.

Sentia-se mal e os seus dedos queimavam.

Jogou o cigarro fora e apertou os botões do rádio até sintonizar alguma música:

The Police.

– Senhora Myshkin?

Você estava numa cabine telefônica em Merseyside, ouvindo a senhora Myshkin e o implacável som da forte chuva sobre o teto.

– Sim, ele está bem – você respondeu.

A chuva caía, luzes de carros numa molhada tarde de sábado do mês de maio.

– Precisamos nos ver novamente.

O tipo de sábado à tarde úmido que você costumava passar com seu tio Ronnie e sua tia Winnie, em Thornhill, comendo torta de limão e tortas cremosas na cozinha, com sua velha motocicleta britânica em pedaços sobre o linóleo, com medo…

– Eu poderia passar aí cedo, em algum dia desta semana?

Sentado com Pete no sidecar, *na garagem, ouvindo a chuva cair no teto, as conchas nas paredes do lado de fora muito afiadas e cheias de medo, ouvindo o implacável som da chuva forte sobre o telhado, sem vontade de voltar para casa, sem vontade de ir à escola na segunda-feira, morto de medo de…*

– Na terça, se for bom para você.

Aquele medo vago continuava presente.

– Tchau, senhora Myshkin.

Aquele medo novamente, cada vez menos vago.

Ela desligou e você ficou lá, de pé, numa cabine telefônica em Merseyside, ouvindo o sinal da linha.

O sinal da linha e o implacável som inabalável da chuva forte sobre o teto, sem vontade de voltar para casa, sem vontade de voltar para o trabalho, morto de medo de…

O medo naquele momento.

Sábado, 14 de maio de 1983.
D-26.
O medo presente.
Cães latindo.
Mais perto.
Lobos.

3

Rock’n’Roll.

O disco arranhado na *jukebox*. BJ não dançava.

Eddie Dunford apontava uma arma para o peito de BJ.

Eddie perguntou:

– Por que eu?

BJ respondeu:

– Você foi muito bem recomendado.

Ele deixou cair a arma, se virou, desceu a escadaria do Strafford e foi embora.

Eddie foi embora, mas BJ continuou lá.

Lá:

Strafford, em Wakefield.

Naquele momento:

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Pensando, pensando, pensando.

O coração a mil, sem fôlego, os olhos arregalados, olhando em volta:

Grace no balcão do bar, gritando e tremendo, o Velho Idiota próximo à janela, num maldito estado de choque, imóvel, com as mãos ao alto.

Craven de pé no centro da sala, com merda saindo dos seus ouvidos, seu colega Dougie arrastando-se sobre o próprio sangue.

Paul de costas, com os olhos abrindo e fechando, morrendo…

Derek Box, o chefe, já estava…

Morto.

– Merda – disse BJ, pensando…

Pensando, pensando muito rapidamente.

Foi até Derek, abriu seu paletó e pegou sua carteira, seu relógio e seus anéis.

Paul continuava sem ar, BJ pegou seu dinheiro e relógio.

– Idiota – ele murmurou.

– Shhh – fez BJ.

Sirenes, BJ podia ouvir sirenes.

Merda.

BJ deixou suas moedas para trás e disse a Grace:

– Temos que sair daqui, querida.

Mas ela continuava em choque, gritando, com sangue na blusa e nos cabelos.

– Vamos! – gritou BJ. – Eles vão chegar a qualquer momento.

Ela não se mexeu.

– Você não vai querer estar aqui.

Correu para trás do balcão para chacoalhá-la, mas de nada adiantou, então BJ a agarrou e gritou:

– Eles vão nos matar!

Não adiantou.

BJ deu um tapa nela.

Pneus e freios de carros do lado de fora.

Merda, merda…

BJ pulou por cima do bar.

Merda, merda, merda…

BJ não podia mais sair pela frente, teve de sair pelos fundos.

– Grace! – ele gritou pela última vez. – Vamos!

Mas ela não se mexia.

Merda, merda, merda, merda…

Ela que se foda.

BJ olhou para a passagem e abriu a porta dos fundos, chegando à noite e aos degraus de pedra, correndo, quando ouviu:

BANG!

O som de outro tiro.

Merda, merda, merda, merda, merda…

Desceu os degraus de pedra, estava no pé da escada de pedra quando ouviu outro:

BANG!

Outro tiro.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda…

BJ atravessava o estacionamento vazio, arrastando-se e correndo entre poças de água da chuva e de óleo, contornando os fundos, quando o carro de polícia passou por perto. Mas ele deixou a rua para trás e seguiu pela lateral da rodoviária, pensando que…

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

Que merda BJ poderia fazer?

Embrenhou-se nas sombras da estação de ônibus vazia, numa rodoviária, quando…

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

BJ viu…

Bem na sua frente, todo prateado e dourado:

Um ônibus.

Ofegante, BJ perguntou ao motorista:

– Está trabalhando?

– Há mais de seis horas.

– E para onde vai?

– Para Preston, via Bradford e Manchester.

– Quando vai sair?

– Agora.

– Quanto é?

– A bilheteria está fechada – ele deu uma piscadela.

– Quanto você quer, então? – BJ sorriu.

– Dez.

– Certo – disse BJ, oferecendo-lhe uma maldita nota de dez roubada.

– Feliz Natal para você também – disse o homem.

BJ entrou e sentou-se no fundo do ônibus.

Havia dois outros caras: um dormindo e o outro com pinta de aborrecido.

BJ sentou-se e baixou a cabeça.

O ônibus saiu da rodoviária, mas voltou ao Bullring.

Seguindo em direção ao Strafford.

BJ queria olhar para fora, mas não teve coragem.

O ônibus diminuiu a velocidade.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

O motorista abriu a porta.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

– O que aconteceu?

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

– Um tiroteio – respondeu um policial.

– Tiroteio?

– No Strafford Arms.

– Está brincando?

– Parece que foi um assalto.

– Assalto? – repetiu o motorista, com uma nota de dez roubada queimando no bolso do seu paletó sujo, com o coração mole.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda,

merda, merda…

– Você terá que descer pela Springs – disse o policial.

– Certo – concordou o motorista.

– Natal um pouco sangrento – disse o policial.

– Pois é – disse o motorista. – Espero que encontrem o bastardo.

– Vamos encontrar – disse o policial. – Sempre encontramos.

O motorista fechou a porta, e o ônibus virou à esquerda, descendo a Springs e saindo de Wakefield, abrindo caminho por Dewsbury e Batley, em direção a Bradford.

Sentado no fundo do ônibus, BJ começou de repente a tremer e a chorar, e BJ não conseguia parar de tremer e chorar por conta de tudo o que BJ vira e fizera, coisas que tinham feito BJ ver e coisas que tinham feito BJ fazer, por conta de todas aquelas malditas coisas que obrigaram BJ a fazer, e BJ pensou em Grace, e BJ tremia e chorava, pois sabia o que fariam com ela e o que fariam com BJ, pensava em todas as pessoas que eles tinham matado e em todas as que teriam de matar, e BJ sabia que BJ deveria ter feito a coisa certa, notou que BJ deveria ter matado mais, pois BJ estava verdadeiramente…

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

Fodido para sempre.

Quando chegou à rodoviária de Bradford, o motorista foi ao fundo do ônibus.

BJ fechou os olhos de BJ.

– Caia fora – disse o motorista.

BJ abriu os olhos de BJ e disse:

– Quero ir para Manchester.

– Não dou a mínima para onde você quer ir – disse o motorista, cuspindo. – O rádio não para de falar no assunto e o seu rosto não me engana.

– Eu…

– Não quero saber – disse o motorista, atirando a nota de dez de Derek Box em cima de BJ.

BJ pegou a nota. BJ passou ao lado do motorista no corredor.

BJ saiu do ônibus. BJ ficou de pé na plataforma congelada.

BJ ficou observando o ônibus ir embora.

Três da manhã:

Véspera de Natal, 1974.

Três da manhã, véspera de Natal de 1974, e BJ lembrou-se de Clare.

Da Clare escocesa.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda…

Puta merda, não.

4

Delegacia central da Polícia Metropolitana de Wakefield.

Dia 5:

Segunda-feira, 16 de maio de 1983.

Busca em cinco mil edifícios, trinta mil pessoas interrogadas.

A busca alcança um raio de quarenta quilômetros quadrados, mergulhadores vasculham os rios, os esgotos.

A família arrasada, parentes dando apoio.

Batidas em busca de pervertidos e recém-libertos.

– Siga em frente – disse a secretária do chefe de polícia. – Ele está esperando o senhor.

– Obrigado – agradeci, ajustando meus óculos.

Bati uma vez. Abri a porta.

O chefe de polícia Angus estava sentado atrás de uma grande mesa com as costas voltadas para a janela e mais um céu cinzento. Ele escrevia. Ergueu os olhos. Indicou com o rosto a cadeira na sua frente.

Eu me sentei.

– Novidades? – ele perguntou, conhecendo a resposta.

Fiz que não.

Ele parou de escrever. Deixou a caneta sobre a mesa.

– E a imprensa?

– Uma reconstituição os acalmaria.

– Um pouco prematuro, não acha?

– Seria uma espécie de presente para eles.

– Quer fazer isso na quinta?

– Se pudermos avisá-los hoje ou amanhã.

– À imprensa?

– E à família.

Ele fez que sim e disse:

– Tudo bem.

– Poderia se transformar em um assunto nacional?

– E você achava que era um assunto local?

– Ainda acho.

Ele deu de ombros.

Abri a pasta que tinha sobre os joelhos. Entreguei a ele uma fotografia em preto e branco.

– Você se lembra dela?

– Muito engraçado, Maurice – ele disse, sem sorrir.

– Parece que muita gente se lembra.

– Do quê?

– Dela.

– Disseram que você esteve bisbilhotando por aí.

– E você me culpa por isso?

– É uma coincidência.

– Coincidências não existem.

– Ele está atrás das grades – disse Angus. – Aliás, está onde deveria estar, e você mesmo ajudou a colocá-lo lá.

– E se *ele mesmo* tivesse ajudado sua prisão?

– Ele teria dito.

– Ele disse que não matou.

– Mas ele nunca disse isso antes.

– Nós nunca permitimos.

– Maurice, me escute – ele pediu. – Michael Myshkin talvez tenha a cabeça um pouco frouxa, mas o coração dele é duro, duríssimo. Ele *fez* aquilo, matou aquelas meninas. Tenho tanta certeza disso quanto de que estou sentado aqui e você aí.

Eu não disse nada.

– E lá no fundo você sabe disso – ele disse. – Sabe muito bem.

Lá no fundo.

Fiz que não com a cabeça.

– Então não passa de uma maldita coincidência, certo?

– Como eu havia dito.

– Mas eu já disse que essas malditas coincidências não existem.

Ronald Angus suspirou. Ele bateu com força em sua grande mesa. Levantou-se. Caminhou até a janela. Olhou para mais um céu cinzento sobre Wakefield.

Começava a chover novamente.

Ele estava de costas para mim quando disse:

– Acho que não preciso dizer que talvez ele não tenha fãs nem nada parecido, do jeito que esses animais são.

– Quero vê-lo – eu disse.

Ele fazia que sim para o céu cinzento.
Perguntei:
– Isso é um *sim*?
Ele olhou para mim.
– Fique longe desses malditos papéis, é tudo o que peço.
Eu me levantei, ajeitando meus óculos.
Chovia forte contra a janela.
Peguei a fotografia em preto e branco da mesa dele.
Clare Kemplay sorria para mim, nas minhas mãos.
Lá no fundo.

Peguei a estrada de volta a Leeds, com estranhos raios de sol refletindo-se no mar cinzento, lembranças da infância de luz do sol e grama aparada, tudo emoldurado por vozes aterrorizantes, histéricas e estridentes como o anúncio de uma sentença próxima, desastre e morte.

"Uma menina não pode simplesmente desaparecer no ar."

Os estranhos raios de sol desapareceram, deixei a estrada na saída de Hunslet e Beeston, passando pelos terríveis caminhões, pelas escavadeiras histéricas, pelos estridentes guindastes. Peguei a Hunslet Road, depois a Black Bull Street, em direção ao centro e a Millgarth, com as mãos tremendo, os joelhos fraquejando e um nó no estômago, sentindo o desastre se aproximando, a morte se aproximando.

"Alguém, em algum lugar, deve ter visto algo."

Era o Dia 5.
1983.

– Agora? – perguntou Dick. – Neste exato momento?
– E não diga nada, nem mesmo a Jim.
– Posso pegar o meu casaco? – ele perguntou, levantando-se.
– Nos vemos lá embaixo, em cinco minutos.
– Certo – ele disse, abrindo a porta.
– Dick… – eu disse.
Ele parou.
– Bico fechado, certo?

Ele fez que sim, como quem diz: *Você não me conhece, Maurice?*

– Estou falando sério – eu disse.

– Sei que está – ele respondeu. E eu esperava que realmente soubesse.

Esperava mesmo.

Ele dirigia.

Eu estava à deriva, sonhando.

Reinos subterrâneos, reinos esquecidos de texugos e anjos, cidades de insetos e vermes, cisnes mudos nadando em lagos escuros enquanto dragões voavam logo acima, em céus pintados de estrelas prateadas, e depois se escondiam em cavernas iluminadas por lâmpadas onde uma coruja guardava três pequenas princesas adormecidas entre suas asas cheias de penas, protegendo-as do…

Acordei com medo das notícias:

"A polícia continua a busca pela estudante desaparecida de Morley, Hazel Atkins. O chefe de polícia, Maurice Jobson, o homem à frente da investigação, admitiu que até agora a resposta do público foi desencorajadora."

Com medo das notícias:

"Uma menina não pode simplesmente desaparecer no ar. Alguém, em algum lugar, deve ter visto alguma coisa."

Tirei os óculos. Esfreguei os olhos, com aquele gosto na boca.

Carne.

Medo.

Esperamos em cadeiras de plástico, ouvindo as portas e as fechaduras, os passos confusos e os gritos ocasionais vindos de outra ala. Esperamos em cadeiras de plástico, olhando para diferentes tonalidades de tintas cinza, acessórios cinza e mobília cinza.

Esperamos em cadeiras de plástico por Michael Myshkin.

Cinco minutos mais tarde, a porta se abriu e lá estava ele.

Com macacão cinza, gordo por causa da vida institucional e suado por causa do calor institucional.

Michael John Myshkin.

Ele se sentou na nossa frente, com os olhos baixos diante da casa cheia.

– Michael, você se lembra da gente? – perguntei.

Nada.

– O meu nome é Jobson e este é o senhor Alderman. Somos policiais de West Yorkshire – continuei. – Perto de onde mora a sua mãe.

Ele levantou os olhos, deu uma rápida olhada em Dick, depois voltou a observar suas mãos gordas pousadas no colo rechonchudo.

– Como vai, Michael? – perguntou Alderman, mas eu preferia que ele não tivesse dito nada, pois Michael estava esfregando suas mãos gordas uma na outra.

– Michael – eu disse –, estamos aqui para fazer algumas perguntas, só isso. Iremos embora assim que nos contar o que queremos saber.

Ele levantou novamente os olhos, dessa vez na minha direção.

Eu sorri. Ele não sorriu.

– Já passou um bom tempo – comentei. – Você está aqui há alguns anos, certo?

Ele fez que sim.

– Sente falta de casa?

Ele fez que sim.

– Eu sabia. Família, colegas.

Ele fez que sim.

– Fitzwilliam, certo?

Ele fez que sim.

– Só você, mamãe e papai, certo?

Ele fez que sim.

– Seu pai era mineiro?

Ele fez que sim.

– Faleceu, certo?

Ele fez que sim novamente.

– Sinto muito – eu disse. – Ficou um bom tempo doente, não é?

Ele fez que sim duas vezes, rapidamente.

– Onde está a sua mãe agora?

– Fitzwilliam – ele murmurou.

– Na mesma casa?

Ele fez que sim.

– Aposto que ela ainda mantém o seu antigo quarto arrumado – eu disse, sorrindo. – Exatamente como era.

Ele fez que sim novamente, duas vezes.

– Sua mãe vem aqui de vez em quando, não é?

– Vem – ele respondeu, murmurando novamente.

– E os seus amigos, eles vêm?

Ele fez que não.

– Mas você ouve falar muito neles, certo?

Ele fez que não novamente.

– E o tal Johnny? Nunca mais ouviu falar nele? – perguntei.

Ele ergueu os olhos:

– Johnny?

– É – respondi, batendo na mesa. – Johnny… Como era mesmo o sobrenome dele?

– Jimmy? – ele perguntou. – Jimmy Ashworth?

– Isso – respondi, fazendo que sim. – Jimmy Ashworth. Como ele está?

Ele deu de ombros.

– Nunca veio aqui? Nunca escreveu?

– Não.

– Nem um cartão de Natal?

– Não.

– Mas, pelo que ouvi dizer, vocês eram amigos.

– Sim.

– Carne e unha, durões, certo? – perguntou Dick, sorrindo.

Ele fez que sim.

– Que coisa chata – eu disse. – No final das contas, ele não se mostrou um bom amigo, certo?

Nada.

– E os demais? – perguntei.

Ele levantou os olhos.

– Os outros colegas?

Ele fez que não com a cabeça.

– Quem eram eles? Me ajude a lembrar.

Ele fez que não com a cabeça. E disse:

– No final, era apenas Jimmy.

– Nenhuma namorada? Amigos por correspondência?

Ele fez que não.

– E quanto ao trabalho?

Nada.

– Você tinha amigos no trabalho, certo?

Ele fez que sim.

– Em Castleford, não era? Um estúdio de fotografia?

Ele fez que sim novamente.
– Quem era seu amigo lá?
– Mary.
– Que Mary?
– Mary Goldthorpe – ele disse. – Mas ela morreu.
– Alguém mais?
Ele fez que não. Depois disse:
– Sharon, a menina nova.
– Qual o sobrenome dela?
– Douglas – ele disse.
– Sharon Douglas – eu disse.
Ele fez que sim.
Olhei para Dick Alderman.
Dick Alderman fez que sim.
Tirei os óculos. Esfreguei os olhos. Depois voltei a colocar os óculos.
– Alguém mais? – perguntei.
– Apenas o senhor Jenkins – ele disse, e dessa vez *eu* fiz que sim.
– Ted Jenkins – eu disse. – Exatamente.

A porta da cela se abriu à úmida noite de Liverpool. Alguém gritou atrás da gente:
– Senhor Jobson.
Nós dois nos viramos, um guarda alto vinha em nossa direção.
– Imaginei que gostaria de saber que o senhor Myshkin teve um encontro com o advogado no sábado.
– Obrigado – disse Dick. – Vimos o nome dele na lista de visitantes.
– Mas eu estava lá na sala com eles quando Myshkin disse ao advogado que ele não fez nada – disse o guarda.
– Então é verdade? – perguntou Dick. – Ele vai apelar?
– Myshkin disse que um policial o fez se responsabilizar pelo crime, o obrigou a confessar – confirmou o funcionário da prisão.
– E ele disse o nome desse policial? – perguntou Dick.
– Ele não se lembrou do nome – respondeu o funcionário. – Mas o advogado não deixou que falasse muito mais.
– Esperto – comentei.

– E Myshkin disse algo mais? – perguntou Dick.

O funcionário da prisão encostou dois dedos na têmpora e disse:

– Disse que foi um lobo que fez aquilo.

– Fez o quê? – perguntou Dick.

– Matou a menina.

– Um lobo? – desdenhou Dick.

– É – confirmou o funcionário, que continuava com os dedos na têmpora. – Foi o que ele disse.

– Ele recebe muitas visitas? – perguntei.

– Apenas sua mãe louca e alguns missionários – disse o funcionário, sorrindo. – Pobre coitado.

– Pobre coitado – repeti.

Na escuridão do estacionamento de visitantes do Park Lane Special Hospital, nos sentamos em silêncio até eu perguntar a Dick:

– O que você sabe sobre John Winston Piggott?

– O pai dele foi um dos nossos.

– Jesus – comentei, balançando a cabeça. – Era pai dele?

Dick fez que sim.

– Como é o filho?

– Um gordo imbecil – ele respondeu, sorrindo. – Tem um escritório na Wood Street.

– Tal pai, tal filho?

– Quem sabe? – respondeu Dick, dando de ombros. – Mas ele foi advogado de Bob Fraser, sabia?

– Santo Cristo – comentei.

– Um maldito *déjà vu* – disse Dick.

– O que Piggott sabe?

– Não tenho ideia.

– Bem, é melhor que descubra – eu disse, sentindo novamente aquele gosto na boca. – E bem rápido.

5

Você acordou por volta das oito e ficou na cama comendo panquecas crocantes frias.

Cruas, com o recheio frio, vendo as notícias da TV-AM na televisão portátil:

"A polícia iniciará um inquérito sobre a morte de um prisioneiro na delegacia de Rotherhite. O senhor Nicholas Ofuso, de 32 anos, ficou inconsciente e morreu asfixiado em seu próprio vômito pouco depois de nove policiais aparecerem em seu apartamento, após uma briga doméstica. O senhor Ofuso lutou durante o trajeto até a delegacia de Rotherhite e vomitou logo após chegar ao destino. Quando as algemas foram retiradas, ele já estava desfalecido. Recebeu respiração boca a boca acompanhada de massagem cardíaca."

Terça-feira, 17 de maio de 1983.

D-23.

Meia hora mais tarde, você preparou uma xícara de chá, depois tomou banho e se vestiu. Queria *curry* para o almoço, um *curry* picante, com grandes camarões, mas viu que estava chovendo forte quando abriu a porta e lembrou-se que teria de se encontrar com a senhora Myshkin naquele dia.

O jornal no capacho, virado para cima. Hazel Atkins:

Desaparecida.

Você voltou a subir as escadas, vomitou todas as panquecas e o chá. Um homem flácido de joelhos diante do próprio vômito, um homem flácido que não amava o seu país nem o seu deus, um homem flácido que não tinha país, não tinha deus.

Você não queria ir para o trabalho, não queria ficar no apartamento:

Um homem flácido de joelhos.

Dirigiu por uma ponte, depois por outra, passou por vários bares e lojas fechados, por pontos de ônibus destruídos e por pichações que odiavam tudo, todos os lugares, todo mundo, mas especialmente o IRA, o Manchester United e

os paquistaneses.

Esta era Fitzwilliam.

De volta pela segunda vez na mesma semana, no mesmo ano.

Pelo menos parara de chover.

O clima ficando bom pelo menos uma vez.

A loja de conveniência era a única coisa aberta. Você estacionou, entrou na loja e entregou um dinheiro através de uma abertura a um asiático e seu filho, que estavam no interior de uma jaula vestindo seus melhores pijamas, entre garrafas de álcool sem marca e cigarros avulsos. O pai devolveu o seu troco, o filho entregou seus vinte cigarros Rothman.

Duas meninas estavam sentadas do lado de fora, no que restava de um banco. Elas bebiam sidra Gold Label Merrydown e xarope Benilyn. Um cão ladrava para uma criança amedrontada num carrinho de bebê, uma garrafa vazia de Thunderbird rolava pelo chão de concreto. As meninas tinham pintado curtos rabos de rato e gordas pernas manchadas em suas roupas turquesa e botas de camurça de bico fino.

O cão desistiu da criança e passou a latir para você.

Uma das meninas perguntou:

– Quer foder, gordinho? É só dar uma nota de dez para ela.

– Sinto muito, estou atrasado – você disse. – Me perdi.

– Mas chegou – disse a senhora Myshkin, sorrindo. – Entre.

– Posso deixar o carro ali? – você perguntou, olhando para o único veículo estacionado na rua.

– Pode – ela respondeu. – Você já terá ido embora antes de as crianças aparecerem.

Você olhou para o seu relógio e entrou na casa número 54 da Newstead View, em Fitzwilliam.

– Entre – ela disse, fazendo um gesto.

Você entrou na sala que ficava à esquerda da escada, com tapete muito bem limpo, móveis que combinavam e estavam asseados, cheiro de ar fresco e aquecedor na potência máxima.

Estava com dor de cabeça.

A senhora Myshkin fez um gesto em direção ao sofá e você se sentou.

– Uma xícara de chá?

– Obrigado – você respondeu.

– Só um minuto – ela disse, saindo da sala.

O cômodo estava repleto de fotografias e pinturas, fotografias e pinturas de homens, fotografias e pinturas de homens que não estavam ali.

Seu marido, seu filho, Jesus Cristo.

O aquecedor esquentava suas pernas.

Ela voltou com uma bandeja de plástico, deixou-a sobre a mesa diante de você e perguntou:

– Leite e açúcar?

– Por favor.

– Quanto?

– Três cubos de açúcar.

– Sirva-se de biscoitos – ela disse.

– Obrigado – você agradeceu e pegou um biscoito com cobertura de chocolate.

Ela servia o chá quando alguém bateu à porta.

– É a minha irmã – ela disse. – O senhor se importa?

– Não – você respondeu.

Ela foi até a porta, e você comeu o biscoito, depois pegou outro, pensando em diminuir a intensidade daquele maldito aquecedor. Você tinha chocolate nos dedos e na camisa novamente.

A senhora Myshkin reapareceu com outra mulher pequena e de cabelos grisalhos, com os mesmos óculos de armação de metal.

– Esta é a minha irmã – ela disse. – A senhora Novashelska, de Leeds.

Você se levantou, limpou os dedos na calça, depois apertou a pequena mão da mulher.

– Prazer em conhecê-la.

A senhora Myshkin serviu uma xícara de chá à irmã e as duas se sentaram em cadeiras ao seu lado.

A senhora Myshkin disse à irmã:

– Ele esteve com Michael no sábado.

A irmã sorriu e perguntou:

– Então, o senhor irá ajudá-lo?

Você colocou sua xícara na mesa e olhou para a senhora Myshkin.

– Não tenho certeza se vou poder.

As duas pequenas mulheres ficaram olhando para você.

– Como eu já disse na semana passada, não tenho experiência em recursos.

As duas pequenas mulheres olhavam para você, o homem gordo suando

naquele pequeno sofá.

– Não nesse tipo de recurso. As senhoras sabem… O que deve ser feito, o que deveria ser feito no caso de Michael é que o advogado original e seu conselheiro tivessem entrado com recurso logo após o julgamento. Num prazo de catorze dias.

As pequenas mulheres ficaram olhando para você, o homem gordo que estava assando:

– Mas eles não fizeram isso, certo? – você perguntou.

A senhora Myshkin e a senhora Novashelska pousaram suas xícaras na mesa.

Você limpou o rosto com o lenço.

A senhora Novashelska disse:

– Nem poderiam, não é? Não após o terem obrigado a assumir a culpa.

Você limpou novamente o rosto com o lenço e perguntou:

– Mas ele confessou, certo?

Duas pequenas mulheres sentadas naquela pequena sala com pequenas fotografias de homens que se foram, de homens desaparecidos.

Homens que não estavam ali.

Apenas você estava ali.

Gordo, molhado de suor, coberto de restos de chocolate e biscoito.

Duas mulheres pequenas, com seus olhos atrás de aros de metal, frios e acusadores.

Silêncio.

– É complicado entrar com recurso após uma confissão de culpa – você disse suavemente.

– Senhor Piggott, ele não fez nada – disse a senhora Myshkin.

– Vejam bem – você disse. – Sinto muito. Adoraria ajudar, mas não acho que eu seja o homem certo para o trabalho, e as senhoras perderiam tempo e dinheiro. As senhoras deveriam procurar alguém mais bem qualificado e com muito mais experiência do que eu nesse tipo de assunto.

Quatro olhos atrás das armações de metal, frios e acusadores.

Silêncio, *traição*.

– Vejam. As senhoras querem ter uma ideia do que isso tudo envolveria e por que deveriam buscar outra pessoa?

Silêncio.

– Em primeiro lugar, será preciso dar entrada no recurso. Isso normalmente é feito diante de um juiz, que deve ser persuadido com uma bateria de documentos demonstrando haver base sólida para que possamos recorrer. Isso envolve a

apresentação, mesmo que de forma esquemática, de razões legais ou novas evidências que demonstrem claramente um racional nível de incerteza da sentença. E, no caso de uma confissão, tal quadro é muito improvável, pois exigiria um acordo da acusação e o consentimento do juiz que julgou o caso, depois da Coroa, do juiz e, finalmente, o veredito do júri de um recurso para diminuição da pena. Mesmo assim, vamos considerar que tais bases sejam encontradas e que elas sejam aceitas pelo juiz, o que é uma hipótese muito improvável. Só então o recurso será aceito e a história começará de verdade. As senhoras terão de ser representadas por um advogado e também solicitar assistência judiciária para o advogado e o conselheiro, para que eles preparem uma apelação completa. Caso tal ajuda seja oferecida, uma data será agendada e, finalmente, o caso será apresentado à Corte de Recursos. Essa corte é formada por três juízes que olharão o material (as provas, os argumentos, tudo o que as senhoras tiverem) e decidirão se a sentença está ou não de acordo. Somente após isso será lançado um parecer oficial detalhando sua decisão e a lógica por trás dela. Em outras palavras, será um processo muito longo e, caso apareça um único erro, as senhoras voltarão à estaca zero. Por isso devem procurar alguém que saiba o que está fazendo, que conheça o assunto.

Quatro olhos, ternos, acolhedores.

Elas bateram as palmas.

– Senhor Piggott – disse a senhora Novashelska, radiante. – Você parece conhecer muito bem o assunto.

– Não, não, não – você disse, balançando a cabeça. – Não é tão simples quanto parece, não mesmo. E eu nunca fiz esse tipo de recurso. Para ser honesto, nem sei que tipo de petição poderíamos apresentar. A única coisa que temos em mãos é que Michael mudou de ideia.

– Ele não fez nada – repetiu a senhora Myshkin.

– É o que a senhora sempre diz, mas isso não altera o fato de que ele confessou o crime e admitiu o homicídio culposo a fim de reduzir sua responsabilidade, em oposição ao homicídio doloso. Isso foi aceito pelo juiz, que instruiu o júri a prosseguir com a acusação. Entrar com recurso seria uma espécie de gol contra, pois estariam recorrendo contra vocês mesmos.

– Ele foi mal aconselhado – disse a senhora Novashelska.

– Então ele não precisa de novos conselhos – você disse, levantando-se.

As duas pequenas mulheres naquela pequena sala com pequenas fotografias de homens que se foram, de homens desaparecidos.

Homens que não estavam ali.

Apenas você estava ali.

Um homem gordo, nervoso e de pé.

Derretendo.

Uma piscina de mijo sobre o tapete estampado.

– Sinto muito – você disse.

Os quatro olhos atrás de armações de metal.

Silêncio.

Você passou entre o sofá e a mesa, seguindo em direção à porta, com a camisa amassada, colada à barriga e às costas.

– Senhor Piggott – disse a senhora Myshkin –, ele não fez nada.

Homens que não estavam ali.

Você parou para dizer novamente:

– Sinto muito, mas eu não seria útil.

As duas pequenas mulheres naquela pequena sala com pequenas fotografias de homens que se foram, de homens desaparecidos.

Não estavam ali.

Duas pequenas mulheres observando outro homem ir embora.

Na porta, você se virou e deu adeus, mas a senhora Myshkin se levantou:

– Senhor Piggott – ela disse. – Eu conheci o seu pai.

Você ficou parado à porta, de costas para ela, com a boca seca e as roupas molhadas.

– Ele era um bom homem. Eu me lembro dele junto com o senhor e o seu irmão, jogando futebol no campo aqui perto – ela disse.

Homens que não estavam ali.

– Isso não é suficiente. Não mesmo – você disse.

– Não… – ela disse, segurando o seu braço, bem perto do seu coração. – Isso é muita coisa.

Você entrou no *hall*.

Havia um jornal daquela manhã preso na caixa de correios. Você o pegou e abriu.

Uma fotografia de Hazel Atkins e uma palavra:

DESAPARECIDA.

Você se virou para entregar o jornal à senhora Myshkin.

– Está acontecendo novamente – murmurou a irmã atrás dela.

– Essas coisas nunca deixaram de acontecer – disse a senhora Myshkin. – Não por aqui.

Não por ali.

– E o senhor sabe muito bem disso – ela disse, apertando sua mão (o seu coração).

Ali.

6

O telefone tocava e tocava e tocava.

Vamos, vamos, vamos.

BJ pulava de um pé para outro numa cabine telefônica da rodoviária de Bradford.

Por favor, por favor, por favor.

Clare atendeu e BJ sabia que ela sabia.

Sabia que sua irmã estava morta, gaguejando:

– Quem é?

– BJ.

– BJ querido – ela disse, soluçando –, Gracie está morta.

– Eu sei. Eu estava lá – disse BJ.

– Bastardos! Bastardos!

– Clare, me escute – murmurou BJ. – Pegue um táxi e venha me encontrar.

– Os bastardos estão me chamando, sabia? – ela gritava. – Preciso fazer a maldita identificação.

– Você precisa ser rápida.

– Estou muito cansada.

– Clare, me escute.

– Paula e agora Gracie.

– E você será a próxima – gritou BJ. – Venha logo!

– Cadê você?

– Na rodoviária de Bradford. O café vai abrir em uma hora.

– Mas eles estão vindo me buscar…

– Então, comece a correr!

– …

– Alô? Alô?

Caiu a linha. BJ desligou e voltou a discar, mas estava ocupado. Tentou novamente, ocupado.

BJ ficou parado na cabine telefônica congelada, olhando para as mensagens de Natal:

Derek come esposas de condenados.

BJ discou uma última vez.

BJ desligou e abriu a porta da cabine.

Um homem estava sentado num banco próximo.

BJ olhou para o seu relógio:

Quatro da manhã.

O homem sentado no banco disse:

– Com licença?

– Sim – disse BJ, olhando-o.

– Sabe que horas são? – ele perguntou.

– Você tem relógio – disse BJ, apontando para a ponta da manga do casaco do homem.

– Ah, claro – ele disse, sorrindo. – Que bobo.

– É – disse BJ, sorrindo para o homem.

Era um homem de classe média, de meia-idade e parecia casado ou recém-divorciado, vestia calça de veludo e capa de chuva. O homem disse:

– Meu nome é Jim. E o seu?

– BJ.

– Que nome legal.

– É uma espécie de brincadeira.

– Eu gosto de brincadeiras – disse *Jim*.

– Eu também – disse BJ. – Mas essas coisas não saem baratas.

– Eu já imaginava – ele disse, suspirando.

– Dez libras.

Ele fez que sim.

BJ deu uma olhada ao redor.

Estava tudo vazio.

– Estou de carro – disse *Jim*.

BJ fez que não com a cabeça e disse:

– Vem comigo.

BJ e *Jim* atravessaram as plataformas desertas e entraram no banheiro, numa cabine.

BJ baixou a tampa do vaso e disse a ele que se sentasse.

Ele se sentou.

– Quero os dez.

Jim enfiou a mão no bolso da capa de chuva, pegou uma carteira marrom e ofereceu a BJ duas notas de cinco.

BJ colocou as notas no bolso da calça e se ajoelhou na frente do homem, afastando suas pernas.

– Só um minuto – disse *Jim*, abrindo o zíper da capa de chuva.

– E as calças – disse BJ.

– Eles não fazem rondas por aqui, certo? – ele perguntou.

– Quem?

– A polícia, os funcionários das empresas de ônibus…

– Bobagem – disse BJ, sorrindo e tocando o zíper e a cueca de *Jim*.

– E se…

BJ olhou o relógio.

– Quer parar?

– Não – ele disse. – Não.

– Então, cale a boca e relaxe – murmurou BJ, tirando o pau mole de *Jim* de dentro das suas roupas e sentindo um cheiro doce e ácido de talco envelhecido e mijo seco bem perto do rosto.

BJ o masturbou até que ficasse duro, depois começou a chupá-lo.

E *Jim* fechou os olhos e sonhou que comia o cu de BJ, e que BJ implorava para que não parasse, e ele forçava seu antebraço esquerdo no pescoço fino de BJ e seu punho direito no pau pálido de BJ enquanto deslizava dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e…

Fora.

Jim gozou e BJ cuspiu.

Jim se vestiu e perguntou:

– Vem sempre por aqui?

BJ fez que não com a cabeça e perguntou:

– Foi a sua primeira vez?

Jim ficou corado, depois fez que sim.

– Estou de passagem – disse BJ.

– Que pena.

BJ fez que sim.

– De onde você é?

– Sou um alienígena – disse BJ, dando uma piscadela, e abriu a porta e saiu da cabine do banheiro.

Jim ficou sentado ali, sorrindo.

– Você deveria sair na frente – disse BJ.

– Obrigado – ele disse.

– De nada.

Jim parecia confuso, como se quisesse apertar a mão de BJ, mas BJ olhou para

o espelho, e *Jim* voltou correndo para casa, para um local mais seguro, onde pudesse bater uma punheta tranquilamente.

BJ abriu a torneira da pia suja e jogou um pouco de água gelada no rosto de BJ, ao redor dos lábios. Depois se secou com a barra da camiseta estampada com estrelas. BJ contou o dinheiro e atravessou as plataformas vazias até o café com suas luzes cinzentas e a placa que prometia um dia inteiro de comida natalina.

Véspera de Natal.

BJ olhou para o relógio de BJ.

Quase cinco.

BJ abriu a porta e entrou no café.

Estava vazio, mas quente, e o rádio estava ligado.

Uma mulher grandalhona com o rosto vermelho apareceu dos fundos.

– Está aberto? – BJ perguntou.

– Agora está – ela respondeu.

– Legal – disse BJ.

– O que você quer?

– Um chá, por favor.

– Vai demorar uns cinco ou dez minutos.

BJ fez que sim e se sentou no lado oposto da porta.

Havia um jornal do dia anterior numa das mesas.

Duas manchetes:

ASSASSINADA IRMÃ DE ESTRELA DO RÚGBI.

CONSELHEIRO PEDE DEMISSÃO.

Por Jack Whitehead e George Greaves.

Duas manchetes e dois rostos:

Paula Garland e William Shaw.

Bill.

– Oi?

BJ olhou para um terceiro rosto.

O rosto de Clare:

Um rosto sujo de preto por conta do rímel borrado pelo choro, com manchas pretas onde tentou se limpar, seus cabelos novamente loiros.

– Oi – disse BJ. E levantou-se e foi em sua direção, BJ pegou-a nos braços e a abraçou. BJ e Clare tremiam, entre lágrimas, em estado de choque, até a mulher sair da cozinha com o chá e perguntar se Clare queria a mesma coisa. BJ fez que sim e os dois se sentaram à mesa, um de frente para o outro. A mulher perguntou se estava tudo bem. BJ disse que sim, e quando ela se afastou, Clare perguntou:

– O que vamos fazer?

– Dar o fora daqui – disse BJ.

– Para onde?

– Escócia?

– As crianças estão lá – ela disse segurando os cabelos. – Seria o primeiro lugar onde nos buscariam.

– Londres?

– O segundo.

– Preston?

– Por quê? – perguntou Clare, levantando os olhos.

– Sai um ônibus às cinco e meia.

– Ah – ela disse. Depois olhou para BJ com seus grandes olhos negros e perguntou: – Por que Gracie?

– Queima de arquivo – respondeu BJ.

– E nós, o que somos?

7

Após menos de uma hora, acordei novamente e fiquei deitado entre as sombras e os mortos da noite, na casa escura e silenciosa, ouvindo alguma coisa, qualquer coisa: passos de um animal ou de um pássaro em cima ou embaixo, um carro na rua, uma garrafa na soleira, o barulho do jornal no capacho, mas não havia nada, apenas o silêncio, as sombras e os mortos. Eu me lembrava de quando não era assim, de quando nem sempre era assim, de quando havia passos no andar de baixo, passos de crianças, a batida de uma bola contra um bastão ou uma parede, o estampido de um tiro de festim e uma bexiga de gás estourando, campainhas de bicicleta e da porta, risos e telefones tocando nos quartos, cheiros, sons e sabores de carnes sendo cozidas, servidas e comidas, de bebidas sendo servidas, copos sendo erguidos e brindes sendo feitos por homens que logo ingeriam a bebida, por homens com charutos em seus paletós de veludo pretos, suas mulheres segurando uma taça de vinho e usando longos vestidos de festa. O quarto extra para as alegres noites de verão, quando ninguém conseguia dirigir, quando ninguém conseguia ir embora, quando ninguém queria ir embora, antes daquela última vez, daquela vez em que o telefone tocou e trouxe um silêncio que nunca foi embora, um silêncio que continua ao meu lado, que está deitado comigo entre as sombras e os mortos da casa, silenciosa e escura, vazia…

Manhã de quinta-feira.

Peguei os meus óculos e saí da cama, desci as escadas em direção à cozinha e acendi a luz, coloquei água para ferver e liguei o gás, peguei um bule no armário e uma xícara e um pires, destranquei a porta dos fundos para ver se o leite já tinha sido entregue, mas não tinha, ainda havia leite suficiente na geladeira (sempre havia leite suficiente na geladeira) e coloquei um pouco na xícara e dois saquinhos de chá no bule, peguei a água fervendo e a joguei sobre os saquinhos de chá, deixei-a descansando para pegar gosto enquanto lavava a chaleira de leite usada na noite anterior e a caneca do Ovaltine, depois as enxuguei, olhando para o jardim e para o campo atrás da casa, com a cozinha refletida no vidro, um homem completamente vestido com calça marrom-escura, camiseta azul-clara e pulôver verde com gola V, usando óculos de lentes grossas e pesada armação preta, um homem velho e completamente vestido às quatro da manhã.

Quinta-feira, 19 de maio de 1983.

Coloquei o bule, a xícara e o pires numa bandeja azul de plástico e levei tudo para a sala de jantar, me sentei à mesa, misturei o chá ao leite, peguei um biscoito com cobertura de chocolate e, então, liguei o aquecedor a gás e o rádio, e me sentei na cadeira oposta à fonte de calor, esperando as notícias na Rádio 2:

"Peter Williams, o Estripador de Yorkshire, se apresentará novamente na corte de magistrados de Newport, na ilha de Wight, para prestar depoimento contra James Abbott, companheiro de prisão que foi acusado de ferir Williams com um pedaço de vidro, na Penitenciária Parkhurst, em 10 de janeiro deste ano. Ataque que deixou Williams gravemente ferido, necessitando de cirurgia.

"Williams, vestindo terno verde, camisa com o colarinho aberto e uma corrente com uma cruz dourada, foi vaiado ao aparecer na corte. Primeiro, a defesa perguntou-lhe se não era uma pessoa impopular, e ele respondeu dizendo que tal opinião estava baseada na ignorância. Também foi perguntado a Williams se ele sabia que aquela história renderia um bom dinheiro à imprensa. Williams respondeu que esse é atualmente o problema de nossa sociedade: as pessoas são motivadas pela ganância e já não existem valores morais.

"Mais cedo, Williams admitiu que continua recebendo conselhos de vozes na sua cabeça. O julgamento do senhor Abbott continuará."

Desliguei o rádio. Tirei os óculos.

Eu estava sentado chorando mais uma vez.

Chorando.

Sabendo não existir salvação para ninguém.

Não existia outro nome sob o céu.

Chorando.

Quinta-feira, 19 de maio de 1983.

Dia 8.

Deixei Wakefield e segui para Castleford, com a luz negra se transformando em névoa cinza sobre o Heath Common, os pôneis de pé, presos, paralisados, as ruas vazias, com nada mais que caminhões e suas luzes.

Estacionei atrás de um *pub* chamado Swan. Caminhei até o centro de Castleford.

Na rua principal, um jornaleiro careca carregava duas pilhas de jornais deixados na calçada.

– Bom dia – cumprimentei.

– Bom dia – ele respondeu, com o rosto vermelho.

– Você sabe onde fica o estúdio de Ted Jenkins? – perguntei. – Um estúdio de fotografia?

Ele ergueu o corpo:

– É um pouco cedo, não?

Eu lhe mostrei a minha identificação.

Ele deu de ombros e disse:

– Ficava no final da rua, à direita, mas acho que não está mais lá.

– Desde quando?

Outro sinal de indiferença, e disse:

– Desde que pegou fogo… sete, talvez dez anos atrás.

– Então acho que estou um pouco atrasado, né?

Ele sorriu.

– Posso pegar um jornal? – perguntei, apontando para o *Yorkshire Post* e para Hazel.

Ele fez que sim e pegou uma faquinha no bolso. Cortou o barbante que prendia os jornais.

Eu lhe ofereci dinheiro, mas ele recusou:

– Não precisa.

– Onde ficava mesmo? – perguntei. – O estúdio.

Ele olhou para a rua e disse:

– Onde está aquele restaurante chinês.

– Você conhecia bem o Ted?

Ele fez que não com a cabeça.

– Nos cumprimentávamos, só isso.

– Ele nunca apareceu por aqui? – perguntei, olhando para a rua.

Ele suspirou e respondeu:

– Há muito tempo.

– E após o incêndio? – perguntei. – Ninguém ouviu falar nele após o incêndio?

Mais uma vez, ele fez que não e disse:

– Pensava que vocês achavam que ele dera uma de Lord Lucan.*

– Pensávamos isso antes – respondi, fazendo que sim.

– Olhe – ele disse, dando uma piscadela –, vou lhe dizer quem mais trabalhava lá.

– Obrigado pelo jornal – eu disse, fazendo que sim novamente e começando a me afastar.

– O maldito Michael Myshkin – ele gritou. – O pervertido que acabou com

todas aquelas meninas.

Continuei caminhando, indo embora, passando por uma sapataria.

– Ele deveria ter sido enforcado, aquele idiota demoníaco.

Há muito tempo.

Cheguei ao Lotus Chinese Restaurant & Take Away. Dei uma olhada no menu preso à janela, nas toalhas brancas e nos guardanapos vermelhos, nas cadeiras e nas mesas, tudo parado ali, em silêncio e entre sombras.

Há muito tempo.

Do outro lado da rua havia mais uma loja vazia, apenas um nome e uma grande placa dizendo que a propriedade seria reconstruída pela Foster's Construction, construtora responsável pelo novo Ridings Shopping Centre, em Wakefield:

Shopping centers.

Há tanto tempo.

Malditos *shopping centers*.

Há tanto, tanto tempo.

Mas as mentiras sobrevivem, aquelas pequenas ficções aceitáveis e a que chamamos de história.

Histórias e mentiras.

Elas sobrevivem a todos nós.

Delegacia de polícia de Morley.

Sala de Ocorrências:

Alderman, Prentice, Gaskins e Evans.

Olhávamos uma fotografia e um pôster.

Uma grande palavra em vermelho:

DESAPARECIDA.

Logo abaixo, a foto de uma menina de dez anos com cabelos castanho-escuros, na altura dos ombros, e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, um suéter azul-escuro com um H bordado e uma jaqueta acolchoada vermelha sem mangas, e carregando uma bolsa de ginástica preta.

– O que aconteceu com o H bordado na bolsa? – perguntei.

– Era complicado – respondeu Evans, com mais uma de suas desculpas.

Levantei a mão para detê-lo. Segurei o pôster no ar.

– Só quero que me diga que tudo isso voltará da gráfica esta tarde.

– Estará aqui por volta das duas – disse Evans, fazendo que sim.

– Ótimo – suspirei. – E a escola? Você falou com o diretor, eles sabem o que vão fazer?

Evans continuava fazendo que sim, e disse:

– Avisei que chegaríamos por volta das três.

– *Calendar* e *Look North?*

– Sim, mas a *Calendar* só poderá sair com as fotos às seis. Dizem que usarão os filmes após o *News at Ten.* Não é uma boa.

– Então a história não terá alcance nacional?

– Por enquanto não – respondeu Evans.

Olhei para Gaskins.

– Quantos homens temos disponíveis?

– Cento e cinquenta, com bloqueios rodoviários no final da Victoria Road e no alto da Rooms Lane, além de outro em Church Street.

Olhei para o mapa de Morley preso no quadro ao lado da fotografia.

– Onde estão os bloqueios da Victoria Road?

Gaskins levantou-se e apontou no mapa.

– Um aqui, no cruzamento com a Springfield Road, outro lá em cima, antes da King George Avenue.

– Eles sabem o que fazer?

– Pedir carteiras de motorista e registros dos veículos – ele disse, fazendo que sim. – Deverão mostrar a foto a todos, perguntar onde estavam na quinta-feira passada e deixar que sigam o caminho.

Olhei para Prentice.

– Jim, você conseguiu carros descaracterizados?

– Onde devem ser postos, chefe?

Eu me levantei, apontei e disse:

– Na esquina com a Asquith Avenue, aqui. Outro próximo a este terreno. Quero outro no centro, perto da Chapel Hill.

– Certo – ele disse.

– Quero números – pedi. – Qualquer veículo que pare ou mude de sentido ao ver os bloqueios, quero que anotem as placas e avisem.

– Você acha que ele vai aparecer? – perguntou Dick.

Eu fiz que sim.

– Quem? – perguntou Evans.

Peguei um pedaço de giz. Virei-me para o quadro e escrevi duas palavras:

Jenkins e *Ashworth*.

Jim apontou para o primeiro nome.

– Imaginei que estivesse morto.

– Mas não está – respondi. – Prenda-os e depois me chame. Imediatamente.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, todas as crianças boas vão para o céu.

– Que porra é essa? – perguntei a Dick Alderman quando estacionamos do lado de fora da Morley Grange Junior and Infants, com o *playground* cheio de crianças e pais, equipes de televisão e jornalistas, suas vans e seus carros.

Momento da reconstituição.

– Evans – eu gritava ao atravessar a rua, arrumando os óculos e olhando para o relógio. – Evans!

Ele veio na minha direção, com as mãos cheias de papéis e pastas.

– Senhor?

– Tire essas malditas vans e carros daqui! – gritei. – Que porra de circo.

Ele se desculpou, mas eu não o escutei.

– Coloque todo mundo dentro do prédio.

– Senhor Jobson – disse uma mulher roliça e de cabelos grisalhos que vinha na nossa direção com cara fechada.

– Quem é você? – perguntei.

– Marjorie Roberts – ela respondeu. – A professora-chefe.

– Professora-chefe?

– A coordenadora – murmurou Evans.

Estiquei minha mão e disse:

– Maurice Jobson, detetive-chefe superintendente.

– O que o senhor gostaria que fizéssemos, senhor Jobson? – ela perguntou, suspirando.

– Caso pudesse pedir às crianças e aos pais que entrassem no edifício, isso seria uma ajuda muito, muito grande.

– Certo – ela disse, afastando-se.

– Vaca miserável – sussurrou Dick, bem perto do meu ombro. – Estamos aqui praticamente o dia inteiro e ela não nos ofereceu sequer uma xícara de chá. E justamente quando deveria se preocupar com a normalidade das coisas, com a perturbação das crianças e sua rotina etc., etc. Que vaca burra.

Concordei.

– Cadê Hazel? – perguntei.

– Na sala dessa vaca velha – respondeu Evans.

– E onde fica a sala da vaca velha?

– Por aqui – disse Dick, e o seguimos pelo *playground*, entre as crianças e seus pais, em direção ao edifício de pedra escura. Ele abriu a porta dupla verde e entramos na escola, sentindo aquele cheiro familiar, aquele cheiro familiar de crianças e detergente.

Andamos por um corredor, com sacolas de plástico de supermercado dependuradas em ganchos baixos, as paredes ainda decoradas com fotos de ovos de Páscoa. No final do corredor, Dick bateu a uma porta e a abriu.

Lá dentro, uma senhora de meia-idade estava sentada junto a uma menina de dez anos; uma menina de dez anos com cabelos castanho-escuros, na altura dos ombros, e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta.

– Meu nome é Maurice Jobson – me apresentei. – Sou o detetive responsável pelo caso.

A mulher levantou-se.

– Eu sou a mãe de Nichola. Karen Barstow.

– Muito obrigado por nos ajudar – eu disse.

– Qualquer coisa que puder ser feito para encontrar essa pobre menina.

– Oi – disse à menina de dez anos de idade, com cabelos castanho-escuros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta.

– Oi – ela respondeu.

– Você deve ser Nichola? – perguntei.

– Não – respondeu a menina de dez anos de idade, com cabelos castanho-escuros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta. – Hoje, eu sou Hazel.

Nenhum outro nome.

Fui ao palco da reconstituição, as crianças sentadas de pernas cruzadas na frente, os professores e jornalistas de pé nas laterais, os pais murmurando recados aos filhos nos fundos.

A senhora Roberts me apresentou:

– Pessoal, este é o senhor Jobson. Ele é o policial que vai encontrar Hazel. Sei que muitos de vocês conversaram com outros policiais gentis sobre Hazel, mas hoje vamos fingir que estamos de volta à quinta-feira passada. Vamos todos tentar, com muito esforço, nos lembrar exatamente do que fizemos naquele dia e vamos fazer tudo igualzinho novamente. Talvez alguém inteligente se lembre de algo importante, algo que ajudará o senhor Jobson a encontrar Hazel.

Fiquei parado ali, fazendo que sim.

As crianças me olhavam em silêncio.

A senhora Roberts parou de falar e ficou me olhando.

Em voz baixa, ela murmurou:

– E quanto a Hazel, deveríamos apresentá-la?

Fiz que sim, virei-me e apontei para a mãe de Nichola, para que trouxesse sua filha ao palco.

Uma onda de ruído tomou conta do prédio, todos os professores pousaram seus dedos nos lábios ao mesmo tempo em que os pais tentavam localizar seus filhos, que se levantavam e voltavam a se sentar, agitados e confusos.

– Crianças, sentem-se, por favor – gritou a senhora Roberts.

Olhei para as filas e filas de crianças na minha frente e disse:

– Esta é Nichola, mas hoje ela vai ser Hazel.

– Por favor, sentem-se todos – gritou novamente a senhora Roberts. – Você também, Stephen Tams.

– Quem de vocês esteve com Clare na quinta-feira passada? – perguntei, desejando que a policial Martin estivesse ali, não eu.

Silêncio.

As crianças se entreolharam, depois olharam para os seus professores e para seus pais, e seus professores e pais olharam para mim, todos pareciam confusos.

Olhei para a senhora Roberts e perguntei:

– O que foi?

A senhora Roberts olhava para mim, com a testa franzida.

– O que foi? – repeti.

A senhora Roberts arregalou os olhos e murmurou:

– Hazel. Você quis dizer Hazel, certo?

Fiz que sim e murmurei:

– Sinto muito. Hazel. Quem esteve com Hazel na quinta-feira passada, na hora de ir para casa?

Mãos se levantaram, muitas mãos, e os professores e pais balançavam suas

cabeças e, então, acima das pequenas mãos, no fundo da sala, eu pude ver o senhor e a senhora Atkins.

O senhor e a senhora Atkins olhavam para mim e para a menina ao meu lado.

Olhei para a menina.

A menina de dez anos de idade, com longos cabelos loiros e olhos azuis, vestindo capa impermeável laranja, suéter de gola alta azul-escuro, calça jeans azul-clara, com uma águia bordada no bolso esquerdo traseiro, e botas vermelhas Wellington, carregando uma sacola plástica de supermercado com sapatos pretos de ginástica dentro.

Ela segurava a minha mão, a mão dela apertava a minha.

Do lado de fora recomeçara a chover, e eu via os pais e os jornalistas sob seus guarda-chuvas, as crianças com os casacos na cabeça, e nós três muito aborrecidos lá em cima.

E aquilo nem tinha começado.

– De quem foi a maldita ideia de trazê-los aqui? – gritei.

– Eles queriam estar aqui – disse Evans. – A imprensa queria conversar com eles. Querem nos expor.

– Você deveria ter perguntado.

– Sinto muito – ele se desculpou pela milésima vez.

– Esqueça. Já está feito – eu disse.

Dick olhou para o relógio. Eu fiz um sinal para Evans e disse:

– Vamos começar.

Evans atravessou o *playground* em direção às equipes de televisão e os jornalistas nos portões. Professores, pais e crianças esperavam impacientemente pelo início. As equipes das televisões e dos jornais estavam em cima de Evans com perguntas e pedidos. Finalmente, ele conseguiu se livrar dos seus guarda-chuvas e reclamações e deu o sinal. No meio daquela bagunça, sob a chuva que caía sobre os portões da escola, lá estava ela novamente:

Hazel Atkins:

Atravessando os portões, com as demais crianças atrás dela, dando tchau e parando, dando tchau e parando, mãos para cima e para baixo, mãos para cima e para baixo, dando tchau à menina de dez anos com cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem

mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta.

Hazel:

Ela subia a Rooms Lane em direção à sua casa, na Bradstock Gardens. Atrás dela, as equipes de televisão e dos jornais, com suas lentes e canetas, as crianças e os pais com seus suspiros e suspeitas, os professores e a polícia, com suas esperanças e medos. Todos nós caminhando numa procissão silenciosa sob a chuva, a chuva que molhava as árvores escuras e silenciosas, que molhavam os cabelos dela, os cabelos castanho-claros na altura dos ombros e seus tranquilos olhos castanhos, ensopando sua calça de veludo bordado azul-clara, seu suéter azul-escuro bordado com a letra H, sua jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas e sua bolsa de ginástica preta.

Hazel:

Observei enquanto ela virava a rua em direção à sua casa, na Bradstock Gardens, com os raros carros e caminhões que passavam por ali vagarosamente, os Atkins arrasados sob a chuva, derramando suas lágrimas no asfalto, pois Hazel nunca mais iria subir a Rooms Lane, nunca mais entraria na Bradstock Gardens, nunca mais abriria aquela porta para escapar da chuva, nunca mais…

Hazel:

Isso foi tudo o que conseguiram.

Uma menina de dez anos com cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-claro, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta. Uma menina de dez anos que não era a filha deles. Apenas uma reconstituição. *Não era Hazel.*

Fiquei parado na rua novamente, chorando, sentindo alguém tocar a minha mão.

Sentindo a mão de uma menina de dez anos com longos cabelos loiros e olhos azuis, vestindo capa impermeável laranja, suéter de gola alta azul-escuro, calça jeans azul-clara com uma águia bordada no bolso traseiro esquerdo e galochas vermelhas, carregando uma bolsa de plástico de supermercado com um par de tênis pretos dentro.

Clare:

Dando tchau a uma menina de dez anos com cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo azul-clara, suéter azul-escuro com a letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha e sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta. Uma menina de dez anos que se distanciava.

Hazel:

Indo embora enquanto a chuva caía sobre as árvores escuras e silenciosas, molhava seus cabelos castanhos e seus olhos também castanhos e silenciosos, enquanto sua mãe gritava sem parar, com as unhas cravadas na rua, sob a chuva, gritando sem parar.

Foi isso o que vocês fizeram, o que vocês fizeram, o que vocês fizeram.

Então ouvi passos atrás de mim, e não eram passos de crianças.

Eram botas, botas de policiais entre as poças de água.

E Dick gritava:

– Nós o pegamos, chefe.

A chuva caía sobre as árvores escuras e silenciosas.

– No final da Church Street.

As meninas desaparecidas.

– Nós finalmente o pegamos.

Apenas a história e as mentiras.

Ressuscitadas.

* Richard John Bingham, ou Lord Lucan, como era conhecido, era um nobre britânico, suspeito de assassinato, que desapareceu sem deixar qualquer rastro. [N. E.]

8

Você sonha…

D-20, batendo em retirada; na hora do almoço de sexta-feira, você encontrou Gareth no Billy Walton e tirou a tarde livre. Era aniversário dele, o chá, o bolinho de peixe no pão de frutas secas com batatas fritas e ervilhas o levaram a procurar a primeira cerveja do fim de semana, virando páginas, Gareth continuava falando sobre Grittar ter perdido o maldito Nacional e que isso não era justo, sobre treinadoras femininas, sobre passar a agenciar mulheres no futebol, e você fazia que sim, vendo a velha na mesa na sua frente com a boca cheia de batom, batata e peixe, seus olhos envoltos em ataduras, apontando com a faca para você.

E nos seus sonhos…

Com a barriga cheia de chá, de bolinho de peixe no pão de frutas secas com batatas fritas e ervilhas, vocês atravessaram a Springs em direção ao mercado e às barracas de livros usados. Gareth comprou sua porção semanal de pornografia, e você o ajudou a escolher, a mulher da barraca mostrou algumas que ele não havia visto, você lhe deu de presente, pois era o aniversário dele, a chuva caiu no teto do mercado, você imaginava que merda aconteceria com aquele lugar quando terminarem o Ridings Shopping Centre, Gareth carregava sua pornografia de segunda mão num saco de papel marrom, as esposas dos leitores com suas sacolas de plástico, seus guarda-chuvas e suas comidas, as crianças aos seus pés.

Nos seus sonhos, você tem asas…

De volta às poças de sangue, passando pelas barracas de peixe, pela loja de tripas e miúdos, contornando o Fleece, passando por trás do Bullring, logo em frente à rodoviária, e entrando no Tickles, bem na hora do *strip-tease* da tarde e da primeira cerveja do fim de semana, Gareth resmungando sobre os copos de plástico, a sala se levantando apenas quando Disco Ken colocou “Billie Jean” para tocar e no palco apareceu Tina, com babados e tetas, dizendo à metade dos presentes que fossem se foder e se oferecendo para qualquer um, nada de piscadelas para John Piggott, o advogado das *strippers* e dos djs, dos *barmen* e dos leões de chácara, todos os olhares sobre Tina, que estava sob as luzes.

E todas essas asas em todos os seus sonhos…

Três cervejas mais tarde, e você estava na porta ao lado, no Hills, entre várias rodadas, esperando o 230 que vinha sabe lá de onde, sem cigarros e novamente faminto, louco por outro trago, um velho com um *Evening Post* aberto estampando uma foto de Hazel Atkins com as palavras “Hazel: polícia detém suspeito em Morley”, um homem-grande-e-negro que não-parecia-nada-confiável, disse Gareth, e o cara mais velho disse que a forca-seria-uma-punição-branda-demais-para-ele, sua mente, sua bexiga e sua barriga se contorciam e gritavam e uivavam, o velho sorriu, fez que sim e deu uma piscadela, seus dentes amarelados, manchados e moles com gengivas ensanguentadas, escuras e feridas.

São coisas grandes e podres…

Após a quinta cerveja e duas porções de carne e cebola, Gareth queria tomar uma cerveja decente do outro lado do Bullring, no Strafford, você disse para ele se catar porque ele só queria ir ao Ladbrokes e perguntou por que não ia sozinho,

pois você estava bem ali, olhando para o pequeno palco, para o globo espelhado brilhando e ouvindo Phil Collins tocar na pista de dança vazia, esperando Disco Ken dar uma canja de “Too Shy”, canção da Blonde Debbie, querendo que Debbie aparecesse por ali, sempre em forma, mesmo com os dois filhos e os curativos com que a cervejaria a obrigou a cobrir suas tatuagens.

A sala vermelha.

De volta à chuva, na porta ao lado em busca de cigarros, comprando quarenta para seguir em frente, dizendo a Gaz que o veria às seis no Waterloo, às seis e meia no máximo, mas ele estará no Clothiers assim que abrir caso você mude de ideia, e você andou pelo Bullring em direção ao Greggs para comprar um pacote de empanadas para o seu chá, carne enlatada e galinha, depois voltou ao St John’s, passou em frente à Grammar School e seguiu para a Blenheim Road, com o asfalto cheio de cacos de vidro de um para-brisa, alguns deles de um vermelho profundo, escurecido e sanguíneo.

Você sonha…

Cinco e quinze e você estava ensopado em Matey, com uma garrafa grande de Gordon’s à beira da banheira, um gim cortante e gélido, com cuidado para não cochilar novamente, saiu e se vestiu, os dedos cheios de um superforte gel de cabelo Boots, fazendo descer mais uma empanada com outro gim-tônica, cortante e gélido, já se sentindo melhor, ouvindo Rod e pensando se não deveria vestir um barril em vez de uma calça jeans, reclamando do dinheiro e ligando para Azads pedindo um táxi para o Waterloo e para o início de Westgate Run, sentindo o seu hálito ao telefone e limpando os dentes de novo e de novo e de novo.

E nos seus sonhos…

Gareth já estava no bar, meio bêbado e com uma cerveja Tetley nas mãos, e todos os demais estavam aglomerados logo atrás de você: Sarn, Kelly, Daz, Hally, Foz, Dickie e Mark, o Bombeiro, e do outro lado do salão um grupo só de meninas numa despedida de solteira, todo mundo rindo e fazendo piada, e Gareth fazendo as honras da casa: uma bebida para todo mundo no primeiro *pub*, e depois o aniversariante não pagou mais nada durante toda a noite, para você um licor Southern Comfort, ele percebeu isso e havia um senhor próximo ao bar vestindo um casaco branco com uma bandeja de moluscos, e você, discretamente, ficou olhando se tinha merda de cachorro nos seus sapatos, suas orelhas queimavam.

Nos seus sonhos, você tem medo…

Você estava no White Hart em frente à festa de despedida de solteira, Gareth e Sarn atiravam dardos, Kelly contava piadas e perturbava Hally e Foz, as mesmas velhas histórias ficavam mais divertidas e mais sujas enquanto as semanas se transformavam em meses, os meses em anos, Daz dissecando a temporada do Leeds, começando com Harvey no Waterloo, depois com Thomas, Dickie bêbado e sonolento, e Mark, o Bombeiro, colocando merda para tocar na *jukebox* e conseguindo a mesma coisa em troca, cerveja no cinzeiro, cerveja na mesa, cerveja nas cadeiras, cerveja no chão, Kelly lembrando a todos de quando Foz cagou na bolsa de uma menina no Raffles.

Mas todos os seus medos em todos os seus sonhos…

O Waggon & Horses estava vazio e Kelly achava que você deveria diminuir o ritmo e esperar pela festa de despedida de solteira, dizendo que ele tinha de

encontrar-se com Ange no Elephant, mas um cara no bar disse ter ouvido dizer que acontecera uma briga no Smith's Arms e você decidiu não passar por lá indo diretamente ao Old Globe, mas isso o fez beber ainda mais rápido, o que chateou Mark, o Bombeiro, pois ele acabara de colocar mais moedas na *jukebox*, "Whiter Shade of Pale" para começar, e alguém atirou um Tampax sabe Deus vindo de onde na cerveja dele para apressá-lo, embora isso não o impedisse de terminar de tomar a cerveja de um só gole.

São ilhas perdidas entre lágrimas…

O dono do Smith's Arms disse que só alguns poucos copos tinham sido quebrados, nada que não pudesse ser resolvido rapidamente, e um grupo de meninas de Stanley que estavam de passagem disse ter ouvido que o pessoal de Streethouse estaria vindo atrás delas, essas meninas estavam se arriscando e chegando ao limite, mas só alguns poucos copos foram quebrados, e a festa de despedida de solteira se aproximava do bar, mas você chegara ao limite e estava parado olhando para os malditos desenhos nas paredes acima do vaso, no qual alguém escrevera *Os caubóis barrigudos* e colara pedaços de papel higiênico com a própria merda em todo lado.

A sala branca.

Stopper e Norm estavam no Old Globe e já eram sete e meia, lá estavam o velho mapa do mundo e as fotos de barcos que tradicionalmente ditavam uma dose de Captain Morgan, seguida de uma cerveja e sidra, Stopper gritava *Ahoy!* enquanto seus companheiros de embarcação, seguindo bêbados com *Captain Pugwash*, o Black Pig e Master Bates, e você começou a cantar "The Flying Dutchman" quando jurou ter ouvido o maldito Procul Harum ecoando da *jukebox*, mas Hally disse que não havia nenhuma *jukebox* por ali, você delirou idiota da lei, nunca existira nenhuma, não naquele lugar.

Você sonha…

No Swan with Two, você reencontrou a festa de despedida de solteira, e ficou olhando enquanto tomava uma cerveja, especialmente aquela de cabelo castanho curto que seria a maldita noiva, não que ela fosse olhar para um idiota gordo como você, não que houvesse aliança à vista, disse Kelly, não que um anel significasse qualquer coisa, pensou Dickie, e ela sorriu e foi ao banheiro e disse a Kelly para ir se foder quando ele, como sempre, soltou o seu foi-dar-uma-cagada-querida no momento em que ela saiu, com os cabelos cheirando a xampu e cigarro, e você ficou pensando se ela realmente tinha cagado ou simplesmente mijado, agachada sobre o vaso, sem querer tocá-lo.

E nos seus sonhos…

Daz se encontrou com você no Henry Boons e falou sobre Hird, sobre os vários crimes pelos quais ele deveria receber um tiro ou ser enforcado, pela forma como ele jogou naquela temporada, e que no final das contas tudo era culpa de Eddie Gray, pois é ele quem escolhia o maldito time, não é?, gordo maldito, sem querer ofender John, mas todos comeram rapidamente, exceto Kel, que avisou que Ange e suas amigas estariam no Elephant, o que você achou boa notícia, pois Ange tinha amigas bem legais, mas vocês teriam tempo para um rápido drinque no Mid antes do Elephant, então vocês seguiram em frente, passando pelo Prison, e todos começaram a cantar “Born Free” enquanto andavam, todos cantavam, menos você.

Nos seus sonhos, você vê algumas coisas…

O Mid tinha cheiro de umidade, estava lotado de *punks* e alunos do colégio técnico, além de alguns caras do Labour Club que queriam conversar sobre política até ficar claro que, no seu estado, isso seria impossível, mas nada que o impedisse de tirar um sarro de Thatcher no *Post* daquela manhã, com a visão dela de um retorno aos eternos valores da era vitoriana, os quais guiariam a Grã-Bretanha aos anos 1990, até ela receber no colo mais uma bomba do Exército Republicano de Yorkshire, e esse era você, esse sim, o Exército Republicano de Yorkshire, mas então você percebeu que iria vomitar e correu para o banheiro, sentindo a cerveja subindo e passando pelo seu maldito nariz.

Mas todas essas coisas em todos os seus sonhos…

Ange não estava no Elephant, Kel ficou irritado e a sala de sinuca estava lotada, alguém se lembrou que Streethouse estava no caminho e que, com o pessoal de Stanley por ali, talvez parecesse uma noite ruim, e então um copo foi quebrado e todos se assustaram, e Sarn disse que eram apenas as anfetaminas, apenas as anfetaminas, mas no banheiro você ficou pensando no que preferia fazer, Hally disse que iria a um clube, mas nenhum de vocês usava gravata, a maioria estava vestida com jeans e nenhum de vocês voltaria para casa para trocar de roupa, então teriam de ir ao Raffles ou a alguma outra merda parecida, pois você não entraria no Casanovas, não vestido daquela maneira, não naquele momento.

São coisas grandes e escuras…

Sabe Deus quem disse que sempre há meninas bonitas no Evergreens, pois tudo o que você via era uma gangue de malditas Siouxsie Sioux* dando-lhe punhaladas, até o momento em que viu Wilf o anão *punk*, o qual você representou quando ele foi pego por mijar no muro da biblioteca de Balne Lane após ter perdido um dos seus sapatos e não ter conseguido andar rápido tornando impossível segurar o mijo até chegar em casa, em Flanshaw, e Wilf o anão *punk*

disse que o pessoal de Streethouse havia acabado de ser pego em Westgate após uma briga com algumas meninas de Stanley, mas ele costumava chamar você de Petrocelli,* e terminou com uma multa de cinquenta libras, enquanto você e o pai dele foram processados por desacato.

A sala triste.

Kelly estava no Friars e contou a mesma história sobre o pessoal de Streethouse quando você, finalmente, encontrou-se com ele, Dickie, Ange e uma de suas amigas no Graziers, Daz e Foz continuavam no Elephant conversando com duas garotas da festa de despedida de solteira, o que era muito típico deles, mas naquele momento você e Sarn conversavam sem parar, sentindo-se no topo do mundo, e Mark disse que Gareth vomitava no banheiro, e só porque ele não tomara exatamente uma Glenfiddich no Evergreens, mas que estaria bem para ir ao Raffles, ao Dolly Grays ou seja lá para onde vocês fossem, mas que gostaria que vocês se decidissem, e Hally ficou mudo de repente, com os olhos vermelhos.

Você sonha…

Do lado de fora, Kel e os demais voltavam às suas casas ou à casa de Norm, e você queria fazer a mesma coisa, pois o Raffles estaria uma merda e cheio de loucos, e ele tinha uma tonelada de imagens atrás dele, mas você sempre voltava à casa dele ou à de Norm todas às sextas e todos os sábados, e aquele era o maldito aniversário de Gareth, então por que eles não iam também ao Raffles, mas Ange trabalharia cedo no dia seguinte e não queria ir, então você disse a Kel que o veria no dia seguinte, no Billy Walton, por volta das duas, e subiu a colina em direção a Westgate, mijando nos fundos de algum lugar, com uma luz que acendia e apagava.

E nos seus sonhos…

Westgate estava fervilhando, com muita gente circulando, tentando sair dos bares e entrar nos clubes, com os táxis e últimos ônibus desviando e freando para não atropelar as pessoas que brigavam e caíam nas ruas com seus *kebabs* e hambúrgueres suculentos, pizzas e comidas indianas, que deixavam tudo cair no chão ou que vomitavam a comida, a polícia simplesmente sentada em suas vans com seus cães nas coleiras até um cara em um acidente bater o capacete numa janela e um idiota atirar um carrinho de compras na rua, com o carro modelo 127 freando e você-viu-aquilo, o-que-você-disse, puta-merda-você-viu-aquilo.

Nos seus sonhos, você derrama lágrimas…

Duas libras e você subia as escadas do Raffles, com um segurança que você conhecia dando tapinhas nas suas costas, mas sem qualquer desconto, pois a vaca da entrada transava com o chefe, mas foi bom saber que Graham continuava trabalhando ali, pois nunca se sabe o que pode acontecer, e era exatamente isso o que você dizia à garota do bar, e ela estava bem, sim, e você dançou um pouco ao som de David Bowie e cantarolou com Bonnie Tyler e lembrou-se de Gareth passando mal, e Sarn chamando-o de Doutor Amor, e você dando graças a Deus por não ter mais anfetaminas.

Mas todas as suas lágrimas em todos os seus sonhos…

Os pais e o irmão dela passavam o fim de semana no *trailer*, e você estava numa fila de táxis, entre ossos de frangos, em Cheapside, trocando uns beijos apaixonados, as pernas bonitas e morenas, os pelos loiros finos e um pouco suados, e você tocou a boceta dela no banco de trás do táxi, sentindo cheiro de pinho, vômito e suor, e você desceu do táxi no centro de Ossett para comprar

curry e levar à casa dela, embora ela tivesse de abrir todas as malditas janelas, pois eles voltariam na hora do almoço de domingo e o seu pai odiava aquele maldito cheiro de comida paquistanesa pela casa.

São ilhas perdidas entre medos…

Porém, terminado o *curry*, ela estava sóbria e nem pensava em transar, e você sabia que deveria ter transado antes de comer o *curry*, ou até mesmo lá nos fundos do Raffles, mas ela era engraçada e pedia que você se afastasse, pois ela estava naqueles dias, e você pensou que sempre tinha uma saída, mas aquilo não aconteceria, não naquele momento, e as cortinas começaram a girar, os desenhos no carpete, os dourados no tapete, mas você poderia dormir no quarto do irmão se prometesse não vomitar ou cagar nos lençóis dele, já que não voltaria para casa, não naquele momento.

A sala vermelha, branca e azul (assim como você).

Você acordou com medo, por volta das cinco, logo abaixo de um pôster de Kenny Dalglish, e entrou no quarto dela e na cama dela e tirou a calcinha dela e apertou bastante os peitos dela, enquanto ela fingia ainda dormir, ao mesmo tempo em que você a lambia e transava com ela, ela não abriu os olhos, então você meteu um dedo no cu dela e penetrou-a mais uma vez, carne e osso, gordura e músculo, sangue e sêmen, depois desceu as escadas, roubou o jornal e um guarda-chuva deles e foi embora, ficando de pé na entrada da casa deles com o guarda-chuva aberto, olhando para a foto estampada no jornal deles quando notou que estava em Towngate…

Towngate, Ossett, onde Michael Williams assassinou sua esposa com um martelo e um prego de trinta centímetros em 1974 ou 1975, o assassinato do *Exorcista*.

Mais ou menos na mesma época que pegaram Michael Myshkin.

Mais ou menos na mesma época em que Hazel Atkins festejava seu primeiro aniversário.

E você, de pé, na entrada da casa deles, sob o guarda-chuva deles, olhando para a foto dela na capa do jornal e desejando que você não…

Pois não haveria volta, *sem saída*.

Não mais.

* Como é mais conhecida Susan Janet Ballion, vocalista britânica da banca *punk* Siouxsie and the Banshees. [N. E.]

* Seriado de tevê dos anos 1970, cujo protagonista, Tony Petrocelli, era um advogado. [N. E.]

9

Novamente no banco de trás.

Mais um ônibus vazio.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

A mais longa véspera de Natal.

Clare encostada contra a janela, seus cabelos loiros e sujos contra o vidro verde e sujo, sua melhor amiga e sua irmã mortas, uma pequena mala no bagageiro acima de sua cabeça.

BJ olhava para o corredor e para fora da janela, para a chuva e para os Moors, um clima e uma terra sombrios, sem nenhuma mala no bagageiro.

Apenas um bolso repleto de dinheiro, sangue e sêmen, dois relógios roubados e alguns anéis.

BJ olhou para os anéis nos dedos de BJ.

BJ olhou para o anel que Bill colocou num dos dedos de BJ.

Bill:

William Shaw.

BJ pegou o jornal do dia anterior de dentro da bolsa de Clare e olhou para a foto.

Olhou para a foto dele e leu novamente a primeira página:

CONSELHEIRO PEDE DEMISSÃO

William Shaw, líder do Partido Trabalhista e presidente do novo Conselho Metropolitano Distrital de Wakefield, pediu demissão no domingo, chocando a cidade.

Num comunicado breve, Shaw, 58 anos, alegou problemas crescentes de saúde como a razão por trás de sua decisão.

Shaw, irmão mais velho do ministro de Estado do Home Office, Robert Shaw, entrou na política trabalhista após passar pelo Sindicato dos Trabalhadores do Transporte. Chegou a ser gerente regional e representou o sindicato no Comitê Executivo Nacional do Partido Trabalhista.

Ex-vereador e ativo há vários anos na política do West Riding, Shaw era também um líder na defesa das reformas no governo local e foi membro do

comitê Redcliffe-Maud.

A eleição de Shaw como presidente do primeiro Conselho Metropolitano Distrital de Wakefield foi muito bem recebida, vista como a garantia de uma transição tranquila durante as mudanças que sofreria o antigo West Riding.

Ontem à noite, fontes do governo local expressaram consternação diante do momento escolhido pelo senhor Shaw para pedir demissão.

O senhor Shaw também é o atual presidente da Autoridade Policial de West Yorkhsire e não está claro se permanecerá no cargo.

O ministro de Estado do Home Office, Robert Shaw, não foi encontrado para comentar o pedido de demissão do irmão. Dizem que o senhor Shaw está com amigos na França.

Leu essa primeira página, ficou olhando para a foto dele.

Um rosto que não sorria.

Lembrou-se de quando estava sempre sorrindo, sorrindo e rindo, rindo e brincando.

Aquela viagem à Espanha, manhãs na praia e *siestas* nos seus braços, noites regadas a vinhos bons, noites de…

Noites de amor.

Seus cabelos grisalhos e suas palavras gentis, seus beijos firmes e suas carícias suaves antes…

Antes de BJ foder com tudo, com tudo.

Tudo por causa do que e de quem BJ era.

O ônibus diminuiu a velocidade.

BJ olhou para o corredor.

Luzes azuis chamativas à frente.

Merda.

Apenas uma pista livre, raios de luzes vermelhas no amanhecer.

Merda.

O motorista baixou o vidro da janela, gritando:

– O que foi?

– O IRA – respondeu um policial.

– De novo?

– Malditos irlandeses – disse o policial, que fez um sinal, e o ônibus voltou a ganhar velocidade.

Clare olhava para BJ, a chuva batia pesadamente nas janelas do ônibus.

– O que foi? – ela perguntou, esfregando os olhos.

– Blitz rodoviária – respondeu BJ.

– Jesus – ela disse. – Onde estamos?

– Entrando em Manchester.

Ela limpou a janela, mas não ajudou em nada.

BJ perguntou:

– Não está sendo um bom Natal, não é?

– Você costumava ter ótimos Natais, né?

BJ suspirou.

– Na verdade, não. E você?

Ela fez que não com a cabeça.

– Adoraria poder ver as meninas.

– Imagino – disse BJ, pensando…

Coitada, coitada da vaca fodida.

– Eu disse que voltaria para o Natal.

– Ligue para elas – disse BJ.

Ela mordeu o lábio inferior e fez que sim.

BJ voltou a guardar o jornal na bolsa quando o ônibus entrou na rodoviária de Chorlton Street.

– Meia hora. Vão descer? – disse o motorista.

– Vamos – gritou Clare, descendo o corredor com BJ e saindo do ônibus.

Eram quase oito horas e Manchester estava extremamente gelada.

BJ e Clare cruzaram a Portland Street em direção a Picadilly Gardens e entraram no primeiro café que encontraram:

Picadilly Grill.

Clare pediu café da manhã, e BJ comeu uma torrada, os dois com os estômagos cheios de chá doce e quente.

Às oito, o rádio revirou seus estômagos, revirou-os completamente:

"Ontem à noite, após um assalto armado a um pub *de Wakefield, assalto que deixou quatro mortos e dois policiais gravemente feridos, a polícia de West Yorkshire deu início a uma gigantesca caçada.*

"O assalto ao pub *Strafford Arms, no centro de Wakefield, aconteceu por volta da uma da manhã de ontem, quando uma gangue de homens mascarados e armados entrou numa festa particular que acontecia no primeiro andar. Os policiais que atenderam aos primeiros chamados de tiroteio e assalto também foram atacados.*

"Acredita-se que a gangue tenha escapado com o que havia na caixa registradora, além de joias e dinheiro roubados dos clientes.

"Barreiras policiais foram imediatamente organizadas pelas ruas do condado, na M62 e M1, e os relatos iniciais que conectam o assalto aos terroristas armados do IRA ainda não foram completamente descartados.

"O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson, que lidera a busca pela gangue, pediu, caso alguém tenha qualquer informação sobre o caso, que entre em contato com a polícia urgentemente. Também pediu cautela, alertando que ninguém deve aproximar-se desses homens, que estão armados e são extremamente perigosos.

"O senhor Jobson admitiu que a polícia está considerando seriamente as suspeitas de que o ataque ao Strafford pode ter alguma conexão com a recente escalada de violência cometida por gangues em Yorkshire, o que também pode estar por trás da morte, no início da manhã de ontem, do executivo Donald Foster, de Wakefield, em sua casa, em Sandal.

"O senhor Jobson também confirmou que os dois policiais feridos no ataque são o sargento Robert Craven e o policial Robert Douglas, os mesmos que recentemente estiveram nas manchetes dos jornais por terem capturado Michael Myshkin, o homem de Fitzwilliam acusado pelo assassinato da menina de Morley, Clare Kemplay. O senhor Jobson descreveu o estado dos oficiais como 'grave mas estável'. No entanto, recusou-se a divulgar os nomes dos mortos, pois a polícia continua tentando entrar em contato com alguns dos parentes.

"O senhor Jobson disse também acreditar que alguns dos parentes talvez tenham de se esconder para evitar represálias e pediu a eles que…"

Dois chás fumegantes, dois assentos vazios.

10

Te pegamos.

Noite escura.

Dia 11.

Uma da manhã.

Domingo, 22 de maio de 1983.

Yorkshire.

Leeds.

Delegacia de polícia de Millgarth.

Salas de interrogatório…

Sala 4.

James Ashworth, 22 anos, vestindo camisa e calças cinza entregues pela polícia, cabelos longos, escorridos e desarrumados, jogado na cadeira à nossa mesa, com uma bituca de cigarro queimando entre as unhas negras dos seus dedos sujos e amarelados.

Jimmy James Ashworth, ex-amigo e vizinho de Michael Myshkin, o assassino de crianças.

Jimmy Ashworth, o menino que encontrou Clare Kemplay.

Perguntei:

– Pela milésima vez, Jimmy, o que você estava fazendo em Morley na quinta-feira?

E, pela milésima maldita vez, ele me respondeu:

– Nada.

Ele estava detido desde às cinco horas de quinta-feira, quando nós o pegamos dirigindo sua moto em Morley, vestido dos pés à cabeça com jeans e couro, com as palavras *Saxon* e *Angelwitch* escritas nas costas, entre um par de asas de cisne. Ele estava detido desde quinta-feira à noite, porém, tecnicamente, até as sete horas da manhã de sexta-feira ainda não tínhamos iniciado o interrogatório. Por isso ficamos mais seis horas com aquele babaca, mas ele não disse nada, nada além do que diziam as palavras nas suas costas, suas botas e sua moto, a sujeira embaixo de suas unhas, o sangue nos seus braços e o sêmen no seu pau. Então,

fomos a Fitzwilliam e reviramos sua casa, sua garagem e seu jardim, pegamos a roupa suja no cesto e a do varal, a poeira e os pelos espalhados no chão, os lençóis e as manchas nas camas, o lixo das lixeiras e enviamos tudo para perícia. Depois interrogamos sua mãe e seu pai, toda a sua familia cigana, e, na oficina onde ele trabalhava, os homens que ele chamava de camaradas, a menina com quem ele estava transando. Falamos com todos, mas não conseguimos nada, nada.

Ainda.

Te pegamos.

Noite escura e longa.

Dia 11.

Três da manhã.

Domingo, 22 de maio de 1983.

Yorkshire.

Leeds.

Delegacia de polícia de Millgarth.

Salas de interrogatório…

Sala 4.

Abrimos a porta. Entramos.

Dick Alderman e Jim Prentice.

Um com bigode grisalho e o outro careca, exceto por tufos de finos cabelos loiros.

Bigode e Loirinho.

E eu:

Maurice Jobson, o detetive-chefe superintendente Maurice Jobson.

Lentes grossas e armação preta.

O Coruja.

E ele:

James Ashworth, 22 anos, vestindo camiseta e calças cinza entregues pela polícia, com cabelos longos, escorridos e desarrumados, jogado na cadeira à nossa mesa, com suas unhas negras dos seus dedos sujos e amarelados.

Jimmy James Ashworth, ex-amigo e vizinho de Michael Myshkin, o assassino de crianças.

Jimmy Ashworth, o menino que encontrou Clare Kemplay.

– Sente-se direito e deixe as palmas das mãos abertas sobre a mesa – disse Jim Prentice.

Ashworth se endireitou na cadeira e colocou as palmas sobre a mesa.

Jim Prentice sentou-se próximo a Ashworth. Ele pegou uma algema no bolso de seu paletó esportivo e ofereceu-a a Dick Alderman.

Dick caminhou pela sala. Dick brincou com a algema. Dick sentou-se na frente de Ashworth.

Eu fechei a porta da sala 4.

Dick segurou as algemas com os dedos da mão direita.

Eu me recostei na porta com os braços cruzados, observando o rosto de Ashworth.

Em silêncio.

Sala 4 em silêncio, a sala de interrogatório em silêncio.

Leeds dormia, Yorkshire dormia.

Dick deu um salto. Dick bateu sua mão com a algema contra a mão direita de Ashworth.

Ashworth gritou.

Gritou.

Gritou pela sala, ecoando em todas as salas de interrogatório…

Ecoando na delegacia, ecoando no mercado lá em cima.

Ecoando em Leeds, ecoando em Yorkshire.

Ele gritou.

– Coloque as mãos sobre a mesa de novo – disse Jim.

Ashworth as colocou de volta sobre a mesa.

– Abertas – disse Jim.

Ele tentou deixá-las abertas.

– Seu nojento – disse Dick.

– Você deveria ver a sua cara – disse Jim.

Os dois sorriam para ele.

Jim levantou-se. Caminhou na minha direção.

Abri a porta. Saí para o corredor.

Voltei. Entreguei um cobertor a Jim.

Jim colocou o cobertor sobre os ombros de Ashworth.

– Tome, garoto.

Jim sentou-se. Pegou um maço de JPS no bolso de sua jaqueta. Ofereceu um cigarro a Dick.

Dick pegou um isqueiro. Acendeu os dois cigarros.

Eles sopraram a fumaça na direção de Ashworth.

As mãos de Ashworth estavam abertas sobre a mesa, tremendo.

Dick inclinou o corpo para a frente. Dick balançou o cigarro sobre a palma direita de Ashworth. Dick rolou o cigarro entre seus dedos, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

A mão direita de Ashworth se contraía.

Contraía em silêncio.

A sala 4 em silêncio, as salas de interrogatório em silêncio.

Dick inclinou o corpo ainda mais para a frente. Dick agarrou o pulso direito de Ashworth. Dick pressionou a mão direita de Ashworth contra a mesa. Dick friccionou a ponta do cigarro sobre a cicatriz da mão de Ashworth.

Ashworth gritou.

Gritou.

Ecoou pela sala, pelas salas de interrogatório…

Ecoou pela delegacia, pelo mercado.

Ele gritou.

Dick soltou seu punho. Dick voltou a se sentar.

– Coloque suas mãos abertas – disse Jim Prentice.

Ashworth fez o que lhe foi mandado.

A sala fedia a carne queimada.

A carne dele.

– Mais uma vez? – perguntou Jim.

– Você se importa? – perguntou Dick, pegando um JPS do maço. Acendeu o cigarro. Encarou Ashworth. Inclinou o corpo para a frente. Começou a balançar o cigarro sobre a mão de Ashworth.

Ashworth levantou-se, escondendo a mão direita com a esquerda, e perguntou:

– O que vocês querem?

– Sente – disse Jim.

Ashworth sentou-se.

Dick Alderman e Jim Prentice levantaram-se.

– Levante – disse Jim.

Ashworth se levantou.

– Mantenha os olhos para a frente.

Ashworth olhou para a frente.

– Não se mexa.

Dick e Jim colocaram as três cadeiras e a mesa num canto da sala. Eu abri a porta. Saímos para o corredor. Fechei a porta. Pelo olho mágico, observei

Ashworth. Ele estava de pé no centro da sala, olhando para a frente, imóvel.

– Pena que Texugo e Rudkin não estão conosco – disse Jim. – Seria como nos velhos tempos.

Velhos tempos.

Eu o ignorei. Perguntei a Dick:

– Cadê o Ellis?

– Lá em cima.

– Ele conseguiu?

Dick fez que sim.

– Então é melhor trazê-lo, você não acha?

Dick caminhou pelo corredor.

– Pena que eles não estão aqui – repetiu Jim.

– Pena que muita gente não está aqui – comentei.

Jim se calou.

Dick voltou com Mike Ellis, que carregava uma caixa envolta num cobertor.

– Bom dia – ele murmurou, com o hálito fedendo a uísque.

– Está pronto para este, Michael? – perguntei.

Ele fez que sim.

Eu me aproximei da boca dele e perguntei:

– Vejo que tomou uma dose de coragem no café da manhã, não é?

Ele tentou se afastar.

Eu o agarrei pela nuca.

– Não estrague tudo, Michael.

Ele fez que sim. Dei um tapinha no seu rosto. Ele sorriu. Eu também sorri.

– Pronto? – perguntou Jim.

Todos fizeram que sim. Ellis deixou a caixa no chão. Ele a deixou no corredor por um momento. Eu lhe entreguei um pacote envolto em papel pardo. Abri a porta.

Entramos.

Sala 4.

James Ashworth, 22 anos, vestindo camiseta e calças cinza entregues pela polícia, com cabelos longos, escorridos e desarrumados, uma marca de queimadura e um hematoma ensanguentado para combinar com suas unhas negras dos seus dedos sujos e amarelados.

Jimmy James Ashworth, ex-amigo e vizinho de Michael Myshkin, o assassino de crianças.

Jimmy Ashworth, o menino que encontrou Clare Kemplay.

Jim Prentice e eu ficamos parados ao lado da porta. Dick e Ellis levaram as cadeiras e a mesa de volta ao centro da sala.

Dick colocou uma cadeira bem atrás de Ashworth. Depois disse:

– Sente.

Ashworth sentou-se na frente de Ellis.

Dick pegou o cobertor caído no chão. Colocou-o sobre os ombros de Ashworth.

Ellis acendeu um cigarro e disse:

– Coloque suas mãos abertas sobre a mesa.

– Vocês poderiam simplesmente me dizer o que querem? – perguntou Ashworth.

– Eu só quero que coloque suas mãos sobre a mesa, Jimmy.

Ashworth colocou suas mãos abertas sobre a mesa.

Dick ficou caminhando pela sala, atrás dele.

Ellis colocou o pacote pardo sobre a mesa. Abriu-o. Pegou uma pistola. Colocou-a na mesa, entre ele e Ashworth.

Ellis sorriu para Ashworth.

Dick parou de caminhar pela sala. Ficou parado atrás de Ashworth.

– Olhe para a frente – disse Ellis.

Ashworth ficou olhando para a frente, em silêncio.

A sala 4 em silêncio, as salas de interrogatório em silêncio.

Ellis partiu para cima de Ashworth, agarrando-lhe os punhos .

Dick pegou o cobertor, usando-o para envolver a cabeça de Ashworth.

Ashworth tombou da cadeira.

Tossindo e tremendo, incapaz de respirar.

Ellis segurando seus punhos.

Dick retorceu o cobertor sobre o seu rosto.

Ashworth ficou de joelhos no chão.

Tossindo e tremendo, incapaz de respirar.

Ellis soltou os punhos de Ashworth.

Ashworth se enroscou no cobertor e bateu contra a parede.

BUM.

Ecoou pela sala, ecoou pelas salas de interrogatório.

Dick tirou o cobertor da cabeça dele, agarrou Ashworth pelos cabelos e o levantou contra a parede.

– Vire-se, olhe para a frente.

Ashworth se virou.

Ellis estava com a pistola na mão direita.

Dick estava com algumas balas. Atirou-as para cima. Pegou-as de volta.

Ellis me perguntou:

– Tudo bem se a gente atirar nele, chefe?

– Tudo bem – respondi.

Ellis segurou a pistola com as duas mãos. Ellis a apontou para a cabeça de Ashworth.

Ashworth fechou os olhos. Lágrimas rolaram por suas bochechas.

Ellis puxou o gatilho.

CLIQUE.

Nada aconteceu.

– Merda – disse Ellis.

Ele se virou. Ele mexeu na pistola.

Ashworth se mijou.

– Consertei. Vai dar tudo certo desta vez – disse Ellis.

Voltou a apontar a pistola.

Ashworth continuava de olhos fechados.

Ellis puxou o gatilho.

BANG!

James Ashworth, 22 anos, imaginou estar morto.

Abriu os olhos. Viu a pistola. Viu estilhaços pretos saindo do cano. Viu os mesmos estilhaços caindo no chão.

Viu todos nós gargalhando.

– O que vocês querem? O que vocês querem de mim? – gritou Ashworth.

Dick deu um passo à frente. Chutou o saco dele.

Ashworth caiu no chão.

– O que vocês querem?

– Levante.

Ele se levantou.

– Fique na ponta dos pés – disse Dick.

– Por favor, me digam…

Dick deu um passo à frente. Dick chutou mais uma vez o saco dele.

Ele voltou a cair no chão.

Ellis se aproximou dele. Ellis chutou o peito dele. Ellis chutou o estômago dele. Ellis algemou as mãos dele às costas. Ellis pressionou o rosto dele contra o chão. Sobre seu próprio mijo.

– Você gosta de ratos, Jimmy?

– O que vocês querem?

– Você gosta de ratos?

Dick saiu para o corredor. Voltou para a sala. Trazia a caixa sob um cobertor.

Ashworth ainda estava deitado no chão. Ainda deitado sobre o próprio mijo.

Dick foi até Ashworth. Dick colocou a caixa ao lado dele, colada ao rosto dele.

Ellis puxou a cabeça de Ashworth pelos cabelos.

Dick tirou o cobertor de cima da caixa.

O rato era gordo. O rato era sujo. O rato olhava pelas barras de arame da gaiola. O rato olhava para Ashworth.

Dick inclinou a gaiola.

O rato deslizou pela gaiola. O rato deslizou para perto de Ashworth.

– Pega! Pega! – disse Dick, rindo.

O rato estava assustado. O rato guinchava. O rato arranhava o arame. O rato arranhava o rosto de Ashworth.

– Ele está faminto – disse Dick.

Ellis aproximou o rosto de Ashworth da grade.

– Cuidado – disse Ellis.

O rato se afastou.

Dick chutou a gaiola. Dick fez com que o rato se aproximasse do buraco.

Sua cauda e seus pelos roçavam o rosto de Ashworth.

Jim Prentice gritou:

– Vira a caixa! Vira!

– Abre a caixa – eu disse.

Dick virou a gaiola, cuja entrada ficou para cima. Dick a abriu.

O rato estava no fundo da gaiola. O rato olhava para a abertura.

Ellis colou o rosto de Ashworth na abertura da gaiola.

Ashworth de olhos arregalados.

Gritando e chorando.

Ashworth de olhos arregalados.

Lutando e tentando se soltar.

O rato fazia barulho. O rato estava morrendo de medo. O rato olhava para Ashworth.

Ellis pressionou ainda mais o rosto de Ashworth pela abertura.

Ashworth estava a ponto de perder a consciência. Ashworth gritava:

– O que foi que eu fiz?

Acenei com a cabeça.

Ellis o puxou pelo cabelo.

– O que você disse?

Ashworth tremia. Ashworth chorava.

Fiz que não com a cabeça.

Ellis voltou a meter a cabeça de Ashworth no buraco da gaiola.

Ashworth gritou novamente.

– O que foi que eu fiz? Por favor, só quero que me digam o que foi que eu fiz.

Fiz que sim novamente.

Ellis puxou seus cabelos novamente.

– O quê?

– Digam-me o que foi que eu fiz?

– De novo.

– Por favor, o que foi que eu fiz?

– De novo.

– Por favor…

Mas Dick meteu a mão na gaiola. Dick puxou o rato pelo rabo. Dick o atirou na parede.

CRASH!

O sangue espirrou em Ashworth e Ellis.

– Merda! – gritou Ellis. – Para que isso?

Dick deixou o rato morto caído no chão da sala 4. Dick caminhava em direção de James Ashworth, 22 anos, caído nos braços de Ellis. Dick se curvou. Dick tirou os cabelos longos, escorridos e desarrumados do rosto de Ashworth. Dick limpou as mãos nas bochechas de Ashworth, na camisa, na calça dada pela polícia.

– Bom menino, Jimmy – disse Dick, sorrindo. – Bom menino.

Olhei para Jim Prentice e disse:

– Limpe isso.

Saí. Olhei o meu relógio:

Quase dez horas.

Dia 11.

Eu ouvia passos nas escadas, descendo, andando pelo corredor, entrando na área das salas de interrogatório.

Ergui os olhos.

John Murphy vinha na minha direção.

O detetive-chefe superintendente John Murphy, do Departamento de Investigação Criminal de Manchester.

– John? O que você está fazendo aqui? – perguntei.

Murphy olhou sobre o meu ombro, para dentro da sala 4, e disse:

– Temos um problema, Maurice.

– Sério?

– Sério – ele respondeu. – Um maldito problema, Maurice.

Rochdale.

Lancashire.

Meio-dia.

Domingo, 22 de maio de 1983.

O décimo primeiro dia.

O dia quatro mil e onze.

A mulher delgada e de meia-idade estava sentada sozinha na penumbra de sua casa, sozinha na penumbra, entre lágrimas, lágrimas de tristeza e lágrimas de raiva, lágrimas de dor e lágrimas de…

Horror.

Horror e dor, raiva e tristeza. Chovia entre os seus dedos esqueléticos e brancos, chovia entre seus dedos esqueléticos e brancos sobre seus joelhos quebrados, seus joelhos quebrados nos quais equilibrava…

A caixa de sapatos.

A caixa de sapatos presa entre seus dedos esqueléticos e brancos sobre seus joelhos quebrados, a caixa de sapatos molhada pelas lágrimas de tristeza e de raiva, de dor e de horror, a caixa onde estava escrito:

Susan Ridyard.

Olhei para as duas fotografias em cima da televisão, para a fotografia de uma menina sozinha e sorrindo ao lado de outra fotografia da mesma menina com seu irmão mais velho e sua irmã, as três crianças sentadas usando uniforme escolar.

Duas meninas e um menino.

A fotografia de duas meninas e um menino que passaram a ser apenas uma menina e um menino na foto posta sobre o aparador, nas fotos da entrada da casa, nas fotos dependuradas na parede, uma única menina e o menino crescendo.

Sempre crescendo, mas nunca sorrindo.

Nunca sorrindo por conta da menina mais nova que deixaram sobre a televisão, a menina que sempre estará sorrindo.

Nunca crescendo, mas sempre sorrindo.

Susan Ridyard.

A que ficou para trás.

Susan Louise Ridyard, dez anos, desaparecida.

Vista pela última vez na segunda-feira, 20 de março de 1972, às 15h55.

Na Holy Trinity Junior & Infants, em Rochdale.

Olhei para fora pela janela, para as casas do outro lado da rua, para os vizinhos atrás das cortinas, para os carros de polícia e para a ambulância, para a chuva forte que batia contra a janela.

Ao meu lado na janela, o doutor pegava um frasco de pílulas, pílulas que sedariam a senhora Ridyard, pílulas que ele desejava desesperadamente que a sedassem, para que ela pudesse sair daquela casa, daquele horror.

Daquele horror e daquela caixa de sapatos que ela agarrava com seus dedos esqueléticos e brancos, que balançava entre seus joelhos quebrados, aquela caixa molhada na qual estava escrito, com letra infantil:

Susan Ridyard.

– Alguém aceita uma xícara de chá? – perguntou o senhor Ridyard, trazendo uma bandeja.

– Obrigado – agradeci, odiando por ter enchido os olhos de sua esposa de lágrimas, ao observar o marido servindo leite e chá nas suas melhores xícaras.

Derek Ridyard me ofereceu uma xícara, depois outra ao doutor.

– Querida? – ele a chamou, olhando para a esposa.

Contudo, antes que eu pudesse me levantar para detê-la, antes que o doutor ou qualquer outra pessoa pudesse alcançá-la, ela bateu a caixa que tinha nas mãos na xícara de chá que o marido segurava, gritando:

– Como você pode?

Segurando a caixa, chorando.

– Esta é a sua filha! É Susan!

Eu e o doutor a puxamos em direção ao sofá, o marido sentindo o chá quente sobre a pele, o doutor fazendo com que ela engolisse as pílulas e pedindo água, homens uniformizados se aproximando, a polícia e a ambulância, a caixa de sapatos longe das mãos dela.

Longe das mãos dela, nas minhas mãos.

Eu segurando a caixa de sapatos, a caixa de sapatos com suas letras infantis, as letras infantis sobre as quais passei os dedos e que pareciam gritar no meu rosto, gritar por uma década ou mais, gritar.

Gritar e chorar junto à sua mãe:

Susan Ridyard.

No banheiro deles, a água fria caía e eu lavava as mãos.

Penso em você o tempo inteiro.

As pessoas que eu amei e as que não amei; dispersas ou mortas, desconhecidas para mim, que não sabia onde nem como elas estavam.

Sob a frondosa castanheira.

A água da torneira ainda caindo, eu continuava lavando as mãos.

Nas árvores, nos galhos.

Lavando as mãos sem parar.

Onde eu te vendi e você me vendeu.

O Coruja.

Eu te verei na árvore.

Do lado de fora do banheiro, eu ainda ouvia o som abafado da mulher e seus terríveis soluços, a caixa de sapatos estava ali ao meu lado, sobre o tapete rosa e peludo, entre o cheiro de pinho, mijo e excremento.

Nos seus galhos.

Na porta de entrada da casa, o senhor Ridyard e eu olhamos para cima, para as nuvens escuras.

– Isso é uma maravilha para as minhas terras – ele disse.

– Imagino que sim – respondi, segurando nas minhas mãos…

Nas minhas mãos sujas.

Os ossinhos da sua filha.

Na entrada da casa, o senhor Ridyard e eu olhamos para as casas do outro lado da rua.

– Uma maravilha – ele comentou.

– Eu sei – murmurei, caindo de volta ao passado.

Ao passado negro.

Nas sombra dos trompetes.

11

Segunda-feira, 23 de maio de 1983.

D-17:

"Se você colocar o seu dinheiro numa meia, os trabalhistas vão estatizar as meias, a senhora Thatcher disse a Cardiff. A Grã-Bretanha terá o governo mais de direita do mundo ocidental caso os conservadores voltem ao poder, disse o senhor Roy Jenkins…"

Você desligou o rádio e checou o telefone e novamente a porta.

Nada.

Sentou-se à sua mesa, com a chuva caindo contra a janela do seu escritório como se fosse um muro cinzento de mijo.

Não eram nem dez horas.

Sally, a mulher que trabalha meio período às segundas e quintas-feiras, ficou em casa mais uma vez, pois o filho mais novo dela estava com febre. Isso ou ela estava transando com Kevin, Carl ou seja lá como se chamava o namorado daquela semana. Não importava…

Quatro, cinco anos depois, ela perderia o trabalho, e você, a *firma*:

Divórcio, custódia de filhos, pensão. Os arquivos dos casos caíam enquanto as cartas aumentavam de volume, cartas que imploravam aos clientes para que, por favor, por favor, *acertem suas contas*.

Que se fodessem.

Eles e a música deprimente e todos os irritantes *jingles* do rádio, a chuva constante e o vento fraco, os cães vira-latas que latiam a noite inteira e cagavam o dia inteiro, a comida quase crua e os chás mornos, as lojas repletas de coisas que você não quer a preços que não pode comprar, as casas que são prisões e as prisões que são casas, o cheiro de tinta para ocultar o cheiro de medo, os trens que nunca passavam na hora certa e iam para lugares sempre iguais, os ônibus que você tinha medo de pegar e seu carro que eles sempre fechavam, o lixo que gira em círculos, subindo e descendo nas ruas, os cinemas no escuro e as caminhadas no parque para um amasso e uma transa, um dedo ou um pau, o gosto de cerveja para paralisar o medo, a televisão e o governo, Sue Lawley e Maggie Thatcher, os argentinos e as Malvinas, UDA e LUFC* grafitados nos muros da casa da sua mãe, a suástica e as forcas que penduraram na porta dela, a

merda em sua caixa de correio e o tijolo em sua janela, as ligações anônimas e as ligações pornográficas, a respiração pesada e o som da linha telefônica, as gracinhas das crianças e os xingamentos dos seus pais, os olhos cheios de lágrimas que não surgem do frio, mas da dor, as mentiras que eles contam e a dor que trazem, a solidão e a feiura, a burrice e a brutalidade, a sem-fim e primária falta de consideração de todas as pessoas em todos os minutos de todas as horas de todos os dias de todos os meses de todos os anos de todas as vidas.

Você se levantou e voltou a ligar o rádio:

"A polícia de South Humberside espera que o aniversário de dez anos do desaparecimento de Christine Markham ilumine a memória de alguém para fornecer uma pista para a busca da menina de Scunthorpe, desaparecida no dia seguinte ao seu aniversário de nove anos, em maio de 1973. Enquanto isso, a polícia de West Yorkshire continua a interrogar um homem local por conta do desaparecimento da estudante Hazel Atkins, de Morley, há doze dias…"

Você mudou de estação e escutou uma música:

"The Best Years of Our Lives."

Pouco antes do meio-dia, você trancou o escritório e desceu as escadas. Acenou para uma linda menina chamada Jenny que trabalhava no térreo, na Prontoprint.

Não chovia nem fazia sol.

Você atravessou a Wood Street e cortou caminho pela Tammy Hall Street, pelo escritório Cateralls e pelo seu velho escritório. Desceu a King Street e entrou no Inns of Court.

Você se sentou, acabou bebendo três doses de *snakebite*[*] e comeu um prato de presunto defumado com batata frita. No dia seguinte, iria ao College apesar de estar de saco cheio dos advogados e do papo deles:

– Acuse-o, eu ouvi – disse Steve, do Clays.

– Acusá-lo de quê? – perguntou Derek, do Caterrals. – Não se pode acusá-lo sem um maldito corpo.

– Quem disse que ela está realmente morta? – perguntou Tony, do Gumersalls.

– Eu – disse Derek, sorrindo.

– Por infrações foi pedida uma prorrogação ao magistrado – disse Steve.

– Quem é o advogado? – perguntou Tony.

– McGuinness – respondeu Steve. – Quem mais poderia ser?

Você deixou seu garfo e sua faca na mesa e perguntou:

– Sobre o que estão falando?
– Vejam só! Essa coisa fala! – gritou Derek.
– Sobre o quê?
– O cara detido nessa história da menina de Morley – respondeu Steve.
– Hazel Atkins?
Eles fizeram que sim, com a comida na boca, as bebidas nas mãos.
– Sabem com quem me encontrei na semana passada? – você perguntou.
Eles deram de ombros.
– Michael Myshkin.
Eles ficaram de boca aberta.
– Para quê? – perguntou Steve.
– A mãe dele quer recorrer.
– A mãe dele? E ele?
– Disse que não fez nada.
– Então ele te procurou? – perguntou Derek, gargalhando. – Aquele pervertido deve adorar o ambiente da prisão.
– Vá se foder.
– Mas você nunca fará isso, certo? – perguntou Tony.
Você fez que não e disse:
– Mas recomendei Derek.
– Espero que não tenha feito isso, seu gordo idiota.
Você piscou os olhos ao se levantar.
– Eu disse a ela que o rei dos corações era um tal Derek Smith.
– Seu gordo filho da puta!
– Rei dos corações.

O telefone tocava, mas depois que você abriu a porta, mijou, lavou o rosto e as mãos e depois os secou, ele já tinha parado. Você alinhou as três cadeiras do escritório e se deitou para descansar um pouco do presunto defumado com batatas fritas e das três doses de *snakebite*.
Senhor, eu perfurei novamente a minha pele.
Você rezava por um sono sem sonhos quando o telefone voltou a tocar.
Cansado, atendeu.

– Sente-se – você disse, com a boca cheia de balas de menta.

A mulher de cabelos grisalhos era dentuça. Ela se sentou, agarrando sua melhor bolsa. Ela estava com os olhos entreabertos por causa do tímido raio de sol que ela deixara entrar consigo.

– Foi gentil da parte da senhora Myshkin me indicar, mas, para ser honesto, senhora Ashworth, eu…

– Era o mínimo que ela poderia ter feito – ela disse, com as lágrimas se aproximando.

– Aceita uma xícara de chá?

Ela fez que não com a cabeça e abriu a bolsa. Pegou um lenço.

– Ele não fez nada. O nosso Jimmy não fez nada.

De repente, você começou a lutar .

– O advogado que ofereceram a ele… – ela começou a dizer. – Esse homem de Bradford… Ele está dizendo a Jimmy que confesse. Mas ele não fez nada.

De repente, você começou a lutar contra as próprias lágrimas.

– Ele é um bom menino, John.

Você ergueu uma das mãos para detê-la, para deter-se, para perguntar:

– McGuinness disse para ele confessar?

Ela fez que sim.

– Clive McGuinness?

Ela fez que sim novamente.

A mesa estava coberta de cartas e pastas:

Divórcio, custódia de filhos, pensões.

As pastas de casos e cartas banhadas pelo raio de sol, o rádio e os cães em silêncio, a chuva constante e o vento fraco cessaram.

Por enquanto.

A mulher de cabelos grisalhos e dentes grandes, com sua melhor bolsa nas mãos, balançava a cabeça e secava os olhos com o lenço. Eram a mesma bolsa e o mesmo lenço que ela usara no funeral, a mesma mulher de cabelos grisalhos que balançava a cabeça e secava os olhos enquanto cremavam a sua mãe.

Através dos buracos, a luz brilha.

– Cadê ele?

– Jimmy? – ela perguntou, erguendo os olhos.

Você fez que sim.

– Em Millgarth.

Você lhe ofereceu o telefone.

– Acho melhor a senhora ligar para McGuinness, certo?

– Para dizer o quê?
– Para dizer que Jimmy tem um novo advogado.

Rodando pela estrada.
Escamas caindo, o Porco* reaparecendo:
Senhor, perfurei a minha pele novamente.
Mas não haveria volta, não haveria nem rendição.
Haveria justiça e haveria vingança.
Através dos buracos, a luz brilha.
Rodando pela estrada, o Porco subindo.
Você ouve quando te chamam, quando chamam:
Uma luz divina para uma guerra divina.

Você estacionou entre o mercado e a rodoviária, com uma garoa fina e escura deixando Leeds enevoada.

Não era noite nem dia.

Você tomou um atalho entre os comerciantes empacotando suas engrenagens e subiu os degraus, entrando na delegacia de Millgarth.

– Estou aqui para ver James Ashworth – você disse ao policial na recepção.
– E quem é você?
– John Piggott, advogado do senhor Ashworth.

O policial levantou os olhos de seu papel.

– Sério?

Você fez que sim.

O policial abriu um grande livro com capa de couro que tinha sobre a mesa. Pegou os óculos de leitura. Colocou os óculos. Lambeu um dedo. Começou a virar lentamente as páginas.

Passados alguns minutos, ele parou. Fechou o livro. Tirou os óculos. Ergueu os olhos.

Você sorriu.

Ele também sorriu.

– Parece que o senhor Ashworth já tem advogado, e não é o senhor.

– Deve ser o senhor McGuinness, que acredito fora indicado pela polícia para ser seu advogado, mas o senhor Ashworth dispensou os seus serviços e agora

possui seu próprio representante.

– E esse é o senhor.

Você fez que sim.

O policial olhou por cima de seus ombros e disse:

– Sente-se, senhor Piggott.

– Vai demorar muito?

Ele apontou com a cabeça para a cadeira de plástico atrás de você e disse:

– Quem sabe?

Você foi até o outro lado da sala e se sentou numa pequena cadeira de plástico sob luzes amarelas e fracas que acendiam e apagavam, acendiam e apagavam. Havia um velho pôster preso à parede que alertava para o perigo de dirigir bêbado no Natal.

Não era Natal.

O policial da recepção falava ao telefone, em voz baixa.

Você olhou para o piso de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as marcas feitas por botas e cadeiras. Todo aquele lugar fedia a cachorro sujo e vegetais exageradamente cozidos.

– Senhor Piggott?

Você se levantou e foi até a mesa.

– Acabei de falar com o senhor McGuinness, o advogado, e ele me confirmou que a mãe do senhor Ashworth lhe telefonou dizendo que o senhor seria o novo representante do filho dela. Porém, o senhor McGuinness ainda não foi comunicado da mudança pelo senhor Ashworth, nem recebeu qualquer notificação escrita ou assinada pelo senhor Ashworth liberando-o de suas funções.

Você pegou uma carta na sua bolsa.

– É por isso que estou aqui.

– Esta é a carta?

Você deixou o papel sobre a mesa.

– Mas não está assinada, certo?

– Claro que não está assinada – você respondeu, suspirando. – É por isso que quero vê-lo. Para que possa assinar a carta.

– Acho que o senhor não está me ouvindo direito, senhor Piggott – disse o policial lentamente. – O senhor não é o advogado dele, e por isso não poderá se encontrar com ele. Apenas o senhor McGuinness pode falar com ele.

Merda.

– Posso usar o telefone?

– Não – ele respondeu, sorrindo. – Não pode.

Do lado de fora, a garoa escura e constante havia se transformado em chuva pesada e preta.

Você atravessou o mercado em busca de um telefone que funcionasse.

Eram seis e meia.

Você entrou no Duck and Drake.

Pediu uma cerveja e foi até o telefone.

Pegou sua pequena agenda vermelha e discou.

O telefone começou a tocar na outra ponta.

– McGuinness e Craig – atendeu uma voz feminina.

Com um dedo tapando o ouvido, você pediu:

– Poderia falar com o senhor McGuinness, por favor?

– Quem gostaria?

– John Piggott.

– Só um momento, senhor Piggott.

Uma pausa, e ela voltou dizendo:

– Sinto muito, senhor Piggott, mas o senhor McGuinness saiu e não voltará até o final do dia.

– Sério?

– Sim – ela respondeu. – Sério.

– Qual é o seu nome, querida?

– Karen Barstow.

– Karen, eu preciso muito, muito conversar com o senhor McGuinness o mais rápido possível. Então, por favor, poderia me dizer onde posso encontrá-lo?

– Sinto muito, mas não sei onde o senhor McGuinness está.

– Você tem o telefone da casa dele?

– Sinto muito, mas não posso lhe passar o tele…

– E se eu aparecer por aí e der uma surra em você, sua vaca burra. Será que assim você me ajudaria?

– Senhor Piggott…

Mas você desligou.

– Que pena, que pena mesmo – disse o policial da recepção, sorrindo.

Você também sorriu.

– O senhor deixaria a mãe dele entrar?

– Desde que ela chegue aqui antes das oito.

Você olhou para o seu relógio:

Pouco além das sete.

Merda.

– Antes das oito?

– Melhor correr – ele disse.

Na M1, saindo de Leeds, com os limpadores de para-brisa e o rádio ligado:

"Ken, Deirdre e Mike nomeados personalidades do ano."

Fora da estrada, passando por Wakefield.

"Segundo Bonn, os diários de Hitler são falsificados."

No caminho de Fitzwilliam.

"Foot lança duro ataque contra o conservadorismo de Thatcher-Tebbit, dizendo tratar-se de uma filosofia que subjuga qualquer compaixão e generosidade."

Entrando na Newstead View, passando pelo número 54, freando na frente do 69.

"Um homem de Morley, preso semana passada, deverá aparecer diante dos magistrados de Leeds amanhã de manhã por conta do desaparecimento da estudante de Morley, Hazel…"

Você se aproximou da casa e bateu à porta.

A senhora Ashworth atendeu, com uma toalhinha nas mãos e a televisão ligada.

Crossroads.

– Pegue seu casaco. Vamos ver Jimmy – você disse.

– O quê?

– Vamos, não temos muito tempo.

Ela gritou algo dentro do quarto, pegou o casaco do cabideiro e seguiu logo atrás de você.

Você se curvou sobre ela e fechou a porta do passageiro.

– Pronto – ela disse, ao afivelar o cinto de segurança.

Você ligou o motor do carro, olhando para o relógio:

Sete e meia.

Saindo de Fitzwilliam e entrando em Wakefield.

Passando por Wakey e entrando na estrada.

Descendo a M1 em direção a Leeds.

Estacionando na frente de Millgarth e subindo os degraus.

Atravessando a porta.

O fedor de cães sujos e vegetais exageradamente cozidos.

O policial na recepção, ao telefone, com o rosto pálido.

– Ela está aqui para ver o filho, James Ashworth – você disse, olhando para o relógio da parede:

Quase oito.

Ele desligou o telefone, balançando a cabeça:

– Sinto muito, mas…

– Nada disso! – você gritou. – Ela tem o direito…

A sala de repente ficou repleta de policais, policiais uniformizados e policiais de terno. Dois dos policiais de terno levaram a senhora Ashworth em direção às pequenas cadeiras de plástico sob as luzes amarelas e fracas que acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, pedindo que ela se sentasse logo abaixo de um pôster que alertava para os perigos de dirigir bêbado no Natal. Você se virou e viu que o policial na mesa da recepção ficara muito pálido, com a cabeça e as mãos tremendo, olhou ao redor da senhora Ashworth, sua boca aberta enquanto ela desfalecia da cadeira de plástico para o chão de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as marcas feitas por botas e cadeiras. O policial da recepção estava com a boca seca e sua voz era trêmula ao dizer:

– Ele está morto.

* Ulster Defence Association (UDA) era um grupo paramilitar da Irlanda do Norte. Formado em 1971, foi posteriormente classificado como um grupo terrorista, e no final dos anos 2000 interromperam seus atentados. Leeds United Football Club (LUFC) é um clube de futebol inglês, cuja sede fica em West Yorkshire. [N. E.]

* Bebida que contém fruta cítrica (limão, por exemplo) e cerveja *lager* em igual quantidade. [N. E.]

* Forma pejorativa de chamar um policial na Grã-Bretanha. [N. E.]

12

Preston.

Hora do almoço.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Interminável.

Sentando no canto de um *pub* no centro de uma cidade de concreto, os trabalhadores de escritórios com seus chapéus de festa, já bêbados e vomitando na privada.

Interminável.

Gritando ao som de Slade & Sweet, pessoas se beijando e barulho de copos, líquidos respingando e dinheiro entrando no caixa.

Interminável.

Subindo a colina além da estação, as ruas vazias e os edifícios apagados, os trens iluminados e os carros escuros.

Interminável.

Cambaleando de uma sombra para outra.

Um outro tipo de *pub*, o tipo de BJ e Clare, o St Mary's.

Interminável.

Roger Kennedy girou a maldita chave duas ou três vezes antes de finalmente abrir a porta, embora Clare não tenha notado.

– Aqui estamos – ele disse, com seu rosto gordo tão vermelho quanto o estúpido chapéu de Papai Noel que ele usava.

BJ e Clare o seguiram para dentro.

Pensão St Mary's.

A 45 metros do bar com o mesmo nome.

Sangue e Fogo talhado numa pedra acima da porta.

Roger Kennedy encontrou o interruptor e entrou num pequeno escritório.

BJ e Clare ficaram de pé no corredor, Clare recostada numa parede verde e creme, com a pequena mala nas mãos.

Kennedy voltou com duas chaves e sorrisos:

– Cuidaremos da papelada mais tarde.

BJ e Clare o seguiram por uma escadaria em direção a um corredor estreito ladeado de quartos.

– Neste momento, apenas o Velho Walter está usando o último quarto, mas tenho certeza de que os outros maus pagadores voltarão após o Ano-Novo – disse Kennedy.

Ele abriu a porta no topo da escada e piscou para Clare.

– Fique com este quarto, minha querida.

– Muito obrigada – ela disse, sorrindo.

Depois ofereceu uma chave a BJ e disse:

– Você fica com o segundo à direita.

BJ andou pelo corredor até BJ encontrar a segunda porta à direita. BJ destrancou a porta e entrou:

Uma cama e um guarda-roupa que não fechava, uma cadeira e uma janela que não abria, um fedor de umidade que nunca sairia dali.

Lar, maldito doce lar.

BJ se sentou na beira da cama e BJ ficou pensando no seu pequeno quarto em Leeds, com Ziggy e Karen, discos e pôsteres, roupas e *memorabilia*.

BJ se levantou da cama e andou pelo corredor. Estava a ponto de entrar no quarto de Clare quando BJ notou que Roger Kennedy a comia lá dentro. BJ voltou ao seu quarto e BJ sentou-se na beira da cama. BJ começou a contar as estrelas estampadas na camiseta de BJ.

Estava frio e escuro, e BJ estava deitado na cama observando a chuva e os raios que iluminavam o telhado quando ela bateu à porta e entrou com duas sacolas de plástico.

– Tem espaço para uma pequena? – ela perguntou.

– Fique à vontade.

– Consegui um pouco de vinho, sidra e Twiglets – ela disse, sorrindo. – Pensei em montar uma ceia de Natal para nós.

– E o seu amante?

– Desmaiou.

– Ele pagou?

– Nada de diárias, ele disse.

– Nada de diárias?

– É – ela respondeu, sorrindo e deitando-se ao lado de BJ. – Nada de diárias.

– Talvez a nossa sorte esteja começando a mudar.

– Já estava mais do que na hora – ela disse, puxando o fino edredom sobre eles dois.

– Dizem que vão me transformar numa mulher famosa – ela disse, rindo de repente e curvando-se na direção de BJ, pedindo mais uma dose de vinho.

– Como? – perguntou BJ, naquele quarto quente e que girava sem parar.

– Olha só – ela disse, pulando para fora da cama. – Eu vou te mostrar, mas você tem que prometer que não vai rir.

Ela se agachou ao lado da cama procurando algo nas suas sacolas até encontrar o que queria.

– Promete?

– Prometo.

Ela entregou uma foto a BJ.

BJ pegou a foto e sentou-se na cama:

Clare com os olhos e as pernas abertos, seus dedos tocavam a própria boceta.

– Que tal?

– Não parece você – disse BJ, pensando nas fotos que tinham tirado de BJ.

Fotos de BJ e Bill.

– Não diga isso – ela respondeu. – Não diga isso.

Era véspera de Natal e eu cambaleava subindo a colina, sacolas nas mãos. Sacolas de plástico, sacolas de supermercado, sacolas do Tesco. Um trem passou e eu lati. De pé no meio da rua, eu lati para um trem. Eu era um completo fracasso de ser humano vestido com um casaco três quartos verde-claro com um colarinho que imitava pele, um suéter azul-turquesa com um top *amarelo brilhante por cima e calça marrom-escura e botas de camurça marrom até a batata da perna. Virei à esquerda e vi seis garagens vazias logo acima, cada uma delas pichada com tinta branca. Suas portas tinham restos de tinta verde. A última porta batia ao sabor do vento, sob a chuva. Segurei a porta aberta e entrei. Era um espaço pequeno, cerca de quatro metros quadrados, com cheiro doce de sabão cítrico e preservativo. Engradados faziam o papel de mesas. Havia pilhas de madeira e lixo. Em vários cantos, garrafas. Uma jaqueta masculina servia de cortina sobre a janela, a única, uma janela que olhava para*

o nada. Uma fogueira fora acesa por ali, deixando cinzas, restos de roupas. Na parede oposta à porta estava escrito “Viúva do pescador” *com tinta vermelha fresca. Ouvi a porta se abrindo atrás de mim, me virei e…*

Gritava, Clare gritava sem parar.

Gritos horríveis, terríveis, miseráveis.

– Acorda! Acorda! – BJ repetia, repetia e repetia.

Gritos horríveis, terríveis, miseráveis.

Seus olhos estavam brancos e arregalados no escuro. Ela rasgou a própria blusa e puxou o sutiã para cima. Três palavras tinham sido escritas com sangue no seu peito:

PARTE 2

“Loucura é pensar em várias coisas em sucessão muito rápida… ou então numa única coisa exclusivamente.”
VOLTAIRE

13

Era novamente 1969.

Julho de 1969.

Em todo o Reino Unido, olhavam para o sol, esperando pela lua.

Ann Jones, Biafra, o discurso "Rivers of Blood",

Brian Jones, o Free Wales, as greves nas docas,

Marianne Faithfull e Harvey Smith,

Ulster.

Mas não havia nenhuma novidade, ó céus.

Memorando de Maurice:

Jeanette Garland, oito anos, desaparecida em Castleford.

Era domingo.

Domingo, 13 de julho de 1969.

Leeds.

Brotherton House, Leeds.

Um batalhão de homens de terno foi mobilizado por conta de uma menina desaparecida havia apenas um dia. A cidade de Leeds fazia um grande favor aos seus compadres de condado:

Culpa de Brady, culpa de Hindley.

Culpa de Strafford e Cannock Chase.

Walter Heywood, *Texugo* Bill Molloy, Dick Alderman, Jim Prentice e eu:

Maurice Jobson, o detetive inspetor Maurice Jobson.

Sem se esquecer de Georgie Boy:

George Oldman, o babaca do condado em pessoa.

Vários ternos azuis, muita politicagem, tudo uma merda.

Georgie Boy estava ficando gordo e vermelho, cheio e inchado a ponto de explodir.

Ninguém ouvia, todos prestavam atenção ao rádio na porta ao lado.

Do outro lado da cidade, em Headingley, a Inglaterra jogava contra o Caribe e tentava recuperar o prestígio após ter perdido o batedor Boycott para Sobers.

– Coletiva de imprensa amanhã – disse George, tossindo.

Ninguém além de mim o ouviu.

– A repercussão está grande na televisão. Vamos encontrá-la.

– Não se o pessoal do General Post Office, seguir em frente – eu disse.

– O quê?

– Vem aí uma grande greve, certo? – disse o Texugo, fazendo que sim.

– Maravilha – suspirou George. – Que maravilha.

Estava estampado no seu rosto, um rosto gordo e vermelho, escrito em letras grandes:

Área particular:

NADA DE ASSASSINATOS DOS MOORS POR AQUI.

O carro saiu para Castleford.

Ninguém falava nada, nenhuma maldita palavra.

Só o críquete no rádio, o céu estava ficando nublado.

Iluminação ruim.

Brunt Street, Castleford.

De pé na calçada em frente à casa, George fazendo que sim para o homem uniformizado.

Entrando pela porta vermelha.

George com as apresentações:

– Senhor e senhora Garland, este é o detetive superintendente Molloy e este o detetive inspetor Jobson.

Acenamos com a cabeça para o pequeno homem com dois cigarros acesos e para a esposa loira com dez unhas roídas. O homem magro e sua esposa loira se sentaram atrás da porta vermelha e das cortinas fechadas ao meio-dia.

Arrasados antes, mais arrasados naquele momento.

A senhora Garland foi até a janela e deu uma olhada entre as cortinas.

Era 1969, o segundo dia.

De volta à calçada, olhando para o outro lado da rua, para os esqueletos de casas por terminar, para uma lona voando ao vento, observando as silhuetas escuras

que subiam as colinas passando pelos espaços vazios e com seus grandes bastões nas mãos e olhares baixos, para os silenciosos cães policiais chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, a ambulância branca estacionada no fim da rua, esperando.

Cigarros acesos, George assoando o nariz.

– E agora? – perguntou Bill.

– Vamos novamente aos vizinhos? – propôs George. – Chegou a hora de sujar as mãos.

Dei de ombros, totalmente cansado.

Bill sorriu para a rua, para a fila de casas ainda por terminar, e disse:

– Vou pelo outro lado.

– Alguém precisa investigar isso – eu disse, apontando para uma placa.

Para uma placa que dizia:

Foster's Construction.

– Sempre tão alegre, ela sempre foi tão alegre. Sempre sorridente. Isso é terrível. Em plena luz do dia. Tem tanta gente estranha hoje em dia. Não estamos seguros nem na nossa própria casa, certo? Aposto que vocês conhecem todos os tipos. Quero dizer, é o que acontece com os mongoloides… Sempre felizes… Ela nunca foi vista sem um sorriso estampado no rosto. Não posso dizer que invejo o pai e a mãe dela. Não deve ser fácil para eles. Têm de ficar o tempo todo de olho, certo? É chocante mesmo. Aceita mais uma xícara? Mas eles são tão felizes. Acho que não conhecem nada melhor, não é? São sortudos por isso. Deve ser legal estar sempre sorrindo. Aposto que você adoraria dizer a mesma coisa, certo? Isso nos faz pensar no que este mundo está se tornando. Ela simplesmente desceu a rua para comprar doces, disseram aqui ao lado. Em plena luz do dia. Terrível. Mas vocês acham que vão encontrá-la, certo? Vocês acham que ela está bem, certo?

– Terrível – disse o senhor Dixon, o homem da loja da esquina. – Abrimos às três, faça chuva ou faça sol, e tem sempre uma fila deles por aqui, e Jeanette

estava sempre entre eles, fizesse chuva ou sol. O senhor precisava ver como administrava o dinheiro que tinha, sendo quem era.

– Mas ontem ela não veio, foi o que o senhor disse?

– Não – ele respondeu. – Ontem não.

– E as outras crianças? Como se comportavam com ela, sendo como era? – perguntei.

– Eram muito gentis. Jeanette mora nesta rua desde que nasceu – ele respondeu.

– E o senhor não viu ninguém nem nada suspeito ontem?

– Não.

– Nada fora do normal?

– Não acontece muita coisa por aqui, inspetor.

Fiz que sim.

– Ou pelo menos não acontecia.

Um conhecido se inclinou à janela do Jensen estacionado em frente da loja.

– Jack – eu disse.

Jack Whitehead, repórter policial do *Yorkshire Post*.

Ele me ofereceu o seu maço aberto de Everest e perguntou:

– Alguma novidade, Maurice?

Peguei um cigarro e fiz que não com a cabeça.

– Você é que deveria me dizer, você é o homem do jornal.

Jack acendeu o meu cigarro, depois o dele.

O suave vento da tarde de domingo balançava a ponta da capa de chuva de Jack, que passava os dedos entre os cabelos finos.

Ele não se barbeara e cheirava a uísque.

– Ficou acordado até tarde ontem à noite? – perguntei.

– Como todos – ele respondeu, sorrindo.

– Como vai a sua Carol? – perguntei, para que ele soubesse que eu sabia.

– Diga-me você – ele devolveu a pergunta, sem sorrir.

– Como poderia saber?

– Você é o policial, não é?

Olhei para o outro lado da rua, para os esqueletos de casas por terminar, para a lona voando ao vento, observei as silhuetas escuras que subiam as colinas

passando pelos espaços vazios e com seus grandes bastões nas mãos e olhares baixos, para os silenciosos cães policiais chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, a ambulância branca estacionada no final da rua, ainda esperando, e disse.

– É verdade. Infelizmente, sou eu o policial.

De volta ao interior do número 11 da Brunt Street.

George, Jack e eu.

O senhor e a senhora Garland.

Geoff Garland segurando o retrato de escola da menina, enxugando as lágrimas caídas sobre o vidro do porta-retrato com as mangas da camisa. Paula Garland abraçava o próprio corpo com os braços, mordendo o lábio superior.

– Não entendo – repetia Paula. – É como se ela tivesse evaporado.

Jack, com o caderno de anotações a postos, com calma, com calma.

Repetindo suas palavras:

– Evaporado.

– Mas ela não poderia simplesmente desaparecer, certo?

Atrás das cortinas, ouviu-se de repente o som de uma chuva de verão, o barulho de crianças correndo para casa, saindo do parque e do balanço, o barulho de giz no chão, bastões no muro.

O senhor e a senhora Garland olhavam para a porta vermelha, com suas bocas entreabertas e sentados na beirada de suas poltronas.

Seguiu-se o som de moedas caindo na calçada, e uma voz de criança gritando para os amigos que corriam na frente:

– Esperem! Esperem por nós!

Mas a porta continuou fechada, as cortinas também, e a menina deles não era vista em lugar nenhum. A chuva caía sobre os esqueletos das casas ainda em construção do outro lado da rua, sobre a lona voando ao vento, sobre as silhuetas escuras que subiam as colinas passando pelos espaços vazios e com seus grandes bastões nas mãos e olhares baixos, sobre os silenciosos cães policiais chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, sobre a ambulância branca estacionada no fim da rua, vazia e em silêncio, sobre a menina que nunca mais seria vista, fizesse chuva ou sol, e sobre a porta fechada e as cortinas que bloqueavam o sol ou se abriam à lua.

– Esperem!

… pela Menina Que Nunca Voltou Para Casa.

14

Ela caía de costas em enormes profundezas, longe dali, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, o som selvagem de uma mãe presa numa armadilha e forçada a ver a morte de sua filha mais nova, contorcendo-se e gritando e uivando, caída no chão de linóleo, nos quadrados brancos e cinza, nas marcas feitas por botas e marcas feitas por cadeiras, contorcendo-se e gritando e uivando sob as luzes fracas e amareladas que acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, sob o velho pôster alertando para o perigo de dirigir bêbado no Natal, contorcendo-se e gritando e uivando, sentindo o fedor de cachorros sujos e vegetais exageradamente cozidos, contorcendo-se e gritando e uivando enquanto você registrava seus nomes e seus números, contando-lhes tudo o que aconteceria com eles, toda a merda em que estavam metidos, o quanto realmente estavam fodidos, mas eles permaneciam sentados em silêncio, esperando a volta do policial de alta patente que levaria vocês dois lá para baixo, toda a delegacia em silêncio, exceto ela, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, um jovem policial nos fundos da sala balançava para a frente e para trás na cadeira, as mãos atrás da cabeça, mascando sonoramente um chiclete, até a hora em que você voou na direção deles, tentando agarrá-lo pelo pescoço, bater nele, mas seus companheiros policiais o impediram, dizendo tudo o que fariam com você, toda a merda em que você estava metido, o quanto você realmente estava fodido, e ela ficou novamente de pé, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, o som dos óculos dela sendo quebrados sob botas policiais, e então chegou o policial de alta patente, ele chegou para levá-los ao andar inferior, às celas, e no alto da escada vocês viraram e eles abriram a porta da sala 4, e lá estava ele, com as botas ainda girando enquanto lutavam para soltá-lo dali, o fedor de mijo impregnado, o corpo preso à grade de ventilação, um cinto segurando-o pelo pescoço, pendurado por uma jaqueta que dizia Saxon *e* Angelwitch *entre um par de asas de cisne, sua língua inchada e seus olhos arregalados, e continuavam tentando arrancá-lo dali, colocá-lo num buraco no chão e fazer com que desaparecesse, mas ele nunca desapareceria, não para ela, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, arrastando-se pelas paredes e degraus com suas unhas e seus joelhos, pelo fedor de cães exageradamente cozidos e vegetais sujos, enquanto as luzes*

fracas e amareladas acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, e o velho pôster promovia os prazeres de dirigir bêbado no Natal, os quadrados brancos e os cinza, as marcas feitas por botas e por cadeiras, o linóleo, e aqueles homens que andavam por aquelas escadas, aquele piso de linóleo, aqueles policiais em seus ternos e botas grandes tamanho quarenta e dois, e de repente tudo desapareceu; as paredes, as escadas, o fedor de cachorros sujos e de vegetais exageradamente cozidos, as luzes fracas e amarelas, o velho pôster avisando sobre o perigo de dirigir bêbado no Natal, os quadrados brancos e cinza, as marcas feitas por botas e as feitas por cadeiras, o linóleo e os policiais vestindo terno e botas novas, tudo desaparecia enquanto você caía de costas, de uma pequena cadeira de plástico, através de enormes profundezas do tempo, longe daquele lugar, daquele podre *e velho lugar de linóleo, e você ficou sozinho, aterrorizado e histérico e berrando, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando.*

Com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando nas entranhas da terra.

Contorcendo-se e gritando e uivando nas entranhas da terra.

Gritando e uivando nas entranhas da terra. Uivando nas entranhas da terra.

Nas entranhas da terra.

Entranhas da terra, enquanto eles te matavam.

Eles te matavam.

O Último Homem de Yorkshire.

Seus olhos abertos e você observando as rachaduras no teto, ouvindo passos no andar de cima, água fervendo e barulho de xícaras sendo quebradas, vozes se levantaram discutindo sobre onde fora parar o dinheiro, a chuva caía forte sobre as palavras.

Você deitado ali.

Odiando este país e todas as pessoas que aqui vivem.

Deitado ali.

Gordo, careca e cheio de buracos.

Os galhos batendo contra o vidro da janela.

Você saiu da cama e foi até a cozinha.

Oito horas.

Quinta-feira, 26 de maio de 1983.

Você colocou água para ferver e ligou o rádio.

"Healey acusa Thatcher de mentir sobre desemprego. Jenkins chama Thatcher de extremista e culpa a primeira-ministra pela divisão do país; relatos de suspeitas de corrupção policial em conexão com um roubo de 3,4 milhões de libras em prata em 1980, o caso será enviado ao procurador-geral; os danos à prisão de Albany alcançam 1 milhão de libras; donos de loterias terão de pagar aos que ganharam a aposta de que haveria dois dias seguidos sem chuva…"

Você abriu a geladeira e não encontrou nada.

Não havia leite, não havia pão.

Abriu o armário, nada.

Desligou a água e o rádio.

D-14.

No Parthenon, em Wood Street, Wakefield.

Café com leite com nata e pão de frutas secas jogado dentro.

Chuva e guarda-chuvas lá fora.

Jornais, o seu jornal, o jornal de todos.

Thatcher, Thatcher, Thatcher.

Que se fodam todos e que assistam de camarote à Roma deles pegando fogo.

Nenhuma maldita palavra sobre Jimmy Ashworth.

Nenhuma maldita palavra sobre Hazel Atkins.

Nenhuma.

Você olhou para o relógio.

Quase dez, quase na hora.

Na frente da casa, sob a chuva.

Os espaços desertos tão deprimentes quanto as casas e os edifícios entre eles.

Jimmy Young manda um beijo na bunda de Thatcher pelo rádio.

– *Wurzel Gummidge?* – repetiu Jimmy, zombando. – *Isso não é muito legal, certo?*

– Não, Jimmy, não é – você gritou, sozinho no carro. – E você também não é nada legal, seu velho idiota grosso e ganancioso. Mas nós não vamos nos

esquecer de você e das suas crueldades, nem mesmo quando estivermos próximo da sua casa, prontos para lhe dar uma de Mussolini.

Sozinho no carro, no caminho para ver outro Jimmy.

Um Jimmy muito diferente.

Jimmy Ashworth.

Sozinho no carro, a caminho do funeral de Jimmy Ashworth.

O funeral de um suicida.

O seu terceiro.

O segundo funeral em quinze dias.

O mesmo cheiro:

As flores que fedem a mijo, o fedor de suor.

Crematório de Wakefield, Kettlethorpe.

A chuva batia forte sobre as flores de açafrão, os narcisos eram decapitados, as pétalas grudavam nas solas dos seus sapatos, junto a pontas de cigarro e sacos de batatas fritas.

Você se sentou no fundo, sete outras pessoas se sentaram mais à frente:

A senhora Ashworth, seu marido e seu outro filho.

Dois meninos vestindo jaquetas jeans, duas meninas com os cabelos presos…

O vigário disse algumas palavras para a ocasião, e eles secaram as lágrimas. Depois o incineraram. Ao final, todos saíram para fumar um cigarro e ir ao banheiro, tomar uma cerveja e comer um sanduíche.

Havia três policiais nos fundos, ao lado da porta. Maurice Jobson era um deles.

Um novo Rover estacionado do lado de fora.

A janela aberta, o motorista olhando para si mesmo pelo retrovisor.

Um idiota metido admirando-se.

– Aceita uma carona, John? – perguntou Clive McGuinness.

– Não – você respondeu, acendendo um cigarro.

– Cinco minutos, John – ele disse. – É tudo o que peço.

– Mas você não tinha nem mesmo cinco minutos na segunda-feira à noite, certo?

– John – ele disse, suspirando. – Veja bem, eu sinto muito por isso.

Você atirou o cigarro na sarjeta, entre pétalas amarelas e sacos de batatas fritas.

Deu a volta por trás do Rover. Ele abriu a porta do passageiro. Você entrou. Ele se inclinou na sua direção para fechar a porta.

– Obrigado, John – disse McGuinness.

Você olhou para ele.

O idiota metido tinha a mesma aparência imaculada de sempre:

Vestido dos pés à cabeça de Austin Reed & Jaeger, cheirando a loção pós-barba.

O homem gordo vestindo C&A disse:

– Sou todo ouvidos, Clive.

– Vai haver um inquérito, John.

– Um inquérito policial interno, eu sei.

– Ele confessou, John.

– Que bobagem.

– Foi demais para ele, John.

– O quê? A tortura? As surras? O maldito advogado dele?

– A culpa, John. A culpa.

– Culpa do quê?

– John, John…

A porta de trás se abriu.

Você deu uma olhada pelo retrovisor:

Maurice Jobson entrou.

O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson.

O Coruja.

– Boa tarde, senhores – ele disse.

Você não se virou.

– Conhece o chefe superintendente, John?

Você fez que sim.

– Claro que me conhece – disse Jobson. – Eu trabalhei com o pai dele.

– O seu pai era policial? – perguntou McGuinness. – Eu não sabia, John.

– Era – você respondeu, abrindo a porta. – Até se suicidar.

Você não gostava do Inns, mas gostava de um drinque, então passou por trás da delegacia de Wood Street e entrou no Jockey.

Eram duas horas, então, teria apenas uma hora.

Não era suficiente, mas podia ser um início, algo para o resto da tarde. Depois

encontraria uma *happy hour* e ficaria inconsciente até as oito.

Você pegou a cerveja e uma dose de uísque, contornou a mesa de bilhar e foi para os fundos do *pub*.

Estudantes e *ciclistas*, Vardis tocando na *jukebox*:

Let's Go…

Você tomou o uísque, depois a cerveja.

Havia quatro pessoas do outro lado da mesa de bilhar. Elas o encaravam. Uma das meninas se levantou e caminhou na sua direção. Ela usava uma grande e dourada estrela de davi no peito, os cabelos penteados para trás, sua maquiagem pesada estava borrada.

– Fui namorada de Jimmy – ela disse.

– E eu quase fui advogado dele.

– Ele não se matou. Ele não se mataria.

Você fez que sim.

– Ele também não matou nenhuma menina. Ele não faria isso.

Você fez que sim novamente.

– Qual o seu nome?

– Tessa – ela respondeu.

Você estendeu a mão.

– John Piggott.

– Eu sei – ela disse, sorrindo e estendendo a mão para cumprimentá-lo.

– Aceita um drinque?

– Já tenho um.

– Quer outro?

– Se você insiste…

– De sidra e escura?

Ela fez que sim.

– Sente-se – você disse e levantou-se.

E atravessou o salão do *pub*, pediu as bebidas e voltou com elas.

Tessa não estava sentada à sua mesa e não voltara à mesa de onde viera.

Os dois caras e a outra menina continuavam olhando para você. Eles sorriam.

Você olhou para a porta do banheiro, depois olhou mais uma vez para os dois caras e a menina. Eles balançavam a cabeça. Riam.

Você foi até eles, ainda com as duas bebidas nas mãos.

Eles pararam de rir.

– Cadê Tessa?

Eles deram de ombros e ficaram brincando com seus colegas de copo.

Você ofereceu a bebida de Tessa à outra menina.

– Quer?

Ela ergueu os olhos e disse:

– Muito obrigada.

Você se sentou junto a eles.

– Vocês eram amigos de Jimmy, certo?

Todos fizeram que sim. Não sorriram, não riram.

Você pegou uma caneta e um pedaço de papel, escreveu o nome e o telefone. Deixou o papel sobre a mesa.

– Entreguem isso a Tessa.

– Por quê? – perguntou um dos meninos.

– Nunca se sabe quando precisaremos de um advogado, certo?

A menina olhou para os dois rapazes e pegou o papel.

Você tomou sua cerveja de um só gole, arrotou, depois colocou a caneca sobre a mesa. Pegou notas de duas libras, colocou-as ao lado da caneca vazia.

– Para que o dinheiro? – perguntou um dos rapazes.

– Tomem uma por minha conta – você respondeu, voltando ao outro salão do bar. Pediu uma saideira e depois foi embora.

Do lado de fora voltara a chover. Você entrou no restaurante chinês e comprou algo para levar. A conta foi baixa, pois certa vez defendera um dos empregados num caso de roubo.

Saiu e lá estava ela, agachada do outro lado da rua, em frente ao local de recrutamento militar, com a cabeça apoiada nos joelhos.

Você atravessou a rua e perguntou:

– Não está pensando em se alistar, está?

– O quê? – perguntou Tessa, erguendo os olhos.

– Está em busca de uma viagem grátis às Malvinas, certo? Quer ver o mundo?

– Para onde?

Você acenou em direção ao cartaz colado à janela.

– As Malvinas.

– Sai daqui – ela disse, tocando um dos seus bótons.

Você apontou para a entrada do Polish Joe’s e perguntou:

– Que tal um corte de cabelo?

– Vá se foder.

– Tudo bem. Até logo, então.
– Espera – ela disse de repente. – Para onde você vai?
– Para casa.
– Onde fica?
Você apontou para a rua além do pub College.
– Logo ali.
Ela olhou para as suas sacolas.
– O que tem aí dentro?
– Comida.
Ela sorriu.
– Quer um pouco? – você perguntou.
Ela fez que sim e estendeu a mão.
Você a puxou.
– E você tem erva? – ela perguntou.
– Devo ter.
– O que estamos esperando, então? – ela perguntou, sorrindo.
Vocês subiram a rua, passando pelo College e pela Grammar School.
– Aposto que frequentou aquele lugar ali – ela disse, sorrindo.
– Vá se foder.
– Onde estudou, então?
– Em Hemsworth, há muito tempo – você respondeu. – E você?
– No Thornes.
Vocês viraram na Blenheim Road e seguiram em frente. As grandes árvores os protegiam da chuva.
Estavam entrando no número 28 quando ela perguntou:
– Não foi aqui que aquela mulher foi assassinada? Aquela bruxa?
– Anos atrás.
– Está brincando?
Você ficou segurando a porta aberta e disse:
– Todos moramos em casas de pessoas mortas.
– Vá se foder – ela disse. – Qual era o apartamento dela?
– O meu.
– Você só pode estar brincando.
– Mas a decoração é nova.
Ela tremia e olhava para você, a água da chuva atravessava a calha.
– A escolha é sua – você disse, dando de ombros. – Faça como preferir.
Ela deu uma olhada na chuva do lado de fora e entrou.

– Espero que não esteja planejando um derramamento de sangue.
– Esse tipo de coisa acontece lá na sua rua.
– Vá se foder – ela repetiu, seguindo-o pelas escadas do edifício.
Você abriu a porta do apartamento. Você entrou na frente e acendeu as luzes.
– Entre.
Ela entrou na sala.
– Sente-se – você disse.
Ela se sentou no sofá.
– O que você quer beber?
– O que você vai beber?
– Uma cerveja para começar.
Ela fez que sim e disse:
– Poderia pingar um pouco de suco de limão?
Você foi à cozinha. Você abriu a geladeira. Não havia limão.
– Você tem um monte de discos, né? – ela gritou.
– Mas não tenho suco de limão.
– Não tem problema.
Você lavou os copos e pegou uma bandeja, onde colocou a comida chinesa. Dependurada no braço, carregava uma sacola com três latas de cerveja e disse:
– Volto já.
– Para onde você vai? – ela perguntou levantando-se.
– Para o andar de cima.
– Não vai me deixar aqui sozinha, certo?
– Serão apenas dois minutos. A menos que não queira um pouco de erva – você respondeu.
– Dois minutos?
– Escolhe um disco. É só ligar na tomada – você disse.
– Dois minutos…
– Dois minutos. Juro – você disse.

Você bateu duas vezes na porta de Stopper e Norm. Esperou, depois bateu novamente.
– Quem é? – sussurrou Norm.
Com dois dedos na frente do olho mágico, você respondeu:
– JP.

As três trancas foram abertas. Duas fechaduras abertas. A porta se abriu um pouco.

– Senha? – murmurou Norm pela fresta da porta.

– Vá se foder.

– Que dia é hoje?

– Vá se foder, Norm. Hoje é quinta-feira. Deixa eu entrar, anda – você murmurou.

Ele tirou a corrente da porta. Ele abriu a porta

– Obrigado – você disse.

Ele fechou as fechaduras. Ele trancou as trancas. Ele fechou a porta atrás de você.

Você ouviu os sons de Tomita na sala.

Stopper estava no sofá, assistindo à transmissão de jogos de bilhar.

– E aí, Peter? – você disse.

Ele colocou os óculos de sol sobre a cabeça e deu uma piscadela.

– Quanto você quer? – perguntou Norm.

Você colocou uma nota de dez e as latas sobre a mesa.

– Apenas oito gramas e um pouco de papel.

Norm pegou uma das latas e saiu da sala.

Você pegou as outras duas latas e ofereceu uma delas a Stopper.

– Obrigado – ele disse. – Vai sair hoje?

Você olhou para o relógio.

– Talvez. E você?

Ele fez que não com a cabeça e disse:

– Amanhã.

Norm voltou com um envelope.

– Obrigado – você disse.

– Está pensando em parar?

– Não posso. Nos vemos amanhã, certo?

– Certo – disse Norm.

– Até mais, Peter – você disse a Stopper.

– Até mais, John.

Você caminhou em direção à porta de entrada do apartamento.

Norm destravou as trancas, abriu as fechaduras, tirou a corrente e perguntou:

– Você está com uma mulher lá embaixo, certo?

– Por quê?

Ele pousou o dedo no seu ouvido e disse:

– Isso é forte, cara…
Você sorriu.
– Seu nojento – ele disse, dando uma piscadela.
– É só uma amiga.

Chateado e chapado, você dormiu na mesma cama completamente vestido, sonhando com o rei Herodes e crianças mortas, com João Batista e Salomé.

João e Salomé, as feridas de Cristo e a Lança Sagrada.

Adolf Hitler e Benito Mussolini, Jimmy Young e Jimmy Ashworth.

Com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando:

– *Hazel!*

Você despertou e a abraçou e a tocou.

A abraçou, a tocou e a comeu.

Você a comeu, de ressaca e com vontade.

E ela cravou as unhas nas suas costas:

– *Me mate!*

Sangue nos lençóis, sangue nas paredes.

Ela abriu os olhos, olhou bem dentro dos seus.

– Este lugar fede.

– Sinto muito.

– Fede a lembranças – ela murmurou. – A lembranças ruins.

15

Clare gritava.

– Ele veio até mim, todo confiante, presunçoso como um bom policial de alta patente e disse um maldito *Há quanto tempo, Clare.*

BJ ficou sem fala.

– Que idiota! Maldito idiota!

BJ encontrou uma palavra e perguntou:

– Onde?

– Na Pensão St Mary's.

– Merda.

– Ele estava todo confiante.

– Porra.

O quarto dela estava cheio de lixo, destroçado, suas roupas e maquiagem perdidas entre garrafas e latas, papéis e sacolas. O vento uivava pela pensão, no andar de cima e pelos corredores, passando por baixo das portas e entrando no quarto. A chuva forte batia contra a janela.

Isso era Preston, Lancashire.

– Como eles nos encontraram, BJ? Como eles conseguiram nos encontrar? – ela gritou.

BJ ergueu os olhos do chão e disse:

– Pelas crianças.

Clare gritava.

BJ tinha altos e baixos durante dias, Clare não parava de beber.

Estava bêbada e triste desde o dia em que chegara ali com BJ.

Há quase um ano.

Mas nunca estivera tão triste nem tão bêbada.

BJ estava arrasado, Clare estava arrasada.

Fodida.

BJ estava fodido, Clare estava fodida.

Fodida e localizada.

– O que vamos fazer?

– Fugir – disse BJ.

– Para quê? – ela perguntou, suspirando. – Eles vão nos encontrar.

– Não se a gente…

– Se o quê? Eles estão nos vigiando!

– O que vamos fazer, então? – gritou BJ. – Marcar um encontro com ele?

– É o que ele quer.

– Não fode – disse BJ, soluçando. – Isso é uma maldita armadilha.

– Não estou nem aí – ela gritou. – Não vou passar a minha vida inteira fugindo.

– Eles vão nos matar.

– Ótimo – ela murmurou.

BJ estava sob os lençóis. BJ escondia-se. BJ chorava.

Uma batida na porta.

BJ saiu das cobertas. Clare olhou para a porta.

– Clare? – chamou uma voz masculina. – Sou eu.

– Porra, é apenas o Roger – murmurou Clare. – Deixa ele entrar.

BJ saiu da cama. BJ abriu a porta. BJ deixou Roger entrar. BJ saiu para o corredor. BJ deitou-se numa cama fria, sob as cobertas. BJ ficou olhando as rachaduras no teto.

BJ pensou no que a sua mãe estaria fazendo naquele dia.

Aquele era o dia do décimo sétimo aniversário de BJ.

BJ começou a chorar novamente.

BJ caminhou até a outra ponta do corredor. Bateu à porta.

– Entre.

BJ entrou no quarto do Velho Walter.

Do lado de fora continuava chovendo. Do lado de dentro continuava frio.

Walter Kendall estava sentado à mesa, ao lado da única janela. Ele cortava algo de um jornal. Colocou o recorte em um velho caderno vermelho.

– Você está atrasado – ele disse, sorrindo.

– Sinto muito.

– Como vai a minha Clare? – ele perguntou, fechando o caderno.

– Ocupada.

Ele riu. Atravessou o diminuto quarto e sentou-se ao lado de BJ na cama.

Do lado de fora passou um trem. As janelas tremeram.

– Seus olhos estão vermelhos – ele disse, tomando uma das mãos de BJ. – O que aconteceu?

– Eles nos encontraram.

Ele soltou a mão de BJ. Virou o rosto de BJ em direção ao seu e disse:

– Como?

– Deve ter sido pelos filhos dela – respondeu BJ.

– Como?

– Quando vocês foram a Blackpool.

– Mas como?

BJ soltou suas mãos e respondeu:

– Se eles estavam observando as crianças em Glasgow, poderiam facilmente ter seguido Suzie quando os trouxe.

– Mas isso foi em agosto. Por que esperariam até agora?

– Como vou saber?

– O que vocês vão fazer?

– Clare quer se encontrar com eles.

– É?

– Sim.

– Você não pode deixá-la fazer isso – ele disse.

– Não posso detê-la.

– Eles vão matar Clare.

– Eu sei.

– Vão matar vocês dois – ele disse.

BJ fez que sim.

– E o que foi que ela disse?

– Que seria bom.

BJ estava deitado nos braços de Walter, a cabeça de BJ apoiada no peito dele, ouvindo o coração dele. BJ se lembrou de quando ele e sua mãe beberam uma garrafa inteira de *ginger ale* e comeram duas caixas grandes de chocolate por conta do aniversário de sete anos de BJ, e ficou imaginando se ela também se lembrava daquilo tudo, mas…

O mesmo quarto, sempre o mesmo quarto; cerveja de gengibre, pão velho, cinzas na lareira. Eu de branco, ficando preta a partir das unhas, arrastando uma mesa com tampo de mármore para bloquear a porta, quase caindo de exaustão, jogada numa cadeira com o encosto quebrado, girando sem qualquer sentido, as palavras na minha boca, as imagens na minha cabeça, nada fazia sentido, perdida no meu próprio quarto, como se tivesse caído de uma grande altura, quebrada, e ninguém conseguia me montar novamente, mensagens: ninguém recebia, decodificava ou traduzia.

– O que vamos fazer com o aluguel? – eu gritei.

Apenas mensagens do meu quarto, presa entre os vivos e os mortos, com a mesa de tampo de mármore atrás da porta. Mas não por muito tempo, isso não. Apenas um quarto e uma jovem vestida de branco, que começava a ficar preta a partir das unhas e com buracos na minha cabeça, apenas uma jovem, ouvindo passos no paralelepípedo do lado de fora.

Apenas uma jovem.

BJ acordou. BJ suava. BJ chorava.

Walter fora embora.

BJ andou pelo corredor. BJ abriu a porta dela.

Clare estava deitada na cama, nos braços de Walter. Seus olhos estavam fechados.

Walter acariciava os cabelos dela.

Os dois cobertos de suor. Os dois cobertos de lágrimas.

– O que aconteceu?

– Um pesadelo – murmurou Walter.

– O mesmo?

Walter fez que sim.

– Você viu?

Walter ergueu o suéter e o sutiã de Clare. Mais palavras escritas com sangue:

Ajude-me, estou no inferno.

Amanheceu.

Quinta-feira, 20 de novembro de 1975.

16

Atravessávamos as colinas pelo terceiro dia consecutivo, vestindo nossas capas pretas e com nossos grandes cassetetes e nossos cães farejadores chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, procurando a cena de um crime, atravessando as colinas pelo terceiro dia consecutivo, vestindo nossas capas pretas e com nossos grandes cassetetes até que o dia virou noite e voltamos às nossas esposas, Joan e Patricia, Judith e Margaret, às gargalhadas e aos telefones que tocavam nos quartos, às comidas sendo preparadas, servidas e degustadas, aos nossos filhos, Robert e Clare, Paul e Hazel, aos pés deles nas escadarias e ao barulho de bolas sendo lançadas contra um bastão ou um muro, de estampidos de tiros de festim e de balões sendo estourados, às nossas casas em Harrogate e Wetherby, Sandal e West Bretton, nossas casas seguras, distantes dos perigos e…

Aquilo.

Até o dia seguinte, quando voltamos às colinas pelo quarto dia consecutivo, vestindo nossas capas pretas e com nossos grandes cassetetes e nossos cães policiais chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, procurando a cena do crime, e a mesma coisa no dia seguinte, e no outro, atravessando as colinas, vestindo nossas capas pretas e carregando nossos cassetetes até os dias virarem noite, uma noite infinita, e até o momento em que já não tínhamos as esposas Joan ou Patricia, Judith ou Margaret, nem filhos chamados Robert ou Clare, Paul ou Hazel, apenas nossas capas pretas e nossos grandes cassetetes, nossos cães chamados Nigger e Shep, Ringo e Sambo, nossas casas em Harrogate e Wetherby, Sandal e West Bretton, nossas casas grandes, vazias e…

Cheias de nada, nada exceto…

Aquilo.

Brotherton House, Leeds.

Walter Heywood, George Oldman, Dick Alderman, Jim Prentice, Bill e eu.

– Vamos, George – disse Walter Heywood, o chefe de polícia, sorrindo. – Aquela maldita criança não poderia simplesmente evaporar, certo?

– Mas é o que parece – respondeu Oldman, segurando o jornal do dia.

Terça-feira, 15 de julho de 1969.

“Menina desaparecida, quarto dia, buscas por todos os lados.”

Por Jack Whitehead, repórter policial.

– Carros? – perguntou o chefe de polícia.

Oldman fez que sim e disse:

– Crestas, Farinas, Consuls, Corsairs, Zephyrs, Cambridges e Oxfords. Pode escolher o nome, o maldito espetáculo está armado.

– E agora? – perguntou o chefe.

– Vamos bater às portas novamente, vamos para as ruas.

Bill interrompeu Oldman e disse:

– Eu e Maurice vamos para Castleford para conversar novamente com os pedreiros, talvez com o próprio Don Foster.

Heywood fez que sim com a cabeça.

– Vá em frente, Bill – disse George Oldman.

Sol da manhã batendo no para-brisa.

Bill cochilando, eu dirigindo.

O rádio ligado:

Tropas entram em Derry.

Greve do General Post Office tira a televisão do ar.

Último dia do teste.

Na A639, passando por Woodlesford e Oulton, Methley e Allerton Bywater, seguindo o Aire de volta a Castleford.

O rádio ligado:

Elvis…

Lulu…

Cliff.

Entrando na cidade, policiais em suas viaturas, mulheres reunidas nas esquinas com seus lenços nas cabeças, crianças agarradas aos seus aventais, a ambulância no final da Brunt Street, ainda esperando.

Estacionei e despertei Bill:

– Chegamos.

Saímos do carro e acenamos com a cabeça para os homens uniformizados parados à entrada do número 11, as cortinas continuavam fechadas.

Bill acendeu um cigarro enquanto atravessávamos a rua em direção às casas ainda por terminar, a lona continuava balançando ao vento.

Atravessamos a rua em direção à placa que dizia:

Foster's Construction.

– Toc-toc – Bill disse, afastou a lona para o lado e entramos numa das casas que ainda não estavam prontas.

Dois homens pararam suas marteladas e nos olharam com a boca repleta de pregos.

– Sinto muito pelo incômodo, rapazes – desculpou-se Bill, sorrindo –, mas poderíamos trocar algumas palavras?

Os dois deixaram cair os pregos da boca e um deles, o mais velho, disse:

– Já demos nossas declarações ontem.

– Eu sei – respondeu Bill, fungando e encarando-os.

O homem mais velho olhou para o mais jovem e balançou a cabeça. Deram de ombros e se levantaram.

– Este é o detetive superintendente Molloy, e eu sou o detetive inspetor Jobson – eu disse.

Os homens fizeram que sim.

– Poderíamos nos sentar em algum lugar? – perguntei.

– Na porta ao lado – respondeu o mais jovem.

Seguimos os dois até a casa ao lado, entramos na cozinha semipronta. Nos sentamos em caixas de madeira, entre papéis de sanduíches e cantis, jornais e cigarros.

Peguei o meu caderno de anotações e a minha caneta:

– Só vocês dois estão trabalhando hoje?

Eles fizeram que sim.

– Isso é normal?

O mais jovem respondeu:

– Depende, mas o mestre de obras está doente.

– Vocês poderiam nos dizer os seus nomes, por favor? – perguntei.

– Terry Jones – disse o mais jovem.

– Michael Williams – disse o mais velho.

Bill acendeu outro cigarro e caminhou em direção ao que seria uma janela.

– Vocês dois estavam trabalhando no sábado, certo? – perguntei.

Eles fizeram que sim novamente.

Olhei para a parte da frente da casa e questionei:

– De onde vocês estavam trabalhando tinham uma ótima vista para o outro

lado da rua, não?

– Nós não trabalhamos no sábado – disse Michael Williams.

– Achei que tivessem dito que sim.

– Como dissemos aos seus companheiros ontem, estávamos em Ponty no sábado.

– Por quê?

– O mestre de obras pediu que fizéssemos consertos em algumas casas.

– Em Pontefract?

Os dois fizeram que sim.

– E isso é normal? – perguntei.

Jones olhou para Williams, que deu de ombros, e respondeu:

– Depende de quanto estamos ocupados.

– Então, quem trabalhou por aqui?

– Ninguém – respondeu Jones.

– E o mestre de obras? – perguntou Bill, ainda na janela.

– Estava doente, não veio – respondeu Jones.

Bill voltou sorrindo e perguntou:

– Esse cara não é um homem muito saudável, certo?

– Nunca tinha faltado até o sábado – respondeu Michael Williams.

Bill ficou de pé na frente de Williams e perguntou:

– Sério?

– Sério – ele confirmou, olhando para Jones.

Jones fazia que sim.

Os dois começavam a imaginar coisas.

– Espero que ele esteja bem – eu disse.

– Talvez seja a hora de fazermos uma visita a ele – disse Bill, dando uma piscadela. – Só para nos certificarmos que não é nada grave.

– Qual é o nome dele? – perguntei a Jones.

– De quem?

– Do mestre de obras – murmurou Williams para Jones.

– Obrigado – agradeci, olhando para Jones.

– George Marsh – ele respondeu.

– E onde ele pendura seu chapéu? – perguntei.

– O quê?

– Onde ele mora, Terry?

– O senhor Marsh?

– É.

– Em Netherton – respondeu Terry Jones, olhando para Williams, que repetiu:

– Sim, em Netherton.

Eu me levantei e agradeci:

– Obrigado, senhores.

Duas ligações depois e seguimos em direção a Normanton, tomando um atalho por Wakefield, aproximando-nos do número 16 da Maple Well Drive, em Netherton.

Bill estava irritado porque ninguém antes fora atrás desse tal Marsh, e xingou todo o mundo:

– O pessoal deste condado é um bando de idiotas.

Eu, com meus quatro olhos na rua, perguntei:

– Você ainda quer ver Don Foster depois?

Bill deu de ombros e respondeu:

– Antes, vamos ver o que esse homem nos diz.

Fiquei calado e estiquei a mão para pegar um formulário de atividades, mantendo uma das mãos no volante.

Estacionamos na frente de uma pequena van branca e de uma pequena casa marrom com um pequeno jardim verdejante e uma pequena bicicleta azul.

Era o número 16 da Maple Well Drive, em Netherton.

Toquei a campainha.

Bill olhou para a bicicleta.

– Isso vai ser uma perda de tempo.

Uma mulher de cabelos castanhos abriu a porta, usando luvas de lavar louça ainda molhadas e disse:

– Pois não?

– Senhora Marsh? – perguntei.

– Sim.

– Somos da polícia, querida. O seu marido, George, está?

A senhora Marsh olhou para mim, depois para Bill e novamente para mim. Ela balançou a cabeça e respondeu:

– Está no loteamento.

– Ele está se sentindo melhor? – perguntou Bill, como eu já imaginava que ele

faria.

Com os lábios franzidos, ela respondeu:

– Pegando um pouco de ar.

– Um homem inteligente… – disse Bill, sorrindo de orelha a orelha.

Com um sorriso gentil, perguntei:

– Para que lado ele foi, querida?

– No alto do campo – ela respondeu. – Lá para o final.

– Obrigado – eu disse, pronto para ir embora.

Mas Bill permaneceu parado e disse:

– A senhora se importaria de conversar um momento conosco?

A senhora Marsh abriu a porta.

– Melhor entrarem.

– Muito obrigado – disse Bill dando uma piscadela.

Seguimos a senhora Marsh até a sala. Nós nos sentamos no seu sofá imaculado. Estávamos de frente para a sua novíssima televisão.

– Em cores? – perguntei.

– Impossível… – respondeu a senhora Marsh, tirando as luvas das mãos. – Com o salário dele, impossível.

– E com o nosso… jamais compraríamos.

A senhora Marsh fez que não com a cabeça e disse:

– George não acredita em crediário ou qualquer outra coisa desse tipo.

– Um homem inteligente… – repetiu Bill, abrindo seu caderno de anotações.

A senhora Marsh se levantou perguntando:

– Desculpem-me. Aceitam uma xícara de chá?

Bill fez um gesto para que ela se sentasse.

– Obrigado, mas acho melhor começarmos.

A senhora Marsh voltou a se sentar. Colocou as luvas cor-de-rosa sobre os joelhos e entre suas mãos.

Bill ergueu os olhos do seu caderno e perguntou:

– A senhora sabe por que estamos aqui, certo?

– Por causa da menina desaparecida? Aquela menina de Castleford, não?

Bill fez que sim e esperou.

A senhora Marsh disse:

– George ficou em dúvida se deveria ou não ligar para vocês.

– Então o seu marido, George, viu alguma coisa, certo?

A senhora Marsh fez que não.

– George não viu nada, mas ele conhecia a menina.

– Sério?

– Ele a via, pois trabalha bem no outro lado da rua.

– Deve ter visto muitas crianças.

– É – ela disse, fazendo que sim –, mas ele se lembra dela pois era… Os senhores sabem…

Fiz que sim.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Bill.

– Com George? Gripe.

– Os pedreiros disseram que foi a primeira vez que George faltou ao trabalho.

A senhora Marsh pensou, franziu a testa e depois fez que sim.

– Quando começou a febre?

A senhora Marsh pensou novamente e depois disse:

– No domingo.

– Certo – disse Bill, fazendo que sim. – Exatamente como imaginavam os pedreiros.

– No domingo – ela repetiu, como se estivesse falando para si mesma.

– A senhora se lembra a que horas ele voltou do trabalho no sábado?

– Não – ela respondeu.

– E por que não se lembra?

– Levei as crianças para almoçar na casa da minha mãe no sábado – ela disse. – Mas George estava em casa quando voltamos na hora do chá.

– E a que horas é o chá?

– Às seis e meia.

Bill fechou o caderno de anotações e levantou-se.

– Terminaram? – perguntou a senhora Marsh.

– Terminamos – respondeu Bill.

A senhora Marsh se levantou e nos levou em direção à porta.

– Ele está lá nos fundos? – perguntei.

Ela fez que sim, com seus olhos castanhos tomados de preocupação.

Dor.

– Obrigado, senhora Marsh – agradeceu Bill.

A senhora Marsh fez que sim novamente.

Descemos em direção à pequena calçada, passando pela pequena bicicleta, deixando o pequeno jardim para trás.

A senhora Marsh nos observava.

Bill ficou de pé ao lado do carro. Ele pegou um maço de cigarros. Ele me ofereceu um. Ele depois pegou outro para si. Ele acendeu os dois cigarros.

A senhora Marsh fechou a porta da casa. Um minuto mais tarde vimos uma sombra atrás das cortinas da sala.

– O que você acha? – perguntei.

Olhando para a ponta de seu cigarro, Bill deu de ombros.

– Nada de novo – comentei.

– Poderia ser alguma coisa. Outra mulher, cavalos, alguma coisa.

Fiz que sim.

Outro carro parou por perto. Era um Morris Oxford grande e preto. Um homem saiu do veículo e colocou o chapéu na cabeça. Ele estava vestido de preto também.

Um padre.

Ele nos olhou. Tocou a aba do chapéu. Seguiu para o jardim do número 16. Tocou a campainha.

Bill levantou os olhos:

– Melhor nos certificarmos.

Abrimos o portão que dava para o terreno atrás das casas e seguimos pelo caminho aberto pelo trator em direção ao topo da colina. O céu estava azul e sem nuvens, o campo cheio de insetos e borboletas.

Bill tirou o paletó.

– Deveríamos ter trazido uma cesta de piquenique.

Olhei para os lados e para colina abaixo, vendo a pequena van branca próxima a dois carros estacionados em frente à pequena casa marrom e ao pequeno jardim verdejante, casa vizinha a várias outras pequenas casas marrons com pequenos jardins verdejantes.

Tirei os óculos e os limpei com o lenço. Voltei a colocá-los.

Eu podia ver a senhora Marsh na janela da cozinha da sua pequena casa. Ela nos observava.

Havia uma sombra atrás dela.

Virei-me.

Bill estava lá em cima. Ele gritou:

– Ande logo, Maurice.

Voltei a andar.

Um homem apareceu do último terreno, usando boné e vestindo uma regata, macacão azul e botas Wellington.

– Senhor Marsh? – perguntou Bill no momento em que os alcancei.

– Sim, sou eu – concordou George Marsh. – Quem deseja saber?

– O meu nome é Bill Molloy, e ele é Maurice Jobson, somos da polícia.

– Eu já imaginava – disse Marsh.

– Por quê? – perguntou Bill.

– Devem estar querendo saber sobre a menina desaparecida em Castleford, certo?

Bill fez que sim. Bill ficou esperando.

Marsh não disse nada.

Bill continuou esperando.

Marsh olhou para ele. Marsh continuou sem dizer nada.

– O que o senhor tem a dizer sobre ela? – perguntou Bill.

Marsh tirou o boné e limpou a testa com o antebraço. Depois voltou a colocar o boné e disse:

– Você que me diz.

– Não – disse Bill, o *Texugo* –, quero que o senhor me conte sobre Jeanette Garland.

– Contar o quê?

– O senhor trabalhava bem em frente à casa dela?

– Sim.

– E trabalhava há algum tempo?

– Sim.

– Deve ter visto essa menina algumas vezes.

– Indo e vindo, sim.

– E se lembra dela?

– Sim.

– Notou alguma coisa em especial?

– Sobre ela?

Bill fez que sim.

– Ela era lenta, tinha a cabeça devagar – ele disse, sorrindo. – Mas acho que o senhor, sendo policial, deve saber disso.

– Ela *era*? Por que o senhor disse que ela *era*? – perguntei.

– O quê?

– O senhor disse que *ela era lenta*. Fala como se ela estivesse morta, senhor Marsh.

– E não está?

Bill ergueu os olhos do chão duro.

– Não, a menos que o senhor saiba alguma coisa que não sabemos.

George Marsh balançou a cabeça.

– É uma maneira de falar, só isso.

Eu queria colocá-lo contra a parede, queria seguir em frente.

Mas Bill apenas perguntou:

– O senhor se lembra de algo mais sobre ela?

– Nada que me venha à cabeça.

– E quanto ao sábado?

– O que tem?

– Notou algo especial no sábado?

Marsh tirou o boné da cabeça e limpou a testa com o antebraço. Depois voltou a colocar o boné e disse:

– Eu não estava lá.

– Onde estava?

– Doente.

– Não foi isso o que a sua mulher nos contou.

– E o que ela sabe? – ele perguntou, dando de ombros.

– Que o senhor não estava onde diz ter estado – respondeu Bill, sorrindo.

– Vejam bem, rapazes – Marsh disse, sorrindo pela segunda vez. – Eu saí para trabalhar e comecei a me sentir muito mal, mas não queria que ela ficasse, nem fizesse estardalhaço. Então esperei que ela levasse as crianças para a casa da avó. Depois voltei para casa, tirei uma soneca decente e fiquei vendo um pouco de esporte na televisão. Mentir para a esposa não é nenhum crime, certo?

– Então o senhor foi trabalhar? – perguntou Bill, sem sorrir.

George tampouco sorria ao responder:

– Não.

– E poderia nos dizer onde estava exatamente quando resolveu voltar para casa?

George Marsh voltou a tirar o boné e limpou a testa com o antebraço. Depois voltou a colocar o boné. Dando de ombros, respondeu:

– Talvez no meio do caminho.

– Meio caminho para onde?

– Para o trabalho.

– Onde?

– Em Castleford.

– Castleford – repetiu Bill.

– É – disse Marsh. – Castleford.

Bill olhou para mim e disse:

– Acho que já perguntamos tudo, certo?

Fiz que sim.

Bill voltou a olhar para o senhor Marsh:

– Obrigado, senhor Marsh.

Marsh acenou com a cabeça e disse:

– Caso precisem de algo mais, já sabem onde estou.

– Sim – respondeu Bill, sorrindo. – No trabalho?

Marsh encarou Bill, depois fez que sim e respondeu:

– Exatamente.

Bill acenou para ele, depois se virou e começamos a descer a colina. Eu atrás dele.

No meio do caminho, Bill me pediu:

– Acene para a senhora Marsh, Maurice.

Nós dois acenamos para a mulher à janela da cozinha de sua pequena casa marrom, com seu pequeno jardim verdejante, vizinha a todas as outras casas marrons com pequenos jardins verdejantes. Apenas o nosso carro estava estacionado ao lado da van branca do casal. O carro do padre já tinha ido embora.

Ainda acenando para ela, eu disse a Bill:

– Ele está mentindo.

– É, está.

– E agora?

– Melhor ligarmos para o nosso George, certo?

17

Ela foi embora. Você vomitou. Você se vestiu. Vomitou novamente. Limpou os dentes. Trancou a porta. Forçou o vômito. Desceu as escadas. O estômago virou. Voltou a subir as escadas. Vomitou nas próprias mãos. Abriu a porta. Vomitou no chão. Cuspiu. E começou tudo novamente.

Era sexta-feira, 27 de maio de 1983.

D-13.

Uma troca de roupa, uma troca de coração.

Número 54 da Newstead View, em Fitzwilliam.

Se divertindo muito.

O tapete estampado e a mobília variada, o cheiro de perfume de ambiente e da lareira acesa; as fotografias e pinturas, as fotografias e pinturas de homens que não estavam lá.

Mais acima na mesma rua, no número 69, outro homem desaparecido, um jovem:

Jimmy Ashworth.

Não estava lá.

O relógio fazia barulho, a água fervia.

A senhora Myshkin voltou com duas xícaras de chá e pousou uma bandeja na mesinha de centro.

– Três cubos de açúcar? – ela perguntou.

– Sim, obrigado.

– Sinto muito sobre isso, mas, quando começo, não consigo parar – ela disse.

Você murmurou uma bobagem sem sentido.

– Aquele pobre menino – repetiu a senhora Myshkin. – Sua pobre, pobre mãe.

Você murmurou novamente alguma bobagem sem sentido, depois tomou um gole do chá.

– Fico feliz que o senhor tenha mudado de ideia – ela disse. – A minha irmã disse que mudaria.

Ela se sentou novamente no sofá. Você suava, queimava, derretia.

– Eu…

– Senhor Piggott, faça o que puder por ele. Será suficiente. Faça o melhor possível. Eu sei que o senhor fará – ela disse.

Você estava a ponto de dizer alguma bobagem sem sentido quando…

Com o canto do olho, viu algo, viu algo chegando.

Se aproximando.

Com força contra a janela:

BUM!

A senhora Myshkin ficou de pé.

As mãos sobre a boca, balançando a cabeça.

E você ouviu, uma e outra vez.

Contorcendo-se e gritando e uivando.

Ouviu do lado de fora, uma e outra vez:

– A culpa é toda sua! Sua maldita puta!

E ficou de pé, aproximando-se da janela.

– Sua maldita puta! A puta polonesa e seu filho pervertido!

Você encarou tudo aquilo, viu que chegava de novo.

Se aproximando…

Você se abaixou.

CRASH!

Cacos de vidro por todos os lados, um tijolo bem ao lado dos seus pés.

No hall de entrada, você abriu a porta.

Abriu a porta e lá estava ela:

A senhora Ashworth de pé na entrada da casa da senhora Myshkin, com uma sacola plástica da Hillards cheia de tijolos numa das mãos, meio tijolo quebrado na outra.

Você caminhou na direção dela dizendo:

– Abaixe isso, querida.

– Ele nunca teve problema até encontrar o seu maldito filho idiota. Aquele pequeno pervertido sujo. Ele é que deveria ter sido enforcado. Aquele maldito.

– Por favor, abaixe isso – você repetiu.

Com a metade de um tijolo nas mãos e a boca branca de saliva, a senhora Ashworth voltou a gritar:

– Sua puta! Você matou meu filho. Você matou o meu Jimmy!

Você estava muito perto dela, que já podia te ver.

– E você! – ela gritou. – Você foi um inútil!

Você tentou se aproximar e agarrar o braço dela, que já estava no ar.

Ela atirou o tijolo.

– Você não sabe qual é a sensação, certo? Vou pedir a Deus que te mostre como é.

Mais uma vez ouviu-se um barulho de vidro quebrado, barulho de soluços vindos da porta.

– Por favor, Mary, não…

– Não me chame de Mary, sua maldita puta polonesa – gritou a senhora Ashworth, tentando enfiar a mão novamente no seu saco plástico, tentando pegar uma pedra ou um pedaço de tijolo.

Mas você tinha agarrado o braço dela, tentava falar com ela, tentava acalmá-la.

– Senhora Ashworth, vamos entrar e nos sentar.

– Seu gordo maldito e inútil, onde você estava quando eu precisei de você? Eu te vi sentado naquele carrão do maldito McGuinness, sabia? Mas pelo menos o senhor McGuinness teve a honra de não entrar. Bem diferente de você, seu gordo.

– Mary! – alguém gritou.

Ela parou.

– Mary!

Ela ficou calada ao ouvir uma voz vindo de trás. Parou e deixou cair a sacola de tijolos no chão.

O senhor Ashworth se aproximava.

– Sinto muito, mas não notei que ela havia saído de casa. O médico disse que devemos tentar ser pacientes por enquanto. Foi um grande choque.

Você fazia que sim, olhando para o senhor Ashworth e para a senhora Myshkin, que estava na porta de casa. E ele olhava para o vidro quebrado da janela ao lado direito dela, para os vizinhos que fofocavam com os braços cruzados e testa franzida.

No entanto, o senhor Ashworth não disse nada à senhora Myshkin, apenas guiou sua esposa, segurando-a pelos ombros, de volta para o número 69 e sem dizer nada à senhora Myshkin, que continuava de pé na porta da sua casa com uma janela quebrada à sua direita, nem aos vizinhos de braços cruzados que conversavam sobre a perturbação.

Apenas sua esposa disse algumas palavras.

Ela se virou para um derradeiro ataque antes de tomar as pílulas. Antes de ir para a cama.

– Puta! Maldita puta polonesa!

Você voltou à porta da casa, pousou um dos braços nos ombros da senhora Myshkin e levou-a de volta para dentro.

Os vizinhos permaneceram enfileirados balançando a cabeça.

Você fechou a porta. Pegou uma vassoura e uma pá debaixo da escada. Varreu os cacos de vidro do chão enquanto a senhora Myshkin tirava a sujeira das fotografias e das pinturas dos homens que já não estavam ali.

Mais acima na mesma rua, no número 69, outro homem havia desaparecido, um jovem:

Jimmy Ashworth.

Não estava lá.

– Esse tipo de coisa acontecia o tempo todo – disse a senhora Myshkin com um caco de vidro na mão e sangue escorrendo pelo pulso. – Você deveria ter visto como isto ficou após a primeira vez que ele foi preso.

– A minha mãe me contou – você disse.

De carro, você procurava uma loja de material de construção ou algo parecido. Por fim, encontrou uma em Featherstone e comprou papelão, do mesmo tipo de que eram feitos os seus trenzinhos e os de Peter. Depois voltou a Fitzwilliam e prendeu o papelão na janela com o vidro quebrado. A senhora Myshkin disse que no dia seguinte providenciaria o conserto.

Você não aceitou o convite para comer torradas com feijão, disse que ligaria assim que tivesse novidades e foi embora, deixando-a na sala escura com as placas de papelão sobre a janela, sozinha com suas fotografias e pinturas, suas fotografias e pinturas de homens que já não estavam lá.

Deixou-a como deixara sua mãe, sozinha na escuridão de uma sala com papelão sobre a janela e uma suástica na porta, sozinha com as fotografias do seu pai, as fotografias dos filhos dela, dos homens que não estavam lá.

Ficou parado no portão e olhou para a Newstead View, para o número 69, onde outro homem desaparecera, um jovem:

Jimmy Ashworth.

Outro jovem.

Não estava lá.

Sexta-feira, 27 de maio de 1983.

Fitzwilliam.

Yorkshire.

O rádio, no caminho de volta para Wakefield, tocava uma música sobre fantasmas. Você adoraria que não estivessem tocando aquilo enquanto passava por sua velha casa e pelo Redbeck Café & Motel, ambas as construções lacradas. Você voltou a sentir medo.

Como se, de repente, tivesse algo a perder.

Para que eles recuperassem.

Você estacionou na porta de uma loja de conveniência em Northgate. Desligou o rádio. Entrou. O velho paquistanês da loja, com sua barba branca, estava de pé atrás do balcão com sua jovem filha. Ele vestia uma túnica branca, ela vestia uma verde. Eles não disseram nada. Você comprou vodca e laranjas frescas, cerveja e cigarros, papel de carta e envelopes, cadernos de anotações e canetas.

As suas provisões.

Para o cerco que estava por vir.

Você deixou as sacolas de compras no banco do passageiro. Trancou as portas. Subiu a rua em direção à Blenheim. Estacionou na garagem. Saiu do carro. Fechou as portas. Entrou no prédio. Subiu as escadas. Deixou-se entrar. Trancou a fechadura dupla da porta. Fechou todas as janelas. Checou todos os quartos. Acendeu as luzes. Você estava com medo.

Tinha algo a perder.

Algo que eles queriam.

Desligou as luzes.

Você não conseguiu dormir, então voltou a beber. Bebeu, bebeu e bebeu de novo. Bebeu até vomitar de novo. Vomitar e perder a consciência. Perder a consciência e depois acordar no chão da sala.

Ainda era de noite. A televisão continuava ligada.

A primeira página de um velho *Yorkshire Post* estava estampada na tela:

Desaparecida.

As cores e a luz da tela iluminavam a fotografia do rosto dela. Os buracos nos olhos. O buraco na boca. As cores e a luz da tela faziam com que ela se movesse. Faziam com que vivesse:

Hazel.

Você sentiu ânsia de vômito. Correu para dentro. Vomitou nas próprias mãos. Abriu a porta do banheiro. Vomitou no chão. Vomitou. Abriu a torneira. Lavou as mãos. Limpou os dentes. Olhou-se no espelho.

Com batom, estava escrito:
D-13.
Os galhos da árvore batiam contra o vidro da janela.

18

Quinta-feira, 20 de novembro de 1975.
Perdido e depois encontrado.
Preston, Lancashire.
Eles querem dizer assassinato.

Bateram e bateram e bateram à porta.
– Quem é?
– Sou eu, Walter.
– Agora não.
– Deixe-me entrar.
BJ se levantou, com a cabeça pulsando e pulsando e pulsando.
BJ abriu a porta.
– O que foi?
– Clare – disse Walter.
– O quê?
– Acho que ela foi se encontrar com ele.
– O quê?
– Ela não está no quarto.
– E daí?
– Pela forma como ela falava ontem à noite…
– O quê?
– *Vão me encontrar e me matar hoje,* foi o que ela disse.
Vestindo calça e blusa, ele gritava:
– Quando?
– Esta tarde.
– Por que você não me disse nada antes?
– Você não estava aqui, certo?
– Merda.
– Onde você estava?
– Vá se foder – gritou BJ, passando por ele.
Para fora.

St Mary’s, Preston.

Uma igreja no inferno.

No interior do salão, um pesado papel de parede aveludado com desenho de flores, assentos de corino e mesas de fórmica, batom nos copos e batom nos cigarros.

Na sala ao lado, uma mulher grandalhona detonava “*Superstar”*.

– Cadê a Clare?

– Acabou de ir embora, meu querido.

– Para onde ela foi?

– Negócios.

– Foda.

– Se quiser.

De volta ao lado de fora na noite escura, sob a pesada chuva.

Descendo a colina.

Descendo através da cidade.

Descendo em direção à casa de Roger Kennedy.

Batendo e batendo e batendo à porta dele.

Até a esposa atender com um filho nos braços:

– Quem é?

– Posso falar com Roger?

– Não, ele…

– Cadê ele?

– Continua no trabalho.

– Na pensão?

Ela fez que sim, confusa.

Na noite escura, sob a pesada chuva.

Subindo através da cidade.

Subindo a colina.

Seguindo em direção à St Mary’s, a pensão.

Batendo e batendo e batendo à porta da recepção, com luzes fluorescentes acendendo e apagando.

Mas não era Roger, era Dave Roberts.

– Quem é?

– Você viu o Roger?

– Ele foi para casa.

– Não foi o que a esposa dele disse.

– O quê? – perguntou Dave Roberts, franzindo a testa.

– Acabo de vir da casa dele.

– Por quê?

– Não encontro Clare.

– E daí?

– Estou preocupado com ela.

– Mas o que isso tem a ver com Roger?

– Será que você não vê?

Dave sacudiu a cabeça várias vezes e disse:

– BJ…

– Vá se foder – disse BJ, antes que ele pudesse continuar a falar.

– Me escuta…

Mas BJ voltou a subir as escadas, deu uma olhada no quarto de Clare e depois no seu.

Nada, ninguém.

BJ andou pelo corredor, bateu à porta de Walter:

Nada, ninguém, mas a porta estava aberta.

BJ entrou. BJ deu uma olhada no quarto.

Na mesa à janela estava o velho caderno vermelho.

BJ se aproximou. BJ abriu o caderno.

Recortes sobre Michael Myshkin, recortes sobre prostitutas assassinadas.

BJ fechou o caderno. BJ virou-se para sair.

Mas lá estava ele, parado à porta.

– O que você está fazendo? – ele perguntou, saindo das sombras.

– Procurando Clare – gaguejou BJ.

– Num velho caderno escolar vermelho?

BJ olhou para o tapete marrom.

– E a encontrou?

– Não – respondeu BJ levantando os olhos.

– O que está esperando, então? – ele gritou. – Não temos muito tempo.

– Vá se foder – disse BJ.

Empurrou para o lado o velho desprezível, voltando ao seu quarto.

Meteu roupas numa sacola.

Foi ao quarto dela e fez a mesma coisa.

Desceu as escadas e saiu pela porta da pensão.

Na noite escura, sob a pesada chuva.

Subindo a colina.

Voltando à St Mary's.

Uma igreja no inferno novamente.

De volta ao salão, ao pesado papel de parede aveludado com desenho de flores, aos assentos de corino e às mesas de fórmica, ao batom nos copos e nos cigarros.

A mulher grandalhona do salão ao lado agora detonava "*We've Only Just Begun*".

– Clare voltou?

– Ainda não, meu querido.

– Poderia avisar que BJ está procurando por ela? Diga que estarei esperando na rodoviária.

– Se quiser.

Um último lugar.

O último lugar na Terra.

Virando à esquerda na Frenchwood Street, próximo à Church Street.

Seis garagens estreitas logo acima, todas repletas de pichação, as portas com restos de tinta verde.

Tinta do mal.

A última porta balançando ao vento, chuva.

A última porta.

BJ abriu a porta e entrou.

Era um espaço pequeno, com cerca de quatro metros quadrados, com cheiro doce de sabão cítrico, de sidra, de preservativo.

Um cheiro do mal, um Reino do Mal.

Engradados faziam o papel de mesas. Havia pilhas de madeira e lixo.

Jornais velhos, roupas velhas.

Roupas do mal, um Reino do Velho Mal.

Em vários cantos, garrafas; garrafas de vinho, de destilados, de cerveja, de produtos químicos, todas vazias.

O mal.

Uma jaqueta masculina servia de cortina sobre a janela, a única, uma janela que olhava para o nada.

Nada além do mal, um Reino do Mal.

Uma fogueira fora acesa, deixando cinzas, restos de roupa.

Na parede oposta à porta estava escrito "Viúva do pescador" com tinta vermelha.

BJ tocou a parede. A tinta estava fresca.

Vermelha e fresca.

A porta se abriu atrás dele. BJ se virou.

– SAL! – gritou um homem, um homem nojento que vestia trapos pretos.

– Para conservar a carne.

BJ empurrou o homem de lado e saiu. Saiu para a rua, onde teve de se esquivar de um carro e sua buzina.

– SAL!

Na noite mais escura, sob a mais pesada chuva.

Descendo a colina.

Voltando a St Mary's.

Inferno.

De volta ao salão, ao pesado papel de parede aveludado com desenho de flores, aos assentos de corino e às mesas de fórmica, ao batom nos copos e nos cigarros.

A mulher grandalhona estava em silêncio, o salão ao lado parecia vazio.

– Ela acabou de ir embora novamente, meu querido.

– Merda. Você disse que BJ está atrás dela?

Ela fez que sim.

– Mencionou a rodoviária?

Ela fez que sim novamente.

– Foda.

– Se quiser.

Rodoviária.

Quase meia-noite.

Ninguém.

BJ sentado. BJ esperou.

Ela estava atrasada.

Era meia-noite.

Era tarde.

Quinta-feira, 20 de novembro de 1975.

Tarde demais.

19

Velhos tempos.

Noite escura.

Dia 5.

Uma da manhã.

Quarta-feira, 16 de julho de 1969.

Yorkshire.

Leeds.

Delegacia de polícia de Brotherton House.

O Porão.

Sala 4, sempre a sala 4.

George Marsh, 43 anos, vestindo camisa e calça cinza entregues pela polícia.

George Marsh, sentado na sua cadeira com as costas eretas, à nossa mesa.

George Marsh, mestre de obras no canteiro da Foster's que ficava bem em frente ao número 13 da Brunt Street, em Castleford.

O número 13 da Brunt Street, a casa de Jeanette Garland.

Jeanette Garland, oito anos, desaparecida desde sábado, 12 de julho de 1969.

Perguntei a George Marsh:

– Pela milésima vez, George, o que você estava fazendo no sábado?

E também pela milésima vez ele me respondeu:

– Nada.

Velhos tempos.

Longa noite escura.

Dia 5.

Três da manhã.

Quarta-feira, 16 de julho de 1969.

Yorkshire.

Leeds.

Delegacia de polícia de Brotherton House.

O Porão.

Sala 4, sempre a sala 4.

Abrimos a porta e entramos.

Bill Molloy e eu.

Ele com uma larga mecha de cabelos grisalhos, eu com minhas lentes grossas e armação preta.

O Texugo e o Coruja.

E ele:

George Marsh, 43 anos, vestindo camiseta e calça cinza entregues pela polícia.

George Marsh, sentado na sua cadeira com as costas eretas, à nossa mesa.

George Marsh, mestre de obras no canteiro da Foster's que ficava bem em frente ao número 13 da Brunt Street, em Castleford.

O número 13 da Brunt Street, a casa de Jeanette Garland.

Jeanette Garland, oito anos, desaparecida desde sábado, 12 de julho de 1969.

– Deixe a palma das suas mãos abertas sobre a mesa – eu disse.

George Marsh colocou a palma de suas mãos abertas sobre a mesa.

Eu me sentei próximo a ele. Peguei uma algema do bolso de minha jaqueta. Entreguei-as a Bill.

Bill caminhou pela sala. Bill brincou com as algemas. Bill se sentou em frente de Marsh. Bill segurou a algema com os dedos da mão direita. Silêncio.

Sala 4 em silêncio, o Porão em silêncio.

A delegacia em silêncio, a Headrow em silêncio.

Leeds dormindo, Yorkshire dormindo.

Bill deu um salto. Bill bateu sua mão com a algema contra a mão direita de Marsh.

Marsh gritou.

Gritou.

Mas não muito, não mesmo.

– Coloque suas mãos sobre a mesa de novo – eu disse.

Marsh as colocou de volta sobre a mesa.

– Abertas.

Ele abriu as mãos.

– Seu nojento – disse Bill.

– Você deveria ver a sua cara – eu disse.

Nós dois sorríamos para ele.

Ele não sorria, simplesmente olhava para a frente.

Eu me levantei. Caminhei até a porta. Abri a porta. Saí ao corredor.

Voltei com um cobertor.

Coloquei o cobertor sobre os ombros de Marsh e disse:

– Tome, colega.

E me sentei. Peguei um maço de Everest no bolso de minha jaqueta. Ofereci um cigarro a Bill.

Ele pegou um isqueiro. Acendeu os dois cigarros.

Sopramos a fumaça na direção de Marsh.

As mãos dele estavam abertas sobre a mesa.

Bill inclinou o corpo para a frente. Bill balançou o cigarro sobre a mão direita de Marsh. Rolou o cigarro entre dois dedos, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Marsh não se movia. Marsh em silêncio.

A sala 4 em silêncio, o Porão em silêncio.

A delegacia em silêncio, a Headrow em silêncio.

Bill inclinou-se para a frente. Bill agarrou o pulso direito de Marsh. Bill pressionou a mão direita de Marsh contra a mesa. Bill cravou o cigarro na mão direita de Marsh.

Marsh gritou.

Gritou.

Mas não muito, não mesmo.

– Coloque suas mãos abertas – eu disse.

Marsh colocou suas mãos abertas sobre a mesa.

A sala fedia a carne queimada.

A carne dele.

– Mais uma vez? – perguntei.

– Você se importa? – perguntou Bill, pegando outro cigarro Everest no maço. Ele acendeu o cigarro. Encarou Marsh. Inclinou o corpo para a frente. Começou a balançar o cigarro sobre a mão de Marsh.

Marsh olhava fixamente para a frente.

Silêncio.

A sala 4 em silêncio, o Porão em silêncio.

A delegacia em silêncio, a Headrow em silêncio.

Bill e eu nos levantamos.

– Levante – eu disse.

Marsh se levantou.

– Fique olhando para a frente.

Marsh olhou para a frente, com olhos mortos.

– Não se mexa.

Eu e Bill colocamos as três cadeiras e a mesa num canto da sala. Abri a porta.

Saímos para o corredor. Fechei a porta. Pelo olho mágico, observei Marsh. Ele estava em pé no centro da sala, olhando para a frente, imóvel, com olhos mortos.

– Ele é durão – comentei.

– Cadê o Dickie? – perguntou Bill.

– Está aqui.

– Ele conseguiu?

Eu fiz que sim.

– Melhor chamá-lo então.

Saí andando pelo corredor. Dick Alderman já me esperava numa das celas no final do corredor.

– Estamos prontos – eu disse.

Ele fez que sim.

Passamos pelo corredor. Alderman carregava aquilo sob um cobertor.

Bill acenou com a cabeça para Alderman e disse:

– Bom dia.

– Bom dia – ele murmurou. Seu hálito cheirava a álcool.

– Está pronto, Richard? Tem certeza? – perguntou Bill.

Ele fez que sim.

Bill aproximou-se de sua boca e disse:

– Vejo que tomou uma dose de coragem no café da manhã.

Alderman tentou afastar a cabeça dele.

Bill o agarrou pelo colarinho e disse:

– Não estrague tudo, Richard.

Alderman fez que sim. Bill deu um tapinha no rosto dele. Alderman sorriu. Bill sorriu de volta.

– Todo mundo pronto? – perguntei.

Os dois fizeram que sim. Alderman deixou a caixa no chão. Ele a deixou no corredor por um momento. Bill lhe entregou outro pacote envolto em uma toalha marrom.

Abri a porta. Entramos.

Sala 4, sempre a sala 4.

George Marsh, 43 anos, vestindo camiseta e calça cinza, entregues pela polícia.

George Marsh, sentado na sua cadeira com as costas eretas, à nossa mesa.

George Marsh, mestre de obras no canteiro da Foster’s que ficava bem em frente ao número 13 da Brunt Street, em Castleford.

O número 13 da Brunt Street, a casa de Jeanette Garland.

Jeanette Garland, oito anos, desaparecida desde sábado, 12 de julho de 1969.

Fiquei parado ao lado da porta. Bill e Alderman levaram as cadeiras e a mesa de volta ao centro da sala.

Bill colocou uma das cadeira bem atrás de Marsh. Depois disse:

– Sente.

Marsh sentou-se em frente de Dick Alderman.

Bill pegou o cobertor caído no chão. Colocou-o sobre os ombros de Marsh.

Alderman acendeu um cigarro e disse:

– Coloque suas mãos abertas sobre a mesa.

Marsh colocou suas mãos abertas sobre a mesa.

Bill caminhava pela sala atrás de Marsh.

Alderman colocou o pacote marrom sobre a mesa. Abriu. Pegou uma pistola. Colocou-a na mesa, entre ele e George Marsh.

Alderman sorriu para Marsh.

Marsh só olhava fixamente para a frente.

Bill parou de caminhar pela sala. Ficou parado atrás de Marsh.

– Olhe para a frente – disse Alderman.

Marsh ficou olhando para a frente, em silêncio.

O silêncio mortal.

A sala 4 em silêncio, o Porão em silêncio.

Alderman partiu para cima de Marsh, agarrando-lhe os pulsos .

Bill pegou o cobertor, usando-o para envolver o rosto de Marsh.

Marsh tombou da cadeira.

Alderman segurava os pulsos dele.

Bill retorceu o cobertor sobre o seu rosto.

Marsh ficou de joelhos no chão.

Alderman soltou os punhos de Marsh.

Marsh se enroscou no cobertor e bateu contra a parede.

BUM.

Ecoou pela sala, ecoou pelo Porão.

Bill tirou o cobertor, agarrou Marsh pelos cabelos e o levantou contra a parede.

– Vire, olhe para a frente.

Marsh se virou.

Alderman estava com a pistola na mão direita.

Bill estava com algumas balas. Atirou-as para cima. Pegou-as de volta.

Alderman olhou para a porta e me perguntou:

– Tudo bem se eu atirar nele?

– Atire – concordei.

Alderman segurou a pistola com as duas mãos. Ele a apontou para a cabeça de Marsh.

Marsh olhava diretamente nos olhos de Alderman.

Alderman deu um passo à frente. O cano tocou a testa de Marsh. Alderman puxou o gatilho.

CLIQUE.

Nada aconteceu.

– Merda – disse Alderman.

Ele se virou. Ele mexeu na pistola.

Marsh olhava para a frente.

– Consertei. Vai dar tudo certo desta vez – ele disse.

Voltou a apontar a pistola.

Marsh o encarava.

Alderman puxou o gatilho.

BANG.

Marsh caiu no chão.

Imaginei que estivesse morto.

Mas ele abriu e ergueu os olhos. Viu a arma soltando fumaça nas mãos de Alderman. Viu o resto de pó negro que saía do cano. Viu o pó caindo no chão, em cima dele.

Viu todos nós gargalhando.

George Marsh sorriu.

Bill o levantou do chão. Bill fez com que ficasse de pé contra a parede. Bill depois deu dois passos para trás. Bill deu um passo para a frente. Bill chutou o saco de Marsh.

George Marsh caiu novamente no chão.

– Levante.

Marsh se levantou.

– Fique na ponta dos pés – disse Bill.

Bill deu um passo para a frente. Bill chutou novamente o saco dele.

Ele voltou a cair.

Alderman caminhou na direção dele. Alderman chutou o peito dele. Alderman chutou o estômago dele. Alderman algemou as mãos dele às costas. Alderman pressionou o rosto dele contra o chão.

– Você gosta de ratos, George?

Marsh não disse nada.

Eu abri a porta.

Bill saiu para o corredor. Voltou para a sala. Trazia a caixa sob o cobertor. Aproximou-se de Marsh. Deixou a caixa no chão, bem ao lado do rosto de Marsh.

Alderman puxou Marsh pelos cabelos.

Bill tirou o cobertor de cima da caixa e disse:

– Três, dois, um…

O rato era gordo. O rato estava molhado. O rato olhava para Marsh através da grade da gaiola.

Bill inclinou a caixa. O rato deslizou para perto de Marsh. Bill gritou:

– Pega ele! Pega!

O rato estava assustado. O rato guinchava. O rato arranhava a grade. O rato arranhava o rosto de Marsh.

– Ele está faminto – disse Bill.

Alderman aproximou o rosto de Marsh da grade.

Bill chutou a gaiola. Bill fez com que o rato se aproximasse ainda mais da grade.

O rabo e os pelos do rato roçavam o rosto de Marsh.

– Vire a gaiola, vire – disse Alderman.

– Abre a gaiola – eu disse.

Bill virou a gaiola, cuja entrada ficou para cima. Bill a abriu.

O rato estava no fundo. O rato olhava para a abertura. Alderman colocou o rosto de Marsh na abertura da gaiola.

Marsh, com os olhos arregalados, lutava para livrar-se.

O rato fazia barulho. O rato estava morrendo de medo. O rato olhava para Marsh.

Alderman pressionou ainda mais o rosto de Marsh pela abertura.

Marsh lutava. Marsh disse alguma coisa.

Eu fiz que sim.

Alderman puxou Marsh pelos cabelos e perguntou:

– O que você disse?

Marsh olhou para ele. Marsh sorriu.

Alderman voltou a meter o rosto de Marsh no buraco da gaiola. Alderman gritou:

– O que você fez com ela? O que você fez com ela?

Marsh disse alguma coisa.

Fiz que sim novamente.

Alderman puxou o rosto de Marsh.

– O que você disse?

Marsh olhou para ele. Marsh disse:

– Eu não fiz nada. Não sei de nada. Não tenho nada a dizer.

– Sério? – perguntou Bill. Bill se aproximou da gaiola. Bill pegou o rato pelo rabo. Bill atirou-o contra a parede.

CRASH!

O sangue espirrou em Marsh e Alderman.

– Merda! – gritou Alderman.

Bill jogou o rato morto dentro da gaiola. Bill se aproximou de Marsh. Bill limpou as mãos no rosto de Marsh, na camisa cinza que lhe fora entregue pela polícia. Bill perguntou novamente:

– Sério?

George Marsh colocou as mãos na frente do rosto. George Marsh sentiu o cheiro do sangue do rato em suas bochechas, em sua língua e seus lábios.

– John Dawson.

– O que tem ele? – perguntou Bill.

Marsh mordeu os lábios.

– Ele sabe o que eu fiz. Ele sabe quem eu sou. Ele poderá contar tudo a vocês.

Bill olhou para Marsh.

Marsh piscou.

Bill se levantou. Bill chutou com força as costelas de Marsh.

George Mash caiu no chão, abraçando o próprio corpo, tossindo…

Gargalhando.

Olhei para Alderman e disse:

– Limpe-o e arrume a sala.

Bill e eu saímos para o corredor.

– Foi ele. Claro que foi ele – eu disse.

Bill balançou a cabeça. Bill olhou para o relógio.

Olhei para o meu.

Já estava quase amanhecendo.

Dia 6.

Mas não havia luz.

Pelo menos não lá embaixo.

Apenas a noite.

A interminável noite escura.

A interminável noite escura, passado…

Passado e futuro.
Futuros e passados.
Velhos tempos e tempos por vir.

20

Você estava sentado no estacionamento em frente da biblioteca de Balne Lane às oito da manhã de um molhado sábado do mês de maio.

As portas do carro estavam trancadas e você tremia, incapaz de desligar o rádio:

"Healey ganha a batalha Polaris com Foot. Tebbit faz um pacto para frear os sindicatos e abolir o Conselho da Grande Londres e os conselhos distritais metropolitanos. Thatcher em busca de vitória arrasadora para frustar os extremistas trabalhistas. Menino de dezesseis anos encontrado enforcado nas barras da janela de uma cela no reformatório da prisão Strangeways. Dennis Nilsen condenado pelo tribunal…"

Nada de Hazel.

Você estava sentado no estacionamento em frente da biblioteca de Balne Lane às oito e meia da manhã de um molhado sábado do mês de maio.

O rádio desligado, mas você continuava tremendo.

As portas do carro continuavam trancadas.

Sábado, 28 de maio de 1983.

D-12.

Alguém conhece alguma piada?

Subindo escadas em direção ao primeiro andar da biblioteca, entre microfilmes e jornais velhos, tirando duas caixas de *Yorkshire Post* das prateleiras.

Dezembro de 1974 e *novembro de 1975.*

Inserindo o filme, desenrolando os carretéis, açoitando cavalos mortos.

PAUSA.

Sexta-feira, 13 de dezembro de 1974.

Menina desaparecida em Morley, por Edward Dunford, correspondente policial no norte da Inglaterra.

Esta manhã, a senhora Sandra Kemplay fez um pedido emocionado pela sua filha Clare.

PAUSA.

Domingo, 15 de dezembro de 1974.

Assassinada, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

O corpo nu da menina Clare Kemplay, de nove anos, foi encontrado no início da manhã de ontem por um operário, em Devil's Ditch, Wakefield.

PAUSA.

Segunda-feira, 16 de dezembro de 1974.

Caça ao maldito, por Jack Whitehead, repórter policial do ano, 1968 e 1971.

A autópsia de Clare Kemplay, de dez anos, revelou que a menina foi torturada, estuprada e depois estrangulada.

PAUSA.

Quinta-feira, 19 de dezembro de 1974.

Encontrado, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

No início da manhã de ontem, a polícia prendeu um homem de Fitzwilliam relacionado ao assassinato de Clare Kemplay, de dez anos.

De acordo com fontes policiais, que falaram com exclusividade a este jornal, o homem confessou o assassinato e foi acusado formalmente. Permanecerá em custódia na corte de magistrados de Wakefield até o final desta manhã.

A fonte policial também revelou que o homem confessou vários outros assassinatos. Acusações formais deverão ser feitas em pouco tempo.

PAUSA.

Sábado, 21 de dezembro de 1974.

Uma súplica materna, por Edward Dunford.

A senhora Paula Garland, irmã do astro da liga de rúgbi, Johnny Kelly, chorou ao contar a história de sua vida desde o desaparecimento de sua filha, Jeanette, cinco anos atrás.

"Eu perdi tudo desde aquele dia", disse a senhora Garland, referindo-se ao seu marido Geoff, que se suicidou em 1971, logo após a infrutífera investigação policial sobre o paradeiro de sua filha desaparecida.

"Eu só queria que tudo isso chegasse ao fim", disse a senhora Garland. "E talvez agora possa chegar."

A prisão de um homem de Fitzwilliam, em conexão com o desaparecimento e assassinato de Clare Kemplay, trouxe de volta uma trágica esperança à senhora Garland.

PAUSA.

Sábado, 21 de dezembro de 1974.

Caça ao assassino, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

Hoje, após a descoberta de um cadáver de 36 anos, foi lançada uma nova busca policial em Wakefield.

PAUSA.

PAUSA.

No banheiro da biblioteca, regurgitou.

O seu estômago queimava, o seu estômago sangrava.

Regurgitou novamente. Vomitou. Cuspiu.

Você sabia que não tinha terminado, que nunca estaria.

Que teria de voltar para lá.

Que teria de arrumar os filmes, desenrolar os carretéis, açoitar cavalos mortos.

PAUSA.

Segunda-feira, 23 de dezembro de 1974.

Irmã de astro do rúgbi assassinada, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

O corpo de Paula Garland foi encontrado pela polícia em sua casa de Castleford, no início da manhã de domingo, após os vizinhos terem ouvido gritos.

PAUSA.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Três mortos após tiroteio de Natal em Wakefield, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

PAUSA.

PAUSA.

PAUSA.

De volta aos pântanos, queimando e sangrando.

Regurgitando.

Vomitando.

Cuspindo.

Sabendo tudo o que você sabia, tendo que voltar uma última vez.

Você arrumou o último filme, desenrolou a última bobina e açoitou os mortos.

PAUSA.

Sexta-feira, 21 de novembro de 1975.

Myshkin ganha vida.

Numa cabine telefônica da Balne Lane, com o som impiedoso da chuva caindo sobre o teto, você fez duas ligações e marcou um encontro, pensando:

Jack, Jack, Jack…

O som impiedoso da chuva caindo sobre o teto, pensando:
Aqui não.

Havia um *Leeds & Bradford de A a Z* aberto no seu colo. Suas anotações e fotografias estavam no banco do passageiro, ao seu lado. Você cruzava as ruas da periferia de Morley.

Era sábado, mas não havia crianças ali.

Você chegou ao cruzamento da Church Street com Victoria Road e Rooms Lane. Virou à direita na Victoria Road. Estacionou na porta da escola Morley Grange Junior and Infants, sob o campanário de uma igreja escura.

A chuva caía entre as árvores escuras, árvores silenciosas.

Você olhou para suas anotações. Ligou o carro.

"Clare Kemplay foi vista pela última vez na quinta-feira, 12 de dezembro de 1974, descendo a Victoria Road em direção a sua casa…"

Você desceu a Victoria Road.

Passou pelo ginásio de esportes, pela Sandmead Close.

"Clare tinha dez anos de idade, cabelos loiros, longos e lisos e olhos azuis, vestia uma capa de chuva laranja e um suéter de gola alta azul-escuro..."

Olhou mais uma vez para as suas anotações.

Ligou a seta para a esquerda.

"Calça jeans desbotada com uma águia bordada no bolso traseiro esquerdo, e galochas vermelhas…"

Você entrou na Winterbourne Avenue.

Era uma rua sem saída com nove ou dez casas, algumas isoladas, outras geminadas.

"Ela carregava uma bolsa de plástico do Co-op com um par de tênis pretos de ginástica."

Sem saída.

Estacionou em frente ao número 3 da Winterbourne Avenue.

Havia uma placa de *vende-se* cravada no pequeno gramado da frente.

Saiu do carro. Caminhou em direção à porta. Tocou a campainha.

Ninguém atendeu.

Na casa ao lado, uma mulher abriu a porta.

– Está interessado na casa?

– Não! – você gritou pela cerca. – Estou procurando os Kemplay.

– Os Kemplay?

– É.

– Eles se mudaram há anos.

– E a senhora não sabe para onde?

– Para o sul.

– E se lembra quando?

– Quando poderia ter sido? – ela respondeu, batendo a porta.

Você ficou parado na porta de uma casa que ninguém queria comprar, imaginando o que fariam os Atkins: será que se mudariam para o sul ou continuariam ali, vendo os filhos dos seus vizinhos crescerem enquanto a sua filha apodrecia no solo do mesmo lugar de onde a arrancaram?

Você ficou parado naquela rua sem saída pensando.

Voltou ao carro. Entrou. Fechou a porta. Abriu novamente o *De A a Z*.

Ligou o carro. Virou à direita na Winterbourne Avenue. Desceu a Victoria Road.

Passou pelo ginásio de esportes, pela escola.

Entrou à direita na Rooms Lane. Subiu a Rooms Lane.

Passou pela Church.

*A chuva caía entre as árvores escuras, árvores silenciosas.*Você voltou à Bradstock Gardens. Virou novamente à direita.

A Bradstock Gardens era uma rua sem saída, assim como a Winterbourne Avenue.

Sem saída.

Havia dois policiais sentados numa viatura em frente ao número 4.

As cortinas fechadas, leite na soleira.

Você olhou para as suas anotações:

"Uma menina de dez anos, com cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo marrom-clara, suéter azul-escuro com uma letra H bordada e uma jaqueta acolchoada vermelha sem manga, carregando uma bolsa de ginástica preta…"

Sentada ao seu lado, no banco do passageiro.

Hazel olhou para você.

Olhou para você e disse:

– Me ajuda.

A chuva caía entre as árvores escuras, árvores silenciosas.

– Estamos no inferno.

Você engatou a ré e saiu da rua sem saída.

Com o *Leeds & Bradford de A a Z* aberto no colo, suas anotações e fotografias no banco do passageiro, você saiu de Morley.

Era sábado, mas não havia crianças nas ruas.

Todas as crianças sumiram.

Você deixou Morley para trás.

Desceu a Elland Road em direção a Leeds.

Tocavam novamente aquela música de fantasmas.

Você mudou de estação. No entanto, tudo o que conseguiu foi:

Thatcher, Thatcher, Thatcher.

Nada de Hazel.

Não aqui.

Na recepção do *Yorkshire Post*, você perguntou à linda menina de sorriso bonito e cabelos tingidos de loiro se ela teria o endereço de antigos funcionários.

– Jack Whitehead? – ela repetiu. – Quem era?

– Um jornalista policial – você respondeu.

– Acho que já ouvi falar – ela disse, franzindo a testa. – O senhor sabe quando ele deixou de trabalhar para nós?

– Sábado, 18 de julho de 1977.

Ela fez que não com a cabeça mais uma vez. Pegou o telefone.

– Oi, aqui é Lisa da recepção. Um senhor está perguntando sobre Jack Whitehead, um jornalista que trabalhou aqui até julho de 1977.

Ela ouviu. Esperou. Disse:

– Obrigada.

Você a observou desligar o telefone. Ela precisava retocar as raízes do cabelo.

Ela ergueu os olhos. Sorriu. Disse:

– Uma funcionária virá conversar com o senhor em um minuto.

A mulher tinha seus trinta e poucos anos e era bonita. Caminhava de forma confiante e se parecia com Marilyn Webb.

Você se levantou.

– Sou Kathryn Williams – ela disse, esticando o braço.

– John Piggott – você respondeu, segurando a sua mão o máximo que conseguiu.

– O senhor veio até aqui procurar por Jack Whitehead?

Você fez que sim e disse:

– Sou advogado e me envolvi num caso que Jack Whitehead cobriu no início.

Ela tentou sorrir. Parecia já estar entediada e perguntou:

– Como eu poderia ajudar?

– Honestamente – você murmurou –, não sei se a senhora pode me ajudar. Sei que Jack Whitehead sofreu algum tipo de acidente em 1977 e que ele já não…

– Foi terrível – ela disse e olhou para o relógio.

– Mas imaginei que alguém poderia ter o seu endereço para que eu talvez pudesse entrar em contato…

Ela fez que não com a cabeça e disse:

– Pelo que sei, ele continua no hospital.

– E a senhora não saberia me dizer qual?

– Stanley Royd.

Você ficou observando as luzes dos freios dos carros através das janelas do edifício, as luzes e a chuva logo após a porta giratória.

– Ele pode estar morto – você disse.

– Duvido – ela comentou. – Nós teríamos sido informados.

Você fez que sim duas vezes.

– Bem… Caso não tenha algo mais… – ela disse, sorrindo.

– Não. Obrigado. Muito obrigado – você agradeceu.

Ela o acompanhou até a porta e disse:

– Muito prazer em conhecê-lo, senhor Parrot.

– Piggott – você corrigiu, sorrindo.

Ela sorriu e tocou o seu braço.

– Desculpe-me.

– Tudo bem – você disse. – Obrigado por sua atenção.

Ela estendeu a mão novamente e perguntou:

– Que caso é esse?

– Clare Kemplay.

Ela afastou a mão e perguntou:

– E quem te contratou? Não…

– Michael Myshkin – você respondeu, fazendo que sim.

Ela deixou a mão cair ao lado do corpo.

21

Ela ficou de joelhos e ele gozou fora dela. Ele ficou nervoso. Ela tentou se virar, mas ele a agarrou pelos cabelos, batendo nela uma, duas vezes. Ela disse que não havia necessidade daquilo e tentou devolver-lhe o dinheiro. Então, ele penetrou no cu dela, e ela pensava que, pelo menos, dessa forma tudo terminaria, e ele beijou os seus ombros, tirou o sutiã preto, sorrindo entre os braços flácidos daquela vaca gorda, e deu uma boa, uma boa mordida na sua teta esquerda. Ela não podia gritar, ela sabia que não podia, pois ele a calaria, e ela chorava, pois sabia que estava tudo terminado, que a encontraram, que era assim que tudo terminaria, e que ela nunca voltaria a ver suas filhas, não naquele momento nem nunca.

BJ acordou.

Era de manhã e sirenes tocavam.

Sirenes de polícia.

Merda.

BJ se levantou do banco com os olhos piscando diante das luzes cinzentas.

BJ sentiu um forte cheiro de diesel.

BJ voltou ao banheiro e vomitou na pia.

Merda, merda.

Rodoviária de Preston.

Sexta-feira, 21 de novembro de 1975.

Merda, merda, merda.

BJ correu pela colina que se erguia do centro, de volta à pensão.

Ninguém no escritório.

Apenas luzes fluorescentes acendendo e apagando.

BJ subiu as escadas e bateu à porta dela.

– Clare!

Ninguém, nada.

BJ forçou a porta, e ela abriu.

BJ entrou.

O quarto estava cheio de lixo e bagunçado, mais do que o normal.

Ainda mais bagunçado do que ele o deixara na noite anterior.

Alguém estivera ali:

Walter.

BJ se virou para sair e lá estava ele, de pé na porta.

– Quem é? – ele perguntou.

– Sou eu – respondeu BJ. – E quem mais poderia ser, porra?

Ele saiu das sombras com os braços abertos e disse:

– Olhe!

– Vá se foder – disse BJ.

– Olhe para mim!

Seus olhos estavam brancos, seus olhos estavam cegos.

– O que aconteceu?

– Eles estiveram aqui – ele respondeu.

– Eles quem?

– Você sabe quem.

– E o que eles queriam?

– Você e Clare – ele respondeu. – E reviraram os seus quartos.

BJ olhou na sacola de plástico que estava na mão de BJ. BJ jogou as coisas de dentro em cima da cama.

Roupas, maquiagem e uma fotografia:

Clare com os olhos e as pernas abertas, os dedos tocando sua boceta.

– Quem é? – perguntou Walter.

BJ pegou a foto e disse:

– Não é ela.

– E cadê ela? – perguntou Walter.

– Não sei.

– Ela está morta, certo? – ele murmurou, com lágrimas no rosto.

– Todos estamos mortos – disse BJ.

BJ subiu a colina correndo, passou pela St Mary's, acima da Church Street e seguiu para a French.

Merda, merda, merda.

Carros de polícia e ambulâncias paradas na frente das garagens.

A última porta.

A última porta balançando ao vento, sob a chuva.

Dois policiais vestindo capas pretas seguravam a porta aberta enquanto, usando uma maca, carregavam um corpo para fora. O vento levantou o maldito lençol:

Um casaco três quartos verde-claro com um colarinho que imitava pele, um suéter azul-turquesa com um top amarelo brilhante por cima e calça marrom-escura e botas de camurça marrom até a batata da perna.

Um completo fracasso de ser humano.

Uma mulher chorando à beira da rua, o seu cão latindo ao primeiro trem que passou.

Como Clare costumava fazer.

Então BJ o viu, de pé no final da rua, ao lado da porta aberta do seu carro.

Olhando para BJ.

Ele sorriu.

BJ saiu correndo.

22

Quinta-feira, 17 de julho de 1969.

Apolo 11 começa uma linda jornada a caminho da Lua.

E eu uma feia jornada a caminho de Castleford.

O início de uma nova era para a civilização.

O rádio repleto de canções de guerra e más notícias:

Explosão no London Wharf mata cinco bombeiros. Menina continua desaparecida.

Canções de guerra, más notícias e a Lua.

O local já era visível quatro ou cinco metros antes de chegarmos, o esqueleto de uma casa enorme no topo de uma colina, com seus ossos totalmente brancos se erguendo da terra.

– Eles devem ter uma boa grana – eu disse.

Bill sorriu. Bill fez que sim. Bill não disse nada.

Eu saí da rua principal.

Chovia quando estacionamos no topo da colina.

– Ele está nos esperando? – perguntei.

– É o que parece – respondeu Bill.

Dois homens desciam a trilha da colina. Caminhavam sob dois grandes guarda-chuvas vermelhos de golfe. Usavam botas Wellington.

Bill e eu saímos para a garoa e a lama.

– Quanto tempo, Don – disse Bill ao grandalhão bronzeado.

Donald Foster, rei da construção em Yorkshire.

Donald Foster apertou a mão de Bill e disse:

– Muito tempo mesmo, Bill.

– Não esperava encontrá-lo por aqui – disse Bill. – Que surpresa boa.

– Como uma pedra no sapato – respondeu Foster, dando uma piscadela. – Eu sou assim.

– É verdade – comentou Bill, sorrindo.

Donald Foster deu um tapinha nas costas de Bill. Depois sorriu, fez um gesto a outro homem e disse:

– Bill, este é John Dawson, um bom homem e um grande amigo meu.

Bill esticou a mão.

– Prazer em conhecê-lo, senhor Dawson.

Dawson apertou-lhe a mão.

Foster disse a Dawson:

– John, este é o detetive superintendente Bill Molloy, que também é um bom homem e um grande amigo meu.

– Prazer em conhecê-lo, superintendente – respondeu o homem delgado e pálido.

John Dawson, o príncipe da arquitetura em pessoa.

– Senhor Dawson, Don, este é o meu colega e amigo Maurice Jobson – disse Bill.

Don Foster apertou minha mão.

– Bill me falou muito sobre você, inspetor.

– Só coisas boas, espero – comentei.

Ainda segurando a minha mão, Foster sorriu e disse:

– Qual a graça nisso?

John Dawson estava com a mão estendida, esperando, e disse:

– John Dawson.

Foster soltou a minha mão. Eu apertei a mão de Dawson. Acenei, mas não disse nada.

Bill olhava para o topo da colina, para o esqueleto da casa, e perguntou:

– Poderíamos dar uma olhada?

– Claro – respondeu Dawson.

– A gente costuma enterrar corpos lá dentro – disse Foster, sorrindo.

– Eu imaginava – disse Bill.

John Dawson nos ofereceu seu grande guarda-chuva.

– Obrigado – agradeceu Bill.

Eu não disse nada.

Começamos a subir. Dawson e Foster estavam sob um guarda-chuva. Bill e eu sob outro. Mas os guarda-chuvas não conseguiam nos manter secos.

Nossos sapatos e meias estavam ensopados.

Foster seguia à frente, Dawson ao lado dele. Foster parou. Virou-se.

– Eles continuam te mantendo ocupado atrás daquela mesa, Bill?

– Não o suficiente – ele respondeu.

Estavam nos esperando quando chegamos ao topo. Esperavam-nos sob o seu guarda-chuva vermelho, entre o esqueleto branco da casa.

John Dawson perguntou:

– Vocês viram o filme *Horizonte perdido*?

– Não – respondeu Bill.

Dawson deu de ombros, analisou o seu entorno e disse:

– É o preferido da minha esposa, Marjorie. Nesse filme existe uma cidade mítica chamada Shangri-lá. É assim que vou chamar este lugar: Shangri-lá. Será o meu presente de bodas de prata no ano que vem.

– E ela sabe disso? – perguntou Bill.

– Se sabe, não disse nada – ele respondeu, sorrindo.

A chuva castigava nossos guarda-chuvas vermelhos. Nós quatro estávamos parados sobre as fundações da casa, entre suas ossadas brancas, olhando para Castleford e para Aire.

O silêncio e o céu cinzento.

– Fiz o desenho da casa baseado num cisne – disse Dawson.

– John adora cisnes – comentou Don Foster.

– São lindas criaturas – continuou Dawson. – Vocês devem saber que quando um cisne encontra um parceiro é para sempre.

– Caso um deles morra, o outro sofre até a morte – comentei.

– Que romântico – disse Bill.

Algo no seu tom de voz demonstrava certa insatisfação, algo que ele não gostava, algo que eu não…

Debaixo de nosso guarda-chuva, Bill apontou:

– O que vai ser construído lá embaixo?

No meio do caminho da ladeira, havia um buraco recém-aberto no chão.

– Um lago – respondeu Don Foster. – Para peixes dourados.

– Nada de lago dos Cisnes? – perguntou Bill, sorrindo.

– Não exatamente – comentou Dawson.

Bill tombou o guarda-chuva para trás, para poder olhar para os dois: para o seu velho amigo Don e o seu novo amigo John. E perguntou:

– Existe algum lugar onde possamos conversar?

– *Conversar*? – repetiu Don Foster, com seu bronzeado desaparecendo sob a chuva e a fraca luz.

– É… – respondeu Bill. – Conversar.

Foster olhou para Dawson, que deu uma olhada em direção a uma pequena cabana ao lado da casa. Foster olhou novamente para Bill e perguntou:

– Na cabana?

Bill e eu os seguimos.

John Dawson destrancou a porta. Entramos. Don Foster acendeu um aquecedor a parafina. Dawson nos serviu o chá de duas garrafas térmicas. Bill acendeu um cigarro. Sentamo-nos, como se fôssemos quatro amigos a ponto de começar uma partida de cartas.

Chovia pesado contra a cabana, contra a janela.

Olhei para Bill. Olhei para o meu relógio. Olhei novamente para Bill.

Bill amassou o cigarro no chão. Tomou um gole do chá, depois perguntou:

– Vocês sabem que George Marsh está em Brotherton, certo?

John Dawson e Don Foster se entreolharam por um segundo.

Um segundo que os fez pensar…

Pensar em negar que conheciam George Marsh.

Um segundo em que eles mudaram a minha vida.

As nossas malditas vidas.

Um segundo antes de Don Foster fazer que não com a cabeça. Um segundo antes de ele dizer:

– Você poderia ter nos procurado antes, Bill.

– Por quê, Don?

– Teriam evitado muito aborrecimento para todos nós.

– Como assim, Don?

Don Foster olhou para John Dawson.

John Dawson olhou para Bill.

Bill esperou.

– Ele estava comigo – disse John Dawson.

Bill esperou.

– No sábado – disse John Dawson.

Bill esperou.

– Com um pouco de dinheiro nas mãos – disse John Dawson.

Bill esperou.

John Dawson se levantou. Foi até a janela e a chuva. Olhou para o esqueleto da enorme casa com suas ossadas brancas erguendo-se do chão e disse:

– Ele estava aqui comigo.

Olhei para Bill.

Bill sorriu. Bill olhou para Don Foster. Bill disse:

– Você poderia ter nos procurado antes, Don.

Don Foster não sorriu. Apenas piscou.

– Teria evitado muito aborrecimento para todos nós – disse Bill. – Muito aborrecimento mesmo.

No caminho para casa, paramos ao lado de uma cabine telefônica.

Bill fez a chamada.

Eu fiquei sentado, sentindo-me vazio e mal por dentro.

Bill abriu a porta do passageiro. Estava escrito em todo o seu maldito rosto, em todo o maldito formulário de atividades que carregava nas mãos.

– Isso é um absurdo – eu disse. – Um completo absurdo.

– Não temos nenhuma razão para mantê-lo preso.

– Puro absurdo.

– Maurice.

– Tudo puro absurdo.

– O quê? Será que todos estão mentindo?

– É tudo um grande absurdo, e você sabe muito bem disso!

– Já terminou? – perguntou Bill.

Agarrei o volante. As juntas dos meus dedos estavam brancas quando deveriam estar sangrando e feridas.

– Terminou, porra? – ele repetiu.

Fiz que sim.

– Gostaria de te lembrar que devemos muito a John e Don.

Fiz que sim novamente. Minha língua estava sangrando.

– Agora vamos para casa – disse Bill Molloy, o *Texugo*, rabiscando no formulário de atividades:

Caso interrompido.

Casa.

Casa com os pés das crianças nas escadas, risadas e telefones tocando pelos cômodos, o som de uma bola batendo contra um bastão ou muro, o estampido de um tiro de festim ou de um balão sendo estourado, o som de comida sendo preparada, servida e degustada. Casa, *solo de…*

Eu dirigia naquele fim de tarde de verão, entre campos verdes e árvores marrons, pássaros voltando para casa e o gado dormindo, nuvens batendo em retirada e a noite com sua promessa de mais um dia de verão, de críquete, de *croquet*, do Great Yorkshire Show e…

Foda-se. Eu podia ver por baixo do chão.

Um reino subterrâneo, um reino animal de texugos e anjos, cidades de insetos e vermes; cisnes brancos nadando em lagos escuros, enquanto dragões circulavam logo acima em céus pintados de estrelas prateadas e que depois se escondiam em cavernas iluminadas por lâmpadas onde uma coruja guardava três pequenas princesas adormecidas entre suas asas cheias de penas.

O meu subterrâneo.

O meu reino subterrâneo, um reino animal de cadáveres e ratos e sapatos de criança, de minas inundadas pelas águas sujas de lágrimas antigas, de dragões voando num céu flamejante, de igrejas vazias e úteros estéreis, de moscas, ratos e cães entre as ruínas dos ossos e asas dela, o esqueleto branco e faminto dela deixado lá para que chorassem…

Estacionei no sopé da colina, os ossos completamente brancos erguendo-se do chão em direção à luz da lua.

Saí do carro entrando na luz da lua, na feia luz da lua.

Subi a colina.

Meus sapatos e meias afundando no solo.

Sob a feia luz da lua, comecei a cavar.

Dirigi para casa com o rádio ligado:

"Suspicious Minds."

Canções de guerra e más notícias:

"David Smith, um dos principais envolvidos no julgamento dos Assassinatos dos Moors, foi sentenciado no tribunal de Chester a três anos de prisão. O senhor Smith, de 21 anos, operário, declarou-se culpado de agressão contra William Lees, dizendo ter tido intenção de causar sérios danos físicos. Como atenuante, seu advogado alegou que, como ele não fora envolvido no julgamento dos assassinatos, Smith não deveria ter maiores problemas."

Canções de guerra, más notícias e a lua:

"'Que o espírito da humanidade esteja com vocês', disse o presidente Nixon."

O rádio desligado.

Estacionei na porta de casa, da nossa casa.

As luzes estavam desligadas, as cortinas fechadas.

Todos dormiam.

Saí do carro.

Fiquei de pé olhando para a nossa casa, a nossa casa.

Sob a feia luz da lua, com as mãos sujas.
Jeanette Garland, oito anos, ainda desaparecida.
A Menina Que Nunca Voltou Para Casa.

23

Domingo, 29 de maio de 1983.

D-11.

Você tocou a campainha e ficou esperando na porta do edifício principal. Seguiu-se um clique alto. O som de um alarme. Você abriu a porta. Entrou na gaiola de aço. Mostrou sua identificação de visitante ao guarda do outro lado das barras. Disse a ele o seu nome. Ele bateu duas vezes numa das barras com seu cassetete preto e brilhante. Mais um conjunto de trancas se moveu. Outro alarme soou. Você entrou na recepção. Outro guarda lhe entregou um pedaço de papel com o seu número. Ele apontou para o banco. Você caminhou até lá. Sentou-se ao lado de uma mulher vestindo roupas cinza e cor de vinho. No colo da mulher, uma criança pálida e silenciosa. Elas cheiravam a loja de peixe e fritas e a chuva, tudo cinza e úmido.

A sala inteira continuava cinza e úmida, cinza e úmida e com o mesmo cheiro de gente que viajara centenas de quilômetros por estradas cinza e úmidas. Os mesmos homens com excesso de peso vestindo uniformes ainda cinza e úmidos, os mesmos assentos públicos cinza e úmidos, as mesmas más notícias cinza e úmidas, enquanto cadeados e trancas eram abertos e fechados, alarmes soavam e números eram chamados, e as pessoas tossiam sem parar, e as crianças o encaravam, até a voz na mesa ao lado da porta gritar:

– Trinta e seis.

A criança pálida e silenciosa olhava para você.

– Trinta e seis!

Você olhou para o papel na sua mão.

– Número trinta e seis!

Você se levantou.

À mesa, você disse:

– John Piggott, venho ver Michael Myshkin.

A mulher vestindo uniforme cinza passou o dedo úmido e com unha roída pela lista. Ela fungou e disse:

– Qual é o propósito da visita?

– Legal.

Ela devolveu sua identificação e perguntou:

– Primeira vez?

– Segunda.

Ela deu de ombros.

– O paciente será levado à sala de visitas e uma pessoa da equipe estará presente o tempo inteiro. As visitas são limitadas a quarenta e cinco minutos. Vocês dois ficarão sentados a uma mesa e deverão permanecer sentados durante toda a visita. Evite qualquer tipo de contato físico e não passe nada diretamente ao paciente. Qualquer coisa que queira entregar a ele deve passar por este escritório, e só poderá ser um objeto que conste nesta lista – ela disse, entregando-lhe uma fotocópia em papel A4.

– Obrigado.

– Volte ao seu assento e espere que um membro da equipe o acompanhe à sala de visita.

Após quarenta e cinco minutos e mais um cisne de papel terminado, um pesado policial, em cujo uniforme faltava um botão, disse:

– John Winston Piggott?

Você se levantou.

– Por aqui.

Você o seguiu, atravessando mais uma porta e mais uma tranca, outro alarme e outra campainha. Depois cruzaram um corredor cinza, muito iluminado e muito quente.

Ao aproximar-se de mais uma porta, ele parou e perguntou:

– Conhece as regras?

Você fez que sim.

– Permaneça sentado, nada de contato físico e não passe nada a ele.

Você fez que sim novamente.

– Avisarei quando os quarenta e cinco minutos terminarem.

– Obrigado.

Ele digitou um código num painel preso à parede.

O alarme soou. Ele abriu a porta e disse:

– Você primeiro.

Você entrou na pequena sala com carpete cinzento e paredes cinzentas, duas mesas de plástico, cada uma delas com duas cadeiras de plástico.

– Sente-se – disse o guarda.

Você se sentou na cadeira de plástico cinza. Inclinou o corpo para a frente, apoiando os braços na superfície marcada da mesa de plástico cinza, com os olhos fixos na porta do outro lado da sala.

O guarda sentou-se bem atrás de você.

Você estava a ponto de dizer alguma coisa ao guarda quando *ele* apareceu novamente:

Como se fosse mágica.

Entrou pela porta usando macacão cinza e camisa cinza, imenso, com uma cabeça duas vezes maior que o normal:

Michael John Myshkin.

Michael John Myshkin, com saliva no queixo.

– Oi novamente – você disse.

– Oi novamente – ele respondeu, sorrindo e piscando.

O guarda que o escoltava o empurrou para as cadeiras de plástico cinza na sua frente, depois fechou a porta e pegou uma cadeira para se sentar logo atrás de Michael Myshkin.

– Como vai, Michael? – você perguntou.

– Bem – ele respondeu, passando a gorda mão direita nos cabelos loiros e sujos.

– Estive estudando o seu caso, preparando a papelada para o recurso, e gostaria de conversar sobre alguns detalhes com você.

Michael Myshkin limpou a mão direita no macacão e sorriu para você, com seus olhos azuis e pálidos piscando na sala cinza e quente.

– Tudo bem?

Michael Myshkin fez que sim, ainda sorrindo, ainda piscando.

Você pegou o caderno de anotações e uma caneta na pasta. Abriu o bloco e perguntou:

– Você se lembra de quando foi preso?

Michael Myshkin olhou para o guarda sentado logo atrás dele, depois voltou a olhar para você e murmurou:

– Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974. Uma da manhã.

– Sério? Uma da manhã?

Ele piscou, sorriu e fez que sim novamente.

– Onde foi preso?

Michael Myshkin não sorriu. Não piscou.

– No trabalho – ele respondeu.

Você olhou suas anotações:

– No Jenkins Photo Studio, em Castleford?

Ele fez que sim, depois baixou os olhos.

Você se recostou na sua cadeira de plástico, batendo a caneta de plástico contra a mesa também de plástico. Olhou para ele.

Ele começou a mexer nos cabelos.

– Michael? – você chamou.

Ele ergueu os olhos.

– A polícia diz que a prisão aconteceu na Doncaster Road, após uma perseguição.

– Isso não é verdade – ele disse. – Pergunte à minha mãe.

Você fez uma anotação e perguntou:

– Para onde o levaram?

– Para Wakefield.

– Para Wood Street? Para Bishopgarth?

Ele fez que não com a cabeça.

– Tudo bem, então me diz por que eles o prenderam.

– Por conta de Clare – ele respondeu.

– Mas por quê?

– Porque disseram que eu a matei.

– E isso é verdade? – você perguntou novamente. – Você a matou?

Michael Myshkin fez que não novamente:

– Eu já disse que não.

– Disse que não o quê? – você perguntou, escrevendo as exatas palavras que ele dissera no seu caderno.

– Eu não a matei.

– Ótimo – você disse, sorrindo. – Eu só queria comprovar.

Michael Myshkin não sorria.

– E quanto aos policiais que o prenderam? – você perguntou. – Os que apareceram no seu trabalho aquela noite. Você se lembra do nome deles?

Ele fez que não com a cabeça.

– Pense, Michael, por favor. Isso é muito, muito importante.

Ele olhou para você e disse:

– Eu sei que é.

– Certo. Então me diga se os policiais que o prenderam, os que foram até o estúdio, os que o levaram a Wakefield, foram os mesmos que mais tarde disseram que você tinha matado Clare.

Michael Myshkin piscou. Michael Myshkin fez que não com a cabeça.

Você encarou o homem uniformizado sentado atrás de Michael Myshkin. E havia outro par de olhos uniformizados atrás de você.

– Quem pediu que você dissesse que tinha matado Clare foram policiais, certo? – você perguntou.

Ele fez que sim.

– Mas você não a matou?

Ele fez que não.

– Mas assinou um papel dizendo que sim?

– Eles me obrigaram.

– Eles quem?

– A polícia.

– Como?

– Disseram que, caso eu assinasse aquele papel, poderia ver a minha mãe.

– E se não assinasse?

– Disseram que eu nunca mais veria a minha mãe nem o meu pai.

Você voltou a encarar o homem uniformizado sentado atrás de Michael Myshkin. E havia outro par de olhos uniformizados atrás de você.

– A polícia disse isso?

Ele fez que sim.

– Quem foi o seu primeiro advogado?

– O senhor McGuinness.

– Clive McGuinness?

Ele fez que sim.

– Como você o encontrou?

– Não sei.

– Você disse ao senhor McGuinness que matou Clare?

Michael Myshkin fez que não com a cabeça.

– Você disse ao senhor McGuinness que não matou Clare Kemplay?

Ele fez que sim.

– E o que o senhor McGuinness disse?

– Que era tarde demais. Disse que eu tinha assinado o papel. Que ninguém acreditaria em mim. Que todos acreditariam na polícia. E disse que eu só pioraria a situação para mim dizendo que não a matei, que nunca sairia da prisão, que nunca mais veria a minha mãe nem o meu pai e que só estaria me ajudando se dissesse que a matei. Ele disse que, dessa forma, eu poderia ver a minha mãe e o meu pai em breve. Que ficaria pouco tempo na prisão.

Você voltou a encarar o homem uniformizado sentado atrás de Michael

Myshkin. E havia outro par de olhos uniformizados atrás de você.

– Há quanto tempo você está aqui, Michael?

Michael Myshkin olhou para você.

– Sete anos, cinco meses e onze dias.

Você fez que sim.

Ele começou a mexer novamente nos cabelos.

Você olhou suas anotações e disse:

– Duas meninas contaram à polícia que viram você algumas vezes em Morley, incluindo a tarde em que Clare Kemplay desapareceu.

Michael Myshkin voltou a erguer os olhos, balançando a cabeça.

– O quê? – você perguntou.

– Não era eu.

– Você não esteve em Morley naquela quinta-feira?

Ele fez que não com a cabeça.

– Onde estava, então?

– No trabalho.

– No Jenkins Photo Studio, em Castleford?

Ele fez que sim.

– Mas a polícia não encontrou o senhor Jenkins, e a única pessoa da equipe, a senhorita Douglas, não foi capaz de afirmar se você estava ou não no trabalho. Isso não ajuda nada, certo?

– Eles obrigaram a senhorita Douglas a dizer isso.

– Quem a obrigou?

– A polícia.

– Certo. Mas essas meninas disseram se lembrar bem de você, pois, certa vez, você se exibiu na frente delas.

Ele fez que não novamente.

– Elas mentiram, não é, Michael?

Ele fez que sim.

Você suspirou. Recostou-se na cadeira de plástico. Olhou para ele, que voltara a mexer nos cabelos.

– Michael, você se lembra de Jimmy Ashworth?

Ele olhou para você. Ele fez que sim.

– Do que você se lembra?

– Era meu amigo.

– Seu amigo?

– Meu melhor amigo.

– E ele falou com você sobre Clare?
Ele fez que sim.
– E o que ele disse?
– Que era bonita.
– Bonita? Mas ela estava morta quando Jimmy a encontrou.
Michael Myshkin fez que não com a cabeça.
– O quê?
– Ele a tinha visto antes.
– Quando? Onde?
– Quando construíram as casas.
– Que casas?
– As casas de Morley.
– Então Jimmy a conhecia?
Michael Myshkin fez que sim.
– E você?
Ele fez que não.
– Michael, Jimmy matou Clare Kemplay?
Ele olhou para você. Ele balançou a cabeça.
– Então quem a matou?
Ele mexia nos cabelos. Ele piscava. Ele sorria.
– Quem?
Sorrindo, piscando e mexendo.
Você bateu com força na mesa.
– Quem?
Michael Myshkin o encarou.
Michael Myshkin disse:
– O Lobo.
– Esse Lobo tem um nome, certo?
– Pergunte ao Jimmy – disse Michael.
Você abriu sua pasta e pegou um exemplar do *Yorkshire Post*.
Havia duas fotografias na primeira página.
Você atirou o jornal sobre a mesa.
Inclinou o corpo para a frente.
Apontou para uma das fotografias.
A fotografia de um jovem com cabelos longos e escorridos.
Michael Myshkin olhou para o jornal.
– Ele está morto – você disse.

E apontou para a outra fotografia.

A fotografia de uma menina com cabelo castanho-escuro na altura dos ombros.

– Ela está desaparecida – você disse.

Michael Myshkin continuava olhando para o jornal.

Você continuou:

– Segundo a polícia, Jimmy a sequestrou. Eles o pegaram em Morley e o prenderam. Disseram que tinha confessado. Depois, Jimmy se enforcou.

Michael Myshkin ergueu os olhos.

Havia lágrimas em seu rosto.

Michael Myshkin disse:

– Ele voltou.

– Quem?

Michael Myshkin balançou a cabeça.

– Quem?

Michael Myshkin se virou, olhou para o guarda sentado atrás dele e murmurou:

– Eu gostaria de voltar ao meu quarto, por favor.

Você se levantou e perguntou:

– Quem?

O guarda atrás de você pousou a mão no seu ombro.

– Sente-se.

Mas você gritava:

– Quem, Michael? Quem voltou, porra?

– Sente-se.

Michael Myshkin ficou de pé, o guarda que estava atrás dele abria a porta.

– Quem?

– Sente-se!

Michael John Myshkin virou-se de costas.

Com saliva no queixo, lágrimas no rosto.

Olhou para trás e gritou:

– O Lobo!

Com as portas trancadas, você ligou o motor e as notícias no rádio, acendeu um cigarro, depois outro e mais outro:

"Thatcher rejeita debate televisivo com Frost. Foot descreveu a manchete do

Times *como maliciosa. Hume está preocupado com a Campanha de Desarmamento Nuclear de Kent. Hess não divulga diário de Hitler. Menino de onze anos estrangulado por um cordão atado a uma bola que se enrolou ao seu pescoço…”*

Nada de Hazel.

Nada aqui.

Você desligou o rádio e acendeu outro cigarro, ouvindo a chuva cair no teto do carro, de olhos fechados.

Merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda, merda.

Você abriu os olhos.

Merda.

Você se sentiu mal novamente, seus dedos voltaram a queimar.

Você jogou o cigarro fora e apertou os botões do rádio até encontrar alguma música:

Simple Minds.

– Senhora Myshkin, aqui é John Piggott.

Mais uma vez numa cabine telefônica de Merseyside, ouvindo a senhora Myshkin e o som impiedoso da chuva forte sobre o teto.

– Sim, ele está bem – você respondeu.

A chuva caía, as luzes do carro acesas no meio de uma tarde de domingo de maio.

– Onde Michael foi preso?

O tipo de tarde de domingo que você costumava passar em pontos de ônibus, fumando dez cigarros entre as esposas dos leitores, com medo…

– Tem certeza?

Sentado no ponto de ônibus, ouvindo a chuva cair no teto castigado, o mundo lá fora afiado e repleto de dor, ouvindo o som impiedoso da chuva forte no teto, sem vontade de voltar para casa, com muito medo disso.

– Eu deveria ter perguntado antes, mas como Clive McGuinness começou a representar Michael?

O mesmo medo vago, já naquela época.

– Uma última pergunta – você pediu. – Quem é essa pessoa que Michael chama de Lobo?

O medo real e imediato.

– Tem certeza?

Novamente, o medo.

Ela desligou e você ficou parado ali, ouvindo o som da linha.

O som da linha do telefone e o som impiedoso da chuva no teto da cabine telefônica, sem querer ir para casa, com muito medo disso.

O medo imediato.

Domingo, 29 de maio de 1983.

D-11.

O medo ali.

Cães latindo.

Bem perto.

Lobos.

Você deixou Merseyside para trás, de volta a Wakefield.

"Acredita-se que uma unidade ativa do IRA, formada por quatro ou seis homens, estava planejando assassinar um político britânico de destaque ou colocar uma bomba durante a campanha das eleições gerais…"

As estradas calmas.

"O senhor John Gunnell, líder do conselho do condado de West Yorkshire, alegou que novas fotografias são conclusivas e provam que a enfermeira britânica Helen Smith foi assassinada na Arábia Saudita."

Mortos por todos os lados.

Ela estava sentada na escada. Esperava por você. Trouxe comida chinesa fria e bebida alcoólica quente. Escutou quando você começou a subir a escada. Ela ergueu os olhos. Estava molhada. Ela sorriu.

– Imaginei que estivesse com fome – ela disse.

– Estou – você mentiu e abriu a porta.

O telefone tocava, os galhos batiam contra o vidro.

24

Respirando com dificuldade e cuspindo sangue, ficando cego.

Mas lá estava, novamente, o carro dele.

Merda.

Deixou que se aproximasse mais e então BJ correu.

Vento, chuva, a voz dele:

– BJ!

Pulando uma cerca de um terreno baldio, tropeçando e caindo no chão, sangrando, chorando e rezando, cambaleando no terreno baldio, entrando num *playground*, num *playground* e tropeçando em outra cerca, saltando a cerca e entrando em terrenos particulares, deixando rastros de sangue em hortas e numa parede, saindo em direção a uma pequena rua cheia de casas, descendo a rua e caindo em outra também repleta de casas, depois virando à esquerda, pouco depois à direita…

Tinha de sair das ruas.

BJ deixou as ruas para trás e aproximou-se da lateral de uma pequena e silenciosa casa.

Entrou no jardim dos fundos da casa.

Bingo.

Uma edícula, escura por conta da chuva, no final do jardim.

A porta não estava trancada, apenas mantida fechada com um tijolo.

BJ entrou e sentou-se numa pilha de jornais velhos, ao lado de uma pá e de um cortador de grama, um carrinho de mão e uma espátula de pedreiro.

BJ esperou.

Esperou que ficasse escuro.

Mas sempre estava escuro.

BJ se sentou e BJ esperou no escuro, na escuridão sem fim, e chorou.

Chorou.

Chorou por causa dos cortes nas mãos e cortes nas pernas, cortes no rosto e cortes nos cabelos.

Chorou pela lama nas calças e nos sapatos, na jaqueta e na camisa.

Pela confusão.

Pela maldita confusão em que BJ estava metido.

E não apenas BJ.

BJ chorou pela mãe.

Chorou pela mãe e por todas as outras pessoas que BJ amara, fodera ou as duas coisas.

Ou pelas pessoas que BJ simplesmente sacaneara.

Chorou por Barry Gannon e Bill Shaw.

Por Eddie Dunford e Paula Garland.

Mas sobretudo chorou por Grace e Clare.

Lá, na pequena edícula da casa de alguém, num pequeno jardim de Preston, às dez e meia da manhã de uma sexta-feira molhada.

Sexta-feira, 21 de novembro de 1975.

BJ chorou e chorou, mais e mais, finalmente chorou.

Com as articulações dos dedos vermelhas e os dedos azulados, mordendo as mãos e os punhos da camisa, querendo parar.

Louco de vontade de que tudo aquilo acabasse.

Acabasse e rebobinasse.

Desejando que os mortos estivessem vivos, que os vivos nunca morressem.

– Clare!

BJ tirou a fotografia do bolso:

Clare com os olhos e as pernas abertas, com os dedos tocando a boceta.

Mas não era ela, não era mesmo, e BJ amassou a foto e guardou no fundo da jaqueta de BJ, depois BJ fechou os olhos para que tudo aquilo parasse e desaparecesse.

Contudo, assim que BJ fechou os olhos, BJ voltou a ver o corpo dela.

O corpo numa maca, com o vento levantando o lençol ensanguentado.

Um casaco três quartos verde-claro com um colarinho que imitava pele, um suéter azul-turquesa com um top *amarelo brilhante por cima e calça marrom-escura e botas de camurça marrom até a batata da perna.*

BJ abriu os olhos vermelhos e, pela janela suja e molhada, BJ ficou observando o pequeno e bonito jardim e a pequena e bonita casa, com suas pequenas e bonitas cortinas, os pequenos e bonitos enfeites postos no parapeito da janela, a pequena e bonita portinha para o gato e a pequena e bonita mesa para pássaros.

Pássaros com suas asas, suas pequenas asas angelicais que os erguiam bem alto.

BJ tirou a camisa de BJ e, com dedos sujos e molhados, BJ procurou entre os ombros e os ossos da coluna, procurou restos…

Restos de asas.

Mas BJ não encontrou nada.

BJ voltou a vestir a camisa suja com estampa de estrelas. BJ pensou na mãe de BJ e na pequena e bonita casa com um pequeno e bonito jardim que nunca tiveram. Pensou em Clare e nos seus filhos, e na pequena e bonita casa com um pequeno e bonito jardim que nunca tiveram e nunca terão.

BJ ficou parado na escuridão sem fim e chorou.

Era sexta-feira, 21 de novembro de 1975.

Norte da Inglaterra.

Clare estava morta.

Estava escuro quando BJ abriu a porta da edícula.

Sempre escuro.

A casa continuava apagada, então BJ desceu pela lateral e voltou às ruas.

BJ correu até o final da rua e deu uma olhada na esquina.

Tudo limpo.

BJ seguiu por ruas laterais, cheias de casas, desejando que parasse de chover por pelo menos um minuto.

BJ chegou a um parque, onde no fundo, atrás de algumas casas, havia uma estrada com duas pistas.

BJ começou a atravessar o parque. BJ os viu:

Merda.

Uma fila de policiais com cassetetes procurava alguma coisa no parque.

Uma arma de assassinato.

Alguém.

Uma criança desaparecida, eu.

Lanternas e capas sob a chuva, como se fosse um maldito exército noturno marchando na sua direção.

Mas eles não conseguiram ver BJ, pelo menos não naquele momento.

Afastavam-se das luzes da rua, entravam nas sombras.

BJ se atirou ao chão, à lama, arrastando e engatinhando até um arbusto, depois a outro, lentamente.

Lentamente, até que eles passassem, ficando para trás. E BJ começou a rastejar novamente.

Rastejava e engatinhava em direção à estrada, uma estrada sabe lá para onde.

Qualquer lugar que não fosse aquele.

Olhou para trás, para os policiais com seus cassetetes, suas lanternas e capas, agradecendo a Cristo por não terem vindo com cães.

BJ entrou nos jardins, nos jardins das casas entre BJ e a estrada.

BJ procurava outra casa apagada ou pelo menos com as cortinas fechadas.

BJ encontrou uma escura.

BJ pulou a cerca de madeira e BJ entrou em meio aos arbustos, atravessando a grama aparada, chegando ao jardim em frente da casa, onde BJ se escondeu entre arbustos, enquanto BJ deu uma olhada para ver se o caminho estava livre.

Como num filme de guerra.

Passado mais ou menos um minuto, BJ saiu do jardim da casa e caminhou pela calçada de uma rua grande e movimentada, depois foi até a rotatória onde BJ encontrou uma saída para longe dali.

Para longe dos alemães nazistas.

E BJ caminhava sozinho, luzes amarelas se aproximavam, luzes vermelhas se distanciavam. Praticava alemão e pensava em atravessar para o outro lado, onde havia outros parques e alguns bosques, pensando que, dessa forma, poderia sair correndo caso os Krauts aparecessem com seus terríveis rostos nazistas.

Pensava em algum lugar para fugir quando um carro parou.

Um carro parou e o motorista baixou o vidro da janela.

Baixou o vidro da janela e disse:

Ele disse:

– Oi, Barry, você está todo ensopado.

25

Entramos na Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Grandes árvores, com corações desenhados nos troncos, perdendo as folhas em julho.

Grandes edifícios, com corações destruídos em seus apartamentos, perdendo sua pintura e sua forma.

Entramos na Blenheim Road e voltei a sentir muito ódio.

Muito ódio da *Mystic* Mandy, da médium e da fraude.

Ódio da perda de tempo com loucos vindos das festas e feiras.

Ódio de Wally Heywood, Georgie Oldman e *Texugo* Billy.

Ódio de quem e do que eles eram.

Do que sabiam e do que não fariam.

Mas, acima de tudo, ódio daquele dia.

Sábado, 19 de julho de 1969.

Estava tomado de ódio de mim mesmo.

Ódio de mim mesmo e do que eu era.

Do que eu sabia e do que não faria.

(Nada mais que uma cantiga de ninar no dialeto local.)

Ódio.

Estacionamos na Blenheim Road.

Grandes árvores, com corações desenhados nos troncos, grandes edifícios cheios de corações partidos em seus apartamentos.

Estacionamos e, finalmente, perguntei:

– Que porra é essa, Bill?

– George acha… – ele fedia por causa de seu lanche e de sua culpa.

– E desde quando você se importa com o que o maldito George Oldman acha?

– Maurice…

– Nós sabemos quem fez isso.

– Quem fez o quê?

– Quem a pegou.

– Não sabemos não.

– Sabemos sim.
– Não sabemos não.
– Claro que sabemos, porra.
– Maurice, não é hora de fazer teatro.
– É sim, porra!
– Vá se foder, Maurice – ele disse, abrindo a porta do carro.
(Ódios, ódios locais.)
Saí do carro. Bati a porta.

Estávamos na porta do número 28 da Blenheim Road.

Uma grande árvore com corações desenhados no tronco, um edifício grande com corações destruídos em seus apartamentos.

Na entrada, vários buracos e água parada.

A barra de nossas calças, nossas meias e sapatos ficaram cobertos de lama em pleno mês de julho.

George Oldman já estava lá, esperando no portão com um guarda-chuva preto. Ele jogou fora o seu cigarro e disse:

– Senhores.
– George – disse Bill.
Eu não tinha nada a dizer.
– Vai subir? – perguntou Bill.
– Melhor esperarmos por Jack – respondeu George.
– Jack? – perguntei.
– Jack Whitehead – disse George.
– Puta merda!
– Imaginei que ele fosse seu amigo – disse Bill.
– Ele é meu amigo, mas…
– Foi ele quem organizou tudo isto – disse George, entregando-me a última edição do *Post.*
Li em voz alta:
– *Médium entra em contato com a polícia*.
Balancei a cabeça. Entreguei o jornal a George. Olhei para o meu relógio:
Já passava da uma.
Perdido, tempo perdido.
– Falando no diabo… – disse Bill.

O Jensen, o carro de Jack, parou na porta do prédio. Ele estacionou e saiu do carro. O seu rosto estava cinza e os seus olhos, vermelhos. Mais um homem chateado. Soltava faíscas. Acenou com o cigarro na mão e disse:

– Olá, olá, olá. Olhe se não são os policiais…

– Número 5, Jack? – perguntou George.

Jack fez que sim. Jack tropeçou.

(Não havia anjos ali.)

Jack deixou cair o seu cigarro. Voltou a pegá-lo. Depois deu um tapinha nas minhas costas.

Entramos no número 28 da Blenheim Road, em St John's, Wakefield.

O grande edifício com corações destruídos em seus apartamentos, perdendo sua pintura e sua forma.

Entramos e subimos as escadas, seguindo em direção ao apartamento número 5.

Os vidros das janelas manchados.

Subimos as escadas em direção ao apartamento número 5.

O ar era frio e úmido, o ar estagnado.

Jack bateu à porta.

– É a polícia, querida. Abra em nome da lei.

Bill me encarou. Eu olhei para o chão.

A porta se abriu com um barulho, a corrente continuava presa.

Entre a madeira da porta e a madeira do batente surgiu o rosto pálido de uma linda mulher, com a corrente de metal passando bem na altura da sua boca.

– Sou Jack Whitehead, minha querida. E estes são os policiais sobre os quais lhe falei.

Entre as madeiras, aquele rosto lindo e pálido fez que sim.

A porta foi fechada, depois aberta novamente, já sem a corrente.

A mulher teria seus trinta e poucos anos. Vestia uma blusa branca de seda e uma saia de lã escura.

Era realmente linda.

(Beleza local.)

– Entrem, por favor – ela disse.

Entramos no apartamento 5 do edifício número 28 da Blenheim Road.

Um apartamento sem seu coração.

Seguimos a mulher pela lúgubre entrada da casa, as paredes com quadros escuros e chegamos a uma sala grande, com paredes e cadeiras entre tapetes persas.

Todo o apartamento fedia a mijo de gato e petúnia.

Jack fez as apresentações:

– Estes dois senhores são os detetives superintendentes George Oldman e Bill Molloy, e este é o detetive inspetor Maurice Jobson. Senhores, esta é a senhora Mandy Denizili ou…

– Mandy Wymer – ela disse, sorrindo e apertando nossas mãos.

– *Mystic* Mandy – disse Jack. – Como é conhecida profissionalmente.

Ela olhou para Jack, suspirou, depois fez um gesto em direção ao sofá e à poltrona, e disse:

– Sentem-se, por favor.

George sentou-se na poltrona. Jack numa almofada no chão. Bill e eu no sofá.

Uma mesa de centro ornamentada estava pressionada contra nossos joelhos e canelas.

– Aceitam chá? – ela perguntou.

– Ótima ideia – respondeu George. Bill e eu fizemos que sim.

– Para mim não, querida – disse Jack – Não tomo essas coisas.

– Peço licença por um minuto – ela disse, saindo por outra porta.

– Denizili? – Bill perguntou a Jack.

– O marido era turco.

Ergui os olhos das velas apagadas sobre a mesa e perguntei:

– *Era?*

– Não está por aqui – disse Jack.

– Será que ela poderia nos revelar os resultados dos jogos em York? – perguntou Bill, sorrindo.

– Eu sou médium, senhor Molloy, não adivinha – respondeu Mandy Wymer, parada na porta com uma bandeja nas mãos.

– Sinto muito – disse Bill, com as mãos erguidas, pedindo desculpas –, não queria ofender.

Ela entrou com a bandeja, o bule e as xícaras. Deixou tudo na mesa. Depois sorriu para Bill e disse:

– Tudo bem, não importa.

O seu sorriso era verdadeiramente bonito.

George inclinou o corpo para a frente na poltrona e disse:

– Jack nos contou que a senhora tem informações sobre a menina desaparecida em Castleford.

Ela lhe oferecia uma xícara de chá quando respondeu:

– É verdade.

– Que tipo de informações?

– Estamos desesperados – eu adicionei. – Só podíamos estar.

Ela me olhou, sorriu, depois ofereceu uma xícara de chá para mim e outra para Bill. Finalmente, ajoelhou-se ao lado da mesa.

– Sou médium, senhores – ela repetiu. – E por isso algumas vezes posso escutar, ver e sentir coisas que outras pessoas talvez não consigam.

Todos fizemos que sim.

Éramos três policiais olhando para aquela linda mulher ajoelhada diante de nós. Jack lutando para manter os olhos abertos. Bill com um sorriso forçado.

– Às vezes, os mortos se comunicam por mim.

– A senhora acha que Jeanette está morta? – perguntou George.

Mandy Wymer não respondeu. Acendeu uma das grossas velas brancas sobre a mesa. Levantou-se. Caminhou até as amplas janelas. Fechou as pesadas cortinas púrpura.

A sala ficou escura, iluminada somente pela vela. Ela voltou à mesa.

– Senhora Denizili… – disse Bill.

Mas ela ergueu as mãos no escuro e disse:

– Por favor, senhor Molloy.

– Mas…

Coloquei minha mão no braço de Bill.

Ela acendeu uma segunda vela grossa também sobre a mesa. Depois outra. E mais outra.

– Por favor, segurem a mão de quem está à sua esquerda e fechem os olhos – pediu a mulher.

Ela segurou a mão direita de George, que segurou a de Bill, que segurou a minha. Eu segurei a de Jack.

Jack despertou da letargia e pegou a mão dela.

Nós cinco nos inclinamos num círculo ao redor da mesa e das velas, dos números num relógio.

(Hora local.)

Era sábado, 19 de julho de 1969.

Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Grandes árvores com corações desenhados nos troncos, perdendo as folhas em julho.

Número 28 da Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Grande edifício com seus corações destruídos em seus apartamentos, perdendo sua pintura e sua forma.

Apartamento 5, no número 28 da Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Sala grande com corações enevoados, perdendo nosso rumo e nossas cabeças.

Nas paredes, pinturas desbotadas e tapetes persas.

O cheiro de mijo de gato e petúnia, o hálito de Bill e Jack.

Meus olhos abertos.

Seus seios subindo e descendo por baixo da blusa de seda branca.

Entre as sombras.

Soluços baixos, soluços abafados, ela chorava.

Seus seios subiam e desciam entre…

Entre as sombras.

Olhando nos meus olhos.

Subindo e descendo.

Entre as sombras.

Ela rosnava com os dentes carnívoros à mostra.

Este lugar é o pior de todos, subterrâneo.

Os cadáveres e os ratos.

O dragão e a coruja.

Lobos também, um cisne.

O cisne morto.

Sem fim, lugar sem fim.

Sob a grama que cresce.

Entre as rachaduras e pedras.

Os lindos carpetes.

Esperando por outros, no subterrâneo.

Silêncio.

Silêncio, o círculo continuava fechado.

Eu segurava a mão direita de George. George a de Bill. Bill a minha. Eu a de Jack…

Jack segurava a dela.

Blenheim Road, em St John's, Wakefield.

Grandes árvores com corações desenhados nos troncos, perdendo as folhas

em julho.

Número 28 da Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Grande edifício com corações destruídos em seus apartamentos, perdendo sua pintura e sua forma.

Apartamento 5, no número 28 da Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Uma grande sala com caminhos lúgubres, corações e mentes perdidos.

Meus olhos abertos.

Soluços baixos, soluços abafados, ela chorava.

Olhando nos meus olhos.

Chorando.

Subindo e descendo.

Entre as sombras:

“Isso já aconteceu antes…”

Lágrimas cavernosas:

“… e está acontecendo novamente.”

Lágrimas e, então…

Silêncio.

O silêncio, exceto lá fora.

Do lado de fora das pesadas cortinas púrpura, os galhos de uma árvore alta batiam contra o vidro das amplas janelas, uma árvore sem folhas em pleno mês de julho.

Querendo entrar.

Querendo alcançá-la.

Meus olhos abertos e olhando para os dela.

Queria soltar a mão de Bill, também a de Jack.

Queria correr para o outro lado da mesa.

Libertá-la das correntes.

Das prisões:

Da morte certeira que eu enxergava ali.

Daquela terrível, horrível voz que tripudiava, que se gabava:

“NÃO SOU UM ANJO,

NÃO SOU NENHUM ANJO!”

Olhando nos meus olhos.

Chorando.

Subindo e descendo.

Entre as sombras:

Na Temporada da Praga, a carne…

Dois corvos comendo em sacos de lixo pretos, rasgando sua carne doce.

Gritos ecoando no escuro, deslizando a bunda na entrada da casa, com os braços e pernas esticados, sua saia rasgada; soluços assustados do outro lado da porta, o som de móveis sendo arrastados, de cômodas e gavetas e guarda-roupas sendo postos atrás da porta.

Uma voz fraca entre camadas e camadas de madeira, uma criança murmurando a um amigo por baixo das cobertas: "Conte-lhes sobre os outros…".

Fiquei de pé, do outro lado da mesa.

O bule e as xícaras caíram no chão.

Sacudi o corpo dela.

– Que outros? – gritei.

Ela abriu os olhos e me encarou.

– Todos os que estão sob estes lindos carpetes – ela respondeu.

– Todos quem, porra?

Bill e George ficaram de pé.

As velas se apagaram.

Abrindo as cortinas, Jack cuspia nas próprias palmas.

Eu gritava.

Eu a chamava do Subterrâneo, do reino dos Mortos:

Um escuro e frio dezembro tomou conta do lugar quando eu abri a porta do quarto e a encontrei deitada, fria, sobre o chão.

Bill e George agarravam meus braços.

Eles me puxavam.

Ela me empurrava.

Ela me empurrava, dizendo:

– Por favor, diga a eles onde estão.

– O quê? – perguntei.

Fiquei de pé em meio à luz.

A luz.

A morta luz do dia.

Feridas no dorso das minhas mãos.

(Feridas locais.)

Feridas que nunca cicatrizariam.

PARTE 3

“A Igreja cristã sempre condenou a magia,
mas sempre acreditou nela. Não excomungou feiticeiros
por serem homens loucos equivocados, mas sim
por estarem em verdadeira comunhão com o Demônio.”
VOLTAIRE

26

Batendo contra a janela.

Segunda-feira, 30 de maio de 1983.

D-10.

Ela, deitada de lado, vestindo uma regata preta, de costas para você.

Os galhos da árvore batendo contra a janela.

Você, deitado de costas, de cueca e meias.

Os galhos da árvore batendo contra a janela.

Deitado de costas, com cheiro de arroz frito e vodca na boca.

Ouvindo os galhos da árvore batendo contra a janela.

D-10.

Segunda-feira, 30 de maio de 1983.

Você ouvia os galhos da árvore batendo contra a janela.

Do lado de fora, chovia novamente. No andar de cima, voltavam a discutir.

Você se sentou na cozinha, comendo panquecas crocantes em silêncio, com o rádio ligado:

"Libra tem nova alta diante da esperança de uma vitória esmagadora dos conservadores ao mesmo tempo em que Foot tenta refutar as últimas pesquisas de opinião. O senhor Cecil Parkinson, presidente do Partido Conservador, rejeita sugestões de que o seu partido tenha sofrido significativa infiltração de membros da Frente Nacional e da Liga St George. Segundo reportagem que será publicada hoje, os centros comerciais construídos nos anos 1960 e…"

Você se levantou. Mudou de estação. Encontrou alguma música:

Spandau Ballet.

"True."

Ela se levantou. Ela desligou o rádio.

Você foi até a pia. Passou um pouco de água fria nos pratos e na grelha. Virou-se, com as mãos ainda molhadas, e perguntou:

– O que Jimmy estava fazendo em Morley?

– O quê?

– Quando o prenderam? Por que ele estava em Morley?

Ela deu de ombros e disse:
– Estava indo me ver.
– Te ver?
– É onde eu moro, certo?
– Eu não sabia.
– Agora sabe.
Ela saiu da cozinha. Você a seguiu em direção à sala. Ela vestia o casaco.
Você ficou parado na porta e disse:
– Morley é um lugar perigoso.
Ela não comentou nada. Caminhou na sua direção e, finalmente, disse:
– Com licença.
– Você conheceu Hazel Atkins? A família dela?
Ela fez que não. Tentou passar.
Mas você agarrou o braço dela e perguntou:
– E Clare Kemplay? Você a conheceu?
– Você está me machucando.
– O Jimmy a conhecia.
– Vá se foder – ela disse. – Ele está morto.
– Michael Myshkin me contou.
– E o que ele sabe?
– Ele conhecia Jimmy. Eram amigos.
– Vá se foder – ela disse. – Já se passaram vários anos desde que eram *amigos*. Eram apenas colegas de infância.
– Segundo Michael, eram *melhores amigos* – você disse.
– Há muitos anos, e Jimmy está morto por culpa do maldito Joey!
E fim de papo.
Ela foi embora.
Sem dizer mais nada.

Você atravessou Wakefield, seguindo em direção ao Calder. O carro engasgava, tossia, subindo a Barnsley Road e passando pelo Redbeck.
Você era apenas mais um.
Michael Myshkin e Jimmy Ashworth.
Jimmy e Michael, Michael e Jimmy.
Apenas mais um…

"… os anos 1970 estão precisando de um reparo urgente. Detetives seniores na busca pela estudante de Morley desaparecida, Hazel Atkins, após terem descartado o relato de que ela teria sido vista numa feira de Edimburgo no fim de semana, voltarão a Rochdale…"

Suando, depois congelando, com suas roupas repletas de ódio, seu coração em trevas e seu ventre tomado pelo medo.

Somando dois mais dois:

Medo e ódio, ódio e medo.

Michael e Jimmy, Jimmy e Michael.

Fitzwilliam.

Mais uma casa silenciosa em Newstead View, Fitzwilliam.

A lareira e a televisão desligadas.

Apenas o relógio tiquetaqueando e o barulho de água fervendo.

A senhora Ashworth voltou com duas xícaras de chá.

– Açúcar? – ela perguntou.

Você fez que sim.

– Quantos cubos?

– Três, por favor.

Ela lhe passou a vasilha com os cubos de açúcar:

– Sirva-se.

– Obrigado.

Ela se sentou.

– Sinto muito pelo outro dia. Estou me sentindo melhor agora, eu acho…

– Que bom – você disse. – Isso vai demorar um tempo para passar.

Ela concordou.

– Foi o que o médico disse, mas todo mundo tem ajudado bastante, tem sido muito gentil.

Apenas o relógio tiquetaqueando.

– Estive com Tessa – você comentou.

Mary Ashworth revirou seu olhos cansados, depois suspirou.

Você esperou, esperou que ela dissesse o que queria dizer.

Esperou até que ela disse:

– Ela está muito diferente, sabe?

Você fez que não com a cabeça.

Ela apertou as mãos, inclinou o corpo na sua direção e murmurou:

– Outro maldito caso perdido. Vou lhe dizer uma coisa: se existia um santo para os fracassados, esse santo era Jimmy.

– E foi por isso que ele se aproximou de Michael Myshkin?

Ela fez que não.

– A mãe dele está passando por poucas e boas, eu sei… No entanto, e peço a Deus que me perdoe, eu queria, com toda a minha força, que eles nunca tivessem vindo morar aqui e que Jimmy nunca tivesse conhecido Michael, assim Jimmy…

– Quando foi isso?

– Quando eles se mudaram?

Você fez que sim.

– Acho que quando Jimmy tinha três ou quatro anos, e Michael uns dez. Mas eu não saberia…

– Então eles se conheciam havia um bom tempo?

– Não – ela respondeu. – Eles só começaram a sair juntos quando Jimmy tinha uns dez ou onze anos.

– E Michael deveria ter uns dezesseis ou dezessete?

– Fisicamente.

– Isso não preocupava a senhora naquela época? Que eles fossem amigos?

– Não – ela respondeu, dando de ombros. – Ele era inofensivo, ou pelo menos era o que todos pensávamos.

Você fez que sim.

– E não eram só eles dois – ela continuou. – Havia outros.

– Outros?

– Quatro ou cinco.

– Ainda estão por aqui?

Ela se recostou, coçou o nariz.

– A senhora se lembra de quem eram? – você forçou.

– Acho que Kevin Madeley era um deles. E o pequeno Leonard, embora fosse um pouco mais jovem e talvez já tivesse se mudado naquela época. Isso foi há tanto tempo… O filho dos Hinchcliffe, Stuart, eu acho. E havia outros, você sabe como são os meninos.

O relógio tiquetaqueando.

Sirenes soando.

– Ainda moram por aqui?

– Kevin Madeley se mudou para os lados de Stanley. Acho que o rapaz Hinchcliffe foi para o sul. Birmingham, talvez.

Sirenes distantes.

– E os pais deles? Ainda moram por aqui?

– Os Madeley moram. A senhora Madeley trabalhava com a mãe dele.

– Com a senhora Myshkin?

– É – ela respondeu.

– Na casa dela?

Ela fez que sim. Terminou seu chá. Deixou a xícara pousada nas pernas.

Você pegou seu caderno de anotações no bolso. Encontrou sua caneta. Começou a escrever alguns nomes e datas.

– E quanto ao seu irmão? – ela perguntou.

Você parou de escrever, ergueu o olhar e perguntou:

– O que tem ele?

– Sempre morou por aqui, verdade?

Você deu de ombros.

– Vocês, o senhor e Pete, não são muito próximos, certo? – ela perguntou, sorrindo.

Você fez que não e disse:

– Não, não muito.

– Ele culpa o senhor por problemas com o pai de vocês, depois com a mãe, não é?

– Senhora Ashworth, eu…

– O meu marido me culpa – ela disse, limpando os olhos com a ponta do avental. – Ele me culpa, eu sei que sim. Vejo escrito no rosto dele sempre que olha para mim.

– Tenho certeza de que ele não culpa – você mentiu.

Ela fungou o nariz, sorriu novamente, e perguntou:

– É possível que ele saiba alguma coisa?

– Quem?

– O seu Pete.

Você fez que não. Pensou no seu irmão.

Nos homens que não estavam ali.

O seu pai.

Não estava ali.

– Gostaria de conversar com a senhora sobre Clare Kemplay.

Ela olhou para você e disse:

– Estamos aqui para conversar sobre o meu Jimmy ou sobre o desaparecimento dela?

– Preciso perguntar à senhora…
– Não, de novo não – ela disse, suspirando.
– Mas é importante…
– Já passou muito tempo.
– Mas…
– Para que…
– Por favor…
– Ficar remoendo…
– Senhora Ashworth, por favor. Eu…
– Isso não o trará de volta…
– Veja bem! – você gritou. – Foi por causa de Clare Kemplay que prenderam Jimmy.

Ela parou de falar. Fechou os olhos. Agarrou a xícara com força. Abriu os olhos. Olhou para você e disse:
– Ele não teve nada a ver com aquilo e não teve nada a ver com isso.
– Ele conhecia Clare Kemplay.
– Ele *não* a conhecia. Ele a tinha visto. Nada mais.
– E disse que ela era bonita.
– Quem disse isso?
– O seu filho.
– Não.
– Para Michael.
Ela fez que não.
– Ele a conhecia. Ele a encontrou.
– Estava no lugar errado.
– E quanto a Hazel Atkins?
Ela fez que não novamente.
– Ele esteve em Morley há uma semana, exatamente quando ela desapareceu.
– Estava no lugar errado, na hora errada.
– Por que estava lá?
Ela voltou a fechar os olhos.
Você disse:
– Segundo Tessa, ele foi até lá atrás dela.
Ela fez que não. Abriu os olhos e disse:
– Ele não…
– O quê?
– Ele não fez isso.

– Não fez o quê?

– Ele não matou Clare Kemplay. Ele não foi atrás de Hazel Atkins. E não se matou!

– Mas… – você parou de falar.

Ela olhou para você.

– O quê? Diga!

– Dizer o quê?

– Exatamente o que o senhor quer dizer. O que o senhor realmente pensa.

Você fez que não.

– Então eu mesma vou dizer o que o senhor acha. O senhor acha que ele matou Clare Kemplay e pegou essa outra menina, e também acha que ele se matou por sentir-se culpado. É isso o que o senhor pensa, certo?

– Eu…

– Não! Eu mesma explico. Eles podem abrir os inquéritos e fazer as análises que quiserem, mas ele nunca se enforcaria. Nunca! Não tinha razão para isso. Ele não fez nada.

– Senhora Ashworth…

– Ele nunca faria isso comigo. Nunca.

Você fechou os olhos. Esperou. Depois voltou a abri-los.

– Sinto muito.

Ela respirou fundo. Fez que sim.

Você balançou a cabeça. Pensou no seu pai.

Nos homens que não estavam ali.

No seu irmão.

Não estava ali.

Ela secou os olhos, recostou-se e disse:

– Isso não vai trazê-lo de volta. Mas o que o senhor poderia fazer?

– Depende do que a senhora quer.

Ela olhou para você.

– A verdade, John. Apenas isso.

Você olhou suas anotações. Fechou os olhos.

Não estava ali.

Você abriu os olhos. Olhou para trás. Fez que sim.

O relógio tiquetaqueava.

Ela pousou a xícara próximo à lareira. Colocou a mão no bolso do avental. Pegou um pedaço de papel. Olhou para ele. Murmurou:

– Aqui diz que ele se enforcou, usando o próprio cinto. Suicídio.

Você fez que sim.

– O senhor leu isso?

Você fez que sim novamente.

A senhora Ashworth se levantou. Caminhou até a mesa. Pegou um cinto de couro preto. Olhou para você, segurando o cinto, e perguntou:

– O senhor já viu isto?

Você afastou os olhos. Fez que não com a cabeça. Engoliu em seco e perguntou:

– É o que estou pensando?

– É o cinto de Jimmy.

– Eles devolveram?

Ela fez que não.

O relógio parou de tiquetaquear.

Você olhou novamente para o cinto. Olhou para ela.

– E como veio parar aqui?

Ela olhou para o teto.

– Eu fui lá em cima. Abri o armário dele e o encontrei em sua outra calça jeans.

Você olhou para ela.

Ela chorava.

Você engoliu em seco.

– Mas…

Ela fez que não com a cabeça.

Você olhou para o cinto e repetiu:

– Mas…

Ela voltou a fazer que não.

– Ele tinha apenas um cinto.

Você olhou para ela.

– Tem certeza?

Ela fez que sim, com lágrimas por todos os lados.

Na porta, Mary Ashworth tomou uma de suas mãos nas dela.

Você baixou os olhos para a soleira da porta.

– Obrigada – ela disse.

Você fez que não.

Ela agarrou sua mão com mais força.

– Obrigada.

Você fez que sim.

Ela deu duas palmadinhas na sua mão, apertou-a uma última vez e soltou-a.

Você se virou. Olhou para a rua. Depois voltou a olhar para a senhora Ashworth.

Ela olhava para você. Ela o observava.

– A senhora acha que Michael Myshkin matou Clare Kemplay? – você perguntou.

Ela ficou olhando para você, engoliu em seco, depois afastou os olhos.

– Acha? – você repetiu.

Ela olhou para você, fez que não e fechou a porta.

Você desceu a Newstead View.

Passou por sacos plásticos e cocô de cachorro.

Chegou ao número 54. Bateu.

Ninguém respondeu.

Bateu novamente.

– Ela saiu.

– Usando um cabo de vassoura.

Você se virou.

Havia um grupo de quatro meninos com enormes bicicletas junto ao portão. Seus rostos pequenos tinham expressão grave e seus olhos azuis estavam frios. Suas roupas eram cinza e bordô. Todos eles usavam botas de boxeador.

– Ela foi para a prisão.

– Ver o filho.

– Ele está num hospício.

– Michael Myshkin. É esse o nome do filho dela.

Você fez que sim. Caminhou em direção aos meninos.

Eles moviam suas bicicletas para a frente e para trás. Curvavam o corpo sobre o guidão. Cuspiam.

– Foi ele que matou aquelas meninas.

– Acabou com elas.

– Costurou asas de pássaro nelas.

– Tirou o coração delas e o comeu.

Você passou entre os meninos e suas bicicletas.

Eles não se afastaram.

– Meu pai disse que deveriam enforcá-lo.

– A minha mãe disse que vão fazer isso assim que ele for solto.
– O meu pai disse que vão matar a mãe e tudo o mais.
– A minha mãe disse que a mãe dele é uma maldita bruxa.
Você se virou. Deu um tapa no rosto do menino mais próximo.
Ele caiu da bicicleta sobre uma cerca e o gramado.
Ele se cortou. Seu rosto com expressão grave sangrava. Seus olhos azuis ficaram ainda mais frios.
Os outros três meninos começaram a andar em círculos com suas bicicletas.
– Por que você fez isso, seu gordo de merda?
– Gordo nojento.
– Vou contar tudo ao meu pai.
– Meu pai vai te matar.
Você foi até o seu carro. Abriu a porta.
– Ele vai te matar!
Você entrou no carro. Trancou as portas.
Eles batiam no carro:
– Considere-se morto, seu maldito gordo idiota.

No rádio, no caminho para Leeds, voltavam a tocar aquela música sobre fantasmas. Você parou logo após o Redbeck. Desligou o rádio. Respirou fundo. Secou os olhos.

– Gostaria de conversar com o sargento que estava de plantão na noite em que James Ashworth se suicidou.
– Quem gostaria?
– John Piggott, o advogado.
O policial à mesa acenou para as cadeiras de plástico logo atrás e disse:
– Sente-se, por favor.
Você caminhou em direção às cadeiras de plástico e sentou-se sob as luzes amarelas, que ainda acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, e sob o pôster que ainda avisava sobre os perigos de dirigir bêbado no Natal.
Ainda não era Natal.
O policial fez alguns telefonemas.
Você olhou para o piso de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as

marcas feitas por botas e cadeiras. Aquele cheiro de cães sujos e vegetais exageradamente cozidos desaparecera, tudo cheirava a desinfetante de pinho.

Tinham limpado o ambiente.

– Senhor Piggott?

Você se levantou e se aproximou do policial.

– Sinto muito, mas o oficial em questão está de férias.

– E quando voltará?

– Isso eu não sei.

– E pode me dar o nome dele?

– Sinto muito, senhor, mas não estou autorizado a dizer.

– Por conta do regulamento?

Ele fez que sim.

– Mas talvez possa me ajudar.

O policial parou de movimentar a cabeça.

– Veja bem, eu represento a senhora Mary Ashworth, e tenho certeza de que o senhor sabe que se trata da mãe do infeliz James Ashworth, que se enforcou numa das suas celas. Para ser exato, ele se enforcou às 19h55 da tarde do dia 24 de maio. Imagino que tenha ouvido falar no caso, certo?

– E como eu poderia ajudá-lo, senhor? – perguntou o policial.

– A senhora Ashworth adoraria ter de volta as roupas do seu filho e todas as outras coisas que vocês possam ter guardado no momento da prisão. Isso sem falar na sua cara motocicleta. O senhor sabe como algumas pessoas ficam sentimentais.

O policial ergueu os olhos, depois voltou a baixá-los. Tirou a ponta da caneta da boca e disse:

– Sente-se, por favor.

Você se virou e voltou à cadeira de plástico, sentou-se sob as luzes amarelas e o pôster avisando sobre o perigo de dirigir bêbado no Natal.

Não era Natal.

O policial fez novos telefonemas.

Você voltou a olhar para o piso de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as marcas feitas por botas e cadeiras. Voltou a sentir o cheiro forte do desinfetante.

– Senhor Piggott?

Você se levantou e se aproximou.

– Sinto muito, mas não temos ninguém em Rochdale hoje. O senhor vai ter que agendar um horário para outro dia.

– Para quando?

Ele deu uma olhada no enorme livro na sua frente. Começou a virar as páginas. Parou. Depois ergueu os olhos e disse:

– Quarta-feira.

Você deu de ombros.

– Isso é um sim?

– A que horas?

– Às dez.

– Obrigado – você agradeceu.

Você caminhava pelo mercado deserto em direção ao Duck & Drake. Entrou. Pediu uma cerveja. Foi até o telefone. Pegou a sua pequena agenda vermelha. Discou.

Do outro lado da linha, o telefone começou a tocar.

Tocou e tocou e tocou.

Você olhou para o seu relógio.

Seis.

Desligou. Deixou a cerveja em cima do telefone. Voltou ao mercado vazio e à chuva.

Era feriado bancário.

Segunda-feira e feriado bancário.

Tudo morto.

No caminho de volta para Wakefield, manteve-se na pista de baixa velocidade e deixou o rádio desligado.

Estacionou na porta da loja de conveniência de Northgate. Entrou. O velho paquistanês com sua barba branca tinha um olho preto e um curativo na orelha esquerda. Sua filha não estava por ali. Ele não disse nada. Você olhou para as garrafas. Olhou para as latas. Olhou para os jornais. Comprou um *Yorkshire Evening Post*. Saiu da loja. Entrou no carro. Trancou as portas. Abriu o jornal e leu:

POLÍCIA ATRAVESSA OS PENNINES EM BUSCA DE HAZEL

Kathryn Williams, repórter-chefe

Hoje, o detetive responsável pela busca de Hazel Atkins, estudante desaparecida em Morley, negou os relatos dizendo que a polícia estaria fazendo conexões entre o seu desaparecimento e o de Susan Ridyard, estudante desaparecida em Rochdale, em 1972.

Susan Ridyard tinha dez anos quando sumiu em março de 1972. O seu desaparecimento já foi conectado ao sequestro e assassinato de Clare Kemplay, também de dez anos, crime mais tarde assumido por Michael Myshkin, que foi sentenciado à prisão perpétua em 1975.

Embora Myshkin tenha inicialmente confessado o sequestro de Susan e Jeanette Garland, desaparecida em Castleford, em 1969, ele mais tarde negou qualquer envolvimento e nunca foi formalmente acusado dos casos. Recentemente, Michael Myshkin resolveu entrar com uma apelação contra a sua confissão e sua pena de morte por causa do assassinato de Kemplay.

No entanto, na hora do almoço, o senhor Maurice Jobson, que lidera a busca por Hazel, descreveu a presença contínua de detetives de West Yorkshire em Rochdale como "mera rotina" e negou qualquer conexão entre os dois desaparecimentos, dizendo que as recentes publicações da imprensa são "contraproducentes aos trabalhos policiais".

Na semana passada, James Ashworth, rapaz de Fitzwilliam que ajudou a polícia durante as investigações, foi encontrado enforcado em sua cela, na delegacia de Millgarth.

Você deixou o jornal no banco do passageiro. Ligou o carro. Subiu a rua em direção a Blenheim. Estacionou na porta de casa. Saiu do carro. Trancou a porta. Entrou no prédio. Subiu as escadas. Pegou sua chave. Parou.

A porta estava entreaberta.

Você ficou olhando para ela. Com a chave na mão. Parado. Com medo. Deu um passo à frente. Empurrou a porta.

Ela abriu completamente.

Você ficou parado. Com medo.

– Oi?

Nada.
Ficou parado. Com medo. Deu um passo à frente e disse:
– Oi?
Nada.
Deu um passo à frente. Entrou. Caminhou lentamente pelo hall de entrada.
– Oi?
Ninguém.
Olhou no quarto. No banheiro. Na sala. Na cozinha.
Medo, medo, medo, medo, medo, medo.
A casa fora completamente revirada.
Tudo estava destruído. Tudo estava quebrado.
Tudo.
Tudo, menos o espelho do banheiro.
Você encostou o seu dedo no espelho.
Na marca de batom.
D-10.

27

Ódio e Guerra.

Batendo à porta de Joe.

Ele não saía do quarto havia uma semana.

Dois setes:

1977.

Quinta-feira, 9 de junho de 1977.

Espero chegar ao céu:

– Abra a merda desta porta!

– Quem é?

Não sou quem eu gostaria de ser:

– BJ. Abra a merda desta porta!

Trancas abrindo, chaves girando, mais chaves.

Dou uma risada para suas trancas.

Olhos brancos e arregalados na fresta.

Olhares paranoicos para a esquerda/olhares paranoicos para a direita.

Tempos perigosos:

BJ empurrou a porta, desvelando aquele pequeno inferno de Chapeltown, com nada mais que uma janela e uma porta destroçadas, um colchão em péssimo estado jogado no chão e coberto com restos de tabaco e papel de cigarro Rizla, garrafas quebradas, tudo tomado por uma pesada nuvem de fumaça e músicas, com todas as paredes, todas as superfícies, todo o maldito quarto pintado com vários setes vermelhos, dourados e verdes…

– Já fez o que deveria?

– Não – respondeu BJ. – Farei hoje à noite.

– E você tem as chaves?

BJ sacudiu as chaves em frente ao seu rosto arrasado.

– O que você acha?

– As chaves do meu coração – ele disse, fazendo que sim e enrolando outro cigarro.

BJ perguntou, BJ checou:

– Você está pronto?

Ainda fazendo que sim, ele sorria e acendia o cigarro.

– Basta me dizer quem é o meu inimigo.

BJ entendeu quando ele lhe mostrou.

Entendeu porque BJ precisava entender e porque se deitou no colchão, vendo setes pintados nas paredes e setes na porta, no teto e no chão.

Vários setes pequenos e bonitos, em vermelho, dourado e verde:

Dois setes…

Joe dançava e cambaleava naquele inferno, cantando com sua voz de trovão:

– War in the East, war in the West; War in the North, war in the South; Crazy Joe get them out…

Os dois setes começavam a vir à tona e mover-se, cambaleando e dançando até:

Os dois setes se chocaram.

Dois setes se chocaram e corações frágeis balançaram.

Corações frágeis em queda.

Estava escuro.

Dez horas.

Sentado num Austin Allegro roubado na Bradford Road, em Batley.

Sentado num carro roubado observando um apartamento logo acima de um jornaleiro.

BJ saiu do carro, caminhou até a cabine telefônica e ligou para o apartamento.

O telefone tocou e tocou e tocou.

Ninguém atendeu.

BJ voltou ao carro e disse a Joe:

– Tudo limpo.

Joe fez que sim, saiu do carro e seguiu BJ em direção ao outro lado da rua, entrando num beco atrás dos edifícios, chegando a um portão vermelho que dava acesso aos fundos da loja.

– Espere aqui – disse BJ, abrindo o portão e entrando.

BJ destrancou a porta dos fundos da loja e foi na direção das escadas à direita.

BJ ficou de pé no topo das escadas, com o ouvido grudado na porta de vidro:

Nada.

BJ destrancou a porta branca que havia no topo das escadas e entrou.

Tudo apagado.

BJ foi até a parte da frente do apartamento e olhou pela janela.

Tudo o que via era o Allegro do outro lado da rua.

O telefone começou a tocar.

Merda.

Tocou e tocou e tocou.

BJ caminhou em direção à porta à esquerda.

O telefone parou de tocar e BJ entrou no quarto.

BJ abriu o guarda-roupa, empurrou os flashes e as bolsas de câmeras para um dos lados, mexendo as mãos no escuro, procurando revistas empilhadas no fundo.

BJ as encontrou:

SPUNK.

Continuou procurando até encontrar os exemplares que queria.

Os que queria que ninguém jamais visse:

Edição 3, janeiro de 1975.

BJ virou as páginas até BJ encontrar a que BJ buscava.

A que ninguém deveria ver:

Uma loira com cabelos descoloridos, pernas e bocas abertas, olhos fechados e dedos metidos na boceta e no cu.

Clare.

BJ pegou três exemplares e voltou a colocar os flashes e as câmeras no lugar, fechando o guarda-roupa e a porta do quarto.

BJ já no corredor, o telefone voltou a tocar e tocar e tocar, fazendo com que BJ saltasse de susto. Mas BJ fechou a porta branca e desceu as escadas, trancando a porta que dava para o beco, e o telefone continuava tocando e tocando e tocando.

Joe estava de pé no portão, esperando:

– Conseguiu?

BJ fez que sim, e Joe acenou com a cabeça.

Em outra cabine telefônica da Bradford Road, BJ discou um número que tinha anotado num papel. O telefone tocou e tocou e tocou, até…

– Alô.

– Jack Whitehead?

– Sim, sou eu.

– Tenho informações sobre um desses assassinatos do Estripador.

– Pode falar.

– Ao telefone, não.
– Onde você está?
– Não importa, mas poderíamos nos encontrar no sábado à noite.
– Que tipo de informação você tem?
– Contarei no sábado, no Variety Club – disse BJ, olhando para Joe sentado no Allegro e para a grande placa logo acima do carro.
– Em Batley?
– Isso. Entre dez e onze.
– Certo, mas preciso que me dê um nome.
– Sem nomes.
– Vai querer dinheiro, imagino?
– Sem dinheiro.
– O que você quer, então?
– Quero apenas que apareça.

28

Terça-feira, 21 de março de 1972.

Eu ouvi rádio e eis o que diziam:

"Dois policiais estavam de pé ao lado de um carro amarelo, na Donegall Street, quando uma bomba de gelinita com cinquenta quilos de material explosivo, escondida no interior do carro, explodiu. O acidente matou instantaneamente os policiais e quatro civis e espalhou cacos de vidro nos rostos e pernas de dúzias de pessoas que trabalhavam em escritórios vizinhos. Membros de corpos foram parar no interior de uma corretora de imóveis e ficaram espalhados pela rua; quase cem pessoas, a maior parte delas meninas, caíram na rua cobertas de estilhaços de vidro e gritavam de dor e estavam em choque…"

O telefone tocou.

Desliguei o rádio, atendi:

– Jobson falando.

– Está em greve, porra? – perguntou a voz do outro lado.

O Texugo Bill Molloy.

O *chefe superintendente* Bill Molloy.

– A noite de ontem foi longa.

– Ouvi dizer.

– Quem está fofocando por aí?

– Esquece isso, temos outras coisas a celebrar hoje à noite.

– O quê, por exemplo?

– Que tal cinquenta paus e um novo parceiro nos negócios?

– Quer dizer que ele concordou?

– Não exatamente, mas com uma pitada de persuasão amigável concordará.

– Quando e onde?

– Às dez, nos fundos do Redbeck.

– Certo. E você virá aqui hoje?

– Acho que não. Tenho que ir ao maldito Rochdale com George.

– Rochdale? Para quê?

Ele fez uma pausa e finalmente disse:

– Você conhece o George, pode ser por algum motivo ou talvez por nada.

– O que…

– Esquece – ele disse, rindo. – Nos vemos hoje à noite.

Eu queria dizer alguma coisa, mas ele desligou.

Voltei a ligar o rádio e ouvi:

“… na sua recapitulação, o juiz disse acreditar, sem sombra de dúvida, que o tempo que esses dois detetives passaram arrastando-se pelo limbo e pelo lodo do mundo subterrâneo, sempre em busca da verdade, acabou cobrando o seu preço e levou esses homens com tão altas condecorações a conspirar e aceitar dinheiro sujo…”

Desliguei novamente.

A esposa entrou. Começou a tirar o pó e perguntou:

– Quem era?

– Quem era o quê?

– Ao telefone.

– Bill.

– Legal – ela disse, sorrindo. – Sobre trabalho?

Eu me levantei.

– Sobre o casamento.

Ela parou de tirar o pó.

– Imaginei que fosse sobre aquela menina.

– Que menina?

– Aquela de Rochdale.

– Que menina de Rochdale?

Ela moveu a cabeça. O Valium não estava fazendo o efeito esperado.

– Aquela que está desaparecida desde ontem à tarde.

Eu entrava em Leeds, com uma das mãos sobre o volante.

A outra no botão do rádio, procurando:

“… enquanto a polícia local continua otimista em sua busca por Susan, acreditando que a encontrarão sã e salva, detetives seniores de Leeds City e da Força Policial de West Yorkshire são esperados em Rochdale ainda hoje. No entanto, fontes policiais se recusam a confirmar ou comentar tal notícia…”

Estacionei próximo a Westgate, depois subi as escadas e entrei na Brotherton House.

Todos falavam sobre a maldita Irlanda do Norte.

Subi outro lance de escadas, chegando ao último andar e ao chefe.

Julie ergueu os olhos da máquina de escrever, fazendo que não com a cabeça.

– Cinco minutos. Nada mais – pedi.

Ela entrou e voltou em menos de um minuto. Sorriu e disse:

– Volte em meia hora.

Olhei para o meu relógio.

– Às onze?

Ela fez que sim, voltando a digitar.

No andar de baixo, na minha sala com uma xícara de chá e um cigarro apagado. Curvei o corpo para destrancar a última gaveta da minha mesa. Peguei uma pasta.

Uma pasta grossa, presa com elástico e com uma única palavra escrita.

Eu sabia o que Bill diria, mas não me importava.

Seria com ou sem ele.

Acendi o cigarro. Cortei o nó. Abri a pasta.

A pasta grossa, com uma única palavra escrita.

Um nome.

O nome dela.

Jeanette.

– Pode entrar – disse Julie.

Bati uma vez. Abri a porta. Entrei.

Walter Heywood, chefe de polícia de Leeds City, estava sentado à sua mesa, dando as costas à janela e ao fórum local. A mesa estava repleta de papéis e pastas, cigarros e xícaras, fotografias e condecorações.

– Maurice. Sente-se – ele disse, sorrindo.

Eu me sentei na frente do chefe de polícia.

Diante daquele homem baixo, surdo, cego, homem que me custou três ataques e uma Guerra Mundial para me receber. Aquele homem baixo, surdo, cego que tudo vê e tudo escuta.

Aquele homem baixo, surdo, cego me perguntou:

– No que você está pensando, Maurice?

– Em Susan Ridyard.

Walter Heywood pousou as mãos fechadas sobre o queixo e disse:

– Prossiga.

– O chefe superintendente Molloy foi para Rochdale e…

– Você queria ter ido com ele?

Fiz que sim.

– Por quê?

– Trabalhei muito tempo no caso de Jeanette Garland – comentei.

– Eu sei.

– Dei muito do meu tempo, do meu esforço.

– Eu sei disso.

Fiquei com vontade de perguntar como ele sabia de tudo isso, mas não perguntei. Esperei.

Ele pousou as mãos abertas sobre a mesa, me encarou e disse:

– Em primeiro lugar, Maurice, esse caso nunca foi nosso.

– Eu sei, mas, já que fomos chamados, eu…

– Isso te chateia, certo?

Fiz que sim novamente.

– Você está pensando que existe alguma conexão entre o assunto que eles foram resolver em Rochdale e a pequena Jeanette. E por isso ficou chateado: porque Bill está lá com George Oldman e você ficou aqui, conversando comigo, certo?

Fiz que não. Abri a boca, quis falar, mas parei.

Walter Heywood sorriu. Levantou-se da cadeira. Ficou caminhando entre os papéis e pastas, cigarros e xícaras, fotografias e condecorações. Depois parou bem na minha frente. Pousou uma das mãos no meu ombro.

Eu olhei para ele.

Ele olhou para mim.

– Eu só queria estar envolvido, só isso.

Ele deu um tapinha no meu ombro.

– Eu sei, Maurice. Mas essa história não é para você. Essa não.

– Mas…

Ele apertou o meu ombro com força. Aproximou-se do meu ouvido.

– Ouça bem, Maurice. Você fez o seu nome, você e Bill: os tiroteios na A1, John Whitney. Tudo isso virou manchete de jornal, foram casos de destaque, mas nós dois sabemos que foi Bill quem levou tudo isso aos jornais, quem deu destaque aos casos. E não você. Aprenda com ele e conseguirá a sua chance. Mas por enquanto não. Ainda não. Quero que escute o que estou dizendo, e que

escute o que Bill tem a dizer.

Fechei os olhos. Fiz que sim. Voltei a abri-los.

Walter Heywood voltou para trás da mesa. Sentou-se. Juntou as duas mãos e pousou o queixo sobre elas. Depois me encarou.

– Você tem uma boa posição, Maurice. Muito boa posição. Espere, aguente firme, e veja o que o futuro lhe trará.

Fiz que sim novamente.

– Você é um bom homem – disse Walter Heywood, chefe de polícia da Leeds City, sentado à sua mesa, dando as costas à janela e ao fórum local. – Um bom homem.

De volta ao andar de baixo, à minha sala, com uma xícara de chá e um cigarro apagado. Tranquei a porta. Fui até a minha mesa. Destranquei a última gaveta. Peguei a pasta.

Uma pasta grossa, com uma única palavra escrita.

Sentei-me, acendi o cigarro, abri a pasta.

A pasta grossa, com uma única palavra escrita:

Um nome.

O nome dela.

Jeanette.

Peguei um novo caderno de anotações. Recomecei.

Recomecei entre as cópias e declarações.

E parei.

Parei e peguei o telefone.

Peguei o telefone e disquei.

Disquei Netherton 3657, e fiquei escutando tocar.

Escutei tocar até que parasse.

Até que parasse e uma voz feminina dissesse:

Você ligou para Netherton 3657, quem fala?

Poderia falar com George?

Ele está trabalhando. Quem é?

E onde ele está trabalhando atualmente? Em Rochdale?

Quem é?

Jeanette.

Um dia sombrio, num mês sombrio, num ano sombrio, numa vida sombria, com tempo para gastar.

Um tempo sombrio.

Sentado no carro, no escuro, com o rádio ligado:

"… o comandante Kenneth Drury, do Esquadrão Especial, oficial cujo nome apareceu na investigação iniciada na semana passada, foi suspenso. O inquérito, que está sendo conduzido por um assistente-chefe da Polícia Metropolitana, investigará alegações de que o chefe do Esquadrão Especial passou um feriado no Chipre com o dono de um clube de strip-tease e um pornógrafo…"

Sentado no carro, no escuro, em Brunt Street, Castleford.

Terça-feira, 21 de março de 1972:

Um dia sombrio, num mês sombrio, num ano sombrio, numa vida sombria.

Em tempos sombrios.

Quase dez.

O estacionamento do Redbeck, na Doncaster Road.

Entrei e estacionei, as luzes apagadas.

Um nevoeiro voltava a pairar por ali, a única iluminação pública da rua acendia e apagava.

Do outro lado do estacionamento, uma van Ford escura piscou os faróis duas vezes.

Saí do carro, tranquei a porta, atravessei o estacionamento, notando minha respiração clara contra a noite escura.

O motorista era John Rudkin, um homem durão, que acabara de deixar de lado o seu uniforme e seguia o seu rumo:

Um filhote de Bill.

O homem no banco do carona, sentado ao lado dele, era Bob Craven, outro idiota que recentemente deixara seu uniforme para trás.

Mais um filhote de Bill.

Rudkin fez que sim por trás do para-brisa. Eu bati na lateral da van.

As portas de trás foram abertas. Entrei.

– Boa noite – disse Bill.

Dick Alderman e Jim Prentice estavam sentados no fundo da van, todos vestidos de preto, como Bill.

Como eu.

– Como foi em Rochdale? – perguntei.

– Esquece isso – ele disse, fechando a porta. – Temos um trabalho de verdade para fazer.

Ele fez um movimento com a cabeça. Dick Alderman deu um tapinha na divisória e partimos.

– E temos dinheiro de verdade para ganhar – disse Bill, rindo.

Fomos embora.

Um caminho sem volta.

Saindo do estacionamento do Redbeck em direção a Castleford.

Silêncio no fundo escuro da van.

Luzes fracas em ruas lúgubres.

Sentado na parte de trás de uma van.

Yorkshire, 1972:

Você acordará certa manhã mais infeliz do que jamais se sentiu.

A van diminuiu o ritmo. Atravessou um terreno mais duro. Parou.

Bill jogou para mim uma máscara que escondia todo o rosto:

– Coloque isto assim que entrar.

Guardei-a no bolso do meu casaco.

Dick Alderman e Bill já tinham as suas.

Bill me entregou um martelo.

– Leve isso também.

Eu coloquei as minhas luvas. Peguei o martelo. Guardei no outro bolso.

Rudkin veio até os fundos da van. Abriu as portas.

Eu saí logo atrás de Bill. Alderman e Prentice vieram depois.

Fomos até um beco nos fundos de uma fileira de lojas, em algum ponto de Castleford.

– Maurice, vá com Jim lá para a frente e fiquem de olho – disse Bill.

Nós concordamos com um aceno de cabeça.

Bill colocou sua máscara. Olhou para os demais e perguntou:

– Prontos?

Alderman, Rudkin e Craven fizeram que sim ao mesmo tempo.

Todos seguimos Bill pelos fundos das lojas. Ele parou num portão de metal, junto a um muro alto com cacos de vidro no topo.

– Aqui? – perguntou a Dick Alderman.

Alderman fez que sim.

– Certo – disse Bill para mim e para Jim. – Fiquem de olho.

Corremos para a outra ponta do beco, sempre virando a cabeça para trás, para ver o que os demais faziam.

Bill e Dick ajudaram Rudkin a pular o muro e atravessar os cacos de vidro. Craven dava uma geral no beco.

Jim e eu fomos para a parte da frente das lojas, na rua principal. Caminhamos pela calçada até encontrarmos:

Jenkins Photo Studio.

– É essa? – perguntei a Prentice.

Ele fez que sim.

Estávamos no centro de Castleford. Tudo vazio, exceto por alguns casais que entravam e saíam de um *pub*.

Olhei para trás e vi uma janela cheia de retratos escolares.

Havia uma luz nos fundos. Escutei algumas vozes, algo sendo quebrado.

Olhei para Jim.

– Eles entraram.

Ele fez que sim, suas mãos estavam enterradas nos bolsos.

Seguiu-se uma batida numa porta bem atrás da gente.

Olhamos para trás e era Alderman batendo no vidro, com a máscara levantada.

Ele abriu a porta.

– Bill pediu que você espere do lado de fora, Jim.

Prentice fez que sim.

– E eu? – perguntei.

– Venha comigo.

Entrei na loja escura.

Alderman fechou a porta e disse:

– Coloque sua máscara e me siga.

Tirei os óculos. Coloquei a máscara e guardei os óculos no bolso. Segui Alderman em direção aos fundos da loja.

Um caminho sem volta.

Uma única lâmpada acesa e dois homens atados e sangrando logo abaixo dela. Cinco homens vestindo máscaras, brandindo martelos e chaves inglesas, estavam de pé ao redor.

Um dos homens era jovem e muito gordo. Estava amordaçado e sangrava pelo nariz. Ele chorava.

O outro era mais velho, com cabelos grisalhos e rosto duro, inchado.

Sem mordaça.

Bill, agarrou o rosto do homem. Olhou para mim. Sacudiu o rosto dele.

– Estou explicando aqui para o senhor Jenkins que ele acabou de ganhar novos sócios para o seu negócio.

Ouvi Rudkin e Craven rindo por baixo de suas máscaras.

Aproximei-me do homem e perguntei:

– E o que o senhor Jenkins está achando de tudo isso?

Bill, segurando uma mordaça ensanguentada com a ponta de seus dedos com luva, zombou:

– Está um pouco calado, na verdade.

– Isso não é muito educado da parte dele, certo?

– Não é *nada* educado – disse Bill.

– Acho que deveríamos ensinar boas maneiras a ele, certo? – perguntei.

Bill fez que sim.

– Ele vai precisar de bons modos caso queira permanecer nesse maldito negócio.

– Levante as barras da calças dele – pedi a Craven.

Jenkins se movia freneticamente na cadeira, implorando:

– Por favor…

Craven curvou o corpo:

– As duas pernas?

Olhei para Bill.

Bill fez que sim.

Jenkins fazia que não com a cabeça.

– Por favor…

Craven levantou as barras da calça de Jenkins.

Bill olhou para mim.

Peguei o martelo.

Jenkins tremia, balançava a cabeça. Seus olhos estavam arregalados. Ele disse:

– Não há necessidade…

Ergui o martelo acima da minha cabeça, segurando-o com as duas mãos, e disse:

– Na verdade, sempre há necessidade.

Bati o martelo bem em cima do seu joelho direito.

– Sempre há necessidade de boas maneiras, senhor Jenkins.

Jenkins gritou.

O jovem uivou.

Bill olhou para Alderman e disse:

– Vamos subir.

Dick Alderman conduziu Craven, e os dois subiram as escadas à nossa direita.

Bill olhou para Rudkin. Acenou na direção do cara gordo e disse:

– Descubra quem é esse pedaço de merda.

Rudkin remexeu os bolsos do rapaz.

Não encontrou nada além de lenços e papéis de bala.

– Veja no casaco – eu disse.

Rudkin foi até a porta. Pegou duas carteiras nos casacos dependurados ali.

Abriu uma delas. Olhou para Jenkins:

– É a dele.

– E a outra? – perguntou Bill.

Rudkin pegou uma carteira de motorista e disse:

– Michael John Myshkin, morador da Newstead View, número 54, em Fitzwilliam.

Bill perguntou a Jenkins:

– Esse babaca trabalha para você, certo?

Jenkins fez que sim. Estava pálido de dor e quase em choque.

Craven desceu as escadas. Trazia caixas de fotos e revistas que espalhou pelo chão.

– Olhem para isso.

– Olhe só – disse Bill. – Que sujeira é essa que temos aqui?

Pele e cabelos, pornografia pesada.

– Quase um homem de negócios europeu – disse Alderman, segurando outro pacote.

Algumas delas jovens.

– Ele foi um pouco modesto quanto aos dons e contatos – disse Craven, sorrindo.

Muito jovens.

Olhei para a foto entre os meus pés, para os cabelos loiros e olhos azuis, um sorriso discreto contra um céu azul.

Ergui o martelo acima da minha cabeça e, segurando-o com as duas mãos, deixei que caísse sobre o joelho esquerdo de Jenkins.

Jenkins soltou um grito agudo. O mais jovem uivou.

Eu me preparei para o segundo tempo.

Mas Bill segurou os meus pulsos. Ele gritou através da máscara:

– Que porra é essa que você está fazendo?

Olhei para os dois homens atados e sangrando sob a única luz da sala. Depois olhei para os cinco homens vestindo máscaras e segurando martelos e socos ingleses ao redor deles.

Bill gritava:

– Você vai matar esse homem, porra!

Um dos presos era jovem e muito gordo. Estava amordaçado e sangrava pelo nariz. E chorava. E tinha se mijado.

O outro era mais velho, com cabelos grisalhos e rosto inchado. Seus dois joelhos estavam roxos e sangrando. Ele estava inconsciente.

Larguei o martelo.

– Tire-o daqui – gritou Bill para Dick Alderman.

Alderman me levou para o beco atrás da loja. Eu tirei a minha máscara. Voltei a colocar os óculos. Olhei para a Lua.

Canções de guerra, más notícias e a Lua.

Jeanette Garland desaparecida há dois anos e oito meses.

Susan Ridyard desaparecida há um dia e oito horas.

Existe uma casa sem porta nem janelas, e é nela que eu vivo.

Sangue nas minhas mãos.

Um caminho sem volta.

29

Você dirigiu a noite inteira, em círculos.

Desintegrando.

Desaparecendo.

Definhando.

Declinando.

Decaindo.

Desencarnando.

Desencarnado.

Círculos. Círculos infernais. Infernos locais.

Você estava sentado no estacionamento da biblioteca de Balne Lane, no cinzento amanhecer do último dia de maio de 1983.

As portas do carro estavam trancadas e você olhava para o retrovisor, com o rádio ligado:

"Últimas pesquisas de opinião sugerem vitória esmagadora dos conservadores, que abrem dezoito pontos à frente dos trabalhistas. Healey acusa a senhora Thatcher de glorificar a matança das Malvinas. Um homem quer processar Norman Tebbit por causa da morte de seu filho num projeto de oportunidades para jovens. Um menino de catorze anos, acusado de enviar uma carta-bomba à senhora Thatcher, será julgado pela corte criminal superior…"

Nada sobre Hazel.

Você estava sentado no estacionamento da biblioteca de Balne Lane, às oito e meia da manhã do último dia de maio de 1983.

O rádio desligado naquele momento, mas você não parava de olhar pelo retrovisor.

As portas do carro continuavam trancadas.

Nada de Hazel.

Não naquele dia.

Terça-feira, 31 de maio de 1983.

D-9.

Você subiu as escadas em direção ao primeiro andar da biblioteca, aos microfilmes e velhos jornais, pegando uma única caixa das prateleiras:

Março de 1972.

Arrumou o filme, desenrolou a bobina, procurando.

PAUSA.

Terça-feira, 21 de março de 1972.

Menina desaparecida em Rochdale, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

Os pais de Susan Louise Ridyard, de dez anos, fizeram um apelo emocionado ontem à noite em busca de informações que poderiam ajudar a polícia a descobrir o paradeiro de sua filha. Susan foi vista pela última vez às quatro da tarde de ontem, no caminho de volta para casa, quando retornava do colégio com amigos.

PAUSA.

Quarta-feira, 22 de março de 1972.

Oldman entra no caso de Susan, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

O detetive-chefe superintendente George Oldman, da Força Policial de West Yorkshire, atravessou hoje os Pennines para auxiliar seus colegas na busca por Susan Ridyard, estudante desaparecida em Rochdale.

PAUSA.

Sexta-feira, 24 de março de 1972.

Médium relaciona os casos de Susan e Jeanette, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

A polícia recusou-se a comentar as notícias de que uma médium local e personalidade da televisão, Mandy Wymer, teria descoberto uma conexão entre a estudante desaparecida em Rochdale, Susan Ridyard, e Jeanette Garland, conhecida como A Menina Que Nunca Voltou Para Casa, *que tinha oito anos ao desaparecer.*

PAUSA.

Jack, Jack, Jack.

Sempre de volta a Jack:

Você saiu da rua principal e atravessou alguns portões de pedra, subindo um longo caminho, com árvores escuras, com folhas úmidas e corvos, o hospital se delineando ao fundo.

Esperando por você.

O Hospital Psiquiátrico Stanley Royd, em Wakefield.

Você estacionou em frente ao velho edifício principal e atravessou os pedregulhos pontiagudos que levavam à porta da frente. Os rostos dos doentes, em seus vestidos e cardigãs, estavam estampados nas janelas. No gramado, uma mulher com os pés descalços e joelhos ensanguentados latia, com a perna erguida junto a uma árvore.

Você abriu a porta e entrou, pensando na sua mãe, pensando:

Era exatamente isso o que ela não queria.

Você tocou a campainha da recepção, pensando no que ela recebera:

Pichações nos muros, uma suástica e uma forca dependuradas acima da porta, cocô na caixa de correio e um tijolo atravessando sua janela, ligações anônimas e pornográficas, respirações pesadas do outro lado, insultos de crianças e xingamentos de parentes, tudo porque…

– Posso ajudá-lo? – repetiu a enfermeira com uniforme branco.

– Espero que sim – você respondeu, sorrindo. – O meu nome é John Piggott, sou advogado. Gostaria de ver um dos seus pacientes, Jack Whitehead.

– Sinto muito, mas o senhor Whitehead não está mais conosco – ela disse, balançando a cabeça.

– Que pena, eu…

– Vou checar de novo para o senhor – ela disse, seguindo em direção a um arquivo de metal.

Merda.

Você se virou, olhou para o corredor.

Um homem estava de pé no final do corredor em forma de cruz: o pijama dele chegava aos tornozelos.

Você odiava hospitais.

Odiava o cheiro institucional de repolho cozido e tripas, as paredes institucionais pintadas de um pesado verde e creme, os pisos institucionais cobertos de carpetes manchados e linóleo.

Odiava hospitais, pois nenhum conhecido jamais saíra de um deles com vida.

A enfermeira voltou com uma pasta. Ela fazia que sim para si mesma.

– Sim, o senhor Jack Whitehead nos deixou na véspera do Ano-Novo de 1980

– ela disse.

– E esse papel não diz qual foi a causa da morte?

– Não, não, não – ela respondeu, sorrindo. – O filho dele veio aqui e o levou para casa.

– Filho?

Ela fez que sim novamente, batendo na pasta:

– É o que está escrito aqui.

Você fez um esforço para ler o que estava escrito.

– E tem algum endereço?

– Eu não sei se devo… – ela disse, afastando a pasta.

– É para dar uma boa notícia – você disse, sorrindo. – Uma pequena fortuna que ele receberá como herança.

– Sendo assim… – ela disse, sorrindo. – Apartamento número 6, da Portland Square 6, em Leeds.

– Muito obrigado – você agradeceu, dando uma piscadela.

– Por favor, diga-lhe como o encontrou – ela disse, dando uma risadinha.

Você deu uma nova piscadela. Abriu as portas. Desceu os degraus e atravessou os pedregulhos pontiagudos.

A mulher no gramado girava em volta do próprio rabo.

Você odiava hospitais, pois nenhum conhecido jamais saíra de um deles com vida.

Ninguém, exceto Jack.

Terça-feira, 31 de maio de 1983.

Os primeiros pingos de uma nova chuva.

Arrastando-se pela M62 a caminho de Rochdale, vendo os campos pretos e marrons, e o céu preto e cinza:

“Ela se envolveu na bandeira da Grã-Bretanha e aproveitou-se dos sacrifícios de nossos soldados, marinheiros e aviadores nas Malvinas, tudo exclusivamente em busca de vantagem eleitoral… e espera se sair bem disso.”

Você desligou o rádio. Olhou pelos espelhos. Parou nos arredores de Rochdale, ao lado de uma cabine telefônica destruída.

Rezou para que ela funcionasse.

D-9.

Quinze minutos mais tarde, você parava na porta da casa do senhor e da senhora Ridyard, numa área tranquila de Rochdale.

Chovia forte, as casas próximas já estavam com as luzes acesas.

O senhor Ridyard estava parado à porta.

Você saiu do carro e disse:

– Boa tarde.

– Que tempo horrível – ele respondeu.

Você fez que sim, apertou sua mão e o seguiu para um pequeno hall de entrada e à sala de estar.

– Minha esposa está descansando – ele sussurrou. – Acho que o senhor terá de conversar apenas comigo.

– Obrigado, é muito gentil de sua parte me receber.

– Sente-se. Vou fazer um chá para nós dois.

Você se levantou quando ele saiu da sala. Caminhou para olhar mais de perto duas fotografias acima da televisão.

Numa delas havia três crianças com uniforme de escola. A outra tinha apenas a filha mais nova sentada:

Susan Louise Ridyard.

O senhor Ridyard voltou com o chá.

– Pronto.

Você colocou as fotos no lugar e voltou ao sofá.

O senhor Ridyard sentou-se diante de você.

– Açúcar, senhor Piggott?

– Três cubinhos, por favor.

Ele lhe ofereceu o chá.

– Aqui está.

Você tomou um gole. Observou-o enquanto ele pegava a xícara dele.

Ele olhou a bebida, mas não bebeu.

Você o observou enquanto ele colocou a xícara sobre a mesa.

Ele olhou para você. Tentou sorrir e disse:

– A gente bebe muito.

– É realmente muito gentil me receber – você repetiu. – Sei que deve ser um transtorno.

O senhor Ridyard fez que sim e murmurou:

– O que eu poderia fazer pelo senhor?

– Como disse ao telefone, sou advogado e tenho dois clientes que parecem ter interesse, ou alguma ligação, com a sua filha.

– Com Susan?

Você fez que sim.

– Quem são os seus clientes?

– Um deles é uma senhora chamada Ashworth. O filho dela, James, foi preso por conta do recente desaparecimento de uma menina em Morley, Hazel Atkins.

O senhor Ridyard fez que sim.

– Como o senhor deve ter ficado sabendo pelas notícias, James Ashworth se enforcou enquanto estava sob custódia policial.

– Se enforcou?

– Supostamente.

– Eu não sabia. O senhor também era advogado dele?

– Era para ser – você repetiu. – Mas ele morreu antes que tivéssemos a chance de conversar.

– Mas o que ele tem a ver com Susan?

– Honestamente, eu não tenho certeza se isso tem alguma coisa a ver com Susan. E é mais ou menos por isso que estou aqui – você gaguejou.

– E qual seria a outra razão?

Você olhou para a foto sobre a televisão e, calmamente, disse:

– Michael Myshkin.

O senhor Ridyard engoliu em seco, coçou o pescoço e disse:

– O que tem ele?

– Eu represento Michael Myshkin em seu recurso para negar a confissão que fez – você explicou, depois fez uma pausa.

Queria ver se o senhor Ridyard diria alguma coisa.

– Sei – foi tudo o que ele disse, dando uma olhada no teto.

– Michael Myshkin nunca foi acusado *formalmente* pelo desaparecimento da sua filha, certo?

– Mas ele confessou – disse o senhor Ridyard, fazendo que não com a cabeça.

– E depois se retratou.

– É… depois se retratou.

– E a polícia nunca tentou aumentar a pena, certo?

– Não – ele disse, balançando a cabeça –, mas fecharam o inquérito.

– Então eles obviamente o consideraram culpado.

Ele fez que sim.

– A polícia contou essa história para o senhor?

Ele fez que sim novamente.

– E quando fizeram isso?

– Em 1975, quando fecharam o inquérito.

– E o senhor? – você perguntou. – O senhor acha que Michael Myshkin tem algo a ver com o desaparecimento da sua filha?

– Achava – ele respondeu.

– *Achava*? E agora não?

– Conte a ele, Derek – disse uma voz vinda da porta.

Você se virou.

A senhora Ridyard estava parada na porta, parecia cansada com seu roupão estraçalhado.

– Sou John Piggott, eu… – você disse, levantando-se.

– Eu sei quem é o senhor – ela disse.

– Nós estávamos apenas… – tentou dizer o marido.

– Conte a ele!

O senhor Ridyard, com cardigã verde e calça marrom, olhou para você, e por breves instantes, os mais breves instantes, você imaginou que ele fosse dizer que matara a própria filha.

Mas ele se levantou e disse:

– Sente-se, senhor Piggott.

Você se sentou, tentando não olhar para a mulher parada junto à porta, com seu roupão estraçalhado, cujo marido estava de pé.

O senhor Ridyard perguntava a ela:

– Você acha mesmo que devo fazer isso? A polícia disse que…

– Foda-se a polícia – ela gritou, encostando-se no batente da porta, abraçando forte seu roupão estraçalhado. E a pouca luz que havia iluminava as feridas no seu pescoço e pernas, nos dorsos de suas mãos.

– Há três semanas. Há três semanas, quando fui pegar o leite, encontrei uma caixa na entrada de casa – disse o senhor Ridyard, de pé, sozinho, no meio da sala.

– Uma caixa?

– Uma caixa de sapatos.

– Uma caixa de sapatos?

Ele fez que sim, a casa em silêncio.

A casa em silêncio, não fosse pela chuva batendo contra a janela e o tique-taque de um pequeno relógio em cima da televisão, entre as duas fotografias.

A que mostrava três crianças em uniforme escolar e a que tinha apenas a filha mais nova.

O senhor Ridyard chorava enquanto se sentava na cadeira, mas voltou a se

levantar. A senhora Ridyard balançava o corpo para a frente e para trás ao lado da porta, e você olhava para aquela fotografia.

A filha mais nova.

Você fechou os olhos. Tapou as orelhas com as mãos.

Mas o barulho não dava trégua.

O som do choro dos pais, o som da chuva contra a janela, o som do tique-taque do relógio.

Você abriu os olhos.

O senhor Ridyard estava de pé, sozinho, no centro da sala.

No centro da sala em formato de cruz.

Você gritou:

– O que tinha dentro da caixa?

– Susan – ele respondeu, soluçando.

30

– Por favor, deem um forte aplauso, à moda de Yorkshire, para o New Zombies!

Sábado, 11 de junho de 1977.

Batley Variety Club.

Ela não estava ali.

Mas ele estava, e não se lembrava de BJ, mas BJ se lembrava dele, e que ele envelheceu. Envelheceu por conta do terror, do terror de ter visto a execução da ex-mulher no gramado da sua nova casa, pelas mãos do seu novo marido, nua sob uma lua nova e sangrenta, morta com um martelo e um prego de trinta centímetros.

– Algumas coisas para ler à noite – disse BJ, entregando a Jack um saco plástico por baixo da mesa.

Whitehead pegou o saco e imediatamente começou a abri-lo.

– Aqui não – disse BJ. – Vá ao banheiro.

Jack se levantou e passou entre as mesas vazias, entre toda aquela gente, olhando para trás para ver se BJ continuava lá.

– Posso te dar uma mãozinha, se quiser – gritou BJ, mas Jack já entrava no banheiro.

BJ terminou o seu drinque no exato momento em que a banda parou de cantar. BJ tirou todos os anéis do dedo e voltou a colocá-los. BJ acendeu outro cigarro e ficou pensando por que aquele velho babaca estava demorando tanto. Talvez tivesse resolvido bater uma rapidinha. BJ sorria até o momento em que BJ os viu.

Merda, merda, merda.

Porcos.

Malditos porcos.

BJ deslizou na cadeira e seguiu em direção ao palco. BJ manteve-se fora dos holofotes, entre as sombras. BJ seguiu em direção à coxia. BJ passou por baixo da cortina. BJ começou a correr entre cabos e fios, sempre em direção à luz vermelha que indicava:

Saída.

BJ empurrou uma barra para baixo e abriu a porta, deixando que ela batesse ao fechar. BJ estava no estacionamento nos fundos do bar, e a chuva continuava

caindo.

A chuva caía.

Mas o Allegro circulava em frente do bar, e BJ notou que estava verdadeiramente fodido. BJ merecia toda aquela merda que caía.

Merda, merda.

Não podia voltar/não podia seguir em frente, não podia virar à esquerda/não podia virar à direita, não podia subir/apenas descer.

Merda.

Encostado na porta de incêndio, com a pesada chuva caindo/ pesada merda junto a ela, quando das sombras/ da escuridão ele apareceu.

Um Anjo Negro.

E ele disse:

– Você está ensopado.

Meu Anjo Negro.

BJ ergueu os olhos. BJ perguntou:

– O que você quer, porra?

O Padre do Medo.

Ele levantou a aba do chapéu preto e ficou observando a noite escura e a chuva pesada. Ele via coisas pretas caindo do céu escuro. Abriu seu sorriso sombrio e disse:

– Você está procurando a própria morte, Barry.

– Você está de carro?

– Melhor correr – ele disse, fazendo que sim. – A polícia vai se cansar rapidamente do nosso Jack.

BJ o seguiu em direção ao velho carro preto estacionado perto dali, um Morris qualquer coisa.

BJ olhou para a esquerda e para a direita, para a esquerda e, então, para a direita.

Ele destrancou a porta e BJ entrou, deslizando no banco de trás.

O carro estava úmido e frio, havia uma pasta preta ao lado de BJ.

– Mantenha a cabeça baixa – ele disse, ligando o carro.

BJ fez o que ele disse e saiu de cena, mas o carro diminuiu a velocidade na frente do bar.

Merda.

Um homem usando chapéu apoiou-se na janela do passageiro. Ele baixou o vidro:

– Algum problema, policial?

– Um carro roubado – o porco respondeu. – O senhor não teria visto um jovem *skinhead* por aí?

– Felizmente, não.

– Obrigado, senhor – disse o porco.

– Boa noite, policial – ele respondeu, voltando a fechar a janela.

O carro virou à esquerda, seguindo para Dewsbury.

BJ sentou-se no banco de trás.

Os olhos *dele* no espelho observavam BJ.

– Para onde estamos indo? – perguntou BJ.

– Para a igreja.

Era 1977.

Ele me encontrou escondido.

Na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis, BJ estava perdido. Caído de sono e bêbado sobre uma cama de casal, BJ estava perdido no quarto 77. Seus cabelos já estavam raspados e oito olhos brilhavam. BJ seria o Filho do Norte. O Anjo Negro estava deitado ao lado de BJ, com suas roupas surradas e suas asas queimadas. O Padre do Medo chorava, murmurando, dominado pelo vinho, suas canções de morte:

Sabia que eu não era feliz.

– Logo após, José de Arimateia, discípulo de Jesus, embora não o revelasse por medo dos judeus, perguntou a Pilatos se poderia levar embora o corpo de Jesus. E Pilatos, assustado com a notícia de que Jesus estaria morto, chamou o centurião, a quem perguntou se era verdade. Quando o centurião confirmou, Pilatos pediu licença a José, aproximou-se e pegou o corpo de Jesus.

Coçando a minha cabeça.

– Veio também Nicodemos, que à noite se aproximara de Jesus com cerca de quase 45 kg de uma mistura de mirra e aloé. Depois pegaram o corpo de Jesus e o envolveram em vestes de linho banhadas em especiarias, já que o costume dos judeus é enterrar os seus mortos.

Exageradamente confuso.

– Agora, no local em que foi crucificado, há um jardim, e no jardim há uma nova sepultura, onde ele nunca realmente esteve. Quando o deitaram sobre a rocha, viram que suas feridas sangravam sob o linho branco, e que ele não estava

morto…

Sentado num canto, tremendo de medo.

– Apenas sangrando.

Tomado pelos nervos.

– E, quando ficaram com medo e curvaram seus rostos em direção à terra, ele disse: “Por que buscais os vivos entre os Mortos?”.

Livrando-me das roupas, deitando-me na cama.

– Estou aqui, sofri e ressuscitei dos Mortos. Vocês são testemunhas de tudo isso. Mas eu sei quem fez isso, pois apenas uma pessoa poderia ter feito, aquele que não me abandonou, aquele para quem a morte não é o fim.

Movimentos na cama dele.

– E viajaram às Terras Sagradas, passando pela Ásia Menor e pelas montanhas da Europa até alcançarem um porto na França, onde um Barco Branco os esperava para levá-los à Terra dos Anjos. Houve muita celebração, pois estavam próximos do seu objetivo. E, loucos para chegar àquele Local Pagão, eles se lançaram ao mar assim que a noite caiu.

Tão arrependido, triste, e tão, tão confuso.

– Mas ele era um Deus ciumento e estava chateado, e o Barco Branco atingiu uma pedra na escuridão da noite e se partiu. José tirou rapidamente o Cristo Ferido do convés e colocou-o num bote. Eles não estavam em segurança, pois o resto da tripulação lutava para arrastar o barco para longe das pedras. No entanto, Cristo podia escutar Sua esposa clamando por Ele, implorando-Lhe que não a deixasse abandonada no mar, e Ele ordenou a José que voltasse, mas a situação era desesperadora.

Entre a vida e a morte.

– Quando Cristo se aproximou mais uma vez, o Barco Branco começou a afundar em meio às ondas. Todos estavam na água e lutavam desesperadamente para alcançar o bote. O tumulto e o peso eram grandes demais. O barco do Cristo virou e perdeu-se para sempre, sem deixar rastro.

Perdido no quarto.

– E dizem que o único sobrevivente que pôde contar a história desse naufrágio foi Maria Madalena, a esposa de Cristo, mas que ela nunca disse nada nem voltou a sorrir. Ficou apenas esperando, sozinha e perdida, no seu quarto, pela volta do Barco Branco e do corpo envolto em linho daquele Cristo Abandonado e Ferido para essas costas pagãs, costas da Terra dos Anjos.

Eles me encontraram escondido.

Na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita,

fantasmagórica e velha cidade de Leodis, BJ estava perdido. Caído de sono e bêbado sobre uma cama de casal, BJ estava perdido no quarto 77. Seus cabelos já estavam raspados e oito olhos brilhavam. BJ seria o Filho do Norte. O Anjo Negro estava deitado ao lado de BJ, com suas roupas surradas e suas asas queimadas. O Padre do Medo chorava e murmurava, dominado pelo vinho:

– Você tem que escolher um lado.

Nas sombras.

BJ tirou todos os anéis dos dedos.

Nas sombras dos trompetes.

Cabeça raspada.

31

O telefone tocava e tocava e tocava, e eu fiquei imaginando onde estaria a minha esposa e por que inferno ela não atendia o maldito telefone que tocava e tocava e tocava, imaginando onde estaria a minha esposa e por que inferno ela não atendia o telefone que tocava sem parar, onde estaria a minha esposa e por que ela não atendia o maldito telefone que tocava e tocava e tocava…

– Preciso te ver.

– Já pedi que não ligasse para cá.

– E para onde deveria ligar? Para o trabalho?

– Eu cometi um erro, eu…

– Por favor, eu preciso…

Desliguei. Fui ao banheiro. Lavei as mãos.

Lavei, lavei, lavei.

Agradecendo a Deus que a minha esposa estava fora e as crianças no colégio.

Quinta-feira, 23 de março de 1972.

Brotherton House, Westgate, Leeds.

No andar de baixo, na minha sala, com a porta trancada.

Cigarros e uma pilha de jornais.

As primeiras páginas repletas de bombas na estação de Belfast e conversas entre Heath e Faulkner.

Dentro, o maior prêmio de todos os tempos entre as apostas do Littlewoods Pools, o maldito Jimmy Savile e o seu maldito OBE.*

E logo depois ela.

Página 4:

Cresce a busca por Susan, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

Aquela mesma fotografia de dois dias atrás:

Uma franja longa e dentes grandes.

Aproximando-se das 72 horas.

Desaparecida.

Acendi outro cigarro. Peguei o telefone:

– Gostaria de falar com a redação, por favor.

Esperei, depois disse:

– Jack Whitehead, por favor.

Esperei, depois escutei:

– Aqui é Jack Whitehead.

– Jack? – perguntei. – Aqui é Maurice Jobson.

– Maurice? A que devo o prazer? Tem algo de bom para contar ao seu velho tio Jack?

– Na verdade, estava pensando se você não teria nada para me contar.

– Sério?

Olhei para o meu relógio, depois perguntei:

– O que vai fazer na hora do almoço?

– O que normalmente faço.

– Vai ao Press Club?

– Estou banido de lá.

– Desde quando?

– Nem lembro mais… Esse é o problema.

– E onde estão aceitando o seu dinheiro agora?

– Aceitando o meu dinheiro? Eu não vou pagar para beber com você.

– Não é hora de cerveja grátis, Jack. Você devia saber disso.

Eu o ouvi acender um cigarro, soltar a fumaça e, finalmente, dizer:

– Duck & Drake?

– Na porra do Duck & Drake? Jesus, Jack!

– Você deveria ir até lá com mais frequência, Maurice – ele disse. – Caso fizesse isso, talvez não tivesse que vir se arrastando atrás de mim.

– Ao meio-dia?

– Não se atrase.

Ao sair, parei e perguntei ao Wilson, da recepção, se ele vira Bill durante o dia.

– Ele está de licença – respondeu Wilson.

– Sério? Deve ser a primeira vez.

– O casamento vai ser no sábado.

– Ah, claro!

– Não me diga que se esqueceu, ele não vai te perdoar.
– Você vai?
Wilson sorriu.
– Acho que ele convidou a força policial inteira e mais algumas pessoas.
– Esse é o *Texugo* que eu conheço – concordei, indo embora.
– Vou sentir falta dele quando for embora.
Parei e me virei.
– O quê?
O sargento Wilson ficou vermelho.
– É apenas um rumor.
– Sério? – perguntei. – Você está falando sério?

No Duck & Drake, atrás da rodoviária, ao lado do mercado Kirkgate:

Não era um pub legal, nem mesmo numa escura e chuvosa tarde de quinta-feira do mês de março.

Cheguei com cinco minutos de atraso.

Jack tomava sua segunda cerveja com uísque.

Tirei o casaco e perguntei:

– Aceita outra?

– Você é um cavalheiro – ele respondeu, fazendo que sim.

Fui ao bar.

O cara grandalhão atrás do balcão olhou para Jack, depois para mim:

– O seu amigo disse que você vai pagar tudo o que ele consumir.

Fiz que sim e pedi:

– Mais uma dose do mesmo para ele e, para mim, uma Guinness.

– Isso é bebida de irlandês de merda – disse um babaca de cabelo comprido.

Um babaca de cabelo comprido de costas para mim, apoiado no balcão.

O amigo do babaca me olhava, sorrindo.

– O que disse? – perguntei, junto à nuca do babaca.

– Você ouviu muito bem – disse o babaca, que continuava de costas para mim, fazendo que sim para o amigo.

Mas o amigo tinha parado de sorrir.

O babaca de cabelo comprido se virou vagarosamente, tirou o cigarro da boca e a franja dos olhos.

O barman colocou a Guinness no balcão.

– Beba – eu disse ao babaca.

– O quê?

– Você ouviu – respondi. – Beba.

– Vá se foder – disse o babaca, endireitando o corpo.

Eu peguei a minha identificação no bolso. Coloquei ao lado da Guinness.

O babaca ficou parado, olhando para o cartão, piscando.

– Beba – eu disse.

O babaca olhou para o amigo e para o barman. Depois pegou a Guinness e bebeu de um só gole. Colocou o copo no balcão, ao lado da identificação. Limpou a boca na manga da camisa e, com um sorriso, disse:

– Muito obrigado.

– Agora pague pelo que bebeu – eu disse. – E não chame ninguém de irlandês de merda sem conhecer a pessoa, seu cigano babaca de merda.

O cigano babaca de merda olhou novamente para o amigo, depois para o barman. Ele deu de ombros. Pegou uma nota de uma libra no bolso da calça jeans e a entregou ao barman.

– Pague isso aqui também – eu disse, apontando para o uísque com Tetleys sobre o balcão.

O barman tinha me servido mais uma Guinness.

– O quê?

– Você ouviu – eu disse.

– Você não pode fazer isso, porra – disse o babaca.

Peguei a minha identificação e a bandeja com as bebidas e disse:

– Apenas faço.

– Puta merda – disse o babaca, mas o amigo tocou o braço dele.

– Deixa para lá, Donny – disse o amigo do babaca. – Não vale a pena.

– Cara esperto… – comentei.

– Vá se foder.

Atravessei o salão, até o local onde Jack estava sentado, esperando.

– Fazendo amizade com os locais? – ele deu uma piscadela.

Coloquei as bebidas sobre a mesa.

– Como vai a sua esposa, Jack?

– Ex-esposa – ele disse, sorrindo. – Casou de novo e está morando com um construtor na ensolarada Ossett. E a sua?

– A minha o quê?

– A sua esposa? Família?

– Sei lá, porra.

Jack ergueu o copo:
– Isso não é verdade, Maurice.
– Isso é curioso… – eu disse, erguendo o meu copo. – A verdade?
– O que tem a verdade? – perguntou Jack, rindo.
– Esperava que você pudesse me falar um pouco sobre isso.
– O quê? Um pouco sobre a verdade? Não deveria ser o contrário?
– Num mundo perfeito, sim – respondi, sorrindo.
Jack me ofereceu um cigarro.
Curvei o corpo. Acendi o cigarro.
– Babaca de merda! – veio um grito da porta.
– Asqueroso! – gritou outro.
Virei-me, mas o babaca e o seu amigo já tinham ido embora.
– Mundo perfeito, certo? – perguntou Jack.
Eu balancei a cabeça:
– E como seria um mundo perfeito?
– No que você está pensando, Maurice?
Inclinei o corpo para a frente e respondi:
– Susan Louise Ridyard.
– O que tem ela? – perguntou Jack, dando de ombros.
– Estive lendo suas matérias.
– Tudo chupado do *Manchester Evening News*, meu amigo.
– Você não esteve lá?
– Em Rochdale? Não. Por quê?
– George Oldman esteve.
– E o seu chefe também – disse Jack, fazendo que sim.
– E você não acha que isso tem uma ligação muito familiar com o caso?
Jack recostou-se na cadeira, balançando a cabeça. Depois pegou outro cigarro e perguntou:
– Por quê? Vocês não acham?
– O quê? Alguém mais falou sobre isso com você?
– Sim.
– Quem?
– A sua namorada.
– A minha *namorada*?
– *Mystic* Mandy.
– Vá se foder.
– Deixa disso, Maurice – ele disse, piscando novamente. – Todo mundo sabe.

– Todo mundo sabe o quê?

– A sua vida é um livro aberto. O que acha que as pessoas sabem?

Fiquei sentado, olhando para a minha Guinness já pela metade, ouvindo o som dos ônibus e caminhões lá fora sob a chuva.

Jack se levantou:

– Vou pegar mais bebida.

– Vejo que milagres são constantes por aqui – eu disse, pegando um cigarro e acendendo, ouvindo o som das máquinas de jogo e da *jukebox*.

Jack voltou com duas cervejas e duas doses de uísque.

– Coloque um pouco de uísque na sua Guinness, assim conseguirá estampar um sorriso no seu rosto.

– O que temos não é nada sério.

– Não se preocupe com isso, porra – zombou Jack. – Ela é uma mulher bem bonita.

– Ela te ligou?

– Hoje de manhã.

– Para mim também – eu disse. – Mas o que ela te contou?

– Provavelmente, o mesmo que contou a você.

– Ela não me contou nada.

– Certo… Ela me disse que estava notando alguma *conexão* entre Susan Ridyard e Jeanette Garland – disse Jack, gargalhando. – Você sabe como ela costuma falar.

Fiz que sim, jogando o uísque por cima da cerveja.

– Perguntei a ela que tipo de *conexão* seria, e ela me disse que tem tido todos esses sonhos. Mas, sinceramente, nessa hora eu desliguei o telefone.

– Você disse que escreveria alguma coisa a respeito?

Jack fez que não:

– Eu disse que talvez aparecesse hoje à tarde, se tivesse tempo.

– E tem?

– O quê?

– Tempo.

– Não – respondeu Jack.

Peguei a minha cerveja e a tomei de um só gole.

– E você? – perguntou Jack, dando uma piscadela.

Saindo de Millgarth e Leeds e entrando em Wakefield e St John’s.

Grandes árvores altas com corações desenhados;

Seguindo para Blenheim Road.

Grandes edifícios cheios de corações destruídos;

Número 28 da Blenheim Road, em St John’s, Wakefield.

Grande árvore com corações desenhados no tronco, grande edifício cheio de corações destruídos em seus apartamentos;

Estacionei bem na frente, tinha um gosto ruim na boca.

Coloquei um dedo sobre os lábios. O dedo ficou cheio de sangue. Passei o lenço sobre os lábios. O lenço ficou manchado.

Saí do carro. Andei pela entrada cheia de buracos e água parada.

Continuava chovendo, os galhos se erguiam ao céu cinza.

Abri a porta de entrada. Subi as escadas. Bati no apartamento 5.

– Quem é?

– A polícia, querida – respondi.

A porta se abriu completamente, sem corrente, e lá estava ela, parada.

O rosto pálido entre o batente e a porta, aquele rosto lindo.

Realmente lindo.

– Oi, Mandy – eu disse.

– Eu sabia que você viria – ela respondeu, sorrindo.

– Mas você não vê o futuro, certo?

– Não mesmo – ela respondeu, sorrindo.

Pegou minha mão e me conduziu pelo corredor cheio de pinturas obscuras em direção à espaçosa sala.

Cheiro de mijo de gato e petúnia.

Nós nos sentamos lado a lado no sofá, entre tapetes persas e almofadas.

A mesa de centro ornamentada na altura dos nossos joelhos.

Ela continuava segurando minha mão, nossos corpos se tocavam nos cotovelos e joelhos.

– Sinto muito sobre esta manhã – eu disse.

Ela apertou suas mãos contra a minha.

– Eu não deveria ter ligado para lá.

– Não tinha ninguém em casa.

– Mas você também sentiu a mesma coisa, certo?

– Eu…

– Você deveria ir até lá e encontrar-se com ela.

– Com quem? Encontrar-me com quem?

– Com a senhora Ridyard.
– Por quê? Eu…
– Ela sabe, Maurice. Ela sabe.
– Sabe o quê?
– Onde está a filha dela.
– Como? Como ela poderia saber?
– Ela vê a própria filha.
– Então ela já deve ter contado a George Oldman ou…
– Não, Maurice. Ela está te esperando.
Aproximei sua cabeça do meu peito, acariciando seus cabelos:
– Não posso fazer isso.
Mandy ergueu a cabeça e os lábios, beijou minha bochecha e orelha. Murmurou:
– Você tem. Você tem de fazer isso.

As velas grossas estavam acesas e as pesadas cortinas púrpura fechadas, não havia janelas naquela sala grande.
Caminhos sombrios, corações destruídos.
Nas suas sombras.
Ela soluçava, chorava.
O cheiro de mijo de gato e petúnia, o cheiro de uma transa desesperada num sofá velho, em meio a tapetes persas e almofadas.
Ela estava com a cabeça pousada no meu peito e eu acariciava seus cabelos, seus lindos cabelos.
Atrás das pesadas cortinas púrpura, os galhos das árvores batiam contra os vidros da grande janela.
Querendo entrar.
Soluçando, chorando.
Querendo entrar.
Ela beijou meus dedos, depois ficou parada, segurando-os à luz das velas.
Levantou a cabeça e disse:
– Você tem sangue nas mãos.
– Sinto muito – eu disse.
Contudo, à luz das velas, o seu rosto estava pálido, morto.
Os galhos das árvores batiam contra os vidros da grande janela.

Escuridão.
Soluçando, chorando.
Corações.
Pedindo para entrar.

* Abreviação de Order of British Empire (Ordem do Império Britânico). [N. E.]

32

Caindo de costas em enormes profundezas, longe daquele lugar, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, o som selvagem de uma mulher presa numa armadilha e forçada a imaginar a repetida morte de sua filha mais nova, contorcendo-se e gritando e uivando, caída no chão da sala de estar, entre os quadrados amarelos e vermelhos, entre as marcas feitas com giz de cera e aquelas feitas com tinta, contorcendo-se e gritando e uivando sob as luzes fracas e amareladas que acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, sob o velho pôster alertando para o perigo de perder e nunca mais encontrar os seus filhos, contorcendo-se e gritando e uivando, sentindo o cheiro de roupa úmida e de comida mal cozida, contorcendo-se e gritando e uivando enquanto você registrava seus nomes e idades, contando-lhes tudo o que faria por eles, todas as boas notícias que vocês trarão, dizendo o quanto ficarão felizes, mas eles permaneciam sentados, em silêncio, esperando a volta dos seus filhos para casa, para que pudessem levá-los ao andar de cima e colocá-los na cama, com a casa em silêncio, exceto por ela, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, balançando o corpo para a frente e para trás, seu marido sentado na cadeira e depois de pé, com as mãos esticadas em formato de cruz, fazendo barulho com os dentes enquanto você atravessava o cômodo, para tentar alcançá-lo e agarrá-lo, detê-lo, mas o seu irmão te impediu, dizendo tudo o que ele fizera, toda a merda em que ele estava metido, o quanto ele realmente estava fodido, como seria melhor se ele estivesse morto, e sua mãe de pé, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, o som dos óculos dela quebrando nas próprias mãos, e então chegou o policial de alta patente, ele chegou para levá-lo ao andar inferior, às celas, e no final das escadas você se virou e eles abriram a porta da sala 4, e lá estava ele, com o cano da arma ainda fumegante enquanto se esforçavam para limpar tudo aquilo, o fedor de merda no meio da fumaça, o cérebro dele colado às janelas da edícula, com um dedo sobre o gatilho, deitado e vestindo um uniforme que dizia Força Policial de West Yorkshire*, entre um par de asas de cisne, com seu rosto destruído, em pedaços, ainda lutando para limpar tudo aquilo e levá-lo embora, metê-lo num buraco no chão e fazer com que desaparecesse, mas ele nunca desapareceria, não para ela, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, arrastando-se pelas*

paredes e degraus com suas unhas e seus joelhos, mijando e latindo e correndo atrás do próprio rabo, sentindo o cheiro de repolho exageradamente cozido e de farrapos velhos e sujos, enquanto as luzes fracas e amareladas acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, e o velho pôster pedindo ao público que, por favor, ajudasse a encontrar os seus filhos, os quadrados brancos e os cinza, as marcas feitas por ossos e crânios, o linóleo, e aqueles homens que subiam e desciam as escadas, atravessavam o piso de linóleo, aqueles policiais vestindo ternos e botas enormes, tamanho 42, e então tudo desaparecia novamente: as paredes, as escadas, o cheiro de cachorros sujos e vegetais exageradamente cozidos, as luzes fracas e amareladas, o velho pôster alertando contra os perigos de dirigir bêbado no Natal, os quadrados brancos e cinza, as marcas feitas por botas e cadeiras, os carpetes e os policiais vestindo ternos e botas novas, tudo desaparecia enquanto você caía de costas numa pequena cadeira de plástico através de enormes profundezas do tempo, longe daquele lugar, daquele podre *e velho lugar de linóleo, daquele lugar que tinha um forte cheiro de lembranças, de más lembranças, e você estava sozinho, aterrorizado e histérico e gritando, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, sozinho entre aquelas mães, entre todas aquelas mães e os seus filhos que não estavam ali.*

Com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando nas entranhas da terra…

Contorcendo-se e gritando e uivando nas entranhas da terra.

Nas entranhas da terra.

Entranhas da terra.

Entranhas da terra, enquanto te matam.

Enquanto voltam a te matar:

O Último Homem.

Quarta-feira, 1º de junho de 1983.

Você escutava os galhos da árvore batendo contra a janela.

Deitado de costas, vestindo cueca e meias.

Escutando os galhos da árvore batendo contra a janela.

Deitado de costas, vestindo cueca e meias, entre as ruínas.

Os galhos da árvore batendo contra a janela.

Deitado de costas, vestindo cueca e meias, entre as ruínas do seu próprio

apartamento.

Batendo contra a janela:

D-8.

Você foi até Leeds com o rádio ligado:

Procurando Hazel.

Apertou os botões. Mudou de estação.

Encontrou apenas uma:

"Acredito que o seu apelo sempre teve a intenção de embasar sensações como medo e ganância…"

Somente Thatcher.

Thatcher, Thatcher, Thatcher.

Nada de Hazel.

Com o rádio desligado, seguiu para Leeds.

– Meu nome é John Piggott. Tenho um encontro marcado.

O policial na recepção acenou com a cabeça em direção às cadeiras de plástico.

– Sente-se, por favor.

Você foi até as pequenas cadeiras de plástico e sentou-se sob as luzes fracas e amareladas, sob o velho pôster que alertava contra os perigos de dirigir bêbado no Natal…

Nada de Natal para Jimmy A.

O policial fez algumas ligações.

Você olhou para o piso de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as marcas feitas por botas e cadeiras.

– Senhor Piggott?

Você se levantou e foi até ele.

– Alguém descerá em um minuto.

– Senhor Piggott?

Você levantou os olhos e viu que um homem com óculos de armação pesada

preta o encarava. Sua pele e terno eram cinza, seus olhos vermelhos sob as lentes grossas, mais calvo e magro do que uma semana antes.

O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson:

O Coruja.

Você se levantou, deu a mão para ele e disse:

– Sobre o outro dia, eu…

Ele olhou para você e disse:

– Esqueça. Isso é passado.

Você fez que sim.

– Então é por isso que o senhor veio aqui? – ele perguntou. – Por James Ashworth.

– É. Por causa da mãe dele.

– Como ela está?

– Como o senhor acha? – você perguntou.

Ele o encarou:

– O que eu poderia fazer pelo senhor?

– Ela pediu que eu tentasse reaver os pertences de Jimmy. Suas roupas, objetos pessoais, sua moto.

– Eles não foram devolvidos?

Você fez que não e disse:

– Por isso estou aqui.

Ele olhou para você:

– Vamos subir ao meu escritório. Vou ver o que posso fazer.

– Obrigado.

Ele não se mexeu, ficou simplesmente olhando, sem piscar, apenas olhando.

– Obrigado – você repetiu.

O chefe superintendente se virou e subiu as escadas diante de você, deixando para trás as batidas das máquinas de escrever e os telefones que tocavam pelos corredores, passando pela Sala de Ocorrências e pela Sala de Assassinatos, pelas paredes cobertas de mapas e fotografias e também por uma sala com a porta aberta.

Uma porta aberta e algumas paredes, um mapa e uma fotografia:

Hazel Atkins.

Ao lado do mapa e da fotografia, escrito com giz:

Dia 20.

Você parou na frente da porta, do mapa, da fotografia.

Jobson também parou. Ele se virou. Deu alguns passos para trás. Olhou para

dentro. Entrou na sala. Pegou um pedaço de giz e mudou a contagem:

Dia 21.

Largou o giz. Atravessou a sala. Passou ao seu lado na porta e voltou a andar pelo corredor.

Você o seguiu e perguntou:

– Achava que senhor estava em Wakefield ultimamente.

– Estava, e já perdi as contas das vezes que viajei daqui para lá e de lá para cá.

– E onde prefere estar?

Ele abriu a porta da sua sala.

– Em Leeds City, onde nasci e fui criado.

Você entrou na sala.

Era um escritório vazio.

Nada de fotografias, certificados ou condecorações.

O detetive-chefe superintendente fez um gesto indicando uma cadeira.

Você se sentou à mesa, Jobson sentou-se do outro lado, de costas para a janela.

Ele disse:

– Não posso prometer a devolução da motocicleta hoje. Ela continua com os legistas em Wetherby, mas…

– Legistas?

Ele fez que sim.

– Acho que o falecido senhor Ashworth ainda é parte importante de nossa investigação sobre o paradeiro de Hazel Atkins.

– Sei – você comentou, suspirando. – Na verdade, eu queria…

Jobson ergueu as mãos, dizendo:

– Mas posso entregar algumas roupas ao senhor.

– Eu lhe agradeceria muito.

Ele deu três folhas de papel:

– Assine aqui e verei o que posso fazer.

Você pegou os papéis e perguntou:

– Será que eu poderia ter uma cópia do inventário, só para me certificar se está tudo registrado nele?

– Inventário?

– O inventário do que ele tinha quando foi detido.

– O senhor quer uma cópia?

– Para a mãe dele.

Ele olhou para você e perguntou:

– Vão fazer um inquérito, o senhor sabe?

– Um inquérito policial interno.

Jobson ficou olhando para você e repetiu:

– Assine os papéis, eu verei o que posso fazer.

Você meteu a mão no bolso do paletó para pegar sua caneta.

Não estava lá.

Olhou para Jobson. Ele estava com uma caneta nas mãos, do outro lado da mesa.

– Obrigado – você agradeceu. – Eu devo ter…

– Tudo bem – ele disse, sorrindo.

Você assinou os papéis e devolveu tudo a ele, junto com a caneta.

Jobson pegou tudo, separou as folhas e devolveu-lhe uma cópia. Nesse exato momento, o telefone em cima da mesa começou a tocar, com uma luz acendendo e apagando.

Jobson olhou para a luz, depois para você.

– Certo, senhor Piggott, caso não tenha mais nada…

– Honestamente, acho que já me enterrei até o pescoço no…

O detetive-chefe superintendente fazia que sim e disse:

– Até onde não podia.

– Como mais do que minha barriga pode aguentar – você disse, sorrindo. – E você sabe que eu posso comer muito.

– Vá em frente – disse Jobson.

– Sendo direto com o senhor, também estou representando Michael Myshkin.

Jobson ficou olhando para você, sem piscar.

– O senhor sabe a quem me refiro? – você perguntou.

– Sim, senhor Piggott, eu sei a quem o senhor se refere.

– Estou preparando um apelo preliminar para ele e…

Jobson ergueu uma das mãos.

– Mas Michael Myshkin confessou sua culpa, o que fez que sua pena diminuísse, certo?

– Sim, é verdade.

– E de que maneira ele pretende recorrer?

– Ainda é muito cedo para dizer, mas, em casos como esse, quando a condenação é baseada apenas na confissão, podemos argumentar que suas palavras foram ditas sem plena consciência e em desacordo com as provas. Podemos alegar falta de provas que condenem o réu, que o seu estado mental na época invalidaria a própria confissão e que o juiz do tribunal errou ao aceitar o pleito de culpa baseado simplesmente na confissão. Aliás, a própria confissão

poderia ter sido arrancada por meios ilegais…

– Senhor Piggott – interrompeu Jobson. – A sua alegação é muito séria.

– São exemplos, apenas exemplos de caminhos para explorar o caso.

– Existem testemunhas… – disse Jobson, olhando para você.

Você fez que sim.

– Provas de legistas.

Você fez que sim novamente e disse:

– Mas eu tenho olho grande.

– Isso me deixa surpreso… – disse Jobson, sorrindo.

– Eu tenho o olho maior do que a barriga, não acha? – você perguntou.

Jobson fez que não.

– Na verdade, eu diria que você sabe medir muito bem as coisas.

– Não, nada disso. De jeito nenhum. Veja só: estou sempre martelando os mesmos nomes, os mesmos rostos, de novo e de novo.

Jobson ficou encarando-o.

– Tanto Michael Myshkin quanto Jimmy Ashworth…

– Eles viviam na mesma rua – disse Jobson.

– Eu sei, eu sei, eu sei, mas vocês prenderam Jimmy Ashworth por conta dessa história da Hazel Atkins, que desapareceu da mesma escola que Clare Kemplay, cujo assassinato foi o motivo pelo qual Michael Myshkin foi condenado à prisão perpétua.

– Crime que ele confessou.

– Crime que ele *supostamente* confessou – você corrigiu. – E…

– E o quê?

– Isso tudo poderia ser apenas uma maldita e enorme coincidência, mas talvez exista algo que eu deva saber antes de gastar ainda mais o meu tempo e o dinheiro da senhora Ashworth e da senhora Myshkin.

– Senhor Piggott – ele disse, sorrindo –, você quer que eu lhe diga como gastar melhor o seu tempo e o dinheiro de outras pessoas?

Você fez que não.

– Não, mas eu gostaria que o senhor me dissesse se Michael Myshkin realmente matou Clare Kemplay.

Jobson ficou olhando para você.

E você olhando para ele.

– Sim, ele matou – disse Jobson.

– Sozinho?

E então, naquele maldito momento, alguém bateu à porta.

Jobson ergueu os olhos, deixando de olhar para você.

Você se virou.

– Chefe – disse um homem de bigode.

Um homem que você vira na noite em que Jimmy Ashworth se enforcou, um homem que você vira no funeral…

Em todos os três funerais.

– Espere dois minutos, Dick, por favor – pediu Jobson.

Mas o homem fez que não.

– É importante.

Jobson fez que sim.

A porta foi fechada.

Jobson se levantou, com a mão erguida:

– Caso queira esperar lá embaixo, tenha certeza de que enviarei todos os objetos do filho dela.

Você se levantou, curvou-se sobre a mesa e apertou a mão dele.

– Eu fui a Rochdale, senhor Jobson.

– E…? – ele perguntou, soltando a sua mão.

– Sei da história sobre a caixa de sapatos.

– E…? – ele repetiu, encarando-o.

– Sei que Michael Myshkin não matou Clare Kemplay.

Jobson piscou.

– Sei também que Jimmy Ashworth não sequestrou Hazel Atkins e que ele não se matou.

Jobson encarava-o.

Você o encarava.

– Vejo que sabe de muita coisa, senhor Piggott – ele disse.

Você fez que sim.

– Talvez coisas demais – ele disse, sorrindo.

Você fez que não, encarando-o.

O Coruja.

– Adeus, senhor Piggott – ele disse.

Você se virou, caminhou até a porta, parou, olhou para trás e disse:

– Não se esqueça da moto, certo?

– Não vou me esquecer, senhor Piggott – disse o chefe superintendente Jobson. – Nunca me esqueço de nada.

– Até mais, então.

– Até mais – ele respondeu.

Você fechou a porta e escutou.

Poderia jurar ter escutado.

Escutado ele dizer:

“*No lugar onde não existe escuridão.*”

Você andou pelo corredor, em direção das escadas, e aproximou-se das pequenas cadeiras de plástico sob as luzes fracas e amareladas, sob o velho pôster que alertava sobre os perigos de dirigir bêbado no Natal…

Não existe mais Natal.

O policial sentado à mesa arrancava a casquinha de suas feridas.

Você olhou para o chão de linóleo, para os quadrados brancos e cinza, para as marcas feitas por botas e cadeiras…

– Senhor Piggott?

Você levantou os olhos.

– Assine aqui, por favor – disse um jovem policial loiro.

Um jovem Bob Fraser.

Sorrindo e segurando uma prancheta, com dois grandes sacos de papel pardo sobre a mesa.

Você pegou a prancheta e a caneta dele. Assinou os papéis.

Ele entregou os sacos.

– Aqui estão, senhor.

– Obrigado – você agradeceu, levantando-se.

– De nada.

Você atravessou o piso de linóleo, os quadrados brancos e cinza, as marcas feitas por botas e cadeiras, e seguiu em direção à saída…

– Senhor – disse o jovem policial. – Um minuto.

Você se virou.

– Sinto muito – ele disse. – Mas foi o senhor quem pediu uma cópia do inventário, certo?

Você fez que sim.

Ele entregou-lhe uma fotocópia em papel A4.

– O chefe cortaria a minha cabeça caso eu me esquecesse. Ele disse para eu me certificar de que você receberia isso.

Você ficou sentado no estacionamento, entre a rodoviária e o mercado, à sombra de Millgarth, com dois grandes sacos de papel abertos no banco do passageiro e a fotocópia A4 nas mãos:

Um par de botas de couro pretas de motoqueiro, tamanho 40.

Um par de meias de lã azul-marinho, tamanho 39.

Uma cueca branca, tamanho M.

Uma calça jeans Lee, tamanho 36, com um cinto de couro preto.

Um lenço marrom.

Um par de luvas de couro preto de motoqueiro, tamanho médio.

Uma camiseta branca, tamanho M.

Uma camisa xadrez de algodão azul e branca, tamanho M.

Uma jaqueta jeans azul sem manga da Wrangler, com remendos e bótons, tamanho M.

Uma jaqueta preta de couro, com as inscrições Saxon *e* Angelwitch *e um desenho de asas de pássaro.*

Um par de óculos com aro redondo dourado.

Um relógio de pulso Casio digital com calculadora.

Uma pulseira preta de couro cheia de tachas.

Um chaveiro de metal em forma de estrela de davi com três chaves.

Uma carteira de couro marrom com uma nota de cinco libras, uma carteira de motorista em nome de James Ashworth, residente na Newstead View, número 69, em Fitzwilliam, um cartão de condolência e selos no valor de 25 centavos.

Um maço de cigarros Rothman com ainda cinco cigarros.

Um isqueiro descartável de plástico branco.

Uma caixa de papel para cigarros Rizla.

76,5 centavos em moedas.

Você deixou a lista no banco. Procurou o cinto nos sacos.

Encontrou a calça jeans, mas o cinto não estava nela.

Estava no fundo do segundo saco.

Você pegou o cinto e ficou com ele nas mãos:

Abriram a porta da sala 4, e lá estava ele, com as botas girando enquanto lutavam para soltá-lo dali, o fedor de mijo impregnado, o corpo preso à grade de ventilação, um cinto segurando-o pelo pescoço, pendurado e vestindo uma jaqueta que dizia Saxon *e* Angelwitch *entre um par de asas de cisne, sua língua inchada e os olhos arregalados, e continuavam tentando arrancá-lo dali, colocá-lo num buraco no chão e fazer com que desaparecesse…*

Mas ele nunca desapareceria.

Não para ela.

Não para você.

Mas você não conseguia se lembrar se aquele era o mesmo cinto…

O que o agarrava pelo pescoço.

O cinto que estava nas suas mãos.

Você colocou o cinto. Depois fechou os dois grandes sacos de papel pardo. Dobrou o papel A4 e guardou-o no bolso. Ligou o carro. Saiu da vaga sem olhar para trás.

Uma moto freou na sua traseira.

Você parou.

O motociclista desceu da moto. Tirou o capacete. Vinha na sua direção com palavras e ameaças violentas.

Você voltou a ligar o carro. Saiu pela George Street, pensando…

Nada de capacete.

No final da George Street, você cruzou várias ruas de mão única até conseguir entrar na Headrow. Olhou pelo retrovisor para checar se o idiota continuava na sua cola. Seguiu para a Cookridge Street.

Você procurava a Portland Square

Apartamento 6, no número 6 da Portland Square, Leeds 1.

Você estacionou na Great George Street. Ficou zanzando atrás do palácio de Justiça e da catedral, da enfermaria e da biblioteca.

Procurando o apartamento 6, no número 6 da Portland Square, em Leeds 1.

Procurando Jack.

Era quarta-feira, 1º de junho de 1983.

D-8.

Próximo à Calverley Street, entre a Portland Way e a Portland Crescent, ao lado da escola politécnica e em frente da Casa Civil, você encontrou.

Ruínas da grandeza vitoriana, perdidas e doentes, esperando pela demolição. Dois edifícios vazios logo após a grama e as ervas daninhas que nasciam entre frestas e pedras.

Portland Square.

Você foi em frente até encontrar o número 6.

A porta estava aberta e não havia cortinas nas janelas do térreo. Uma árvore crescera no local em que a calçada afundara. A árvore era mais alta que o

edifício e escondia a luz da rua, seus galhos arranhavam as janelas do andar superior.

Você subiu os três degraus de pedra e abriu completamente a porta.

Havia uma escada à esquerda. Havia folhas e sacos de batatas fritas, correspondência antiga ainda sem abrir, e jornais, tudo jogado no carpete marrom.

Você entrou. Disse:

– Oi? Oi?

Nada.

Subiu as escadas até o primeiro andar, até os apartamentos 3 e 4.

O carpete estava mais limpo por ali.

Você seguiu adiante. Você subiu mais um lance.

Lá estava o apartamento 5 e, mais à frente, o 6.

No carpete ali não havia folha ou saco de batatas fritas, correspondência fechada nem jornais.

Você tocou a campainha do apartamento 6, do número 6 da Portland Square, Leeds 1.

Nada.

Você bateu à porta, gritou:

– Oi? Oi?

Nada.

Havia uma caixa de correio de metal na velha porta de madeira.

Você se agachou. Levantou a tampa e chamou:

– Senhor Whitehead? Jack Whitehead?

Nada.

Você olhou pela abertura da caixa de correio.

O interior do apartamento era escuro e tinha um cheiro desagradável.

Você podia ouvir os sinos chamando para a missa, os galhos das árvores arranhando as janelas.

Você soltou a abertura da caixa de correio. Voltou a ficar de pé, mas logo se agachou novamente.

Alguém escrevera algo naquela tampa:

Estripador.

Você soltou a tampa mais uma vez. Ficou de pé. Olhou para a porta.

Alguém escrevera um número nos dois lados do 6:

6 6 6.

Você pensou novamente na sua mãe.

Nas coisas que escreveram nas paredes e porta dela.

Talvez o senhor Whitehead e seu filho não quisessem ser encontrados.

Novamente do lado de fora, entre a grama e as ervas daninhas, as rachaduras e as pedras, você seguiu o som dos sinos até a St Anne's. Queria perguntar se alguém conhecia algum Whitehead, mas não havia ninguém que valesse a pena incomodar.

Gordo, careca e cansado.

Com medo de ir para casa, você se sentou nos fundos da igreja.

No primeiro banco havia uma senhora com bengala tentando se levantar. Um menino com um livro embaixo do braço a ajudou a ficar de pé.

Logo acima, na cruz, estava Cristo.

Ali, como sempre, parado, esperando por alguém para salvar ou seduzir.

Uma velha e solitária viúva, presa na própria casa, vítima de uma noite eterna e dos seus filhos.

O menino conduzia a senhora pelo corredor. Chegaram ao banco onde você estava sentado. O menino tirou o livro de debaixo do braço. Abriu e ofereceu-o a você.

Você olhou para o menino e para a velha senhora.

Eles olharam para você, pareciam familiares.

Você começou a falar, mas eles foram embora.

Você olhou para as páginas do livro.

A Bíblia Sagrada.

Olhou para a passagem marcada:

Jó 30, 26-31.

Olhou e leu:

Quando eu aguardava o bem,
Eis que veio o mal:
E quando esperava a luz
Eis que veio a escuridão.
Minhas entranhas fervem
E não descansam:
Os dias de aflição me preveniram.

Ando lamentando sem o sol:
Levanto-me
E clamo na congregação.
Sou irmão dos dragões,
Companheiro das corujas.
A minha pele enegrece,
Meus ossos queimam de tanto calor.
A minha harpa rendeu-se ao luto
E o meu órgão chora junto às suas vozes.

De volta ao carro, na Great George Street, você vasculhou os sacos até encontrar a carteira de Jimmy. Tirou-a da bolsa. Abriu-a. Encontrou a nota de cinco, a carteira de motorista, os selos no valor de 25 centavos.

Não o cartão de condolência.

Não estava lá.

Mas dobrado dentro do forro de seda havia uma foto.

A foto de uma menina.

Não era Tessa.

Era uma foto cortada de jornal.

Um recorte:

Hazel.

33

Amanhecia ou estava muito perto de amanhecer.

Domingo, 12 de junho de 1977.

(Melhor pintar o seu rosto.)

Batendo à porta de Joe:

– Abra essa merda de porta!

– Quem é?

– Estamos atrasados, porra! – gritou BJ.

Trancas se arrastaram, chaves giraram/novas trancas, novas chaves.

BJ: sobre o pé direito/sobre o esquerdo.

(Cabelo no rosto dele, vejo pelo canto do meu olho que está vestido.)

Ele: olhos brancos e arregalados na abertura da porta.

(Ele é novamente seu amigo.)

Olhares paranoicos para a esquerda/olhares paranoicos para a direita.

(Eu, meu rosto, meu olho.)

BJ empurrou a porta em direção ao seu pequeno e privado inferno em Chapeltown.

Steve Barton, amigo de Joe, estava deitado no colchão, nervoso:

– *Você* é que está atrasado, não eu.

– Está pronto? – perguntou BJ.

– Esperando por você – respondeu Steve.

– Tinha coisas a resolver.

– Não fode – disse Steve. – E resolveu?

– Vão se foder – disse Joe.

– Foda-se você! – ele gritou.

– O que aconteceu com vocês, porra? – perguntou BJ.

– Uma noite ruim.

– E não são todas assim?

Joe fazia que não:

– Dizem que Janice morreu.

– Janice Ryan?

Ele fez que sim.

– Porra – disse BJ. – Ela é protegida, já ouvi isso várias vezes.

– Mas todas são protegidas, certo? – perguntou ele.
– Começando por Marie – disse Steve.
– Chega! Pode parar por aí – disse BJ.
– Um pouco fora de controle, eu diria…
BJ olhou para Steve e disse:
– Você merecia isso.
– Engole essa… – murmurou Joe.
– Ela que ela se foda – disse BJ. – E que ele se foda também.
Ninguém disse nada.
– Vamos ou não?
Ninguém se mexeu.
BJ perguntou novamente, só para checar:
– Estão prontos mesmo?
Joe, sem sorrir, apenas disse:
– Basta mostrar quem é o inimigo.
BJ olhou para Steve:
– Hora de dar o troco?
Ele deu de ombros e se levantou do colchão, traçando setes nas paredes e setes na porta, setes no teto e setes no chão.
Todos lindos e pequenos setes, em vermelho, dourado e verde:
Dois setes…
Joe dançava ao lado da porta, com sua voz de trovão cantando:
– War in the East, war in the West. War in the North, war in the South. Crazy Joe get them out…
– Isso é do Heavy Manners – disse Steve.
O maldito Heavy Manners.
DESCENDO.

Três jovens sentados num Cortina roubado.
(Descemos, fomos além.)
Steve Barton, Joe Rose e BJ.
(Ao lado de Satã.)
Irascível com causa/irascível com razão.
(Tempos traiçoeiros.)
BJ olhou para o relógio de BJ:

Sete e vinte e cinco, mil novecentos e setenta e sete.

BJ fez que sim.

Todos saíram do carro.

Todos atravessaram a Gledhill Road, em Morley.

Todos vestiram suas máscaras.

BJ bateu à porta.

Todos esperaram.

Esperaram, esperaram, esperaram.

A chave girou.

A porta se abriu.

Steve atingiu em cheio o rosto de um velho.

Ele caiu do outro lado da porta (como um maldito saco de pancadas).

Seus cabelos sobre o rosto, seus dentes cobertos de sangue.

Todos passaram por cima dele.

Steve deu um chute no velho (só para garantir que se comportaria bem).

– O que está…

A vovozinha descia as escadas.

Steve atravessou a sala para dar um tapa nela, um tapa bem dado.

Depois meteu um saco na cabeça dela, prendeu seus braços às costas, fingiu chupar o seu peito.

– Por favor, por favor…

Presa, amordaçada e ensacada.

Steve entrou na agência de correios, apontando para o andar de cima.

– Lá em cima? – perguntou Joe.

Steve se virou e fez que sim, com o dedo sobre a máscara.

BJ ficou para trás, junto ao velho, ainda fora de combate, e sua esposa, que chorava e se mijava.

Steve voltou com um saco de dinheiro.

Joe descia as escadas com as mãos vazias e dando de ombros.

BJ aproximou-se de Steve. BJ olhou dentro do saco.

NÃO ERA SUFICIENTE.

Não chegava a mil, nem perto.

Nem perto, e BJ lhe disse:

– Tem alguém fodido por aqui.

– Cale a boca, cara – disse Steve. – Vamos resolver isso mais tarde, não aqui.

BJ balançou a cabeça de BJ.

BJ saiu pela porta dos fundos. Eles o seguiram.

Todos saíram.

Saíram, deixando-os em suas piscinas de mijo, em sua pequena agência de correios:

Ele levaria 35 pontos na cabeça e ela estaria morta em seis meses.

Todos tiraram suas máscaras.

Todos entraram no Cortina.

Todos voltaram a Leeds, com o velho sol surgindo além das novas nuvens.

Steve gargalhava ao dirigir.

– Hora de dar o troco!

Joe cantava para si mesmo:

– War in the East, war in the West. War in the North…

O velho sol atrás das novas nuvens, sombras atravessando o carro…

– Fodemos tudo – disse BJ.

Joe contava o dinheiro.

– Deve ter mais de setecentos aqui, cara.

– Fodemos tudo – repetiu BJ. – Aquilo estava armado.

– Nada disso – disse Steve, balançando os *dreadlocks*. – Foi apenas um maldito troco.

BJ balançava a cabeça, sabia…

(O nunca-nunca não poderá continuar para sempre.)

Sabia o que estava por vir.

(Fechei meus olhos, mas ele nunca desapareceria.)

CHEGANDO.

(Mas eu quero sobreviver.)

CHEGANDO.

(Vou trapacear e vou vencer.)

CHEGANDO.

(Você acha que sou um idiota, abandonando o barco.)

CHEGANDO.

(Mas ele aparecerá nos fundos da sua casa no meio da noite.)

CHEGANDO

(Vai te encontrar dormindo na cama.)

CHEGANDO.

(Quando os malditos céus se chocarem.)

DESCENDO.

(Os Dois Setes.)

34

Sábado, 25 de março de 1972.

"Certa manhã, você acorda mais triste do que nunca."

Fiquei deitado sozinho em nossa cama de casal, ouvindo as coisas piorar:

"Protestos aumentam na Irlanda do Norte após o acordo firmado ontem com o governo dizendo que Ulster receberá diretrizes diretas de Westminster durante um ano ter corrido entre a oposição, as duas facções do IRA disseram que lutariam e protestantes militantes exigiram greve geral mesmo após os pedidos de calma do senhor Faulkner.

"Enquanto isso, o senhor William Whitelaw, o novo secretário de Estado para a Irlanda do Norte, descreveu ontem a missão que terá de enfrentar: 'Aterrorizante, difícil e incrível'."

Permaneci deitado sozinho na cama de casal, ouvindo as coisas piorar, enquanto a minha família se preparava para um casamento.

O senhor e a senhora William Molloy convidam o senhor e a senhora Maurice Jobson e família ao casamento de sua filha, Louise Ann, com o senhor Robert Fraser.

Uma celebração.

– Paul! – gritava minha esposa para o andar de cima. – Paul, rápido, meu querido. Estamos esperando.

Minha esposa, minha filha e eu parados na porta da frente.

Minha esposa olhando para o andar de cima, minha filha para o espelho e eu para o meu relógio.

Simon e Garfunkel pararam de cantar abruptamente, e ele desceu.

– Vou tirar o carro – eu disse, abrindo a porta.

– Eu tranco a casa – disse a minha esposa, fazendo que sim e empurrando as crianças para fora.

Eu saí de casa. Abri a garagem. Tirei o carro, o carro familiar.

O Triumph Estate.

Saí do carro. Tranquei a porta da garagem.

– Está aberto – disse à minha esposa, que estava de pé com os meus filhos ao lado do carro, embora eu preferisse que todos estivéssemos em outro lugar.

Que todos fôssemos outras pessoas.

Outra gente.

Entramos no carro.

Clare pediu que eu ligasse o rádio.

– Não temos rádio – respondi.

Ela se encolheu no banco traseiro. Paul murmurou algo no seu ouvido. Os dois sorriram.

Eles tinham quinze e treze anos e me odiavam.

Olhei pelo retrovisor e perguntei:

– O Leeds ganhou do Arsenal hoje, certo?

Paul deu de ombros. Clare murmurou algo a ele. Os dois voltaram a sorrir.

Tinham quinze e treze anos, e eu os odiava e os amava.

A minha esposa, Judith, disse:

– Espero que saia o sol para as fotos dos noivos.

E eu…

E eu a odiava.

Eu a odiava e odiava também o seu chapéu, muito grande para aquele carro.

A paróquia Ossett tem o mais alto campanário de Yorkshire. É o que dizem. Ele está lá, escuro e alto, para quem quiser ver, logo atrás dos campos de golfe, de estupro e de ruibarbo.

Estacionamos à sombra, na Church Street, Ossett.

A rua estava repleta de carros em ambos os lados.

– Um casamentão – disse Judith.

Ninguém comentou nada.

Saímos do carro e descemos a rua em direção ao jardim da igreja, onde um grupo de policiais de *smoking* estava reunido, fumando cigarro.

As namoradas e esposas estavam por perto, lutando para manter seus chapéus

na cabeça apesar do vento, conversando, ignorando seus filhos.

– Ele convidou toda a força policial, certo? – perguntou Judith, sorrindo.

Segui em direção aos homens e seus cumprimentos, levando junto minha esposa e meus filhos.

– Senhor – disse um deles.

– Inspetor – disse outro.

– Senhor Jobson.

– Maurice, Judith – disse John Rudkin em seu terno, sorrindo na porta da igreja.

Filhote de Bill.

– Onde você escondeu Anthea? – perguntou minha esposa.

– Bem no fundo da represa Winscar – respondeu Rudkin, rindo.

Riso como se o seu desejo fosse realidade.

– Qual é o setor mais barato da plateia, John? – perguntei.

– Qualquer lugar à direita. Menos as duas primeira filas, reservadas para a família.

– E nós, o que somos? – perguntei.

Ele pareceu confuso.

– Brincadeira, sargento – eu disse. – Estou brincando.

– Não é incrível? – disse minha esposa. – É isso o que sempre temos de aguentar.

Ele sorriu.

Sorriso como se desejasse que estivéssemos mortos.

Acenei para outro homem com roupas formais, do outro lado da igreja.

– É o irmão do Bob, certo?

Rudkin fez que não e murmurou:

– Bob não tem família.

– Sério? – perguntou Judith, pousando a luva púrpura sobre a boca vermelha.

– Sua mãe morreu há alguns anos.

– Então o lado dele na igreja ficará um pouco mais vazio – comentei.

– O chefe convidou vários homens que treinaram com Bob, e acho que grande parte da delegacia de Morley estará aqui.

– Melhor assim – disse Judith.

– Até logo – eu me despedi, olhando para os meus filhos. – Vamos.

Andamos pelo corredor, acenando para Walter Heywood e sua esposa.

Ronald Angus e sua…

Estavam todos lá:

Dick Alderman e Jim Prentice apertaram minha mão.

Bob Craven não.

Estavam todos lá, menos um:

George.

George continuava em Rochdale, onde eu queria estar.

Ouvi novamente o meu nome. Virei-me.

Don Foster e sua esposa, John Dawson e sua…

Sorrisos fartos e sinais indicando que mais tarde conversaríamos.

– Aquele é John Dawson, certo? – perguntou Judith, quando já estávamos sentados no meio da igreja.

Fiz que sim, pensando:

Outra gente.

– Você nunca me disse que conhecia John Dawson.

– E não conheço.

– Você deveria ver aquela casa…

(No interior, centenas de vozes gritando.)

E então Clare murmurou à mãe:

– Como eles se conheceram?

Judith olhou para mim e disse:

– Não sei ao certo.

– O quê? – perguntei.

– Como eles se conheceram? – repetiu Clare, franzindo a testa.

– Louise e Bob? – perguntei.

– Não – ela fez uma cara de escárnio. – A rainha da Inglaterra e o príncipe Philip.

– Bob é policial e…

– Não quero me casar com um policial – ela disse.

– Clare, não diga isso… – pediu minha esposa.

Eu…

O pai dela… eu não disse nada.

E então ela repetiu mais alto:

– Nunca me casaria com um policial.

Olhei para Robert Fraser.

Bob Fraser estava de pé no altar da igreja, o vigário diante dele, seu padrinho logo ao lado.

Não reconheci o padrinho.

Não era policial.

Não era um de nós.

O organista parou de tocar. De repente, pressionou todas as teclas ao mesmo tempo e ficamos de pé para o início da *Marcha nupcial*, olhando ela entrar…

A noiva.

Linda em seu vestido branco, com o pai ao lado.

(Linda como a lua, terrível como a noite.)

Orgulhosíssimo dentro do seu *smoking*.

O cinza do seu terno combinava com ele, com o preto de seus olhos.

Depois começou o *show*.

A celebração.

Os hinos:

Guie-nos, Pai Celestial, guie-nos;

O amor sublime;

O amor divino.

As leituras.

As leituras que diziam…

Que diziam palavras como:

Pois o corpo não é formado por apenas um membro, mas vários.

Se os pés pudessem dizer: não sou a mão, não sou o corpo. Eles não fariam parte do corpo?

E se as orelhas pudessem dizer: não sou o olho, não sou o corpo. Elas não fariam parte do corpo?

Se o corpo fosse apenas um olho, por onde escutaríamos? E se fosse apenas um ouvido, por onde sentiríamos os odores?

No entanto, Deus reuniu todos os membros no corpo da forma como achou melhor.

Mas se tudo formava apenas um membro, onde estaria o corpo?

Agora são vários membros, mas apenas um corpo.

E o olho não pode dizer à mão: Não tenho serventia para você. Assim como não pode dizer à cabeça e aos pés: Não tenho serventia para você.

E mesmo os membros do corpo que parecem mais frágeis são necessários.

E tais membros que nos parecem menos honrosos, a eles destinamos abundante honraria; e mesmo as partes menos graciosas têm abundante graciosidade.

Nossas partes graciosas não têm serventia. Mas Deus formou o corpo todo, emprestando honra às partes que não a tinham.

Não deveria haver racha no corpo, todos os membros devem cuidar um do

outro.

E quando um membro sofre, todos devem sofrer com ele; quando um membro é felicitado todos devem se alegrar.

Eis o corpo de Cristo, e especialmente os seus membros.

Olhei para a minha família ao meu lado no banco.

Paul estava com os olhos fechados, Judith e Clare os abriram quando Mendelssohn começou a soar.

Do lado de fora da igreja, os grupos de policiais voltaram a se reunir em volta de seus cigarros.

As namoradas e esposas agruparam-se em outro canto, lutando para manter suas saias no lugar, apesar do vento que batia, reclamando do pessoal mais velho, seus filhos puxando suas bainhas e mangas, e as mãos cheias de confetes para atirar sobre os noivos.

O fotógrafo, desesperado, tentava nos reunir.

Um Austin Princess negro esperava a hora de levar os recém-casados para longe de tudo aquilo.

– Ele realmente convidou a força policial inteira, certo? – perguntou Judith, sorrindo.

Sorrindo para si mesma.

Vi George.

George Oldman parado no portão, com a esposa, o filho e as duas filhas.

Ele notou que eu me aproximava.

Apertei sua mão e acenei para sua esposa.

– George, Lillian.

– Maurice – ele respondeu.

– Imaginei que não conseguiriam chegar.

– Ele quase não conseguiu – comentou a esposa, apertando seu braço.

– Teve sorte?

Ele fez que não, desviando o olhar. Eu deixei…

Deixei que seguissem em frente.

George, a esposa, o filho e as duas filhas.

– Uma foto do grupo, por favor – implorou o fotógrafo no momento em que o sol finalmente surgiu, brilhando timidamente entre as árvores e lápides.

Voltei para posar com a minha esposa, meu filho e minha filha.

– Já podemos voltar para casa? – perguntou Clare.

– Temos de ir à recepção, minha querida – respondeu sua mãe, sorrindo. – Será linda, eu aposto.

Paul murmurou algo a Clare. Os dois sorriram.

Eles tinham quinze e treze anos e sentiam pena da mãe.

– Uma última foto da família – gritou o fotógrafo.

Judith olhou para as crianças, depois para mim, ajeitando seu chapéu e sorrindo.

Tínhamos 45 e 42 e odiávamos.

Apenas odiávamos.

Tínhamos nos casado havia dezessete anos, no mês de agosto, naquela mesma igreja. Ou pelo menos era o que diziam.

Em silêncio, seguimos em direção a Dewsbury, depois subimos para Ravensthorpe, nos arredores de Mirfield. Permanecemos quietos até Clare nos lembrar que a família Charlotte, nossa vizinha, tinha rádio no carro e que seu pai era um *simples* professor. De acordo com Paul, todos na sua escola Grammar tinham rádio no carro, e nós éramos a única família do *maldito* mundo que não.

– Por favor, não diga essa palavra, Paul – repreendeu-o sua mãe, olhando para trás.

– Que palavra?

– Você sabe muito bem.

– Por que não? – perguntou Clare. – Papai fala isso o tempo todo.

– Não é verdade.

– É sim – gritou Paul. – E ele diz coisas bem piores também.

– Mas o seu pai é adulto – disse Judith.

– E *policial* – comentou Clare.

– Chegamos – anunciei.

O Marmaville Club:

Um moinho de luxo transformado em bufê, a preferida dos maçons.

A preferida de Bill Molloy.

Peguei um vinho branco para Judith. Deixei-a com as crianças e outras esposas com suas crianças. Fui até o bar.

– Não se esqueça que terá de dirigir – ela gritou, e eu sorri.

Sorri como se desejasse que ela estivesse morta.

No bar, com um uísque nas mãos, senti alguém tocando meu ombro.

– Outra vez com bebidas de irlandês de merda?

Virei-me.

Jack.

O maldito Jack Whitehead.

– Qual o problema? – ele perguntou. – Imaginou que o chefe superintendente nunca convidaria uma pessoa tão ralé quanto eu?

– Não – respondi, dando uma olhada em volta. – De jeito nenhum.

O senhor e a senhora Robert Fraser estavam de pé na entrada da sala de jantar, esperando para cumprimentar seus convidados:

– Tio Maurice, tia Jane – disse a noiva.

– Tia *Judith* – corrigiu o noivo.

– Menino esperto – comentei, apertando sua mão e dizendo: – Você deveria ser detetive.

Todos rimos.

Todos, menos Paul e Clare.

Louise deu um beijo na bochecha de Judith, desculpando-se:

– Foi um longo dia.

– E ainda não acabou – comentei.

Não mesmo.

Estávamos todos sentados na sala do banquete, na mesma mesa que Walter e a senhora Heywood, Ronald e a senhora Angus, os Oldman, seu filho e suas duas filhas.

O chefão.

Comemos *grapefruit*, frango e uma espécie de pavê, e tomamos boas taças de vinho branco, com olhares de desaprovação das esposas e das crianças dando certa indigestão.

Depois vieram os discursos, com mais algumas taças de vinho para ajudar a engoli-los.

Senti uma mão sobre meu ombro. John Rudkin se curvou para murmurar:

– Bill está chamando todo mundo para um drinque no andar de cima quando começar o baile.

Eu sorri, desejando que ele sumisse dali.

Ele olhou para Walter Heywood e para os meninos de West Riding e disse:

– Seja discreto.

Sorri novamente.

Ele foi embora.

No andar de cima, pelo corredor vermelho e dourado, passando pelo toalete.

As cortinas fechadas, as lâmpadas acesas, os charutos apagados.

O som da música subindo pelo carpete.

O lindo carpete, todo em flores douradas, carmim e vermelhas.

Como os uísques em nossos rostos.

Sentados num círculo, em grandes cadeiras, algumas vazias.

Estavam todos lá:

Dick, Jim Prentice, John Rudkin, Bob Craven e…

– Senhores – disse Bill –, gostaria que conhecessem um grande amigo meu vindo do outro lado dos Pennines. Este é John Murphy, detetive inspetor de Manchester.

Mais ou menos da minha idade, mas ainda com cabelos, Murphy era um homem bem apessoado.

Um Bill Molloy mais jovem.

Mais um.

John Murphy se levantou.

– Discurso! – gritou Dick Alderman.

– Conheço alguns de vocês pessoalmente, e os demais por suas reputações – disse Murphy, sorrindo e acenando para mim. – Também sei que estamos todos aqui por conta de um único homem…

Acenos e murmúrios na direção de Bill.

Bill ergueu as mãos, sem graça e modesto.

– Primeiro, um brinde – disse Murphy. – Saúde ao *Texugo* e à sua filha, que acaba de se casar.

– Saúde! – dissemos todos, levantando-nos.

– Não – disse Bill –, já fizemos isso lá embaixo.

Rimos. Ele fez uma pausa. Ficamos de pé, esperando.

Esperando ele dizer:

– Um brinde a nós mesmos. A todos nós! – sua voz e seu copo se ergueram.

– A todos nós! – repetimos, levantando nossos uísques.

Voltamos a nos sentar.

Bill pediu a Rudkin que providenciasse mais uma rodada.

– Precisamos ser rápidos, pois não queremos ouvir muitas perguntas, certo?

– Elas acham que estamos jogando cartas – disse Jim Prentice, rindo.

– Não estou falando de nossas esposas, Jim – disse Bill. – Na verdade, estou pensando no Velho Walter e nos nossos primos do interior.

– É… – comentei. – Obrigado por ter nos colocado na mesma mesa.

Com as mãos erguidas, Bill zombou:

– Só queria que os senhores conhecessem John e…

Uma batida na porta. Bill parou de falar.

Uma jovem garçonete trouxe outra bandeja de uísques.

Duplos.

Recolheu os copos vazios e foi embora.

– E? – perguntei.

– E… – disse Bill – algumas coisas mais.

Bebemos nossos uísques e esperamos.

– John esteve… – disse Bill, sorrindo. – Ele esteve em alguns escritórios na Oldham Street, no centro de Manchester. Foi à gráfica e à distribuidora e costurou tudo muito bem.

– Também tenho bons contatos na Divisão de Costumes – disse Murphy. – Pete McCardell, por exemplo.

Vários assobios pela sala.

Bill deu um tapinha nas costas de Murphy.

– Isso é apenas o começo. O que tanto planejamos e trabalhamos para conseguir está finalmente se aproximando.

Eu fiz que sim.

– Controlaremos a Divisão de Costumes – disse Bill Molloy, calmamente. – Fora das ruas, das vitrines das lojas, sob nossas asas e dentro de nossos bolsos.

Sorrisos.

– Todo o Norte da Inglaterra, de Liverpool a Hull, de Nottingham a Newcastle, está em nossas mãos: as meninas, as lojas, as revistas… absolutamente tudo.

Largos sorrisos.

– Vamos ficar ricos – disse Bill. – Podres de ricos.

Muitos acenos, largos sorrisos e murmúrios.

Olhei em volta da sala, vendo todos aqueles dentes, e perguntei a Bill:

– E quanto ao seu genro?

Todos pararam de sorrir.

Rudkin fazia que não com a cabeça.

– Nunca – disse Bill. – Robert nunca deve saber nada disso.

Novamente, olhei ao redor da sala e disse:

– Então é melhor ficarmos atentos ao que dizemos, não é?

Alguns olhavam para o carpete, para o lindo carpete.

Repleto de flores douradas, carmim e vermelhas.

Como os uísques e seus rostos.

– Tenho alguns rostos novos – disse Bill, sorrindo e pedindo a Rudkin: – Poderia chamar nossos convidados e pedir que tragam mais bebida, John?

John Rudkin saiu da sala.

– Temos uma oportunidade aqui – disse Bill. – Uma oportunidade de investir dinheiro de nossos pequenos negócios e transformá-los em algo ainda maior. Em algo extraordinário.

Uma nova batida na porta.

Rudkin segurou a porta aberta para a entrada de John Dawson e Donald Foster.

Bill se levantou.

– Senhores, aproximem-se.

Don e John sentaram-se no círculo. Bill fez as apresentações.

E eu pensava: *muitos cozinheiros, chefes demais*.

A garçonete trouxe mais bebidas e saiu.

Terminadas as apresentações, Bill apontou para John Dawson e Don Foster e disse:

– Esses dois têm suas aspirações, certo, cavalheiros?

Foster fez que sim. Pigarreou e disse:

– Com a ajuda dos senhores, construiremos um *shopping center*.

– O maior do gênero na Inglaterra e em toda a Europa – disse Dawson.

– Um local onde poderemos comprar tudo o que quisermos, ver um filme ou jogar boliche, onde poderemos tomar café da manhã, almoçar ou beber chá – disse Foster.

– Sem se preocupar com o clima. Tudo sob o mesmo teto – disse Dawson. – O Merrion Centre parecerá pequeno ao lado do nosso.

– Onde? – perguntei.

– Na saída para Hunslet e Beeston, na estrada – respondeu Foster. – O local

ideal.

– O Swan Centre – disse Dawson.

Foster sorriu radiante.

Todos sorriram radiantes.

Muitos cozinheiros, chefes demais.

Bill levantou-se, com a mão aberta na direção de Dawson e Don Foster, e disse:

– Com o cérebro de John, os tijolos de Don e o nosso dinheiro, vamos transformar esse sonho em realidade.

Todos aplaudiram.

– E ganhar um bom dinheiro também.

Todos se levantaram e brindaram.

– Muito dinheiro, porra!

Todos os cozinheiros e todos os chefes.

E eu também:

Pois o corpo não é formado por apenas um membro.

Bill ergueu o copo:

– À nossa saúde e à saúde de todo o Norte… onde vamos fazer o que queremos fazer!

Mas…

– Ao Norte! – respondemos, tomando nossos uísques de um só gole.

Vários.

Bill me olhou, sorrindo para si mesmo, e disse:

– Só mais uma coisa – ele disse.

Engolimos nossas bebidas e esperamos.

– Vocês já ouviram os rumores… Mas eu queria dizer pessoalmente a todos vocês, neste exato momento, cara a cara… Estou me aposentando.

– O quê? – todos perguntamos ao mesmo tempo.

– O meu tempo já passou – ele disse, sorrindo. – E vou ter muita coisa com o que me ocupar.

– Mas o que… – disse Jim Prentice.

– Quem vai… – disse Craven.

Bill me olhou, fez que sim e disse:

– Maurice assumirá.

Eu não disse nada.

– O Velho Walter assinou os papéis ontem – disse Bill, sorrindo. – O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson, responsável pelo Departamento de

Investigações Criminais de Leeds.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Antes que alguém dissesse alguma coisa.

Dick Alderman levantou-se, ergueu o copo uma última vez e disse:

– A Maurice!

Bill e Rudkin ficaram de pé primeiro, depois Dawson e Foster, seguidos de Craven e Prentice.

Murphy assustado, confuso.

Tão confuso quanto eu no momento em que me levantei e ergui o copo à minha própria saúde, pensando:

Fazer que todos nós acreditemos.

No andar de baixo, bêbado e feio.

Todos dançando.

Todos exceto minha esposa e meus filhos, sentados num canto, no escuro.

Todos dançando ou mortos de cansaço:

– Olha só para ela – disse Dick, acenando com a cabeça na direção de Anthea Rudkin.

A esposa de Rudkin estava caída nos braços de George Oldman.

Meio desajeitada num vestido *pink*, longo, mas com farto decote.

A esposa de Oldman e seus filhos pegando seus casacos.

Bill fazia que não com a cabeça, murmurando algo a Rudkin.

Rudkin atravessou a pista de dança, tirou sua esposa de cima de George.

Rudkin agarrou os braços da mulher, que chutava e gritava:

– Nunca se casem com policial!

No carro, voltando para casa, com Judith e Clare dormindo.

Paul colocou a cabeça entre os bancos e perguntou:

– Por que te chamam de *Coruja*?

– Por conta dos meus óculos.

– Que bobagem – ele disse, voltando a se sentar.

Olhei pelo retrovisor. Ele olhava para fora da janela, para a noite, para os caminhões e carros, para as luzes amarelas e vermelhas.

Ele chorava, querendo estar em outro lugar.

Querendo ser outra pessoa.

Outra gente.

Ou quem sabe era só eu.
Que queria estar em outro lugar.
Chorando e desejando que todos estivéssemos mortos.
Ou quem sabe era só eu.
Só eu.

Deitei em nossa cama de casal, ouvindo Simon e Garfunkel através da parede, portas sendo batidas e telefones tocando, mas ninguém atendendo.

O som de coisas:
Aterrorizantes, difíceis e incríveis.
O som das coisas piorando.
Deitado na cama de casal, pensando.
Por favor, faça-me acreditar.

35

Você não conseguiu dormir, não conseguiu dormir, não conseguiu dormir.

Fechou os olhos e viu o rosto dela.

Abriu os olhos e viu o rosto dela.

"Se a senhora Thatcher vencer, os jovens britânicos e as mulheres serão uma geração perdida, sem trabalho, sem educação…"

Fechou os olhos e viu o rosto dela.

Abriu os olhos e viu o rosto dela.

"Não há esperança de que alcancem a vida que almejam."

Você não conseguiu dormir.

Quinta-feira, 2 de junho de 1983:

D-7.

Chegando a Wakefield entre raios e trovões, com o carro engasgando, passando pelo Calder, pelo Redbeck, entrando em Fitzwilliam.

Juntando as peças:

Jimmy Ashworth e Michael Myshkin.

Michael e Jimmy, Jimmy e Michael.

Juntando as peças e encontrando:

Hazel Atkins.

Uma fotografia de jornal, cortada de um jornal, de um jornal sujo.

Suando e morrendo de frio, suas roupas grudando de ódio, o seu coração novamente envolto em trevas, a barriga tomada pelo medo.

Juntando as peças e encontrando:

Medo e ódio, ódio e medo.

Um bolso cheio de papéis, um bolso cheio de…

Hazel.

Estava ficando tarde.

Em todos os lugares.

As casas silenciosas de Newstead View, em Fitzwilliam.

A maldita Fitzwilliam.

Newstead View, número 69.

Toc, toc, toc, toc.

– Demorou… – disse a senhora Ashworth, quase fechando a porta na sua cara.

– Eu estive ocupado.

Ela olhou para os restos de comida na sua camisa e disse:

– Sei.

Você deixou os dois grandes sacos de papel aos pés dela.

– Trouxe isso para você.

Ela abriu a porta:

– Imagino que esteja desejando tomar o seu chá com três cubinhos de açúcar.

Você fez que não.

– Não posso entrar.

Ela deu de ombros, olhou para os sacos e disse:

– E o cinto?

Você se agachou, abriu o saco mais próximo e deixou o cinto preto de couro à mostra.

Ela se curvou, pegou o cinto.

– Era dele? – você perguntou.

Os ombros dela tremiam, ela segurava o cinto.

– Senhora Ashworth?

Ela olhou para o cinto nas mãos, lágrimas rolavam em seu rosto.

– E isto? – você perguntou. – Era dele?

A senhora Ashworth olhou para a pequena fotografia de jornal que estava bem diante dela.

Uma fotografia de jornal, cortada de um jornal, de um jornal sujo.

– Você sabe quem fez isso, não é?

Lágrimas rolavam no seu rosto.

– Estava na carteira dele, no forro.

Lágrimas rolavam no rosto dela.

– Ele cortou de um jornal.

Lágrimas.

– Não! – ela gritou.

Você segurou a foto bem perto do rosto dela, das lágrimas e das mentiras.

– Por que ele faria isso?

Mas ela virou o rosto para o céu cinzento, escuro, murmurando hinos e rezas,

falando sem parar:

– Eu subi e abri a porta do armário, e estava lá, em outra calça jeans. Subi e abri a porta do armário, e estava lá…

– Até logo – você disse.

A gente se vê no inferno, em outro inferno.

Você desceu caminhando a Newstead View.

Entre sacos plásticos e cocô de cachorro.

Aproximou-se da porta. Bateu no número 54.

Ninguém respondeu.

Bateu novamente.

– Não é o seu dia de sorte, né?

Você olhou para trás.

Havia três homens no portão, com rostos pontiagudos e bigodes pálidos. Eles vestiam jeans e roupas cinzentas. Roupas esportivas.

– Sou o advogado – você disse.

Eles balançaram os seus corpos para a frente e para trás. Cuspiram.

– Para mim, você parece um gordo babaca.

– Um gordo babaca que não sabe controlar as mãos.

– Um gordo babaca que vai levar um chute no meio da cara.

E eles se aproximaram de você.

Você engoliu em seco e disse:

– Eu sei quem são vocês.

– E a gente também sabe muito bem quem você é – disse um deles, rindo.

Você olhou para o outro lado da rua.

Os vizinhos de pé, com os braços cruzados e testa franzida.

Você gritou:

– Alguém poderia, por favor, ligar para…

O homem que estava mais perto deu um soco no seu rosto.

Você colocou as mãos sobre o nariz.

Eles agarraram seus cabelos. Pisaram no seu pé. Socaram o seu estômago.

Você caiu para a frente.

Eles deram joelhadas no seu estômago, bateram em você com uma tampa de lixeira.

Você caiu sobre a grama.

Eles chutaram suas costas. Chutaram seu rosto.
Você colocou as mãos e os braços sobre a cabeça. Curvou o corpo.
Eles bateram com a tampa da lixeira na sua cabeça. Nas suas costas.
Você tentou se afastar.
Eles agarraram os seus cabelos. Eles o puxaram.
Você protegeu novamente a cabeça.
Eles o levaram até o muro, ao lado do portão. Pularam em cima de você.
Você.
Depois fecharam o portão na sua cara. Várias vezes.

– Senhor Piggott – disse Kathryn Williams na recepção do *Yorkshire Post.*
Nada de apertos de mão naquele dia.
– O que aconteceu?
Você estava inchado e repleto de ataduras. Endireitou-se na cadeira e respondeu:
– Eu estava no lugar errado, na hora errada.
Kathryn Williams ficou olhando para você e disse:
– Deveria estar no hospital.
– Num hospital para doentes mentais?
Ela não sorriu.
– O que posso fazer pelo senhor?
– Senhorita Williams, eu…
– *Senhora* Williams – ela corrigiu.
– Certo, *senhora* Williams, é sobre Jack Whitehead.
– Senhor Piggott, eu já lhe contei tudo o que sei sobre Jack Whitehead.
– Mas não me contou nada sobre o apartamento.
– Apartamento?
– Da Portland Square.
– Eu… – ela começou a falar, mas logo parou.
– O quê?
– Imaginei que ele ainda estivesse em Stanley Royd.
– Mas não está.
– Está em casa?
– Caso esteja, não atendeu à porta – você disse.
– Tem certeza que não voltou a Stanley Royd?

– O filho dele o tirou de lá na véspera do Ano-Novo de 1980.

– *Filho*?

Você fez que sim. Seu corpo doía.

A senhora Williams perguntou:

– O senhor sabe para onde o filho dele o teria levado?

– Para o apartamento de Portland Square.

– Mas ninguém atende?

Você fez que não. Seu corpo doía.

– E o senhor esteve lá hoje?

– Ontem.

– Talvez eles apenas estivessem fora no momento.

– Talvez.

– Vai voltar lá?

Você fez que sim. Seu corpo doía. Você parou.

Ela ficou olhando para você e perguntou:

– O senhor não veio até aqui só por causa de Jack, certo?

– Não.

Vocês dois permaneceram de pé, bem no meio da recepção do *Yorkshire Post.*

– Li sua matéria sobre Hazel e Susan Ridyard – você disse. – E fui a Rochdale.

Ela arregalou os olhos.

Vocês dois permaneceram de pé, bem no meio da recepção do *Yorkshire Post*. Um de vocês inchado e repleto de ataduras.

Os dois feridos.

Próximo à Calverley Street, entre a Portland Way e a Portland Crescent, ao lado da escola politécnica e em frente da Casa Civil. Continuava chovendo:

Chovia sobre aquela grandeza arruinada, suja, inútil e condenada.

Chovia sobre Portland Square.

A senhora Williams e você na ponta dos pés, atravessando a grama e as ervas daninhas, as rachaduras e as pedras. Os dois se aproximaram do edifício, até chegar ao número 6, e a porta da frente continuava aberta, e a árvore continuava de pé.

Você chegou aos três degraus de pedra e à porta da frente.

Chamou:

– Oi? Oi?

Ainda sem resposta.

Você subiu a escada à sua esquerda, passando sobre as folhas e sacos de batatas fritas, sobre as correspondências antigas ainda fechadas e os jornais. Subiu até o primeiro andar, chegando aos apartamentos 3 e 4, depois subiu até o segundo, até os apartamentos 5 e 6.

Ficou parado na porta. Olhou para a senhora Williams. Ela deu de ombros.

Você tocou a campainha.

Sem resposta.

Bateu. Gritou:

– Oi? Oi?

Nada.

Agachou-se, abriu a tampa da caixa de correio.

– Senhor Whitehead? Jack Whitehead? Tem alguém aí?

Nada.

Soltou a tampa. Ficou de pé novamente. Apontou para uma palavra escrita na tampa de metal da caixa de correios:

Estripador.

Apontou para os números na porta:

6 6 6

– Coisa de crianças – disse Kathryn Williams.

– Ou dos pais dessas crianças.

– Está trancada? – ela murmurou.

Você pressionou seus dedos contra a madeira e a porta se abriu. O cheiro os atingiu em cheio. Uma língua quente e seca, e um inesperado latido trouxe mais lágrimas para seus olhos pretos.

Ela deu um passo para a frente. Você deu um passo para trás.

Esse é o caminho.

Você entrou. Podia ver luz no final do corredor.

Passou pelos cheiros antigos e novos, descendo até o quarto dele…

O quarto de Jack.

As cortinas dançavam por causa das janelas abertas, como se fossem velas negras de navios.

Os livros e jornais abertos ao vento, suas páginas virando.

Os carretéis e as fitas, bandeirinhas abandonadas de uma festa na rua.

O terno e as camisas, os sapatos e as meias, tudo saindo das gavetas da cômoda, dos imensos armários.

Os lençóis, o cobertor e o travesseiro na cama, tão sujos e destruídos quanto o

teto e os detalhes das cortinas.

As fotografias e as palavras.

As fotografias no chão, as palavras nas paredes.

Você ficou de pé no quarto de Jack, lembrando-se de outro quarto.

Quarto 27, no Redbeck Café & Motel.

A primeira e última vez que você vira Jack Whitehead.

Você se lembrou das fotos e das palavras naquelas paredes.

Clare Kemplay, Susan Ridyard e Jeanette Garland.

Lembrou-se das velhas e novas lágrimas, dos corredores que davam para aquele quarto e…

Eis o lugar.

Um espelho em quatro pedaços, um banco com três pernas.

Um telefone quebrado partido em dois, um relógio parado às 7h07.

O momento.

Você engoliu em seco. Limpou os olhos.

Kathryn Williams olhava para a foto no consolo da lareira.

A foto de um homem jovem e bonito, com um largo e brilhante sorriso.

– Você o conhece?

Seu lábio inferior tremia, seus dedos pressionavam a base do nariz.

– Quem é?

– Eddie – ela respondeu.

Novas lágrimas desciam por outro velho rosto.

– Eddie Dunford.

Era noite.

Você dirigia sozinho de Leeds para Wakefield, passando pelo centro morto e descendo a Donny Road, em direção ao Redbeck.

Eis o lugar, o momento.

Terça-feira, 14 de junho de 1977.

– Que porra de lugar é esse? – você perguntou, parado na porta, com dois chás nas mãos, um sanduíche de batata frita no bolso.

– Um lugar qualquer – respondeu Bob Fraser, sorrindo.

– Há quanto tempo isto é seu?

– Não é meu, na verdade.

– Mas você tem a chave, certo?

– É para um amigo.
– Quem?
– Aquele jornalista, Eddie Dunford.
Mal-assombrado:
1977 de novo.
Eis o lugar, o lugar.
O Redbeck.
Uma batida na porta, você saltou.
Bob foi até a porta.
– Quem é?
– Jack Whitehead. Deixe-me entrar, está caindo o céu aqui fora.
Bob abriu a porta e Jack entrou.
– Porra – disse Jack, olhando para as paredes, as palavras e as fotografias.
– Sou John Piggott – você disse. – Advogado de Bob.
Mas Jack continuava olhando para as paredes, as fotografias e as palavras.
Mal-assombrado.
As palavras.
Jack Whitehead, Bob Fraser e Eddie Dunford.
Mal-assombrado:
As fotografias.
Clare Kemplay, Susan Ridyard e Jeanette Garland.
Mal-assombrado:
A fotografia no seu bolso.
Hazel.
Você tinha uma fotografia e uma chave no bolso.
Eis o lugar.
O Redbeck.
O momento:
1983.

Você estacionou nos fundos do Redbeck.
Havia mais um carro parado naquele lugar deprimente, lúgubre.
Um homem sentado sozinho no carro.
Era um velho Viva.
Ele observava a fileira de quartos vazios.

Estava com as lanternas acesas.

As luzes iluminavam uma porta.

Uma porta que batia ao vento, sob a chuva.

Você não parou. Pisou fundo.

Cento e quarenta quilômetros por hora.

Assustado, velhos e novos fantasmas.

Batendo sobre a janela.

Você, deitado de costas, novamente sozinho.

Galhos batendo contra a janela.

Você, deitado de costas, novamente sozinho, inchado e cheio de ataduras, com a boca aberta.

Ouvindo os galhos batendo contra a janela.

Você, deitado de costas, novamente sozinho, inchado e cheio de ataduras, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, ouvindo os galhos batendo contra a janela.

Desejando que ela estivesse ali, ao seu lado, naquele momento:

Quinta-feira, 2 de junho de 1983.

D-7.

36

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado.

Eles vieram atrás de BJ na quinta-feira à noite.
Eles chutaram a porta. Madeiras e setes voaram.
Eles agarraram BJ.
Eles bateram em BJ.
Eles socaram BJ.
Eles chutaram BJ.
Eles algemaram BJ.
Eles amordaçaram BJ.
Eles colocaram um saco na cabeça de BJ.
Eles arrastaram BJ para fora do quarto.
Eles atiraram BJ pelas escadas.
Eles chutaram BJ pela Spencer Place.
Eles jogaram BJ nos fundos de uma van.
Eles fecharam as portas.
Eles foram embora com BJ.
Eles murmuraram.
Eles acenderam cigarros.
Eles queimaram BJ através da camisa e da calça.
Eles riram quando BJ gritou.
Eles riram quando BJ engasgou com a mordaça.
Eles diminuíram a velocidade.
Eles pararam.
Eles abriram as portas da van.
Eles bateram em BJ.
Eles chutaram BJ.
Eles arrancaram BJ para fora da van.
Eles jogaram BJ através de um portão de madeira.
Eles puxaram BJ do chão.

Eles arrastaram BJ por uma escadaria.
Eles fizeram BJ atravessar um corredor.
Eles deixaram BJ de pé num quarto.
Eles murmuraram.
Eles chutaram o saco de BJ.
Eles riram quando BJ caiu de joelhos de tanta dor.
Eles levantaram BJ do chão.
Eles fizeram BJ se sentar numa cadeira.
Eles amarraram BJ à cadeira, deixaram suas mãos algemadas e sua cabeça dentro do saco.
Eles deixaram BJ sozinho.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis.

-Arranquem a pele dele vivo! – ele gritou, bem perto do rosto coberto de BJ.
BJ desmaiou no meio de uma poça formada pelo seu próprio mijo.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas.

Eles bateram no rosto de BJ.
BJ acordou dentro do saco.
Eles bateram novamente em BJ.
BJ fez que sim.
Eles chutaram a cadeira.
BJ tentou falar através da mordaça.

Eles riram.

BJ chorou.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama.

Luz.

Talvez fosse manhã.

Mas a luz não era brilhante.

A boca de BJ estava seca e rachada junto à mordaça, seus punhos cortados e sangrando por conta das algemas.

O mijo secara sobre os testículos de BJ, na sua roupa.

Talvez BJ estivesse sozinho no quarto.

BJ se moveu lentamente em direção à luz.

O telefone tocou.

Passos se aproximaram.

BJ deixou a cabeça cair.

Alguém atendeu o telefone.

Uma voz, uma voz que BJ conhecia disse:

– Eric, você se preocupa demais.

Tenho de pensar…

– Não diga nada, Eric.

Pense, pense rapidamente.

– Eric, pelo amor de Deus.

Eric Hall, da delegacia de costumes de Bradford. Sujo por todos os lados, traficava drogas com os Spencer Boys, era o cafetão de Karen Burns e Janice Ryan. Janice saía com Bobby, o Bobby *Fraser, do Esquadrão de Homicídios de Leeds e genro do* Texugo Bill. *Janice fora morta, alguns culpavam Eric, outros culpavam Bobby, e um terceiro grupo culpava o maldito Estripador de Leeds.*

– Eric, eu conheço Peter Hunter e sei que ele não é um problema.

Peter Hunter, o Cavaleiro Branco, o Senhor Limpeza de Manchester.

– Sim, é o que estou dizendo. E você fará exatamente o que estou pedindo.

Eric estava muito assustado.
– Eric, não começa.
Tenho de pensar, pensar…
– Eric, nós somos seus únicos amigos – ele disse. – Chega de fazer merda.
Pense, pense rapidamente:
– Caso contrário, vamos te foder.
Eles levaram BJ para Morley ou levaram BJ para junto de Jack.
Longa pausa, então:
– Eu sei que você é. Todos nós somos.
Eles vão ou não vão matar BJ?
– Não, você não é.
Preciso pensar, pensar, pensar…
– Não chegará a tanto.
Pense, pense rapidamente, porra.
– Vamos cuidar de você.
Eric Hall estava morto.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala.

De cabeça baixa, como se estivesse dormindo.
A mesma voz, o mesmo telefone:
– Sou eu.
Eu: Força Policial Metropolitana de West Yorkshire.
– Ele continua fora.
Alguém me mantinha vivo. Alguém, em algum lugar.
– Eric ligou.
Eric, Eric, Eric.
– O maldito idiota Hunter.
Peter Hunter, o Cavaleiro Branco.
– Eric é amigo do Bob. Para mim, foi o Bob.

Bob: Craven, Douglas ou Fraser?
– Sério? Onde?
Por favor, meu Deus, não…
– Traga-o aqui.
Porra.
– Agora.
Porra, porra.
– Hoje à noite.
Porra, porra, porra.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa.

Eles estavam chegando.
Eles estavam chegando.
Eles estavam chegando ao quarto.
Eles estavam ali.
Eles gritaram:
– Acorda! Acorda!
Eles chutaram a cadeira de BJ.
Eles bateram na cabeça de BJ.
Eles tiraram o saco da cabeça dele.
BJ piscou com a claridade da manhã.
Joe disse:
– Que porra é essa!
Eles agarraram Joe.
Eles bateram em Joe.
Eles socaram Joe.
Eles chutaram Joe.
Eles algemaram Joe.
Eles amordaçaram Joe.

Eles chutaram o saco de Joe.

Eles riram quando Joe caiu de joelhos de tanta dor.

Eles levantaram Joe do chão.

Eles sentaram Joe numa cadeira.

Eles ataram Joe a essa cadeira, com as mãos algemadas atrás do corpo e um saco na cabeça.

Eles voltaram a colocar o saco na cabeça de BJ.

Eles deixaram BJ e Joe sozinhos.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a navalha.

BJ acordou.

Ainda havia luz.

Joe devia estar por perto, em algum lugar do quarto.

BJ tentou vê-lo, vê-lo através do saco.

Mas BJ não conseguia, e a luz diminuía.

Diminuía rapidamente.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a navalha. Ele terminou e assoprou para afastar os cabelos soltos.

BJ acordou.

Estava escuro.

Joe devia estar por perto, em algum lugar do quarto.

BJ tentou ouvi-lo, tentou ouvir sua respiração.

Mas BJ não conseguia e o telefone tocou.

Tocou por um bom tempo e bem alto.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a navalha. Ele terminou e assoprou para afastar os cabelos soltos. Ele pegou uma chave de fenda Philips e um martelo com ponta arredondada.

Uma luz foi acesa, o telefone parou de tocar.

Cabeça baixa.

Alguém atendeu o telefone.

Como se estivesse dormindo.

Aquela voz, aquela voz que BJ conhecia disse:

– Alô?

Porra.

– Quando?

Porra, porra.

– Estaremos esperando.

Porra, porra, porra.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a

navalha. Ele terminou e assoprou para afastar os cabelos soltos. Ele pegou uma chave de fenda Philips e um martelo com ponta arredondada. Ele ficou de pé atrás de mim.

Eles estavam chegando.

Eles estavam chegando.

Eles estavam chegando ao quarto.

Eles estavam ali.

Eles gritaram:

– Acorda! Acorda!

Eles chutaram a cadeira de BJ.

Eles bateram na cabeça de BJ.

– Vistam suas máscaras – disse alguém –, tirem os sacos da cabeça deles.

Eles tiraram os sacos.

BJ piscou com a claridade, a claridade de uma única lâmpada.

– Tirem as mordaças.

Eles tiraram.

Joe disse:

– Que porra é essa…

Eles socaram Joe.

BJ sabia que lugar era aquele:

O apartamento acima da loja da Bradford Road.

O apartamento acima da loja onde dois homens estavam amarrados e sangrando sob uma única lâmpada, e onde três homens com macacões, máscaras, martelos e chaves inglesas estavam de pé ao redor de Joe e BJ.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a navalha. Ele terminou e assoprou para afastar os cabelos soltos. Ele pegou uma chave de fenda Philips e um martelo com ponta arredondada. Ele ficou de pé atrás de mim. Ele pousou a ponta da chave de fenda no topo do meu crânio.

Eles agarraram a cabeça de Joe.

Perguntaram:

– Você tem estado ocupado, certo, Joseph?

BJ ouvia as risadas por trás das máscaras.

Eles se aproximaram de Joe:

– Ficamos pensando na razão de tudo isso.

Eles gargalharam.

– E você ficou de bico calado.

Eles disseram:

– Isso não é muito educado, não é?

– Não mesmo – comentaram.

– Precisamos ensinar algumas boas maneiras a você, certo? – perguntaram.

– E vamos ensinar – responderam.

– Baixem a calça dele – disseram.

Joe se remexia na cadeira, implorando:

– Por favor…

Eles baixaram sua calça.

Eles ergueram os martelos.

Joe se remexia e tremia, com o pau encolhido e os olhos arregalados:

– Não há necessidade de…

Eles ergueram os martelos sobre as suas cabeças e disseram:

– Sempre há alguma necessidade…

Eles deixaram o martelo cair bem no joelho direito de Joe.

– Sempre há necessidade de ensinar boas maneiras, Joseph.

Joe gritava.

BJ uivava.

Eles se curvaram diante do rosto de Joe:

– Gledhill Road, Morley. De quem foi a ideia?

Joe tremia. Joe chorava.

Eles perguntaram:

– Você continua trabalhando para Eric, certo?

Joe estava com os olhos arregalados…

Observava todos eles, com seus martelos, de pé ao redor da única lâmpada acesa.

Joe não piscava.

– Joseph – eles o chamaram. – Quem armou tudo isso?

Joe abria e fechava seus estúpidos e gordos lábios.

– Você sabe quem foi?

Joe fazia que sim.

Eles se aproximaram do seu rosto e disseram:

– Conta, então.

Joe fungava e gaguejava:

– O de Morley?

– É.

– Eric, foi Eric.

– Eric?

Joe fazia que sim, e sim, e sim.

– Ninguém mais?

– Não.

– Mas vocês não bolaram aquilo tudo sozinhos, certo?

– Não.

– E não planejavam usar o dinheiro para fugir, certo?

– Não.

– Para fugir das suas obrigações, dos seus compromissos?

– Não.

– Fugir dos nossos compromissos? Dos seus amigos?

– Não.

– Não queriam meter seus amigos na merda e sair correndo? Não era esse o plano?

– Não.

– Queriam dar o troco?

Joe Rose ergueu os olhos e observou BJ por uma fração de segundo.

Uma maldita fração de segundo que terminou no mesmo instante que sua vida.

O Anjo Negro, com cabelos sobre os olhos e sangue nos dentes, de pé ao lado da janela, na Igreja do Cristo Abandonado, no sétimo andar do Griffin Hotel, na maldita, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. Suas roupas sujas e suas asas queimadas. Uma toalha branca sobre a cama. Ele fechou as cortinas e colocou a cadeira de vime no centro da sala. Ele tirou a minha camisa. Ele pegou a

navalha. Ele terminou e assoprou para afastar os cabelos soltos. Ele pegou uma chave de fenda Philips e um martelo com ponta arredondada. Ele ficou de pé atrás de mim. Ele pousou a ponta da chave de fenda no topo do meu crânio. Ele baixou o martelo…

Baixou uma segunda vez.

E uma terceira.

Até dizer:

– Está morto.

Ele ergueu os olhos em direção à única lâmpada com pingos de sangue acesa no quarto, depois olhou para o homem amarrado e ensanguentado logo abaixo dela. Viu dois homens vestindo macacão e máscaras, com martelos e chaves inglesas de pé próximo a Joe.

Ele tirou a máscara e olhou para BJ, encarou BJ.

Amarrado e sujo do sangue de Joe Rose, sob a única lâmpada acesa.

Ele se aproximou de BJ.

Ele agarrou o rosto de BJ.

Ele limpou o sangue de Joe com as lágrimas de BJ.

Ele beijou a testa de BJ e beijou a bochecha de BJ.

Ele pegou uma fotografia que estava no macacão.

Ele mostrou a foto a BJ.

Era a mãe de BJ.

BJ ficou de boca aberta e…

Ele pousou um dedo na boca de BJ.

Disse:

– Acho que você precisa de um novo amigo, Barry.

BJ fez que sim.

Ele perguntou:

– Posso ser seu amigo?

BJ fez que sim.

Ele deu uma batidinha na foto da mãe de BJ e disse:

– Vou te ajudar, então.

BJ fez que sim.

– E você vai me ajudar?

BJ fez que sim.

– Vai procurar os Spencer Boys por mim?
BJ fez que sim.
– Vai dizer a eles que Joe está morto?
BJ fez que sim.
– Dirá a eles que Eric Hall o matou?
BJ…
– Dirá?
BJ…
Ele voltou a dar uma batidinha na foto.
– Posso te ajudar, se você me ajudar.
BJ…
– Afinal de contas, os amigos servem para essas coisas, certo?
Com a cabeça raspada e coberta, BJ fez que sim.
Era 1977.
Aquilo não era o céu.

37

A família foi embora.

O telefone tocou e tocou e tocou.

Eu não atendi.

Não tinha tempo.

Domingo, 26 de março de 1972:

"Penso em você…"

Rastejando por Huddersfield até a M62, atravessando os Moors em direção a Rochdale, o palco vazio, exceto pelos fantasmas e pelos carneiros, pelas torres de alta tensão e pelos engavetamentos, pelo céu negro:

Heath nomeia um católico romano como ministro de Estado para a Irlanda do Norte enquanto as greves tomam conta de Ulster e soldados enfrentam a fúria de multidões protestantes e as labaredas nos edifícios…

Desliguei o rádio, falando comigo mesmo:

"Susan Louise Ridyard, de dez anos, desaparecida há sete dias. Vista pela última vez às 15h55 de segunda-feira, 20 de março, na porta da escola Holy Trinity Junior and Infants, em Rochdale."

Chovia forte.

"Ela sabe, Maurice. Ela sabe."

Os fantasmas e os carneiros.

"Ela vê a própria filha."

Os postes de alta tensão e os engavetamentos.

"Ela está te esperando."

O céu negro, apenas negro.

"Penso em você o tempo inteiro."

Cheguei aos arredores de Rochdale, estacionando ao lado de uma cabine telefônica. Uma cabine desbotada, manchada de sangue.

Quinze minutos mais tarde, eu estacionava o carro duas casas abaixo da

residência do senhor e da senhora Ridyard, numa área tensa de Rochdale.

Tensa pela ambulância em compasso de espera, pelos dois carros de polícia e pelos homens parados na porta.

Chovia muito e nem sinal de George.

O senhor Ridyard estava parado na entrada da casa, conversando com um dos policiais uniformizados.

Eu me aproximei da casa, com a chuva batendo no meu rosto.

– Que tempo horrível – comentou Derek Ridyard.

Fiz que sim. Apertei-lhe a mão, mostrei o meu distintivo ao policial uniformizado e segui o senhor Ridyard para dentro da casa.

Para a sala, escura por conta da chuva.

Escura por conta da dor.

O sétimo dia:

A senhora Ridyard estava sentada no sofá, usando chinelos. Ela estava abraçando o filho mais velho e a outra filha. As crianças olhavam para as mãos da mãe.

Para os desenhos do carpete.

– Sente-se – disse o senhor Ridyard. – Vou preparar um chá.

Eu me sentei do outro lado do sofá. Sorri para as crianças e olhei para a senhora Ridyard.

Ela olhava para a fotografia emoldurada em cima da televisão.

A fotografia emoldurada de três crianças sentadas usando uniforme escolar; o filho mais velho e a outra filha com os braços em volta da caçula:

Susan Louise Ridyard.

Com seus dentes brancos e grandes e sua longa franja, sorrindo.

A fotografia emoldurada de duas meninas e um menino que se transformariam em apenas uma menina e um menino nas fotografias sobre o aparador, nas fotografias da entrada da casa, nas fotografias das paredes, aquela menina e aquele menino crescendo.

Sempre crescendo, mas nunca sorrindo.

Nunca sorrindo por conta da menina mais nova que deixaram sobre a televisão, a menina que sempre estará sorrindo…

Nunca crescendo, mas sempre sorrindo:

Susan Ridyard.

A menina que deixaram para trás.

Olhei para fora através da janela, para as novas casas do outro lado da rua, para os vizinhos e suas cortinas, para a chuva que batia forte contra as janelas

deles.

– Pronto – disse o senhor Ridyard, voltando com o chá numa bandeja.

Eu sorri.

O senhor Ridyard pousou a bandeja na mesa. Olhou para mim e perguntou:

– Açúcar?

– Não, obrigado.

– Já está doce o suficiente – ele comentou calmamente.

Tentei não olhar.

Não olhar para a mulher sentada no sofá usando chinelos. Abraçada ao filho mais velho e à sua outra filha.

Voltei a olhar para fora através da janela, para as casas do outro lado da rua, para os vizinhos e suas cortinas, para a chuva batendo forte contra as janelas deles.

A mesma chuva também batia forte contra as janelas dos Ridyard, janelas destruídas.

Aquele era o único som por ali.

Mas eu disse:

– O meu nome é Maurice Jobson, sou do Departamento de Investigação Criminal de Leeds. Há três anos, uma menina chamada Jeanette Garland desapareceu em Castleford, e eu trabalhei na investigação do caso…

Eles olhavam para mim.

As crianças sem expressão, o pai atento.

A mãe e esposa fazia que sim.

Fazia que sim e perguntava:

– Mas não a encontraram, certo?

– Ainda não.

– Ainda não?

– A investigação continua aberta.

Havia diversas marcas de lágrimas sobre o rosto da senhora Ridyard.

Marcas que pareciam feridas vermelhas sobre a sua pele fria e branca.

A senhora Ridyard ergueu os olhos com suas lágrimas e marcas.

Ergueu os olhos com suas lágrimas e suas marcas de ódio.

Ódio e culpa.

E, com todo aquele ódio e culpa, ela me encarou.

E no meu rosto ela não via qualquer marca de lágrima, não via feridas na minha pele fria e branca.

Eu disse:

– Senhora Ridyard, acho que a senhora sabe onde está a sua filha.

Silêncio.

A chuva batendo pesada sobre as janelas destruídas. Aquele era o único som.

O único até o momento em que ela uivou.

Com a boca aberta e contorcendo-se e gritando.

Ela uivou.

Seus dedos magros e brancos envolveram o rosto do seu filho mais velho e da sua outra filha.

O seu marido aos seus pés:

– O quê? O que você está dizendo?

– A senhora vê a sua filha, certo? – perguntei.

Uivando.

Contorcendo-se e gritando, com a boca aberta.

O rosto voltado para o teto, os olhos arregalados por conta da dor.

Uma dor no ventre, no ventre que a gerara.

Envolvendo.

Envolvendo os dedos magros e brancos no rosto do seu filho mais velho e da sua outra filha.

Tremendo.

Tremendo entre lágrimas, lágrimas de tristeza e lágrimas de ódio, lágrimas de dor e lágrimas de…

Horror.

Horror e dor, ódio e tristeza, assolando entre seus dedos magros e brancos, assolando entre seus dedos magros e brancos envoltos no rosto de suas crianças, crianças que ela apertava com força com seus dedos magros e brancos e braços quebrados, braços que tremiam com as lágrimas, lágrimas de dor e lágrimas de horror, lágrimas de loucura e lágrimas de ódio, lágrimas de…

Susan.

Seus dentes brancos e grandes e sua longa franja, sorrindo.

– Cadê ela? – perguntei.

E ela, com a boca aberta, contorcendo-se:

– *Esses lindos novos carpetes.*

Gritando:

– *Sob esses lindos novos carpetes.*

Uivando:

– *Eu a vejo.*

Os dedos magros e brancos apontando por entre as marcas das lágrimas...

Apontando para as janelas apodrecidas da casa.

E a chuva pesada contra as janelas da casa deles, contra todas as nossas janelas.

O marido de pé, o marido ajoelhado.

As crianças olhando para as mãos da mãe.

Os desenhos no carpete.

Os desenhos que antes serviam de caminho para os brinquedos.

Caminhos inundados de lágrimas.

A senhora Ridyard apontando para o outro lado da rua.

Ela apontava para as novas casas do outro lado da rua.

Os vizinhos e suas cortinas, a chuva pesada contra as janelas.

As luzes já acesas.

No banheiro deles, a água fria caía e eu lavava as mãos.

"Penso em você o tempo inteiro.

Judith, Paul e Clare… eu não sabia onde estavam nem como estavam… se voltariam ou não… e pensava em Mandy, em Jeanette, depois em Susan.

"Sob a frondosa castanheira.

A água ainda caindo, eu continuava lavando as mãos.

"Na árvore, nos galhos.

Lavando as mãos sem parar.

"Onde eu te vendi e você me vendeu.

Maurice Jobson. O novo detetive-chefe superintendente Maurice Jobson.

Parado em frente ao espelho do banheiro, de pé atrás daquelas lentes e armação preta, parado, olhando para os meus próprios olhos, olhando para mim mesmo.

O Coruja.

"Eu te verei na árvore.

Do lado de fora do banheiro eu ouvia os terríveis soluços da mulher, entre o cheiro de pinho, mijo e excremento.

"Nos seus galhos."

Na porta de entrada, eu e o policial uniformizado olhamos para as casas do outro lado da rua.

– Você checou tudo lá, certo?

Ele fez que sim. Congelado, molhado e insultado.

– Sabe quando foram construídas? – perguntei.

Ele deu de ombros. Congelado, molhado e inseguro.

– Há alguns anos – ele respondeu.

– Por quem?

– O quê?

– Quem construiu?

Ele balançou a cabeça. Congelado, molhado e estúpido.

– Diga ao senhor Oldman e ao senhor Hill que o detetive-chefe superintendente Jobson sugeriu que descubram.

Ele fez que sim. Congelado, molhado e humilhado.

O senhor Ridyard aproximou-se da porta, com os olhos vermelhos, observando as nuvens pretas no céu.

– Esse tempo faz maravilhas para o meu jardim – ele comentou.

– Eu já imaginava – respondi, fazendo que sim.

Os ossinhos da sua filha estavam congelados e enterrados.

Entre as sombras.

Corações sombrios.

Beijando, depois fodendo.

Cheiro de mijo de gato e petúnia, desesperado num sofá cheio de mantas e almofadas.

Fodendo, depois beijando.

Ela estava com a cabeça sobre o meu peito e eu acariciava seus cabelos, seus lindos cabelos.

Atrás das cortinas, os galhos da árvore batiam contra o vidro.

Querendo entrar.

– Imaginei que eu havia te perdido – eu disse. – Eu nunca quis te perder.

Os galhos da árvore batiam contra o vidro da sua ampla janela.

Querendo entrar.

Sorrindo, ela disse:

– Você não conseguiria me perder…

Sorrindo, ela murmurou:

– Mesmo se quisesse.

Soluçando, chorando.
Querendo entrar.
Ela beijou meus dedos, depois parou, segurando-os em direção à luz das velas.
A feia luz das velas.
Ela ergueu o rosto e disse:
– Você pode encontrá-los. Você sabe que pode.
Mas o seu rosto, à luz das velas, era pálido e parecia morto.
Perdido.
Soluçando, chorando.
Corações.
Pedindo para entrar.

As janelas olhavam para dentro, as paredes escutavam o seu coração.
Onde mil vozes choravam.
Dentro.
Dentro do seu machucado coração.
Uma casa.
Uma casa sem portas.

Acordei no escuro, entre as sombras.
“Eu te verei na árvore.”
Batendo contra o vidro.
Ela, deitada no seu lado da cama, vestindo sutiã branco e anágua, de costas para mim.
Os galhos batendo contra o vidro.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha.
Os galhos batendo contra o vidro.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha, palavras e sons horríveis na minha cabeça.
Ouvindo os galhos batendo contra o vidro.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha, palavras e sons horríveis na minha cabeça, ouvindo os galhos batendo contra o vidro.
Olhei para o meu relógio.

“Nos seus galhos.”

Passava da meia-noite.

Procurei os meus óculos e saí da cama, sem acordá-la, e fui até a cozinha, havia um jornal no capacho, acendi a luz e coloquei água para ferver, liguei o gás e peguei um bule no armário, duas xícaras e pires, e lavei as xícaras e depois as enxuguei, tirei o leite da geladeira e servi nas xícaras, e coloquei dois saquinhos de chá no bule e depois a água fervendo, enquanto o chá apurava, olhei para fora através da pequena janela, vendo a cozinha refletida no vidro, um homem casado e nu, exceto por um par de meias e uma cueca, além dos óculos de lentes grossas e pesada armação preta, um homem casado e praticamente nu no apartamento de outra mulher às seis da manhã.

Segunda-feira, 27 de março de 1972.

Coloquei o bule, as xícaras e os pires numa bandeja e levei tudo à grande sala, parando para pegar o jornal. Depois coloquei a bandeja na mesa de centro, servi o chá nas xícaras com leite e abri o jornal:

FILHO DO CHEFE DE POLÍCIA MORTO EM ACIDENTE

George Graves, chefe de reportagem

O filho de um conhecido policial da região, George Oldman, morreu quando o carro que o seu pai dirigia envolveu-se numa colisão com outro veículo na A637, próximo a Flockton, no sábado à noite.

A filha mais velha do detetive superintendente Oldman está em estado grave, internada na unidade intensiva do Pinderfields Hospital, em Wakefield. O senhor Oldman e sua esposa, Lilian, além da outra filha do casal, sofreram ferimentos leves e ficaram em estado de choque, mas devem receber alta ainda hoje.

O motorista do outro veículo também está em estado grave. A polícia não divulgou o seu nome.

Tudo indica que, quando o seu carro bateu contra um veículo que viajava na direção oposta, o senhor Oldman e sua família voltavam de uma festa de casamento de outro policial.

O filho do senhor Oldman, John, tinha dezoito anos.

– O que aconteceu? – perguntou Mandy, logo atrás de mim.
Ergui o jornal.
Ela não disse nada.
– Conhecia? – perguntei.
Nada.
Apenas os galhos batendo contra o vidro da janela, murmurando sem cessar:
“Nos veremos na árvore, nos seus galhos.”

PARTE 4

“Algumas verdades não são para todos os homens
nem para todos os momentos.”
VOLTAIRE

38

Sem dormir, sem dormir, sem dormir.

Sua cabeça doía, sua boca doía, seus olhos doíam.

Mas você dirigiu, dirigiu a noite inteira, em círculos.

Círculos de inferno. Locais, infernos locais:

"A mãe da menina desaparecida em Morley, Hazel Atkins, ontem fez novo apelo por informações sobre o paradeiro da sua filha de dez anos de idade.

" 'Sei que Hazel está viva e que alguém, em algum lugar, está com ela. Gostaria de pedir a essa pessoa que, por favor, traga Hazel de volta à casa de sua família. Nós a recompensaremos da melhor maneira possível. Mas precisamos tê-la de volta ainda hoje, pois sentimos muito, muito mesmo, a falta dela."

"Hazel desapareceu no caminho da escola para casa, em Morley, há três semanas. A polícia prendeu várias pessoas desde então, mas ainda não acusou ninguém de envolvimento no caso nem confirmou qualquer informação sobre o seu paradeiro desde o dia em que ela desapareceu, 12 de maio."

Era sexta-feira, 3 de junho de 1983.

Você não conseguia dormir, pois estava ferido. Estava ferido, por isso dirigiu. Dirigiu em círculos.

Círculos de lágrimas. Locais, lágrimas locais:

D-6.

Shangri-lá.

Uma casa enorme, branca e vazia numa colina escura e úmida.

Você se aproximou da casa, passou pelo peixe dourado e pelo novo Rover, com a chuva caindo sobre as suas ataduras e feridas.

Tocou a campainha. Ouviu o som.

Eram seis e meia da manhã e o leite estava na porta.

A porta se abriu.

Ele usava um roupão de seda e o seu melhor pijama. Ele piscou e disse:

– John?

– Clive.

– Acabou de chegar da guerra, John?

– Voltei – você respondeu. – De uma guerra longa e que ainda não acabou.

– Uma guerra que não é capaz de nos matar.

– Vá se foder, Clive.

McGuinness ficou encarando-o, depois perguntou:

– O que te trouxe à minha casa às seis e meia da manhã de uma sexta-feira, John?

– Procuro respostas, Clive. Quero algumas malditas respostas.

– E você não poderia simplesmente pegar a porra de um telefone e marcar uma visita, como qualquer outra pessoa faria?

– Não.

– John, John… – ele disse, suspirando. – Ele era culpado e, por isso, se enforcou. E ponto final nessa maldita história.

Você não disse nada.

– Deixa isso para lá, meu amigo.

Você esperou.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Você tossiu. Virou-se. Cuspiu na entrada da casa dele.

– Devo tomar isso como um sim? – ele perguntou. – E se você não se importa, John, eu gostaria de me vestir e tomar um café. Alguns de nós ainda têm um escritório para ir.

Você estava com um dos pés impedindo que ele fechasse a porta.

– Michael Myshkin – você disse.

– O quê?

– Estou aqui por causa de Michael Myshkin, Clive.

– O que tem ele?

– Está recorrendo. E eu o estou representando.

Ele ficou olhando para você.

– O que foi? – você perguntou. – Maurice Jobson não te contou?

Ele piscou.

– Vocês não têm se falado muito, certo? Você e o chefe?

– O que você quer, John?

– Já disse: respostas.

Ele engoliu em seco, depois disse:

– Mas eu ainda não escutei nenhuma pergunta, John.

Você sorriu.

– Pois eu tenho algumas a fazer, Clive.

– Sobre Michael Myshkin?

Você fez que sim.

– E daí? Ele matou. Ele confessou.

– Assim como Jimmy.

– É. Assim como Jimmy – ele disse.

– No entanto, Michael me disse que ele não matou ninguém. Disse que tal confissão foi arrancada à força. E também disse que já te contou isso. Segundo Michael, você o aconselhou a manter a confissão dizendo que isso o ajudaria, que ele ficaria pouco tempo na prisão se fizesse isso.

– Ele matou, John.

– Você era o advogado dele, Clive. Deveria ter contado a Michael sobre seus direitos legais. Deveria ter defendido Michael.

– Ele…

– Deveria ter protegido.

– Veja bem. Michael matou, *porra!* – ele gritou.

Você balançou a cabeça.

– Há provas da autópsia, John. Há testemunhas.

Você fez que não.

– Você sabe o que é hipogonadismo, John? É quando as suas bolas não crescem. E é isso o que Myshkin tem. Os médicos o encheram de hormônios. Encheram de bombas. Aquele idiota não consegue se controlar. Uma semana antes de ter feito tudo aquilo àquela pobre menina, Michael se masturbou na frente de duas adolescentes no cemitério ao lado da escola Morley Grange Infants. Sim, ele fez isso. Talvez não tenha conseguido evitar, John, mas a verdade é que fez. E sim, ele matou a menina.

Você ficou de pé na porta da casa, a chuva batendo nas suas ataduras e feridas. Perguntou:

– Como elas se chamavam, Clive?

– Quem?

– As meninas do cemitério.

– Não me lembro, John – ele respondeu, suspirando. – Mas devem estar nos registros.

– Ele confessou, Clive. E por isso elas nunca foram ouvidas, lembra?

– Eu juro pela minha vida, John, que após tantos anos eu não saberia dizer.

Você o encarou, encarou aquelas mentiras.

As mentiras e a ganância.

As manchas das horas passadas na frente do espelho.

As mentiras, a ganância e a culpa.

– John, John – ele disse. – Não há razão para ficar assim.

– Assim como?

– Assim como você está, John.

Você o encarou.

– Vá embora, John – ele disse. – Vá embora.

Você ficou olhando para ele, para o seu roupão de seda e o seu melhor pijama.

– Não há nada além de dor por aqui – ele disse. – Nada além de dor, John.

– Quem vai sentir a maldita dor é você, Clive.

– Espero que isso não seja uma ameaça, John.

– Pode chamar de previsão.

– Quer dizer que você agora é vidente, John?

– E você, Clive? O que você faz agora?

Ele começou a falar.

Mas você perguntou:

– E quanto à intenção de corromper o curso da justiça?

Ele deu de ombros e disse:

– Você gosta de causas perdidas, certo?

Você se virou.

– Nos vemos no tribunal, Clive.

– Não duvide, John. Não duvide disso.

Você passou pelo novo Rover e pelo peixe dourado, a chuva batendo em suas ataduras e feridas.

– Maurice me contou sobre o seu pai, John! – gritou McGuinness. – Parece que os homens fortes dominam em sua família.

Você parou, olhou para trás e voltou a aproximar-se da casa.

Ele começou a fechar a porta.

Você correu.

– Vá se foder, John!

Você bateu na porta. Bateu nele:

– Vá se foder.

E agarrou o seu roupão de seda, o seu melhor pijama.

– Porra.

Você fechou a mão e a levantou. Ficou olhando para ele, que caíra no chão.

Ele lutava no chão, se encolhia.

Lutava e se encolhia em seu roupão de seda e seu melhor pijama.

Implorando:

– John, John…

Você o puxou. Olhou para ele.

– John…

Cuspiu no seu rosto. Depois o soltou.

Ele caiu no chão.

Você foi embora.

Estacionou. Desligou o motor. Esperou. Observou.

Vinte minutos mais tarde, o Rover arrancou no final da rua.

Você esperou um momento, observou enquanto fazia a curva.

Ligou o carro e seguiu o Rover.

Methley.

East Ardsley.

Tingley.

Bruntcliffe Road, em direção à Victoria Road, depois à esquerda na Springfield Avenue.

Morley.

Você parou na Victoria Road. Mudou o carro de direção. Estacionou em frente à Morley Grange Junior and Infants, à sombra de um lúgubre campanário.

O cemitério.

Observou a Springfield Avenue. Saiu do carro. Trancou as portas. Atravessou a rua. Desceu a Victoria Road. Voltou à Springfield Avenue. Viu o carro dele estacionado na porta de uma casa à direita. Voltou ao seu carro. Entrou. Esperou. Observou.

Quarenta minutos mais tarde, o Rover deixou a Springfield Avenue. Virou à esquerda. Vindo na sua direção.

Você se curvou no seu banco.

McGuinness estava sozinho. McGuinness passou.

Você saiu do carro. Trancou as portas. Atravessou a rua. Voltou à Victoria Road. Virou na Springfield Avenue. Subiu até a casa à direita. Bateu à porta.

– Você voltou… – ela disse, ao abrir a porta. Ela vestia uma regata preta e calcinha amarela. Ela ficou de boca aberta.

– Oi, Tessa – você disse.

Ela tentou bater a porta na sua cara.

Você colocou o pé para impedir. Forçou o corpo contra a porta. Conseguiu abri-la completamente.

– Vá se foder – ela disse, pegando o telefone. – Eu vou ligar…

– Vai ligar para quem? – você perguntou, sorrindo. – Para o seu advogado?

Você arrancou o telefone das mãos dela. Arrancou o fio da parede.

– O que você quer?

Você agarrou os cabelos dela, puxou sua cabeça para trás.

– Você está me machucando!

– Você envolveu Michael nisso tudo. Envolveu Jimmy.

– Não!

– Sim.

– Não!

Você enrolou o fio do telefone nos braços dela.

– Por favor…

Você apertou com força.

– Nada é o que parece ser – ela disse. – Não é o que você pensa.

Você deu um nó. Arrastou-a para a sala. Atirou-a no chão. Fechou as cortinas. Desligou a televisão. Acendeu um cigarro.

– John – ela disse. – Por favor, me escuta…

Você estava de pé diante dela.

– Sei o que você está pensando – ela murmurou. – Mas você está enganado.

Você fez que não.

– Você ligou para Jimmy.

– Não.

– Você mesma me disse que ligou.

– Não.

– Ele veio até aqui.

– Não.

– A polícia estava esperando por ele.

– Não.

– Você planejou tudo com McGuinness.

– Não.

– Você armou para cima dele.

– Não.

– Armou para Jimmy, assim como armou para Michael Myshkin.

– Não.

– Armou, sim, pois foi você quem contou à polícia sobre Michael. Foi você quem disse que ele se mostrava às meninas, que se masturbou no cemitério.

– É que…

– Você era uma das meninas que eles iriam interrogar.

– Eu…

Você a encarou.

Ela fez que sim.

Você fez que não.

Ela afastou os olhos.

– Como você foi capaz? – você perguntou. – Como pôde?

Ela olhou para você.

Você olhou para outro lado.

– Foi nas férias de verão. Jimmy trabalhava nas novas casas. Michael costumava pegá-lo no trabalho com sua van todas as noites. Eles costumavam dar voltas pelo cemitério. Começamos a conversar com eles, eu e alguns amigos. Michael conseguia bebida e cigarro para a gente. Mas ele nos chateava. Fazia piadas sobre o cemitério. Eu comecei a sair com Jimmy, mas Michael sempre estava por perto, por conta da sua van e porque conseguia bebida e tudo o mais. Jimmy dizia que Michael nunca tivera uma namorada. Nunca fora beijado nem nada. Jimmy não gostava dele, mas o usava. E o provocava. Tentava fazer com que Michael saísse com alguma das meninas. Até pagava para que elas saíssem com Michael. Era muito cruel, eu sei. Mas Michael não ligava. Não estava interessado. Ele só tinha olhos…

Você a encarou.

– … para uma menina.

– Não – você disse.

– Falava nela o tempo todo.

– Não.

– Comentava como faria para salvá-la.

– Não.

– Tinha uma foto.

– Como…

– Que conseguiu no seu trabalho.

– Não.

– O tempo todo.
– Não.
– Ele olhava para aquela foto o tempo todo.
– Não.
– Durante horas.
– Não.
– Conversava com a foto.
– Cale a boca!
– É a verdade.
– Não acredito em você.
– É a verdade, John!
– Vá se foder – você gritou. – Você nunca viu os dois juntos, certo?
Ela ergueu os olhos. Fez que não.
– Rumores. Insinuações. Transas circunstanciais.
– Não era Clare – ela murmurou.
Você a encarou.
– Jeanette.

Você fechou a porta. Afastou-se da casa. Voltou à Springfield Avenue. Virou na Victoria Road. Seguiu em direção ao cemitério, à igreja e à escola. Atravessou a rua. Pegou as chaves do carro. Abriu as portas. Entrou no carro.

– Socorro – ela disse.

Uma menina de dez anos, com cabelos castanho-escuros na altura dos ombros e olhos castanhos, vestindo calça de veludo marrom-clara, suéter azul-escuro bordado com a letra H e jaqueta acolchoada vermelha sem mangas, carregando uma bolsa de ginástica preta.

– Estamos…

Você caiu de costas na rua.

Uma van de propaganda política freou.

Uma mulher deixou as sacolas de compras caírem no chão.

Você ficou caído na rua, com o corpo encolhido.

A chuva caía sobre as árvores sombrias e silenciosas.

A chuva caía sobre suas ataduras, suas feridas.

Um homem gritou:

– Chamem a polícia!

Você parou no estacionamento atrás do Redbeck Café & Motel.

O Viva não estava mais ali.

Hazel também não.

Você parou. Esperou. Observou.

Observou a fileira de quartos vazios.

Suas janelas lacradas, suas portas fechadas com cadeados.

Você saiu do carro. Trancou as portas. Atravessou o estacionamento.

Aquele depressivo e duro estacionamento.

Poças de água da chuva e óleo de motor sob os seus pés.

Você atravessou o duro terreno em direção aos banheiros na lateral.

Eles fediam. O chão de azulejo estava coberto de mijo velho, escurecido. O espelho quebrado e a lâmpada destruída. A pia repleta de água escura parada. Um dos cubículos estava sem porta e o vaso sem assento. Todo o banheiro estava envolto por centenas de pichações e palavras de…

Ódio.

Sempre ódio, sempre…

Medo.

Medo e ódio, ódio e medo.

Você já tinha estado ali antes.

E voltara para um pouco mais.

Sempre voltava.

Eis o lugar.

O lugar de onde você nunca saiu.

Você nunca saiu daquele quarto de motel de um café esquecido, numa rua tediosa de um local abandonado, local que você frequentava nos últimos seis anos.

Vinho roubado/tempo roubado.

Mijo nas suas ataduras e na sua calça. Você saiu do banheiro e caminhou no corredor dos quartos, passou por janelas quebradas e pichações, montanhas de lixo, pássaros e ratos que se alimentavam por ali, caminhando em direção à porta.

A porta de um quarto dentre vários quartos fora de uso.

A porta que balançava ao vento, sob a chuva.

Você parou na frente da porta.

Quarto 27.

O lugar que você frequentou durante os últimos seis anos.

Você abriu a porta.

O quarto estava frio e escuro.

Você entrou.

Os restos de um colchão devorado contra a janela.

Nada de luz.

Nenhuma palavra na parede, nenhuma fotografia.

Nada além da dor.

Você caminhou.

Móveis destruídos e restos de madeira pelo chão.

Caminhou até parar na frente da parede.

Tirou uma foto do seu bolso.

A foto de um jornal, recortada de um jornal, de um jornal sujo.

Você pegou a foto e prendeu-a na parede.

Sentou-se no estrado da cama.

Ouvindo o implacável som da chuva batendo contra a janela e a porta.

A porta que balançava por conta do vento e da chuva.

Você fechou os olhos.

Sentindo o medo.

O lugar que você nunca abandonou.

Os cães latindo.

O Lobo à porta.

39

Era Natal e eu subia a colina, cambaleando, com sacolas nas mãos. Sacolas de plástico, sacolas de supermercado, sacolas do Tesco. Um trem passou e eu lati; parada no meio da rua eu lati para um trem. Eu era um completo fracasso de ser humano, vestia um casaco três quartos verde-claro com um colarinho que imitava pele, um suéter azul-turquesa com um top *amarelo brilhante por cima, calça marrom-escura e botas de camurça marrom até a batata da perna. Virei à esquerda e vi seis garagens vazias logo acima, cada uma delas pichada com tinta branca. Suas portas com resto de tinta verde. A última porta batendo ao vento, sob a chuva. Segurei a porta aberta e entrei. Era um espaço pequeno, cerca de quatro metros quadrados, com um cheiro doce de sabão perfumado, sidra e preservativo. Engradados faziam o papel de mesas. Havia pilhas de madeira e lixo. Em vários cantos, havia garrafas. Garrafas de xerez, garrafas de destilados, garrafas de cerveja, frascos de remédios. Tudo vazio. Uma jaqueta militar masculina servia de cortina sobre a janela, a única, uma janela que olhava para o nada. Uma fogueira fora acesa, deixando cinzas, restos de roupas. Na parede oposta à porta estava escrito* "Viúva do pescador" *em tinta vermelha fresca. Ouvi a porta se abrindo atrás de mim, me virei e…*

O mesmo quarto, sempre o mesmo quarto; cerveja de gengibre, pão velho, cinzas na lareira, eu de branco, ficando preta a partir das unhas, arrastando uma cômoda com tampo de mármore para bloquear a porta, quase caindo de exaustão, jogada numa cadeira com o encosto quebrado, girando sem qualquer sentido, as palavras na minha boca, imagens na minha cabeça, nada fazia sentido, perdida no meu próprio quarto, como se tivesse caído de uma grande altura, quebrada, e ninguém conseguia me montar novamente, mensagens: ninguém recebia, decodificava, traduzia.

O que vamos fazer com o aluguel?, cantei.

Apenas mensagens do meu quarto, presa entre os mortos e os vivos, com uma cômoda com tampo de mármore atrás da porta. Mas não por muito tempo, isso não. Apenas um quarto e uma jovem vestida de branco, que começava a ficar preta a partir das unhas e com buracos na minha cabeça, apenas uma jovem, ouvindo passos no paralelepípedo do lado de fora.

Apenas uma jovem.

Apenas uma jovem de joelhos e ele gozou fora de mim. Ele ficou nervoso. Tentei me virar, mas ele me agarrou pelos cabelos, me batendo, uma, duas vezes. Eu disse que não havia necessidade daquilo e tentei devolver-lhe o dinheiro. E então ele meteu no meu cu, mas eu pensava que, pelo menos, daquela maneira tudo terminaria, e ele beijou os meus ombros, tirou o meu sutiã preto, sorrindo entre os meus braços flácidos de vaca gorda, e deu uma boa, uma boa mordida no meu peito esquerdo. Eu não podia gritar, eu sabia que não podia, pois ele me calaria, e eu chorava, pois sabia que tudo estava terminado, que me encontraram, que era assim que tudo terminaria, que nunca voltaria a ver as minhas filhas, não naquele momento nem nunca.

BJ despertou suado.

Era sábado, 27 de dezembro de 1980.

BJ deitado na cama, observando a chuva, os raios e as rachaduras no teto.

Havia alguém na porta.

(Há sempre alguém na porta.)

Alguém batia à porta.

– Telefone.

– Certo – respondeu BJ. – Muito obrigado.

Era sábado, 27 de dezembro de 1980.

BJ de volta a Preston.

Pensão St Mary's.

Sangue e Fogo entalhado com um pedaço de pedra logo acima da porta.

– O quê?

– Você ligou para ele?

– Liguei.

– E?

– Amanhã.

– Onde?

– Você sabe.

– Está com a foto?

– Estou.

BJ desligou e ficou de pé no corredor. Os olhos de BJ estavam escuros e seus

lábios em carne viva, seu nariz quebrado e sua mão enfaixada. Aquelas paredes verdes e cor de creme deformadas com tantos insultos e números.

BJ olhava para os setes, mas eles já não significavam nada.

Não em 1980.

Era o momento dos seis.

Seis seis seis…

Iluminado.

BJ voltou a subir as escadas e passou pelo estreito corredor em direção ao quarto no final.

A porta estava aberta.

BJ entrou.

Fazia frio lá dentro.

A lâmpada não funcionava.

BJ sentou-se à mesa ao lado da janela.

Chovia lá fora.

Havia piscinas de água no parapeito.

Um trem passou.

Um cão latiu.

A janela tremeu.

Chacoalhou.

BJ desejou que BJ estivesse morto.

40

Sábado, 14 de dezembro de 1974.

Cento e sessenta quilômetros por hora.

Na estrada, seguindo para o Norte.

Nunca saia de casa, nunca saia de casa, nunca saia de casa, porra.

Pela noite, gritando:

Nãããããããããããããããããão!

8h15.

Millgarth, Leeds.

Subindo as escadas do meu antigo escritório.

– Ele está? – perguntei à minha antiga secretária, Julie.

Julie ficou de pé:

– Está numa reunião.

– Com quem? – perguntei, sem esperar.

– Um jornalista do *Post*.

– Jack? – perguntei, com a mão na maçaneta.

– Não.

Larguei a maçaneta.

– O senhor vai ter que esperar – ela disse.

– Não posso.

Ela fez que sim, pegou o telefone na sua mesa e apertou um botão.

Ouvi o aparelho tocar do outro lado da porta.

– Obrigado, querida – eu disse.

Ela sorriu e perguntou:

– Como vai Bishopgarth?

– Não tenho ideia. Estive em Londres até as três da manhã.

– E o senhor Oldman sabe que você voltou?

– Se ele for um pouco inteligente, deve saber sim.

Ela fez que não.

– Por que não se senta?

– Não posso – respondi, olhando para o meu relógio.

Ela voltou a pegar o telefone, apertou o botão e o aparelho soou do outro lado da porta.

– Obrigado – repeti.

A porta se abriu um pouco. George conversava com alguém lá dentro. Eu o ouvi dizer:

– Cave do seu lado que eu cavo do meu.

Olhei para o meu relógio.

Ouvi George rindo e ele dizer:

– Sabe, Bismarck disse que os jornalistas eram homens que não tinham percebido sua vocação. Talvez você tenha se enganado, quem sabe não deveria ser policial, Dunstan?

Olhei mais uma vez para o meu relógio.

Julie apertou o botão e manteve o dedo pressionado.

George Oldman abriu a porta. Deixou um jovem sair.

Um jovem que eu nunca vira antes.

– Nenhuma palavra – disse George a ele. – Nenhuma maldita palavra.

George soltou a mão do jovem.

O homem foi embora.

George Oldman olhou para mim. E estava bravo.

– Maurice – ele disse, com um suspiro. – Imaginei que nos veríamos antes.

– Eu estava em Londres, na conferência – respondi. – Ninguém me disse nada. Ninguém ligou.

– Alguém deve…

– Eu dormi com o maldito rádio ligado, George.

Ele sorriu.

– E que tal os seus contatos psíquicos por lá?

Eu o ignorei. Passei por ele e entrei no meu antigo escritório.

Ele me seguiu.

Fechei a porta. Queria me sentar naquela mesa, mas…

Ele se sentou e disse:

– Estamos em Leeds, Maurice.

– Jeanette Garland não estava. Susan Ridyard também não.

– Você é tão ruim quanto esse maldito jornalista.

– Pelo menos dessa vez não sou o único, certo?

– Isso foi antes, Maurice, você sabe… antes…

Fiz que não:

– Faz mais de cinco anos, George.

– Visto de longe, não importa quem…

– Visto de longe? – repeti, rindo. – Sou eu quem está vendo de longe, George, e não você.

Ele suspirou. Esfregou os olhos. Depois me encarou, sentado na minha antiga mesa.

Seus olhos estavam sem expressão. Suas mãos tremiam. Ele perguntou:

– O que você quer saber?

– Tudo.

Ele pegou uma pasta que estava fora da mesa. Atirou-a na minha direção. Ela caiu no chão.

– Aí está – ele disse.

Eu peguei a pasta. Abri. Fiquei olhando para a fotografia.

Clare Kemplay.

– Aconteceu algo mais? – ele perguntou, suspirando.

Olhei para ele, sentado na minha antiga mesa, e respondi:

– Quero participar.

– Fale com Angus. O caso é dele, não meu.

– George…

Ele se levantou.

– Tenho uma coletiva de imprensa em cinco minutos.

Sala de conferências, delegacia de polícia de Millgarth, Leeds.

Fiquei de pé nos fundos. Esperei. Observei os rostos.

Procurei o homem que eu vira com George no andar de cima.

Senti uma cotovelada nas minhas costelas. Virei-me.

– Jack – eu disse. – Exatamente o homem que eu procurava.

– É o que as mulheres costumam dizer – ele comentou, sorrindo, com hálito fresco de uísque.

– Imaginei que hoje viesse outra pessoa do *Post.*

Jack riu, apontando para a frente:

– Ele?

O jovem do andar de cima conversava e sorria com os demais jornalistas.

Cães de caça, vários deles.

– Qual é o nome dele?

– Furo de notícia.

– Engraçadinho… Qual é a porra do nome dele, por favor?

– Edward Dunford, repórter policial do Norte da Inglaterra.

– Imaginei que esse cargo fosse seu.

Jack revirou seus olhos vermelhos.

– Sou o repórter policial do ano, se você não se importa.

– Justo – eu disse, olhando para o meu relógio:

Nove.

Na frente, uma porta foi aberta.

Todos ficaram quietos enquanto Dick Alderman, Jim Prentice e a tropa de Oldman entraram.

– Uma pergunta – murmurou Jack: – a sua Mandy enviou alguma mensagem para nós?

– Vá se foder – eu disse, deixando tudo aquilo para ele.

Para todos eles.

Subi as escadas e atravessei o longo corredor.

Muitos acenos com a cabeça, apertos de mão e palmadinhas nas costas enquanto eu seguia em frente.

Na Sala de Ocorrências de Leeds, um rosto familiar:

John Rudkin, usando uma gravata laranja brilhante.

– Chefe – ele disse. – Eles te deram folga, então?

– Um dia.

– Como vai? – ele perguntou.

– Sei lá.

Ele fez que sim.

Nós dois olhávamos para a fotografia ampliada de mais uma estudante desaparecida.

Presa nas garras do tempo.

Fora posta na parede entre um mapa de Morley com pinos e bandeirinhas e um quadro-negro repleto de letras e números escritos com giz, além dos seus dados físicos e uma descrição das suas roupas.

Uma capa de chuva laranja, um suéter azul-escuro de gola alta, calça jeans azul-clara, com uma águia bordada no bolso traseiro esquerdo, botas vermelhas Wellington.

Um telefone tocou.

Em algum ponto do outro lado da sala alguém atendeu. Gritaram algo para Rudkin. John atendeu na sua mesa. Ouviu. Olhou para mim.

Seu rosto sombrio.

Ele me ofereceu o telefone.

Engoli em seco e disse:

– Aqui é Maurice Jobson.

– Maurice… – disse Mandy.

Todos os telefones começaram a tocar ao mesmo tempo, todos…

"Asas ensanguentadas…"

As pessoas atendiam.

"Eu a vi."

As pessoas gritavam para Rudkin.

"Perto da prisão."

Rudkin atendia um atrás do outro.

"Num terreno baldio."

Rudkin ouvia.

"Ela está morta…"

Rudkin me encarava.

– Maurice – ela chorava. – Maurice…

Desliguei.

"Ela tinha asas, asas ensanguentadas."

A sala, o edifício, todo aquele local foi tomado pelas trevas,

Pelas trevas dos trompetes.

Descendo a estrada a 160 quilômetros por hora.

Eu a vi.

Luzes e sirenes.

Perto da prisão.

Entrando em Wakefield.

Num terreno baldio.

Meu novo terreno.

Ela está morta.

Terreno que não passava de um maldito e sangrento inferno.

Devil’s Ditch, Wakefield.
À sombra da prisão.
O terreno baldio ao lado da Dewsbury Road.
Em frente à St Michael’s.
Fui diretamente ao terreno, com dois carros de polícia já estacionados por lá.
E mais a caminho.
Com as portas abertas ainda antes de o carro parar.
Botas na lama.
George gritando para os uniformizados.
Para os meus uniformizados.
Eu estava do lado de fora do carro, com as mãos no seu ombro.
– Você não trabalha mais aqui – eu disse. – Eu sim.
– Vá se foder, Maurice – ele gritou.
Mas eu me adiantei, fazendo sinais e dizendo aos meus homens:
– Tire-os daqui.
Gritava minhas ordens aos meus meninos.
Virava para todos os lados, cruzando o terreno e dando ordens.
Oldman, Alderman, Prentice, Rudkin.
Todos nas minhas mãos.
Com a chuva batendo nos nossos rostos.
Congelados e sombrios.
Virei 180 graus e vi.
Aquelas letras gigantes entre o mijo.
Foster’s Construction.
Congelado e muito sombrio.
Virei outros 180 graus e lá estava eu.
Numa extremidade do terreno baldio.
Parei.
Parei completamente.
O ar que eu respirava me chocava.
A chuva.
Afastei o olhar.
Olhei para o maldito céu cinza.
Eu chorava.
Lágrimas, lágrimas congeladas e sombrias.
O ar que eu respirava me matava.
Caí de joelhos, com as mãos em oração.

Eu a vi.
NAQUELE MOMENTO.
De joelhos, com as mãos em oração.
Rezando:
À sombra dos trompetes.
Durma, anjinho silencioso, durma.

Tempos sombrios.
Nunca houve um dia tão sombrio.
O Terceiro Dia.
Onze da manhã.
Sábado, 14 de dezembro de 1974.
Yorkshire.
Wakefield.
Delegacia de polícia de Wood Street.
Andando pelo longo, longo corredor.
Sala 1:
Terry Jones, 31 anos, vestindo sua jaqueta preta e molhada, à nossa mesa.
Terry Jones, da Foster's Construction.
Terry Jones, que trabalhava na Brunt Street, Castleford, em julho de 1969.
Terry Jones, que trabalhava lá quando encontramos Clare Kemplay em dezembro de 1974.
Pedi a Terry Jones:
– Repita, Terry, o que aconteceu?
E Terry Jones disse a mesma coisa:
– Pergunte ao Jimmy.

Lá em cima, estavam todos muito nervosos, já falando em trazer oficiais de alta patente de fora, e até mesmo a maldita Yard, como se fôssemos um bando de macacos incapazes de encontrar nossa própria bunda sem um mapa detalhado. Eu pedia a Cristo que não fosse feita qualquer fusão, que a merda da Polícia Metropolitana de West Yorkshire não existisse e…
– Maurice?
Ronald Angus me observava.

O chefe de polícia Ronald Angus.

O meu chefe.

– O quê? – perguntei.

– Você se importa que George conduza a coletiva de imprensa?

– Não – respondi, levantando-me.

– Para onde vai? – perguntou Angus.

– Se você não se importa – eu disse, sorrindo –, acho que outra pessoa deveria ir atrás desse maldito idiota. Isso se você não se importa, claro.

Tempos longos e sombrios.

Um dia sombrio sem fim.

O Terceiro Dia.

Três e meia da tarde.

Sábado, 14 de dezembro de 1974.

Yorkshire.

Wakefield.

Delegacia de polícia de Wood Street.

Andando pelo longo, longo corredor.

Sala 2.

Abrimos a porta. Entramos.

Dick Alderman e Jim Prentice.

Um com seu enorme bigode, o outro com seus cabelos finos e loiros:

Bigode e Loirinho.

E eu:

Maurice Jobson, o detetive-chefe superintendente Maurice Jobson.

Com minhas lentes grossas e armação preta.

O Coruja.

E ele:

James Ashworth, quinze anos, vestindo camisa e calça cinza entregues pela polícia, cabelos longos, escorridos e desarrumados, jogado na cadeira à nossa mesa, com suas unhas negras dos seus dedos sujos e amarelados.

Jimmy James Ashworth, da Foster’s Construction.

Jimmy Ashworth, o menino que encontrou Clare Kemplay.

– Sente-se direito e deixe as palmas das mãos sobre a mesa – disse Jim Prentice.

Ashworth se endireitou na cadeira e colocou as palmas das mãos sobre a mesa.

Prentice sentou-se próximo a Ashworth. Ele tirou uma algema do bolso de seu paletó esportivo e ofereceu-a a Dick Alderman.

Dick Alderman caminhou pela sala. Dick brincou com as algemas.

Eu fechei a porta da sala 2.

Dick Alderman segurou a algema com os dedos da mão direita. Encostou em uma das paredes.

Eu me sentei ao lado de Jim Prentice, em frente a Ashworth, observando o seu rosto.

Em silêncio.

A sala 2 em silêncio.

Jimmy Ashworth ergueu os olhos. Fungou. Depois perguntou:

– Você conversou com Terry, certo?

Fiz que sim.

– E ele disse a mesma coisa?

Fiz que não e pedi:

– Jimmy, repita mais uma vez.

Ele deixou o corpo cair na cadeira. Suspirou. Começou a mexer nas suas unhas sujas, pretas.

– Sente-se direito e deixe as palmas das mãos sobre a mesa – disse Jim Prentice.

Ashworth se sentou direito e deixou as palmas das mãos sobre a mesa.

Atirei um maço de cigarro aberto na direção dele:

– Só mais uma vez, Jimmy.

Ele fungou. Tirou a franja do rosto. Pegou um cigarro.

Jim Prentice lhe ofereceu um isqueiro.

Ashworth inclinou o corpo em direção ao isqueiro. Olhou para mim, do outro lado da mesa, e sorriu.

Desviei o olhar. Acenei para Dick Alderman.

Dick deu dois pequenos passos e um murro no rosto de Jimmy Ashworth.

O rapaz caiu no chão.

Dick curvou-se. Dick mostrou-lhe sua mão direita segurando a algema, depois disse a Jimmy Ashworth:

– Da próxima vez será com esta, rapaz.

Jim Prentice puxou o frangote esquelético do chão, colocando-o novamente sentado na cadeira.

– Pronto? – perguntei.

– Eu já contei – ele disse.

Virei-me. Olhei para Dick Alderman.

– Não, não – gritou Ashworth. – Não, espera.

Esperamos:

– Como eu já contei, estávamos esperando o mestre de obras. Mas ele não vinha, e, como chovia, ficamos ali, você sabe, tomando chá e essas coisas. Fui ao terreno baldio para mijar e lá estava ela.

– Onde ela estava, Jimmy?

– Lá em cima.

– E o que você fez?

– Fiquei paralisado.

– E foi então que Terry se aproximou, certo?

Ele fez que sim.

– No momento em que você estava paralisado?

Jimmy Ashworth fungou e disse:

– Sim.

Virei-me e acenei.

Dick deu dois passos à frente. Dick bateu com força na cara de Ashworth.

Ashworth caiu mais uma vez no chão.

Dick curvou-se, mostrou-lhe sua mão direita, com a algema, e disse:

– Foi a última vez com a esquerda. Pode ter certeza.

Jim Prentice pegou o frangote esquelético do chão mais uma vez, colocando-o sentado na cadeira.

– A verdade, Jimmy, por favor.

– Acho que eu voltei – ele murmurou. – Mas não me lembro exatamente.

– Você quer que esses senhores aqui te ajudem a refrescar sua memória, Jimmy?

– Não, não – ele gritou novamente. – Não, escutem…

Nós escutamos:

– Voltei ao barracão, vocês têm razão. Fiquei rezando para que o mestre de obras já estivesse por lá, pois ele saberia o que fazer. Mas quem estava lá era somente Terry.

– E os demais?

– Estavam fora em algum outro lugar.

– Então vocês dois, você e Terry Jones, voltaram ao terreno baldio?

Ele fez que não:

– Não, Terry me disse que eu deveria ligar para a polícia.

– E foi o que você fez?
– Sim.
– De qual telefone?
– De um da Dewsbury Road.
– Nós vamos checar, você sabe, não?
Ele fez que sim.
– Isso é tudo, Jimmy?
Jimmy Ashworth fez que sim novamente.
Olhei para Dick.
Dick deu de ombros.
– Obrigado, Jimmy – agradeci.
Dick soltou a algema. Foi para o corredor.
Jim Prentice se levantou e disse:
– Jimmy, você é um bom menino.
Esperei que Jim saísse da sala, juntando-se a Dick no corredor. Depois me curvei sobre a mesa e aproximei a cabeça do rapaz da minha, murmurando em seu ouvido:
– Uma última pergunta.
Ashworth olhou para mim, por trás da sua franja, com o rosto inchado logo abaixo dos olhos.
– Qual é o nome do seu mestre de obras?
– Senhor Marsh – ele murmurou.
– George Marsh?
Ele fez que sim.
Ele fez que sim. Meu coração disparou.
O meu coração disparou. Fechei as mãos.
Fechei as mãos. Havia sangue na minha boca.
Tirei os cabelos longos do rosto do garoto, toquei sua bochecha e disse:
– Bom menino, Jimmy.
Ele fez que sim.
– Não diga nenhuma palavra – pedi. – Nenhuma.
Ele fez que sim novamente.
Eu me levantei e saí para o corredor.
Dick e Jim me esperavam.
Olhei para o meu relógio.
Quase cinco.
Deviam estar terminando a autópsia.

Aquela coisa pequena sendo cortada em pedaços pela segunda vez.

George Marsh sentou-se para tomar o seu chá.

Levantei os olhos. Escutei passos se aproximando pelo corredor.

Passos familiares.

Bill Molloy se aproximava.

O detetive-chefe superintendente aposentado *Texugo* Bill Molloy.

Seus cabelos pretos ficaram grisalhos, sua pele terrivelmente amarelada.

Fechei a porta da sala 2.

– Bill, o que você está fazendo aqui?

Bill Molloy tentou dar uma olhada por cima de meu ombro, depois deu uma piscadela:

– Dando uma mãozinha, só isso.

Tranquei a porta. Disquei *Netherton 3657*.

Escutei os toques de chamada, que logo pararam.

– Netherton 3657, quem fala?

– O seu pai está?

– Não, ele…

– Cadê ele?

– Está no hospital.

– Hospital? O que aconteceu com ele?

– Não sei muito bem.

– Que hospital?

– Não sei.

– Posso falar com a sua mãe?

– Ela não está.

– Cadê ela?

– Foi visitar o meu pai.

– Quando ela voltar, você…

Seguiu-se uma batida na porta. Desliguei.

De volta ao andar de cima, com os novíssimos chefões da Polícia Metropolitana de West Yorkshire, os novíssimos chefões da Polícia Metropolitana de West Yorkshire com seus novos ternos e sapatos polidos, com suas novas peles

dependuradas em seus troféus e canecas, os chefões da Polícia Metropolitana de West Yorkshire, com suas panças cheias de cerveja e suas carteiras metidas nos lindos ternos novos, os chefões da Polícia Metropolitana de West Yorkshire e mais um:

O Texugo Bill Molloy.

A mão amiga.

Mais um convidado de peso:

O detetive superintendente Peter Noble.

O homem que prendeu Raymond Morris.

Ronald Angus, com os dedos cruzados sobre o queixo:

– O campo de ciganos de Hunslet…

Merda, pensei.

– George, você se importaria de fazer um resumo? – perguntou Angus.

Lá vamos nós novamente:

– Uma testemunha disse ter visto uma van Ford Transit branca em Morley, na última quinta-feira à noite. A mesma testemunha viu fotos tiradas pela segurança do Hunslet Camp e reconheceu um veículo similar. Tenho oficiais em Rochdale procurando os Lambert, que também disseram ter visto uma van branca e alguns ciganos mais ou menos na mesma hora em que Susan Ridyard desapareceu – disse Oldman.

– Quando vamos partir para cima desses idiotas? – perguntou Dick.

– À meia-noite – disse Oldman.

– Vamos trazer os babacas para cá? – perguntou Prentice.

– Vamos dividi-los entre aqui e Queen's.

– Instruções serão dadas às dez, lá embaixo – disse Angus. – Algo mais?

Bill Molloy olhou para a mesa e disse:

– Você está muito quieto, Maurice.

– Não como você – comentou Oldman, sorrindo.

– Mas isso não é um crime, certo? – perguntei.

Bill me encarou e disse:

– É uma coincidência, Maurice.

– E o que mais poderia ser? – perguntei.

Usando meu terno novo e meus sapatos polidos, com novo casaco dependurado na parede, minha pança de cerveja e minha carteira no interior do lindo e novo terno.

Fiz que sim, pois não havia nada mais a ser dito.

Eles vão morrer neste inferno.

Todos morreremos.

Deixei Wakefield para trás.
Seguindo para Netherton.
Estacionei no final da Maple Well Drive.
Era noite.
Todas as casas, exceto uma, estavam com as luzes acesas.
Todas, menos a número 16.
Saí do carro.
Caminhei pela rua.
A casa deles, escura.
Nenhuma van parada por perto.
Fui até a porta.
Tropecei numa maldita casinha de pássaro no pequeno gramado.
Toquei a campainha.
Nada.
Tentei novamente.
Nada.
Dei a volta na casa.
As cortinas não estavam fechadas.
A lareira não estava acesa.
Nada.
Voltei para a frente da casa.
Voltei para o carro.
Entrei e esperei.
Esperei e observei.
Esperando e observando.
Nada.

Já passava das nove quando entrei na Blenheim.
Corações destroçados, folhas perdidas.
Estacionei na entrada, abri a porta do carro e cuspi.
Aquele gosto na minha boca.
Saí do carro. Atravessei a entrada do edifício, cheia de buracos e água parada.

Um feio luar e uma chuva sombria.

A barra da minha calça, minhas meias e meus sapatos, cobertos de lama.

Terreno do diabo.

Abri a porta, subi as escadas, bati à porta do apartamento 5.

– Maurice?

– Sim, sou eu, meu amor.

A porta se abriu, sem corrente, e lá estava ela.

Tão verdadeiramente linda.

– Eu a vi – ela disse.

Eu fiz que sim.

Ela tomou minha mão, aproximou-me do seu corpo.

– Não posso – eu disse.

Ela me olhou.

– Preciso voltar.

– Ela tinha asas, Maurice. Asas cheias de sangue.

Fiz que sim.

– Eu a vi.

– Eu sei.

Ela apertou minha mão.

– Volto rápido – eu disse.

– Promete?

– Juro.

Ela apertou minha mão novamente.

– Tranque a porta – pedi.

Havia três envelopes na minha mesa. Eu me sentei com um cigarro apagado. Abri o primeiro envelope, de onde tirei duas folhas de papel A4 datilografadas e três fotografias em preto e branco, ampliadas:

A autópsia.

Limpei os olhos. Olhei para o meu relógio.

Onze e meia.

Sábado, 14 de dezembro de 1974.

Peguei a agenda telefônica. Virei as páginas. Encontrei o número que

procurava. Peguei o telefone. Disquei, com um lenço sobre o fone.

O telefone tocou e tocou.

– Ossett 256199. Quem fala, por favor? – perguntou uma voz feminina.

– Edward está?

– Um minuto, por favor.

Pausa.

Escutei Beethoven do outro lado da linha.

– Edward Dunford falando.

– O que acha de uma luta no sábado à noite?

– Quem é?

Esperei.

– Quem é?

– Você não precisa saber.

– O que você quer?

– Está interessado no Estilo Cigano?

– O quê?

– Vans brancas e ciganos?

– Onde?

– Hunslet e Beeston, saída da M1.

– Quando?

– Você já está atrasado – eu disse, desligando.

4 LUV.

41

Você estava sentado no estacionamento da biblioteca de Balne Lane pela última vez.

Era sábado, 4 de junho de 1983.

As portas do carro trancadas, você olhava pelo retrovisor interno, depois pelo espelho lateral, interno e lateral, interno e lateral.

O som implacável da chuva sobre o teto do carro, o rádio o mais alto possível:

"Duzentas prisões na base da força aérea de Upper Heyford, Oxfordshire. Viúva de VC acusa Healey de conduta desprezível e barata em seus comentários sobre a senhora Thatcher e as Malvinas. O doutor Owen avisa que os trabalhistas precisarão de uma força de coação para combater a senhora Thatcher e Norman Tebbit e que os votantes têm medo da Big Sister."

Nada sobre a Little Sister.

Retrovisor interno, depois lateral, interno e lateral.

Nada naquele dia.

D-5.

Você girou a chave na fechadura e começou a subir os degraus, um a um, pegando a última caixa da prateleira.

Julho de 1969.

Arrumando o filme, desenrolando a bobina.

PAUSA.

Segunda-feira, 14 de julho de 1969.

Menina desaparecida na vizinhança, por Jack Whitehead, repórter policial.

Os pais de Jeanette Garland, menina de oito anos desaparecida, fizeram um apelo emocionado ontem à noite por informações que poderiam levar a polícia ao paradeiro de sua filha. Jeanette foi vista pela última vez no sábado, no momento em que ia para uma loja de doces da redondeza.

Terça-feira, 15 de julho de 1969.

Menina desaparecida, quarto dia, busca por todos os lados, por Jack Whitehead, repórter policial.

PAUSA.

Sábado, 19 de julho de 1969.

Médium entra em contato com a polícia, por Jack Whitehead, repórter policial.

PAUSA.

De volta à prateleira, de volta a 1972.

Sexta-feira, 24 de março de 1972.

Médium faz conexão entre Susan e Jeanette, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

Ontem à noite, a polícia recusou-se a comentar ou especular as notícias de que uma médium e personalidade televisiva local, Mandy Wymer, teria descoberto uma conexão entre a menina desaparecida em Rochdale, Susan Ridyard, e Jeanette Garland, conhecida como A Menina Que Nunca Voltou Para Casa*, que tinha oito anos quando desapareceu na rua onde morava, em Castleford, no ano de 1969.*

PAUSA.

PAUSA.

PAUSA.

No banheiro de biblioteca, regurgitou.

O seu estômago queimava, sangrava novamente.

Regurgitou novamente. Vomitou. Cuspiu.

Sabia que em breve tudo terminaria, em breve.

Mas era hora de voltar.

De voltar à sala (de voltar a todas as salas).

De voltar às prateleiras (e descer tudo novamente).

Os filmes, as bobinas.

PAUSA.

NOVAMENTE.

Sábado, 21 de dezembro de 1974.

Busca pelo assassino, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

Uma nova busca pelo assassino foi iniciada hoje em Wakefield, após a descoberta do corpo.

PAUSA.

NOVAMENTE, NOVAMENTE.

Segunda-feira, 23 de dezembro de 1974.

Irmã de astro do rúgbi assassinada, por Jack Whitehead, repórter policial do ano.

O corpo de Paula Garland foi encontrado pela polícia em sua casa de

Castleford, no início da manhã de domingo, após os vizinhos terem ouvido gritos.

PAUSA.

NOVAMENTE, NOVAMENTE e NOVAMENTE.

Regurgitou. Vomitou. Cuspiu. Sangue na sua boca, sangue na sua camisa, sangue nas suas mãos.

Novamente e novamente e novamente.

Até parar.

Você atravessou Wakefield em direção à Barnsley Road, depois deixou Wakefield para trás e seguiu a Doncaster Road, passando pelo Redbeck e entrando em Castleford.

Parou ao lado de uma cabine telefônica vermelha. Saiu do carro. Caminhou em direção à cabine e abriu a porta.

O telefone tocava.

Você atendeu. Escutou.

Uma voz estrangeira do outro lado da linha.

Você desligou. Esperou.

Ninguém telefonou.

Você ficou de pé na cabine telefônica vermelha, ouvindo o som implacável da chuva no teto. Observou os carros silenciosos com todos os seus assassinos ao volante, observando-os ganhar velocidade e descer a rua, observou-os apontando e rindo de você, com crianças desaparecidas em suas botas, mãos pequeninas pressionadas contra o vidro traseiro dos seus carros.

Você pegou o fone. Escutou.

Não havia ninguém na linha.

E o mundo do lado de fora era duro e tomado pela dor.

Brunt Street, Castleford.

Você já tinha estado ali antes.

O carro cheirava mal. Você abriu as janelas. Olhou para o número 11.

A porta vermelha foi aberta. Uma mulher saiu com um guarda-chuva florido. Ela trancou a porta de casa. Passou ao lado do carro, batendo as botas na calçada molhada.

Ela descia a Brunt Street.
Fazendo barulho.

– Terrível – repetiu a velha, pela terceira vez, com os braços cruzados contra a chuva e as lembranças, para o homem gordo e cheio de feridas e ataduras na sua porta.

Você fez que sim.

– Parece uma coisa atrás da outra – ela disse, sacudindo a cabeça. – Tudo começou com aquela menina.

Você fez que sim novamente.

– Caso aquilo nunca tivesse acontecido, eles poderiam ter tido tudo – ela suspirou.

Você fez que sim novamente.

– Mas ele se matou… o marido. Depois o Johnny, que começou a se envolver em todos os tipos de coisas, desperdiçando seus talentos. Depois…

Você levantou os olhos.

Ela olhava para a rua.

– Depois ela foi morta… a mãe. Bem ali.

Você olhou para onde ela apontava, para o número 11.

– Bem ali, na nossa porta – ela disse e suspirou novamente. – Eu não sei…

– Terrível – você disse.

– Terrível – disse a velha do outro lado da rua. – Aquela mãe nunca mais foi a mesma.

Você fez que não com a cabeça.

– O senhor não seria o mesmo, certo?

Você fez que não novamente.

– Uma menina adorável – disse ela, suspirando e dobrando o pano de prato entre as mãos. – Sempre tão alegre, sempre sorridente.

Você fez que não novamente.

– Quero dizer, os mongoloides são assim, certo? Sempre felizes, certo? Não sei se eles sabem.

Você levantou os olhos.

Ela olhava para a rua.

– Eles têm sorte de ser assim.

Você olhou para trás, para a porta vermelha.

– Em plena luz do dia – ela disse, suspirando novamente. – Em plena maldita luz do dia.

– Terrível – você disse.

– Terrível – disse o senhor Dixon, o homem da loja da esquina. – Naquela época, eu não costumava abrir antes das três da tarde, então sempre havia uma fila de crianças. E ela estava aqui. Eu tinha de ajudá-la com o dinheiro, pois ela era como era.

Você fez que sim.

– Mas ela não esteve aqui no último sábado – ele disse, suspirando. – Eu me lembro disso.

Você fez que sim novamente, olhando para os doces e as batatas fritas, os cigarros e o álcool, a ração de animais e os jornais locais.

– Ouvi dizer que o marido se matou – você comentou.

– É – disse o senhor Dixon. – Uns dois anos depois, eu acho.

– Naquela casa? – você perguntou, apontando para a porta.

O senhor Dixon fez que não, dizendo:

– A minha esposa saberia dizer exatamente onde. Ela é boa nessas coisas. Só sei que não foi aqui.

– E a mãe? – você perguntou. – Foi aqui?

O senhor Dixon fez que sim e disse:

– Ah, sim. Isso foi aqui.

– Essa não é uma família de sorte – você comentou.

– Esta rua é amaldiçoada – murmurou o senhor Dixon, com toda a maldita rua ouvindo à sua porta. – Você sabe quem mais viveu por aqui, certo?

Você fez que não.

– Os Morrison – ele disse. – Clare e Grace.

Você parou de mexer a cabeça. Engoliu em seco. Ficou olhando para ele. Esperou.

– Grace foi uma das pessoas baleadas quando os caras invadiram o Strafford, no centro de Wakefield.

– E Clare?

– Morreu lá em Preston, dizem ter sido obra do Estripador – ele comentou,

sorrindo. – Mas o Estripador sempre negou isso.

– Clare Strachan – você disse.

Ele fez que sim:

– Era o nome de casada.

– E este aqui? – você perguntou. – Já o viu por aqui?

O senhor Dixon pegou a foto da sua mão. Olhou para o rosto de 22 anos de Michael Myshkin.

Um rosto redondo, sorridente.

O senhor Dixon fez que não.

– Não. Eu me lembraria dele.

Você foi para Leeds. Estacionou sob os arcos.

Os Arcos Sombrios.

Dois corvos lutavam com um rato gordo e amarronzado por um saco de lixo.

UK DK pintado com *spray* branco no muro verde e úmido.

Você trancou o carro. Atravessou os arcos e entrou na noite.

Era sábado, 4 de junho de 1983.

– Você não deveria continuar vindo aqui – disse Kathryn Williams. – O pessoal vai comentar.

– É isso que eu quero.

– O que você quer dizer?

– Conte-me o que você sabe sobre Jeanette Garland.

– Eu…

– O pai dela?

– John, eu…

– A mãe?

– Por favor, John, eu…

– O seu tio?

Kathryn Williams escondia as mãos entre as pernas, os olhos fechados.

– A vizinha?

Ela abriu os olhos:

– Quem?

– Clare Strachan – você respondeu.

Ela se levantou.

– Aqui não.

Você a agarrou pelo braço.

Ela ficou olhando para o braço.

– Você está me machucando.

– Estou?

– Por favor, John, eu…

– Quero saber se você acha que Michael Myshkin matou Jeanette Garland.

– John, eu…

– Susan Ridyard?

– Eu…

– Clare Kemplay?

Ela o encarou. Fechou os olhos. Fez que não com a cabeça.

O Press Club.

À frente de dois leões de pedra.

Centro da cidade de Leeds.

Quase dez.

Você esperava do lado de fora, sob a chuva.

Eles desciam a rua com dois guarda-chuvas.

– John Piggott – disse Kathryn Williams. – Este é Paul Kelly.

Paul Kelly segurou a pasta e o guarda-chuva na mesma mão para cumprimentá-lo.

– Obrigado por concordar com este encontro – você disse.

Ele olhou para você, para suas feridas e ataduras.

– Ele teve uma semana ruim – comentou Kathryn.

Paul Kelly deu de ombros. Abriu a porta do Press Club:

Somente para sócios.

– Primeiro as damas – você disse a Kathryn.

Ela sorriu.

Você a seguiu degraus abaixo.

O local era mal iluminado e estava meio vazio.

Vocês se sentaram numa mesa próxima à parede mais distante da entrada.

– O que querem beber? – você perguntou aos dois.

– Nada – respondeu Paul Kelly.

– Tem certeza? – você perguntou.

– Você não é sócio – ele disse. – Não vão te servir.

Kathryn Williams se levantou e disse:

– Eu pego.

Você lhe ofereceu uma nota de cinco, dizendo:

– Pelo menos deixe que eu pague.

Ela fez que não e perguntou:

– O que vocês querem?

– Chope escuro – respondeu Paul.

– Água – você disse. – Caso tenham.

Kathryn Williams olhou para você. Ela sorriu. Depois caminhou em direção ao bar.

Você se sentou diante de Paul Kelly, de costas para o bar e para a porta.

Num canto, uma mesa de bilhar com um jogo já iniciado.

– Antes, havia um palco por aqui – comentou Paul Kelly.

– Sério?

– Há muito tempo – ele disse.

Você olhou para as paredes, para as paredes escuras com suas fotografias estúpidas de mortos e famosos. Depois voltou a olhar a mesa.

Paul Kelly o observava.

Você sorriu.

– Reconhece alguém? – ele perguntou.

– John Charles, Fred Trueman, Harvey Smith – você disse.

– Estão todos aqui.

– Menos Sir Geoffrey.

Ele sorriu, fez que não e disse:

– Uma pena.

Kathryn trouxe as bebidas numa bandeja e deixou-a sobre a mesa.

Ela lhe entregou sua água.

– Estão se divertindo?

– Apenas conversando – você respondeu.

Ela acendeu um cigarro.

– Sobre o quê?

– Yorkshire – você respondeu, olhando para Paul Kelly. – E o passado.

Paul Kelly olhou para o relógio.

“Let’s Dance” tocava na *jukebox*.

Sob a mesa, os joelhos de Kathryn tocaram os seus.

(Vá em frente.)

Você aproximou ainda mais os seus joelhos dos dela. Ela não se afastou.

(Se esconda.)

– Vá – ela disse. – Pergunte a ele.

Paul Kelly olhou para você, esperando.

Ele já tinha tomado toda a cerveja.

Você tossiu, mudou de posição e disse:

– Eu gostaria de perguntar sobre a sua prima Paula. Sobre Jeanette, a filha dela.

Kathryn afastou a perna.

(Um pouco de medo naquela noite.)

Paul Kelly olhou novamente para você, levantando o copo.

– Quer outra? – você perguntou.

– Prima assassinada e sua filha desaparecida? – ele perguntou, balançando a cabeça. – Não, obrigado.

Kathryn jogou fora o seu cigarro e perguntou:

– Vocês querem a mesma coisa?

Você dois olharam para ela, que já estava no balcão.

Você olhou para ele.

Ele o encarou novamente.

– Sinto muito – você se desculpou. – Eu represento um homem chamado Michael Myshkin e…

– Eu sei.

– E seria ótimo se…

Ele acenou na direção de Kathryn.

– Só vim porque ela me pediu.

– E eu agradeço, foi muito gentil da sua parte.

Ele fez que não, olhando novamente para o relógio.

– Não… Ela sofreu tanto quanto todos os demais.

Você pegou um cigarro do maço que ficara sobre a mesa. Acendeu.

– Imagino que você saiba algo sobre Eddie. Sobre Jack Whitehead.

– Sim.

Kathryn trouxe mais uma rodada de bebidas. Deixou a bandeja na mesa.

– Continuam se divertindo? – ela perguntou, rindo e entregando-lhe a água.

Você lhe mostrou o cigarro.

– Peguei um dos seus, sinto muito.

– Tudo bem – ela disse. – Todo mundo pega mesmo.

Kelly tomou um bom gole de seu chope e disse:

– Que engraçado.

“Let’s Dance” terminou.

– Sinto muito – você se desculpou novamente.

– Veja bem, senhor Piggott – ele disse. – Pergunte o que quiser, mas acho que logo descobrirá que está falando com o Kelly errado.

Embaixo dos arcos escuros, sob a ferrovia.

Ela se aproximou de você no banco de trás, deixando as suas bocas muito próximas.

Uma linda e jovem donzela atravessou o meu caminho.

A língua dela se movia cada vez mais excitada.

Embaixo dos arcos escuros, sob a ferrovia.

Com o gosto da própria boceta na boca, ela ficou ainda mais excitada.

Cantando Vilikens and Dinah, tão alegre, tão animada.

Você tirou sua calcinha.

E eu dei um passo à frente; ela era tão alegre, tão livre.

E ela pegou o seu pau com a mão direita, conduzindo-o para dentro.

Será que eu disse que ela seria o meu amor?

Usando a mão direita, ela movia o seu pau na direção de sua boceta.

Ah, não, meu alegre e jovem querido, isso não.

Ela cravou as unhas na sua bunda, querendo que você fosse mais fundo.

Tem um cara aqui vestido de azul, e ele me observa.

Você a penetrou com força, seu estômago gordo e revolto.

E se ele me visse, o que diria?

Você a beijou com vontade, da boca ao queixo, depois ao pescoço.

Embaixo dos arcos escuros, sob a ferrovia.

– Eddie – ela murmurou.

Um desvio.

Você saiu da sua boceta, saiu do seu corpo.

Embaixo dos arcos escuros…

– Sinto muito – ela disse.

Você queria ir para casa beber um vinho branco doce e fumar um bom cigarro

Red Leb e depois ver televisão com Pete e Norm e acabar dormindo no sofá deles e acordar por volta das cinco e descer e bater uma punheta e voltar a dormir e acordar tarde e comer panquecas crocantes e ouvir discos e fazer palavras cruzadas no vaso sanitário e encontrar-se com Gareth para comer Yorkshire *pudding* e sopa de cebola no Springs e depois sentar-se em bares meio vazios mexendo na *jukebox* e nas mesas de bilhar e terminar dançando Culture Club com meninas feias no Boots N. 7 comprando comida indiana ou chinesa para elas e fodendo e planejando um dia de folga num feriado qualquer, querendo estar bem longe…

Mas você não estava longe.

Você estava ali.

Onde todo mundo sabia de tudo.

Quebre o meu coração em dois.

No meio do coração partido de uma noite destruída e sombria, você parou no Redbeck.

O Viva estava ali novamente.

Um homem sentado sozinho dentro dele.

Com as lanternas acesas.

Iluminando uma porta.

Uma porta que balançava ao vento, sob a chuva.

Quarto 27.

Uma luz acesa lá dentro.

Uma fotografia presa na parede.

Uma fotografia de papel, cortada de um jornal, de um jornal sujo.

Uma luz acesa lá dentro.

Você não parou, não parou, não parou.

Pois aquela era a noite do medo.

42

O homem estava na porta do inferno.

Preston, domingo, 28 de dezembro de 1980.

A porta batia ao vento, sob a chuva.

De estação em estação, eis o seu destino:

A porta do inferno.

Ele abre e vê BJ.

– Boa tarde – disse BJ.

– Quem é você? – ele perguntou. – Tem um nome?

Eu não sou quem queria ser.

– Nada de nomes.

Ele apontou para as próprias feridas e perguntou:

– O que aconteceu com você?

– Riscos da profissão – disse BJ. – Tem a ver com os locais que frequento.

Ele deu uma olhada no inferno em volta e perguntou:

– Era sobre isso que você queria conversar? Sobre os locais que frequenta? Sobre este lugar?

– O senhor já esteve aqui antes, certo, senhor Hunter?

Ele fez que sim.

– E você?

Eu não sei como sair.

– Ah, sim – respondeu BJ. – Muitas vezes.

– Esteve aqui na noite de quinta-feira, 20 de novembro de 1975?

BJ afastou os fios de cabelo dos olhos negros. BJ tentou sorrir e disse:

– Você deveria ver o seu maldito rosto.

– O seu não parece melhor.

– Como era aquela música? *If looks could kill they probably will*?

– Não sei.

BJ tirou um pedaço de papel do bolso, entregou a ele e disse:

– Mas eu sim.

Ele abriu o papel, ficou olhando para aquilo.

Clare com as pernas e olhos abertos, os dedos tocando a própria boceta.

Ele olhou para BJ e devolveu o papel.

Assassinada pela polícia de West Yorkshire, novembro de 1975.

Voltou a olhar para BJ.

BJ perguntou:

– Aí vem um policial para arrancar sua cabeça?

– Você fez isso?

– Isso o quê?

– Essas coisas?

– Não, senhor Hunter – ele disse. – Não fiz nada disso.

– Mas sabe quem fez?

BJ deu de ombros. BJ esperou.

– Me diga.

BJ fez que não.

– Vou te prender.

– Não vai não.

– Vou sim.

– Por quê?

– Por ocupar o tempo de um policial. Por ocultar evidências. Por obstruir. Por assassinato.

– Isso é o que eles querem.

– Eles quem?

– Você sabe.

– Não, não sei.

– Então, obviamente, o senhor foi superestimado.

– O que isso significa?

– Significa que muita gente foi envolvida para garantir que o senhor não estaria em Yorkshire nem se envolveria com o Estripador.

– E por que essa gente quer te ver atrás das grades?

– Senhor Hunter, eles querem me ver morto – disse BJ, misturando verdades e mentiras, mentiras e verdades. – A prisão seria apenas uma forma de colocar as mãos em cima de mim.

– Eles quem?

BJ balançou a cabeça. BJ tentou não sorrir ao dizer:

– Nada de nomes.

Ainda não.

Ainda não estava funcionando.

Hunter estava muito bravo.

– Não vou ficar perdendo o meu tempo! – ele gritou, abrindo a porta.

A porta para fora do inferno.

Mas BJ chegou antes à porta.

Porta do inferno.

BJ bateu a porta.

– Fique aqui – disse BJ. – O senhor não irá a lugar nenhum.

Ele colocou o pedaço de papel na cara de BJ e disse:

– Então comece a falar, porra.

BJ afastou-se dele e do papel.

– Foda-se.

– Foi você que me chamou aqui. Por quê?

– Eu não queria te chamar. Pode acreditar em mim – disse BJ, afastando-se dele. – Tinha muitas dúvidas.

– E por que me chamou?

– Queria simplesmente enviar a foto por correio – murmurou BJ –, mas ouvi a história da sua suspensão e não sabia por quanto tempo o senhor estaria por perto.

– É só isso? – ele perguntou, segurando o pedaço de papel. – Nada mais?

BJ fez que sim.

– Por quê?

– Queria que isso parasse – disse BJ. – Queria que eles parassem.

– Eles quem?

– Nada de nomes! – gritou BJ. – Quantas vezes vou ter que repetir.

Ele olhou para BJ, depois para Clare, e perguntou:

– Por que neste lugar? Foi aqui que tudo começou? Com ela?

– Começou? – perguntou BJ, sorrindo. – Claro que não!

– Então foi onde terminou?

– O começo do fim, poderíamos dizer.

– Para quem?

– Quer nomear? – murmurou BJ. – Eu, você, ela… e metade dos policiais que você conheceu na vida.

Ele olhou para o papel que tinha nas mãos.

Clare, com os olhos e as pernas abertas, com os dedos tocando a própria boceta.

– Por que Strachan? – ele perguntou. – Por causa da *Spunk*?

– Por que eles mataram Clare? – perguntou BJ, fazendo que não. – Não.

– Não foi por causa da pornografia? A morte de Strachan não teve nada a ver com a MJM?

– Não.

– Quero nomes.

– Vou te dar um nome. – E repetindo as instruções recebidas para a missão daquele dia, BJ murmurou: – Apenas um.

– Qual?

– O nome dela era Morrison.

– Quem?

– Clare. Seu nome de solteira era Morrison.

– Morrison?

– Você conhece outra Morrison, certo, senhor Hunter?

– Grace Morrison.

– E…?

– O Strafford – ele disse. – Ela era a garçonete de Strafford.

– E…?

– Eram irmãs – ele murmurou.

– E…?

Ele olhou para o papel que tinha nas mãos:

Clare, com os olhos e as pernas abertas, com os dedos tocando a própria boceta.

Voltou a erguer os olhos e disse:

– O Strafford.

– Na mosca.

– Como você sabe disso?

– Eu estava lá.

– Onde? Onde você estava?

– No Strafford – repetiu BJ e BJ abriu porta.

A porta para fora do inferno.

Mas ele chegou antes à porta.

Porta do inferno.

E fechou-a.

– Você não vai a lugar nenhum, amigo – ele disse. – Ainda não.

– Este é o seu terreno, senhor Hunter.

– Foda-se! – ele gritou. – Fale o que aconteceu naquela noite.

– Pergunte a outra pessoa.

– A Bob Craven? Não sobrou ninguém mais. Estão todos mortos.

Missão para os Mortos: cumprida. BJ sorriu:

– Exatamente.

– Foda-se! – ele gritou, agarrando o paletó de BJ.

BJ o empurrou.

Ele voltou a agarrar BJ.

BJ deu um soco nele.

Ele caiu.

BJ estava com os dedos ao redor da garganta dele, mas ele ainda não soltara BJ. BJ gritou:

– O que está fazendo, porra?

– Chegou a hora de parar de fugir! – ele gritou.

BJ o chutou, mas ele não soltou BJ.

– Saia de cima de mim!

– O que aconteceu?

BJ chutou-o novamente.

– Não vou dizer nada mais.

– Diga!

BJ se soltou, aproximando-se da porta.

Porta para fora do inferno.

BJ disse:

– Eles ainda não terminaram com você.

– Você está morto! – ele gritou, no chão do inferno. – Morto.

– Eu não – respondeu BJ, rindo. – Eu tenho seguro. E você?

– Eles vão te encontrar e te matar caso não venha comigo.

– Eu não.

– Vá em frente, então. Fuja.

– Foda-se – disse BJ, abrindo a porta.

A porta ficou balançando ao vento, sob a chuva.

Porta para fora do inferno.

– Quem tem que fugir é você – disse BJ. – Eles ainda não terminaram com você.

BJ ficou parado na porta.

Porta do inferno.

De pé na porta, BJ o viu:

De joelhos no seu gramado, sob a chuva, com os dedos no gatilho de uma arma posta na própria boca.

– Você está morto! – ele gritou.

BJ atravessou a porta.

– Morto.

BJ começou a caminhar, seguindo em direção ao final da rua, quando BJ *o* viu.
Ele estava de pé no final da rua, ao lado da porta aberta do carro.
Olhando para BJ.
Sem piscar.
Ele sorriu.
BJ correu.
Correu muito.

43

Sem dormir, sem comer, sem fumar.

Apenas isso:

Netherton/ Wood Street/ Netherton/ Wood Street/ Netherton/ Wood Street.

De volta a Netherton.

Domingo/ Segunda-feira/ Terça-feira.

A noite de terça-feira, 17 de dezembro de 1974.

Nada.

Sem dormir, sem comer, sem fumar.

Nada do maldito George Marsh.

Uma batida no vidro.

Dei um salto.

Era o maldito *Texugo Bill*.

Ele tentou abrir a porta do passageiro.

Eu me estiquei, abri a porta.

Ele entrou.

– Cristo, como está fedendo aqui dentro.

– Como você ficou sabendo que eu estava aqui?

– Porra, Maurice, você é um livro aberto, meu camarada – ele bufou.

– Mas isso não é um crime, certo? – perguntei, sorrindo.

– É a quebra de um maldito recorde.

– Foi isso o que você veio me contar?

– Não, não foi isso.

– O que foi, então?

Ele fez uma pausa.

Virei-me para olhá-lo nos olhos.

Ele observava a Maple Well Drive, a casa escura à direita.

– O que foi? – perguntei.

– Eddie Dunford – ele respondeu.

– Quem?

Bill me encarou, sorrindo, e disse:

– Vá se foder, Maurice.

– O quê?

– Ele é um idiota que não precisa ser encorajado.

Eu estava com as mãos sobre o volante, segurando firme.

– Ele esteve em Shangri-lá – disse Bill.

– E daí?

– E daí que nós já temos problemas demais com o maldito Derek Box. Não preciso de outro. Obrigado.

– Dunford não é um problema – eu disse.

Bill não respondeu.

Olhei para ele.

Ele olhava para mim.

– Ele não sabe de nada – eu disse.

– Sabe o suficiente para rondar a casa da sua amiga esta tarde.

– O quê?

Ele deu uma piscadela, abriu a porta, saiu do carro. Depois voltou à janela e disse:

– É melhor que você e sua amiga se lembrem de uma coisa: papo furado custa vidas.

Voltei em meio à escuridão, seguindo para a Blenheim Road, St John's, Wakefield.

Grandes corações destruídos, perdidos.

Blenheim Road, número 28, St John's, Wakefield.

Coração destruído, perdido.

Estacionei. Fechei os olhos. Voltei a abri-los. Vi estrelas.

Estrelas e anjos.

Pequenos anjos silenciosos.

Jeanette, Susan e Clare.

Saí do carro, tranquei a porta e cuspi.

O gosto de carne.

Caminhei pela entrada.

Feia e fraca luz da lua, água de chuva parada, preta.

A barra da minha calça, minhas meias e meus sapatos, enlameados.

Tudo enlameado.

Entrei, escapando da chuva. Subi as escadas em direção ao apartamento 5.
O ar úmido, manchado.
Corações destruídos.
A porta estava aberta.
Completamente aberta, sem a corrente de metal.
Na Temporada da Praga, a carne.
O meu coração surrado.
O ar repentinamente pesado por conta do assassinato.
Dois corvos comendo num saco de lixo preto.
Entrei, escutando:
Soluços baixos, soluços abafados.
Devorando sua doce carne.
Parado na frente da porta do quarto, murmurando:
– Mandy?
Soluços baixos, soluços abafados, choro.
Gritos ecoando no escuro.
Tentei abrir a porta.
– Mandy?
Fechei os olhos, depois voltei a abri-los. Vi estrelas…
Deslizando a bunda pela parede.
Estrelas e anjos.
Meu anjo.
– Mandy?
Com as pernas e braços abertos, a saia levantada.
Fechei meus olhos. Depois voltei a abri-los.
Parado na frente da porta do quarto, murmurando:
– Mandy?
Soluços assustados atrás de uma porta.
Ouvindo soluços baixos.
Soluços abafados, o choro.
O som de móveis sendo arrastados.
Eu me inclinei sobre a madeira da porta. Empurrei.
A porta se abriu um pouco, depois parou.
Cômodas e armários sendo postos atrás da porta.
Os soluços ainda mais altos, chorando mais.
Empurrei novamente.
– Mandy?

Uma voz debilitada através de camadas e camadas de madeira.

Os soluços, o choro.

Abrindo mais um pouco, mais um centímetro.

– Mandy?

Uma criança murmurando a um amigo por baixo das cobertas.

Soluçando, chorando.

Meu braço dentro, depois uma perna, abrindo mais um pouco, mais um centímetro.

"Conte a eles sobre os demais."

Terça-feira, 17 de dezembro de 1974.

Um frio e sombrio dezembro surgiu quando abri a porta do quarto.

Atrás das cômodas e dos armários.

Para encontrá-la deitada, fria e ainda sobre o chão.

Entre as sombras.

Eu a tomei nos braços.

Olhei nos seus olhos.

Entre as sombras.

Ela rosnava com os dentes carnívoros à mostra.

"Este lugar é o pior de todos, subterrâneo.

Os cadáveres e os ratos.

O dragão e a coruja.

Lobos também, um cisne.

O cisne morto.

Sem fim, lugar sem fim;

Sob a grama que cresce.

Entre as rachaduras e pedras.

Os lindos carpetes.

Esperando por outros, no subterrâneo."

Silêncio.

Segurando-a.

Soluços baixos, soluços abafados, ela está chorando.

Entre suas sombras:

"Isso aconteceu quatro vezes antes…"

Lágrimas.

"Quatro vezes…"

Lágrimas cavernosas:

"… e vai acontecer novamente."

Lágrimas, e depois…

Silêncio.

Silêncio, mas do lado de fora…

Atrás das cômodas e dos armários, das portas quebradas e das pesadas cortinas. Do lado de fora, os galhos da grande árvore batiam contra o vidro das grandes janelas, sem suas folhas, pois era dezembro.

E apenas a lua brilhava acima dos galhos.

Frio e querendo entrar.

Querendo-a.

Onde o vento não pode descansar.

Meus olhos abertos.

Olhando para ela.

Luzes invernais para os mortos.

Eu queria livrá-la das cômodas e armários, das portas quebradas e cortinas pesadas.

Libertá-la das correntes.

Das prisões.

Da morte certeira que ecoava ali.

Da terrível, horrível voz que se regozijava, que se gabava:

NÃO SOU UM ANJO.

NÃO SOU UM MALDITO ANJO!

Olhando nos meus olhos.

Chorando.

Subindo e descendo.

Entre as sombras;

– Sinto muito – eu disse.

– Onde você estava? – ela murmurou.

– Quem era? – perguntei, soluçando.

Os olhos dela abertos, me olhando.

– Por favor, diga a eles onde estou.

– O quê? – eu gritei.

Queria trazê-la de volta do mundo subterrâneo, da corte dos mortos.

Daquele local de dezembro frio e sombrio.

– Quem?

Ela me empurrava.

Empurrava-me, murmurando:

– Você não estava aqui.

– Sinto muito – me desculpei.
Levantei-me naquela luz.
Mas naquela luz.
A morta luz da lua.
Novamente, havia feridas nos dorsos das minhas mãos.
Feridas que não cicatrizariam.
Nunca.

Entre as sombras dela.
Corações perdidos.
Fodendo.
Cheiro de mijo de gato e petúnia, desesperado.
Fodendo e fodendo.
Desesperado.
Fodendo e beijando.
Sua cabeça sobre o meu peito úmido, acariciei seus cabelos, seus lindos e úmidos cabelos.
Os galhos da árvore batiam contra o vidro.
Soluçando, chorando.
Molhados, querendo entrar.
– Te amo – eu disse.
Os galhos batiam.
Soluçando, ela murmurou:
– Não posso viver assim.
Soluçando e chorando.
Querendo sair.
– Nós vamos sair daqui – eu disse.
Seu rosto à luz de velas.
– Para onde?
– Para longe.
Seu rosto pálido.
– Quando?
– Amanhã à noite.
Seu rosto pálido e já…
Morto.

Soluçando, chorando.
Corações…
Pedindo para sair.

Os janelas olhavam para dentro, as paredes escutavam o seu coração.
Onde mil vozes choravam.
Dentro.
No interior do seu destroçado coração.
Havia uma casa…
Uma casa sem portas.
A terra queimada.
Selvagem.

De repente, voltei a acordar no escuro, entre as sombras dela.
"Eu te verei na árvore…"
Batendo contra a janela.
Ela deitada de lado, com seu sutiã preto e sua anágua, de costas para mim.
Os galhos batendo contra a janela.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha.
Os galhos batendo contra a janela.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha, palavras e sons horríveis na minha cabeça.
Ouvindo os galhos batendo contra a janela.
Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com meus óculos na mesinha, palavras e sons horríveis na minha cabeça, ouvindo os galhos batendo contra a janela.
"Nos seus galhos."
Olhei para o meu relógio.
Quase uma da manhã..
Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974.

Procurei os meus óculos e saí da cama sem acordá-la e fui até a cozinha, acendi

a luz e coloquei água para ferver, liguei o gás e peguei um bule no armário, duas xícaras e pires, e lavei as xícaras e depois as enxuguei, tirei o leite da geladeira e servi nas xícaras, e coloquei dois saquinhos de chá no bule e depois a água fervendo, enquanto o chá apurava, olhei para fora através da pequena janela, vendo a cozinha refletida no vidro, um homem casado e nu, exceto por uma cueca branca, além dos óculos de lentes grossas e pesada armação preta, um homem casado e praticamente nu no apartamento de outra mulher às duas da manhã.

Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974.

"Sob a frondosa castanheira."

Coloquei o bule, as xícaras e os pires numa bandeja e levei para a grande sala, deixando a bandeja sobre a mesa de centro e servindo o chá quando…

Ouvi botas nas escadas, a campainha tocando, batidas pesadas na porta…

Ela estava de pé no *hall*.

– Amanhã à noite? – perguntei.

– Amanhã à noite – ela respondeu, fazendo que sim.

A campainha tocou, batidas pesadas na porta.

Abri a porta.

Dick estava de pé ali, ofegante.

– Eles pegaram alguém.

– O quê?

– Por causa de Clare.

– Quem?

– Alguém que conhecemos.

– Quem?

– Michael Myshkin.

– O quê?

– Ele está confessando.

– O quê?

– Venha logo. Vista-se.

Virei de costas.

Ela não estava lá.

Apenas os galhos batendo contra a janela, dizendo uma e outra vez:

"Onde eu te vendi e você me vendeu."

Horas sombrias.

Horas muito, muito sombrias.

Antes de o galo cantar.

Três da manhã.

Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974.

Yorkshire.

Wakefield.

Delegacia de polícia de Wood Street.

Andamos pelo longo corredor.

Homens uniformizados dos dois lados, bebendo e gargalhando, cantando malditas canções de Natal.

Jingle Bells.

Jimmy Ashworth sentado à mesa na sala 1.

Jingle Bells.

Duas adolescentes sentadas à mesa na sala 2.

Jingle.

Sala 3, vazia.

Malditos.…

Na sala 4…

Sinos.

Três grandes reis em camisa de mangas compridas:

Ronald Angus, George Oldman e Pete Noble.

Três grandes reis em camisa de mangas compridas, olhando para *ele*:

Michael John Myshkin, de 22 anos, vestindo camisa e calça cinza entregues pela polícia.

Michael John Myshkin, do Jenkins Photo Studio, Castleford.

Michael John Myshkin, o homem que está dizendo ter matado Clare Kemplay.

– … ela não me deixava beijá-la, mas eu a beijei assim mesmo, e ela não calou a boca. Disse que contaria à sua mãe, ao seu pai e à polícia. Então eu a estrangulei. Depois eu a cortei e coloquei a rosa dentro e as asas nas costas dela…

Ele estava muito acima do peso, com sua cabeça enorme cambaleando, balançando.

Algemado, pingando sangue do nariz até a mesa.

Ele chorava. Ele mijara nas calças.

Eu e Dick entramos.

Angus, Oldman e Noble olharam para trás.

– Maurice – disse George. – Este é Michael John Myshkin.
Olhei para Myshkin.
Sua cabeça baixa, tremendo.
– Michael está nos dizendo como ele tem sido um mau rapaz. Certo, Michael?
Myshkin não respondeu.
Noble bateu as duas mãos com força contra a mesa.
– Responda!
Myshkin concordou.
Uma lua gorda e estúpida numa noite cruel e escura.
– Conte a esses senhores o que você nos disse, Michael – pediu Ronald Angus.
Michael Myshkin olhou para mim.
Tremendo e piscando, morto de medo e tomado pelas lágrimas.
– Estamos escutando, Michael – eu disse.
Michael John Myshkin mexeu no cabelo, piscou, fez que sim e murmurou:
– Eu estava dirigindo a van em Morley e a vi, gostei dela e parei e consegui metê-la dentro da van, mas ela não deixava que eu a beijasse, porém eu beijei mesmo assim, e ela não calou a boca. Disse que contaria à sua mãe, ao seu pai e à polícia, então eu a estrangulei. Depois a cortei e coloquei a rosa dentro dela, e as asas nas suas costas. Exatamente como fiz com as outras.
– Que outras? – perguntei.
– As outras duas.
– Você também matou elas duas, Michael? – perguntou Noble.
Ele fez que sim.
– Susan Ridyard? – perguntou Noble.
Ele fez que sim.
– Jeanette Garland? – perguntou Noble.
Michael Myshkin olhou de Noble para mim por um segundo.
Um segundo no qual você pôde vê-lo.
Viu-o e viu-a.
Viu Jeanette.
Um segundo no qual ele perdeu sua vida.
Um segundo antes de ele fazer que sim.
– O que você fez com elas? – perguntou Noble, gritando.
– Matei.
– Michael, onde você as matou? – perguntei.
– Em cima da grama, entre as rachaduras e as pedras.
– Onde?

– Naqueles lindos carpetes.

– Onde fica isso?

– No meu reino – ele respondeu. – No meu reino subterrâneo.

Noble deu um passo à frente, batendo com força no topo da cabeça de Michael. Depois gritou:

– Pense em algo melhor para dizer, seu gordo de merda!

– Vamos embora – disse Oldman. – Melhor que ele pense um pouco. E eu preciso tomar alguma coisa.

– Um maldito uísque – disse Angus, rindo. – Uma dose bem grande.

Dick os seguiu pelo corredor.

Esperei até que todos estivessem do lado de fora, debrucei-me sobre a mesa, ergui a cabeça do garoto, olhei bem nos olhos dele e perguntei:

– Você não fez isso, certo, Michael?

Michael Myshkin ficou me olhando, sem piscar.

E fez que não com a sua cabeça enorme.

– Mas você sabe quem fez, certo, Michael?

Ele olhou para a mesa. Mexeu no cabelo.

– Quem foi, Michael?

Ele ergueu os olhos.

Havia sangue no seu rosto, lágrimas nas suas bochechas..

A lua gorda e estúpida naquela noite cruel e escura.

Ele ergueu os olhos, piscou, sorriu e disse:

– O Lobo.

Eles me esperavam do lado de fora da sala 4.

Andamos pelo longo corredor.

As duas meninas continuavam na sala 2.

Elas vestiam saia longa, suéter justo e sapatos altos. Tinham treze ou catorze anos.

– Quem são elas? – perguntou Oldman.

– Essas duas foram as primeiras a nos falar sobre Michael.

Da porta da sala 2, olhei para elas.

Tinham marcas de beijo no pescoço.

– Uma delas costuma sair com o menino que encontrou o corpo – disse Oldman.

– Jimmy Ashworth?

Ele fez que sim e disse:

– Ele e Myshkin moram na mesma rua, em Fitzwilliam. Michael levava Jimmy para cima e para baixo, em Morley, para se encontrar com ela. Elas disseram que Michael está tomando pílulas para suas bolas crescerem e seus peitos diminuírem. Segundo elas, ele vivia se masturbando no cemitério. Aquele ao lado da Morley Grange.

– Quem o prendeu?

– Ontem à noite, as meninas foram à delegacia de Morley com suas mães. Morley telefonou para nós. Enviei John Rudkin a Fitzwilliam. Ele foi até lá. Myshkin tinha fugido. A Ford Transit branca estava desaparecida. Bob Craven e Bob Douglas o viram na Doncaster Road. Foram atrás dele e o agarraram pelo colarinho.

– Isso é tudo? Ele bateu uma punheta no cemitério e saiu correndo?

George fez que não.

– O que mais vocês sabem?

George me entregou um envelope.

Eu abri.

Uma fotografia escolar.

Fundo azul, cor do céu.

Olhos e sorriso brilhantes bem na minha frente.

Um par de olhos mongoloides.

Um sorrisinho.

Jeanette Garland.

– Estava na carteira dele – disse Oldman. – Na porra da carteira dele.

Ronald Angus ficou entre mim e George Oldman. Ele já estava cheirando a uísque. Pousou os braços nos nossos ombros.

Eu tentei me afastar.

Angus agarrou o meu ombro e disse:

– Foi ele, Maurice.

Eu o encarei.

– Você sabe, no fundo, você sabe – ele disse.

Dei-lhes as costas e desci o corredor.

– No fundo… – gritou Angus.

Passei pela sala 1.

Jimmy Ashworth continuava sentado à grande mesa, com seus cabelos longos e escorridos por todos os lados. Ele chorava.

Eu também.

No fundo, eu…

No andar de cima, escolhiam um advogado para Myshkin. Ligaram para Clive McGuinness e pediram mil favores. Falavam em Chivas Regal e coletivas de imprensa, novas canecas e troféus, como se fôssemos um bando de macacos que tínhamos acabado de achar nossa bunda sem um maldito mapa, mas eu preferia que ninguém mais aparecesse, não queria saber da maldita Polícia Metropolitana de West Yorkshire. Fiquei pensando onde estaria o *Texugo*.

– Maurice…

Ronald Angus me encarava.

O meu chefe de polícia.

– Sim?

– Perguntei se você se importa que George conduza a coletiva de imprensa.

Eu me levantei.

– Não, claro que não.

– E para onde vai agora? – perguntou George.

– Se o senhor não se importa, acho que alguém deveria ir à casa do pervertido e conseguir alguma maldita prova. Isso se o senhor não se importa.

Saí de Wakefield, subindo a Doncaster Road, passando pelo Redbeck.

Luzes azuis girando, sirenes gritando como homens enterrados vivos.

Gritando até chegar a Fitzwilliam.

Dick gritava:

– Você se lembra dele, certo?

Eu fiz que sim.

– Sabe quem o prendeu?

Fiz que sim.

– Sabe quem vai ser o advogado?

Fiz que sim.

– E acha que ele fez isso?

Pisando fundo.

– Eu espero, de verdade, que tenha sido ele.

Pisando fundo, fazendo que sim.

Um, dois, três, quatro.
Cinco horas.
Número 54 da Newstead View, Fitzwilliam.
Três carros de polícia e uma van estacionados.
Portas abertas.
Sua mãe e seu pai na porta de entrada, com roupa de dormir.
Dick os levava para um dos lado de seu pequeno gramado da frente.
– Temos o direito de… – eles gritavam.
O velho Myshkin tossia sangue e gritava, ela também gritava.
Dei um tapa no rosto dela. Coloquei os dois para dentro de casa.
– Subam – pedi a Dick e Jim Prentice.
O velho Myshkin, com a mão cheia de sangue, tentava consolar a esposa.
Fiz com que os dois se sentassem no seu velho sofá e disse:
– Sentem-se aí e calem a boca!
– Cadê o Michael? – ela gritava. – O que vocês fizeram com Michael?
– Chefe – disse Dick.
Dick e Jim estavam parados à porta:
Jim segurava um enorme desenho de um rato.
Um rato com coroa e asas.
Malditas asas de cisne.
Dick carregava uma caixa cheia de fotos.
Fotos de dez ou doze meninas.
As janelas olhavam para dentro, as paredes escutavam o seu coração.
Fotografias escolares.
Onde centenas de vozes gritavam.
Olhos e sorrisos brilhantes na minha frente.
No fundo.
Dez pares de olhos azuis.
No fundo do seu coração estraçalhado.
Dez sorrisos.
Há uma casa.
Aquele mesmo fundo azul, cor de céu.
Uma casa sem porta.
Um par de olhos de mongoloide.

A terra queimada.

Um sorriso torto.

Selvagem, um eterno inverno.

Saí de Fitzwilliam a 160 quilômetros por hora, entrando em Castleford, com o enterrado vivo girando e uivando.

Girando e uivando durante todo o caminho para Castleford.

Dick gritava:

– Você contou a Oldman para onde estamos indo?

Eu fiz que não.

– Ligou para Bill, certo?

Fiz que não.

– Não acha que devemos ligar?

Fiz que não.

– Espero que saiba o que está fazendo.

Pisando fundo, tremendo.

Selvagem, um eterno inverno.

O carro diminuiu a velocidade. Chocou-se contra o duro terreno. Parou.

Entreguei a Dick e Jim suas máscaras:

– Coloquem ao entrar.

Coloquei a minha máscara no bolso do casaco.

A cada um deles entreguei um martelo.

Coloquei minhas luvas. Peguei outro martelo, que guardei no meu outro bolso.

Saímos do carro.

Estávamos num beco, nos fundos de uma fileira de lojas, no centro de Castleford.

– Jim, vá para a frente e fique de olho – pedi.

Ele fez que sim.

Coloquei minha máscara e olhei para Dick:

– Está pronto?

Ele fez que sim.

Eles me seguiram em direção ao fundo das lojas. Parei no portão de ferro junto ao muro com cacos de vidro no topo. Olhei para Dick.

Dick fez que sim.

Ele me ajudou a passar uma das pernas por cima do muro, por sobre os cacos de vidro.

Desci do outro lado, nos fundos do Jenkins Photo Studio.

Havia uma luz acesa no andar de cima, um martelo no meu bolso.

Uma fotografia.

Abri o portão para Dick.

Peguei uma das lixeiras de metal. Deixei cair no chão, fazendo barulho.

Ficamos paralisados junto ao muro, na sombra, ao lado da porta dos fundos.

Nas sombras, na porta dos fundos, esperando.

A porta permaneceu fechada, a luz acesa no andar de cima.

Acenei.

Dick pegou a lata de lixo de metal, a ergueu e atirou contra a janela dos fundos.

Vidro e madeira por todos os lados.

Ele pulou em direção ao parapeito. Entrou pelo que restava da janela. Passou ao lado de dentro para tentar abrir a porta.

Não havia retorno.

Atravessando o corredor em direção à frente da loja, Dick foi para uma escadaria.

Entrei pela janela repleta de fotos escolares. Bati na porta, que abri para Jim.

Ele entrou.

Apontei para o teto.

Ele colocou sua máscara, depois me seguiu pela escada do fundo.

Subimos os degraus estreitos, passando por um quarto escuro à direita e por uma sala de estar, talvez quarto, à esquerda.

Dick estava no quarto, de pé, sozinho, sobre um tapete de fotografias.

Fotografias de meninas.

Fotografias escolares.

Centenas de olhos e centenas de sorrisos, todos diante do mesmo fundo azul cor de céu.

O mesmo fundo azul cor de céu oferecido pelo senhor Edward Jenkins, fotógrafo.

Peguei a fotografia que tinha guardado no bolso.

A fotografia de uma menina.

Uma fotografia escolar.

Olhos e um sorriso brilhantes bem na minha frente.

Olhos de mongoloide e um sorriso torto, com o mesmo fundo azul cor de céu.

Jeanette Garland.

Tirei minha máscara. Coloquei os meus óculos.

As lentes grossas e a armação preta.

O Coruja:

Eu sou o Coruja, vejo tudo por trás destas lentes grossas e desta armação preta. E eu via tudo naquele quarto, com seu tapete de olhos inocentes e sorrisos cheios de confiança, expostos sob uma única e suja luz.

Sem piscar.

Uma única e suja luz ainda acesa.

Coloquei a fotografia de Jeanette de volta no bolso.

– Ele foi embora, então – disse Jim.

Fiz que sim.

Dick me entregou uma agenda *Letts* preta de 1974 e disse:

– Na pressa, ele se esqueceu disso.

Abri na última página. Dei uma olhada nos nomes e endereços.

Iniciais e números de telefone listados alfabeticamente.

Virei as páginas. Li os nomes. Vi os rostos.

Procurava um único nome, um número, um rosto.

Encontrei John Dawson. Encontrei Don Foster.

Encontrei a mim mesmo.

Encontrei Michael Myshkin, John Murphy, o *Texugo* e então…

Aquele nome, aquele número, aquele rosto.

GM: 3657.

Fechei o livro.

Todos eles vão morrer neste inferno.

Fechei os olhos.

Todos vamos morrer.

– E agora? – perguntou Jim.

Abri os olhos.

Os dois me olhavam.

– Queimem este lugar – disse a eles.

Eles fizeram que sim.

Desci as escadas. Saí para o beco dos fundos.

Era dia.

Tirei os óculos. Limpei as lentes. Voltei a colocá-los. Olhei para o céu.

A lua desaparecera.

Nada de sol.
Jeanette Garland desaparecida há cinco anos e seis meses.
Susan Ridyard desaparecida há dois anos e dez meses.
Clare Kemplay morta há cinco dias.
Morta.
As janelas olhavam para dentro, as paredes escutavam o seu coração.
Onde mil vozes choravam.
No fundo…
No fundo do seu coração destruído.
Há uma casa.
Uma casa sem portas.
A terra queimada.
Selvagem, um eterno inverno.
A sala de assassinato.
É nela que eu vivo.
O céu cinza ficando preto.
Sangue fresco nas minhas mãos.
Não havia retorno.

Saí de Castleford.
Segui para Netherton.
Estacionei no final da Maple Well Drive.
O céu da manhã estava escuro.
Todas as casas com as luzes acesas.
Até mesmo o número 16.
Merda.
Nunca saia, nunca saia, nunca saia;
Saí do carro.
Caminhei pela rua.
A luz da sala acesa.
A Ford Transit branca estacionada do lado de fora.
Subi em direção à porta.
Toquei a campainha.
Uma mulher de cabelos grisalhos abriu a porta, vestindo luvas rosa de lavar louça, pingando.

– Sim?

Ela engordara desde a última vez que nos vimos.

– Senhora Marsh? – perguntei.

– Sim.

– Polícia, querida. George, o seu marido, está?

Ela me encarou, fez um esforço para tentar me reconhecer, depois fez que não, dizendo:

– Não.

– E onde está?

– Na casa da irmã dele, certo?

– Não sei – respondi. – Por isso estou perguntando.

– Ele está lá.

– E onde ela mora?

– No caminho para Rochdale.

– Quando você o viu pela última vez?

– O que você quer dizer?

– Quando viu o seu marido pela última vez?

– No dia em que ele foi embora.

– E quando foi isso?

– Na quinta-feira passada.

– Ouvi dizer que ele esteve doente.

– É verdade, e pediu afastamento.

– Isso é verdade?

– Sim, claro. Eu acabei de dizer.

Fiquei com vontade de bater a porta com força na cara dela. Queria bater nela, socar, chutar, espancá-la.

– Está tudo bem? – perguntou um homem na porta da cozinha.

Um homem alto vestido de preto, com um chapéu nas mãos.

Um padre.

Eu sorri e disse:

– Obrigado por me atender, senhora Marsh.

Ela fez que sim.

Dei-lhe as costas, fui embora, afastando-me da casa.

Próximo ao portão, olhei para trás.

A senhora Marsh fechara a porta, mas lá estava aquela sombra novamente.

Atrás das cortinas da sala.

Duas sombras.

Voltei caminhando pela Maple Well Drive.
Voltei ao carro.
Entrei e esperei.
Esperei e observei.
Esperei.
Observei.

44

Você dormiu no carro. Acordou no carro. Dormiu no carro. Acordou no carro.

Olhou pelo retrovisor, depois pelos espelhos laterais.

O banco do carona vazio.

As portas trancadas. As janelas fechadas. O carro fedia. Você ligou o carro, os limpadores de para-brisa e o rádio:

"As últimas pesquisas de opinião mostram que os conservadores se mantêm 15% à frente dos trabalhistas. A senhora Thatcher acusa líderes do Partido Social-Democrata de falta de coragem. Daqui a dois anos, a Grã-Bretanha enfrentará uma crise econômica ao estilo da de 1929, não importando o partido que vença, de acordo com Ken Livingstone. Michael Foot falou num comício no Hide Park para quinze mil pessoas após o término da Marcha do Povo por Trabalho…"

Você desligou tudo.

Você ouvia os sinos das igrejas, os carros, a chuva.

Era domingo, 5 de junho de 1983.

D-4.

E você estava estacionado na porta do edifício de apartamentos City Heights, em Leeds.

Já no meio do caminho em direção à porta de entrada do edifício, você voltou para checar se o carro estava trancado. Depois atravessou o estacionamento, subiu as escadas até o quarto andar, lendo o que estava escrito nas paredes:

Negros e asiáticos: fora. Leeds. Frente Nacional. Leeds. Morte aos paquistaneses. Leeds.

Você pensou na sua mãe. Não parou. Virou uma esquina e viu algo morto num saco plástico. *O seu pai.* Você não parou. Virou a esquina seguinte e havia merda humana. *Fitzwilliam*. Você não parou. Caminhava calçando o sapato de outro homem, pensando em crianças perdidas.

Hazel.

No quarto andar, você seguiu pelo corredor aberto, com o vento açoitando o seu rosto até lágrimas surgirem nos seus olhos. Depois passou rapidamente entre

janelas quebradas e portas com pingos de tinta.

Portas que balançavam ao vento, sob a chuva.

Novas lágrimas nos seus velhos olhos, as luzes se acendendo pela cidade de Leeds.

Mas não ali.

Não ali, na frente daquela porta onde se lia *Pervertido*.

Você bateu à porta do apartamento 405, em City Heights, Leeds.

Esperou.

Ouviu um vidro sendo quebrado e o choro de uma criança logo abaixo, os freios de um ônibus vazio e uma voz histérica num rádio em outro apartamento.

Os sinos da igreja tinham se calado.

Você tocou a campainha.

Não funcionava.

Curvou-se. Levantou a tampa de metal de outra caixa de correio. Sentiu um cheiro de podridão. Ouviu um barulho de televisão.

– Com licença! – você gritou pela abertura da porta.

A televisão ficou muda.

– Com licença!

Pela caixa de correio, viu um par de meias brancas e sujas se aproximando.

Bateu novamente à porta e gritou:

– Sei que você está aí.

– O que você quer?

Você se levantou e disse:

– Só quero bater um papo rápido.

– Sobre o quê?

– Sobre a sua irmã e a filha dela.

A tranca foi aberta, a porta em que estava escrito *Pervertido* foi aberta.

– O que têm elas? – perguntou Johnny Kelly.

O homem que tinha tudo.

– O que têm elas? – ele repetiu.

O homem que tinha tudo.

Ele vestia uma calça jeans apertada e suéter, sem camisa por baixo, seus cabelos longos estavam sujos, seu rosto era gordo e com barba por fazer.

– Elas estão mortas – ele disse.

– Eu sei, e é por isso que estou aqui.

– Vá se foder – ele respondeu.

– Não.

Johnny Kelly deu um passo à frente, batendo no seu peito:

– Quem você pensa que é, porra?

– Meu nome é John Piggott – você respondeu. – Sou advogado.

– Se é dinheiro o que você quer, aviso que não tenho – ele disse.

– Não – você respondeu. – Não estou atrás de dinheiro.

– O que está procurando, então?

– A verdade.

Ele engoliu em seco. Fechou os olhos, depois voltou a abri-los. Olhou para o céu cinza e negro. Ouviu vidros sendo quebrados e uma criança gritando, freios e vozes. Viu os mortos e a merda.

– Que verdade? – ele perguntou.

– A verdade sobre Paula e Jeanette. Sobre Susan Ridyard e Clare Kemplay. Sobre Michael Myshkin e Jimmy Ashworth. Sobre…

Os mortos e a merda.

As velhas e as novas lágrimas.

As janelas e as portas onde estava marcado *Pervertido.*

– Sobre Hazel Atkins – você disse.

– E por que acha que eu saberia alguma coisa?

– Um pressentimento – você respondeu, dando de ombros.

– Você é um psicopata, certo? – ele perguntou, fechando a porta.

Com o pé, você evitou que ele fechasse a porta.

– Vá se foder! – ele gritou. – Eu não sei de nada.

Você empurrava a porta:

– Não? Mas conhece todos esses nomes, certo?

E Johnny Kelly…

O homem que tinha tudo.

Johnny Kelly olhou para as meias sujas que usava, fazendo que sim. Depois murmurou algo que você não entendeu.

– O quê? – você perguntou.

– Eles estão mortos – ele repetiu, levantando os olhos.

Lágrimas velhas e novas.

Lágrimas nos seus dois olhos.

– Todos eles. Mortos.

– Nem todos.

Ele voltou a olhar para as meias sujas.

– Vai me deixar entrar? – você perguntou.

Johnny Kelly se virou, deixou a porta aberta e começou a caminhar pelo

apartamento.

Você o seguiu por um corredor estreito em direção à sala.

Kelly sentou-se numa poltrona de vinil velha, entre jornais que falavam sobre corridas de cavalos e um prato de feijão intocado aos seus pés.

Uma garrafa de molho HP vazia ao lado.

Ele cobriu o rosto com as mãos.

Você se sentou no sofá, a televisão em cores passava *The World at War*.

Acima dela, o aquecedor a gás desligado coberto com um plástico. Acima do aparelho de gás, uma menina polinésia sorria em vários tons de laranja e marrom, com um rasgo na altura dos cabelos, um outro num canto. As paredes estavam úmidas.

Você se sentou no sofá, pensando nos rostos úmidos de lágrimas.

Pensou nos rostos cheios de lágrimas.

Pensou nas desaparecidas…

Em Hazel.

Na porta ao lado, um cão latia e latia e latia.

Johnny Kelly ergueu os olhos:

– Isso não acaba nunca.

Você fez que sim.

– O que você quer saber?

– Tudo – você murmurou.

Você deixou Leeds para trás, voltando para Wakefield. Não ligou o rádio. Enquanto dirigia, repetia:

Todo mundo sabe, todo mundo sabe, todo mundo sabe.

Todo mundo sabe e…

Eram quase quatro da tarde, o sol não brilhava, a implacável e eterna chuva pesada de um escuro e maldito domingo lavava o para-brisa do carro.

Você olhou pelo retrovisor. Depois pelos espelhos laterais.

Estacionou numa rua calma e lúgubre, ao lado de muros altos e úmidos:

Trinity View, Wood Lane, Sandal.

A parte rica de Wakefield. Os donos das garagens e os construtores, homens que construíram sua própria fortuna, com suas vidas livres de impostos, homens

que nunca pagavam suas contas e sempre sonegavam.

Homens satisfeitos e blindados, livres da guerra que estava por vir.

Uma guerra contra John Piggott.

Você caminhou até a porta de Trinity View. Atravessou o gramado com seus ornamentos de plástico destruídos, seu lago sujo, com água parada.

Não havia carros na garagem. Nenhuma luz acesa lá dentro.

Apenas o brilho odioso de uma história terrível.

O brilho odioso de uma história terrível, terrível, dependurada nas árvores, nos galhos.

Suas infinitas sombras.

Você tocou a campainha. Ouviu o eco vazio e lúgubre no interior da casa.

– Sim? Quem é? – perguntou uma mulher, do outro lado da porta.

– O meu nome é John Piggott.

– O que você quer?

– Conversar.

– Sobre o quê?

– Sobre Johnny Kelly.

– Vá embora.

– Sobre o seu falecido marido.

– Vá embora.

Você colou o rosto à porta e disse:

– Sobre Jeanette.

Silêncio.

Dependurado nas árvores.

– Sobre Clare.

Silêncio.

Nos galhos.

– Senhora Foster, não irei embora até que abra a porta e eu veja o seu rosto – você disse.

Seguiu-se um momento de hesitação. Depois uma tranca foi aberta. A porta se abriu.

A senhora Patricia Forster tinha cinquenta e poucos anos e os seus cabelos grisalhos precisavam de uma permanente. Ela estava completamente vestida de preto, com um isqueiro e um cigarro apagado nas mãos.

A ponta do cigarro já estava com marca de batom. Suas mãos tremiam.

Ela se virou para dentro de casa, sentou-se nos primeiros degraus da grande escadaria acarpetada. Balançou a cabeça e disse:

– As coisas que fizemos.
– O quê?
Ela ergueu os olhos, acendeu o cigarro e disse:
– Eu sabia que o senhor viria.
– Eu?
– Alguém.
– Estive com Johnny Kelly – você disse.
Ela sorriu para o carpete.
– Os homens devem fazer o que está escrito para eles fazerem, certo?
Você ficou segurando uma foto de jornal de Hazel Atkins.
Ela ergueu os olhos, olhos escuros e nariz aquilino, perfil de águia.
Uma ave de rapina.
Ela afastou os olhos.
– O que o senhor quer saber?
– Nada – você respondeu.
– Nada? – ela perguntou, encarando-o.
Você fez que não e se virou.
– Espera! – ela gritou.
Você continuou caminhando.
– Aonde pensa que vai?
Você continuou caminhando.
– Você não pode ir embora!
Você continuou caminhando entre aqueles brilhos odiosos, aquela classe maltrapilha que ela…
Na porta, ela gritava:
– Não!
Você atravessou o jardim com os ornamentos de plástico destruídos, o lago com água parada, suja.
O jardim onde o marido dela fora morto no dia 23 de dezembro de 1974.
Sob aquelas mesmas árvores.
Você continuou descendo, afastando-se de Trinity View.
A senhora Patricia Foster gritava e gritava e gritava.
Seus gritos e suas lembranças.
Dependuradas nas árvores, nos galhos.
Suas lembranças.
Você, caminhando como se fosse outro homem.
Um homem morto.

45

Cuspindo sangue, com a respiração entrecortada…

Lá estava o carro dele novamente.

Merda.

Muito perto, e BJ fugiu mais uma vez.

Porta, vento e chuva.

A voz dele:

– *BJ!*

Pulando a cerca do terreno baldio, tropeçando e caindo no chão, do outro lado, sangrando e gritando e rezando, enquanto BJ cambaleava no terreno e no *playground*, no *playground* e atravessando a cerca, entrando nos terrenos privados, derramando sangue nos canteiros e no muro, chegando a uma pequena rua cheia de casas, descendo até a próxima rua cheia de casas, virando à esqueda, depois à direita, chegando a uma área de arbustos.

Os arbustos.

Passado um minuto, BJ voltou à calçada até chegar a uma rua larga e movimentada, caminhando em direção a uma rotatória, pois dali pretendia fugir de tudo aquilo.

Fugir dos alemães nazistas.

BJ caminhava, luzes amarelas vinham na sua direção como estrelas, luzes vermelhas se afastavam dele como feridas, praticava alemão e pensava em como chegar ao outro lado, onde tudo o que havia eram fábricas, chamas e fumaça subindo ao céu, corvos picando ossadas de bebês e suas mães gritando:

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Pensando que pelo menos haveria um local para se esconder.

Um local para se esconder.

Então o carro parou.

O carro dele.

O carro dele parou, ele abriu a janela.

Ele disse:

– Você está procurando a própria morte, Barry.

– Por favor – disse BJ. – Me ajuda.

Ele levantou a aba do seu chapéu preto. Olhou para o céu também preto daquela tarde, para a chuva preta, e perguntou:

– Você se arrepende?

BJ fez que sim.

– Se arrepende de tudo o que fez?

BJ olhou para a esquerda e para a direita, esquerda e direita, depois respondeu:

– Sim, eu estou arrependido.

Ele destrancou a porta. BJ entrou, curvando o corpo no assento traseiro.

O carro estava sujo e úmido, havia uma maleta preta ao lado de BJ.

Ele ligou o carro.

– Fique com a cabeça baixa.

BJ fez o que foi pedido.

Na estrada, BJ levantou os olhos do assento de couro e perguntou:

– Para onde vamos?

– Para a igreja – ele respondeu.

Era 1980.

Ele me encontrou escondido.

Na Igreja do Cristo Abandonado, no apartamento número 6, no segundo andar do edifício número 6 da Portland Square, na maldita, ensanguentada, fantasmagórica e velha cidade de Leodis. BJ novamente perdido, com o corpo sonolento e bêbado sobre uma cama de casal, perdido em outro quarto, com seus cabelos novamente raspados e oito olhos brilhando. BJ seria mais uma vez um Filho do Norte. Anjo Negro deitado ao lado de BJ, com suas roupas surradas e suas asas queimadas. Ele é Hierofante, Padre do Medo, e ele chorava, murmurando velhas e mortas cantigas:

Sabia que eu não era feliz.

“Graças à igreja, conheci Michael e Carol Williams em sua casa, em Ossett, em dezembro de 1974, onde eu fora convidado para fazer uma leitura dos textos do sacerdote Edward Irving. Comungamos com pão recém-cortado e Ribena não diluído. Durante as rezas, no dia seguinte, Michael falou em *glossolalia* pela primeira vez. Nós três choramos, pois aquele era um presente do Espírito Santo. Era bonito e assustador.

Raspou a minha cabeça.

“Porém, de repente, desceu um som do céu, como se fosse um forte vento. Aquilo tomou conta da casa deles em Towngate, onde estávamos. E à nossa frente surgiram línguas de fogo, que se assentaram sobre Michael. Ele foi tomado pelo Espírito Santo e começou a falar em outras línguas, um discurso do Espírito.

Muito, muito confuso.

“Em janeiro de 1975, Michael, sem avisar, me visitou. Ele disse ter visto o Diabo, que lhe dissera que se matasse em seu próprio carro. Ele me beijou na boca. Não foi um beijo cristão, e nos afastamos, repugnados.

Sentado num canto, tremendo de susto.

“No dia seguinte, Michael se aproximou de alguns vizinhos na rua. Disse a eles que o mundo estava chegando ao fim. Depois foi à igreja e me disse que fora seduzido pelo Diabo. Eu fiz uma prece de absolvição, tentando reaver o Espírito Santo. Ele estava ansioso e cansado e foi para casa antes de a noite cair. Ele estava com medo do escuro.

Sentindo-se sufocado.

“Na sexta-feira, 24 de janeiro, Michael pediu a Carol que se livrasse de todas as cruzes e livros religiosos na casa, e ela lhe obedeceu. Na hora de ir para a cama, ele deixou o rádio ligado. Ele estava com medo do silêncio da noite.

Tirando minhas roupas e deitando-me na cama.

“No sábado, resolvi dar um descanso a Michael e Carol dos seus problemas. Eles poderiam aproveitar, acreditava, e dar um passeio de carro pelo ar fresco do Yorkshire Dales. Enquanto dirigia, deixando Wharfedale para trás, Carol parecia aliviada até o momento em que Michael, de repente, soltou um grito profundo. Era como se todas as suas rezas se unissem num único e agudo grito, repleto de blasfêmias e maldições.

“– Ele precisa desesperadamente de ajuda – disse Carol.

Os movimentos na cama dele.

“Virei o carro retornando à igreja. Por volta das 19h30, Michael agia de forma irracional, violenta e barulhenta. Ele pegou o meu gato e atirou-o pela janela. Um pouco de comida foi posta diante dele para aplacar e ocupar sua mente, mas ele jogou tudo no chão. Eu achava que uma enorme força maligna tomara conta de Michael, aquilo era indiscutivelmente um caso de possessão demoníaca. Pelas palavras de Carol, ela deixou claro seu convencimento de que o ex-marido, Jack, estava ligado a algum grupo satânico que entregara Michael ao Diabo. A violência na voz e nos atos de Michael, sua ameaça de que mataria alguém e o fato de ter invocado o poder da Lua me fizeram crer que o exorcismo deveria ser

posto imediatamente em prática.

Tão arrependido, triste e tão, tão confuso.

"Levei-o à sacristia na lateral da igreja, e lá o deitei de costas sobre uma pilha de batinas vermelhas, douradas e verdes. Fiquei de pé, fazendo perguntas, procurando respostas, dando sugestões, rezando e enumerando os demônios, um a um. Chamava cada demônio por sua própria maldade: bestialidade, luxúria, blasfêmia, heresia, masoquismo e assim por diante. Um crucifixo de madeira entregue por sua esposa foi posto repetidas vezes sobre a sua boca durante as rezas. Ele se contorcia no chão. Carol e eu tivemos de agarrá-lo à força. Ele se debatia, arfava, procurando por fôlego, e sempre que fazia isso um novo demônio era expulso do seu corpo. No entanto, por volta do meio-dia de domingo, estávamos todos exaustos. Ele se livrara de quarenta demônios, mas dois insistiam em manter-se no interior do seu corpo: violência e assassinato.

Entre a vida e a morte.

"Sentia como se em algum lugar existisse um boneco de Michael, um desses bonecos de bruxarias que as pessoas furam com alfinetes. Caso o boneco não fosse encontrado e enterrado, nunca conseguiria retirar o espírito do assassinato, pois ouvi de Deus que, se Michael fosse para casa aquela tarde, ele mataria sua esposa. Tentei entrar em contato com um médico qualquer, mas era era domingo e não encontrei nenhum. Liguei para a polícia, mas Carol disse que Michael seria crucificado caso a polícia fosse contatada por conta daquilo. Então, às 20h30, levei Michael e Carol para casa. Às nove, saí em busca do tal boneco e do ex-marido de Carol. A última coisa que Carol disse foi:

"– O meu marido vai ter um bom descanso.

Perdido naquele quarto.

"Finalmente voltei com Jack, o ex-marido de Carol. Michael Williams estava de joelhos, com a testa tocando o gramado. Ele estava nu, exceto por um par de meias e pelos anéis da esposa que tinha nos dedos. Com os mesmos dedos ele arrancara os olhos e a língua de Carol. E, com ela deitada no próprio sangue sobre a grama, ele fincou um prego de trinta centímetros no topo do crânio dela. Suas mãos, braços e corpo estavam tomados de sangue, e ao seu lado estava o martelo. O primeiro policial perguntou-lhe:

"– De onde vem tanto sangue?

"– É o sangue de Satã.

"– O senhor matou a sua esposa?

"– Não, eu não a matei – ele respondeu. – Eu a amava."

Eles me encontraram escondido.

Na Igreja do Cristo Abandonado, no apartamento número 6, no segundo andar do edifício número 6 da Portland Square, na maldita, ensanguentada, fantasmagórica e velha cidade de Leodis, BJ ainda estava perdido, com o corpo sonolento e bêbado sobre uma cama de casal, perdido em tantos, tantos quartos, seu cabelo novamente raspado e oito olhos brilhavam, BJ era o tal Filho do Norte. O Anjo Negro estava ao seu lado na cama, com suas roupas sujas e suas asas queimadas, com bonecos no bolso. Ele era Hierofante, o Padre do Medo, e murmurava:

– Chegou a hora de trazer Jesus de volta à casa.

Em meio à sombra.

Anéis em cima da cama.

À sombra dos trompetes.

BJ, com a cabeça raspada e marcada.

46

Observei.

Sem dormir, sem comer, sem fumar.

Apenas observei e ouvi:

"Um homem de Fitzwilliam será apresentado hoje aos Magistrados de Wakefield acusado pelo assassinato de Clare Kemplay, menina de Morley cujo corpo foi encontrado sábado, em Wakefield. O mesmo homem também foi acusado de várias infrações de trânsito e deverá permanecer em custódia para que seja feito um interrogatório relativo a crimes similares. Acredita-se que o interrogatório fará referência ao desaparecimento de Jeanette Garland, de oito anos, em Castleford, em 1969, caso nacionalmente conhecido como o da Menina Que Nunca Voltou Para Casa *e que permanece sem solução até hoje…"*

Quinta-feira, 19 de dezembro de 1974.

Netherton, Yorkshire.

Esperei.

Amanhecia, vi uma mulher de cabelos grisalhos saindo pela porta da sua casa com um pacote sob o braço. Observei-a fechando a porta. Observei-a descendo o jardim. Observei-a abrindo o portão. Observei-a carregando o pacote pela Maple Well Drive. Observei-a abrindo o portão dos fundos. Observei-a pegando o caminho aberto pelos tratores em direção aos galpões no topo da colina. Observei-a quando ela escorregou. Observei-a se levantando. Observei quando a senhora Marsh desapareceu no último galpão com o seu pacote.

Esperei.

Meia hora mais tarde, observei a senhora Marsh saindo do último galpão. Observei-a enquanto descia o caminho aberto pelos tratores. Observei-a quando escorregou. Observei-a tentando se levantar. Observei-a abrindo o portão dos fundos. Observei-a se aproximando da Maple Well Drive. Observei-a abrindo o portão que dava ao seu jardim. Observei-a subindo o jardim. Observei-a abrindo

a porta de casa. Observei-a desaparecendo no interior de sua casa, de mãos vazias.

Esperei.

Vinte minutos mais tarde, vi um carro estacionando.

Era um grande Morris Oxford preto. O motorista todo vestido de preto. Ele usava um chapéu. Não saiu do carro. Tocou a buzina duas vezes.

Observei a senhora Marsh abrindo a porta de casa. Observei-a trancando a casa. Observei-a descendo o jardim. Observei-a entrando no carro. Observei os dois conversando por um minuto. Observei quando partiram.

Atirei uma moeda ao ar.

Olhei para a minha mão:

Coroa.

Esperei.

Dez minutos mais tarde, abri o portão que dava acesso ao campo atrás das casas. Subi o caminho aberto pelos tratores em direção aos galpões no topo da colina. O caminho estava enlameado e o céu cinzento, o campo cheio de água suja e cheiro de animais mortos.

No meio do caminho, olhei para trás. Olhei para a pequena van branca estacionada na frente da sua pequena casa marrom e de seu jardim marrom, vizinho a todos os outros jardins e casas marrons.

Tirei os óculos. Limpei as lentes com o lenço. Voltei a colocá-los.

Recomecei a andar.

Cheguei ao topo da colina, me aproximei dos galpões.

Um vilarejo maldito e adormecido, cheio de lonas desgastadas e sacos plásticos com fertilizantes, tijolos úmidos e tetos com ferros retorcidos.

Caminhei naquele Vilarejo dos Desgraçados. Cheguei ao fim.

Cheguei à porta mais negra, com sacos furados presos às janelas.

Bati à porta.

Nada.

Abri a porta negra.

Entrei.

Uma mesa de trabalho e ferramentas, sacos de fertilizante e cimento, vasos e

bandejas, o chão repleto de sacolas plásticas vazias.

Caminhei em direção à bancada. Pisei em alguma coisa.

Havia algo embaixo dos sacos e sacolas.

Afastei tudo com os pés e vi um pedaço de corda, grosso e enlameado, preso a uma espécie de bueiro.

Enrolei a corda nas mãos e levantei a tampa, que caiu para um lado.

Havia um buraco.

Olhei para dentro do buraco.

Era a saída de ventilação de uma mina. Escura e estreita. Com paredes de pedra e degraus de metal presos às pedras.

Ouvi o som de água pingando lá no fundo. Olhei mais de perto.

Havia uma luz. Fraca, mas havia.

Quinze metros abaixo.

Tirei o meu casaco. Tirei o meu paletó. Desci pelo poço, com as mãos e os pés sobre os degraus de metal.

Tudo escuro. Tudo úmido.

Tudo frio, e eu descia.

Dois metros. Quatro metros…

Cinco metros, e eu descia.

Sete metros. Dez metros…

Segui em direção à luz.

E então a parede às minhas costas sumiu. Olhei para trás.

Havia uma passagem. Havia uma luz.

Saí do túnel vertical em direção ao horizontal.

Era estreito. Revestido de tijolos. E se abria em direção à luz.

Eu podia ouvir uma música estranha tocando lá longe:

The only thing you ever learn in school is ABC.

Comecei a rastejar com a barriga colada aos tijolos em direção à luz.

But all I want to know is about you and me.

Eu rastejava com a barriga colada aos tijolos, em direção à luz.

I went and told the teacher about the things we found.

Com a barriga colada aos tijolos, em direção à luz.

But all she said to me is that your’re out of bounds.

A barriga colada aos tijolos, em direção à luz.

School love.

Colada os tijolos, em direção à luz.

School love.

Os tijolos, em direção à luz.

You and I will be together.

Tijolos, em direção à luz.

School love.

A luz.

School love.

Luz.

A música parou de tocar. O teto ficou mais alto. Havia vigas de madeira entre os tijolos.

Cambaleei, com os braços e pernas sangrando.

Cambaleei entre os cascalhos e o xisto. O som de ratos que me faziam companhia.

Próximo.

Estiquei uma das mãos, toquei um sapato.

Um sapato de criança, uma sandália.

Uma sandália infantil de verão. Coberta de poeira.

Limpei a poeira.

Esfreguei.

Coloquei o sapato no chão. Segui em frente.

Minhas costas doíam, arranhadas por conta das vigas.

E então o teto voltou a ficar mais alto. Eu me levantei à sombra de uma pilha de pedras.

Respirei. Respirei. Respirei.

Virei uma esquina logo após a pilha de pedras e…

PAFT! PAFT! PAFT!

Comecei a cair.

Cair.

Cair.

Cair.

De costas, eu me afastava daquele lugar.

Daquele lugar duro, podre.

E a voz dela, a voz de Mandy.

Ela chamava.

Chamava.

Chamava.

Chamava:

“Este lugar é o pior de todos, subterrâneo;

Os cadáveres e os ratos.
O dragão e a coruja.
Lobos também, os cisnes.
Os cisnes famintos, mortos.
Sem fim, lugar sem fim;
Sob a grama que cresce.
Entre as rachaduras e pedras.
Os lindos carpetes.
Esperando por outros, no subterrâneo.”
E eu de costas.
Com os olhos fechados.
Estava sonhando.
Sonhando.
Sonhando.
Sonhando.
Reinos subterrâneos, reinos animais de porcos e texugos, cidades de insetos e vermes; com cisnes brancos nadando em lagos escuros enquanto dragões circulavam logo acima, em céus pintados de estrelas prateadas, e depois se escondiam em cavernas iluminadas pela luz da lua, onde uma coruja vigiava três pequenas princesas silenciosas entre suas asas cheias de penas, protegendo-as do lobo que esperava que elas despertassem.
De costas.
Com os olhos entreabertos.
Eu não sonhava.
Eu estava no mundo subterrâneo:
No reino subterrâneo, num reino animal de cadáveres, ratos e sapatos infantis, minas repletas de água suja formadas de lágrimas antigas, dragões rasgando os céus flamejantes, igrejas vazias e tumbas estéreis, moscas, ratos e cães entre as ruínas dos próprios ossos e asas, seus esqueletos famintos e pálidos deixados ali para despistar o lobo.
De costas.
Com os ollhos bem abertos.
Sob a terra.
Deitado numa cama repleta de rosas vermelhas mortas e longas penas brancas.
Olhando para um céu de tijolos pintados de azul, nuvens de lã brancas como o algodão, metido ali e acolá, entre lamparinas brilhantes e flamejantes..
Deitado, vi uma figura escura se levantando do chão.

Ela se levantou e seguiu em direção à lanterna flamejante.
Em direção à lanterna, com um martelo nas mãos:
George Marsh.
Um martelo nas mãos, mancando na minha direção.
Eu não me mexi. Esperei por George Marsh.
Um martelo nas mãos, mancando na minha direção.
Não me mexi. Levantei a minha perna direita. Chutei com força.
Com força, chutei a perna dele.
George Marsh uivou. Tentou me atingir com o martelo.
O martelo que estava na mão dele.
Chutei forte novamente. Depois rolei no chão e voltei a me levantar.
George Marsh uivava, tentando ficar de pé.
Mas eu estava atrás dele, com o seu martelo nas minhas mãos.

Cego e sujo do seu sangue, parei.

Sob aquele céu de tijolos pintados de azul, naquele longo túnel de ódio, havia duas paredes com dez pequenos espelhos, dez pequenos espelhos nos quais o meu corpo se refletia.

O meu corpo se refletia entre anjos de árvore de Natal, entre as fadas e suas luzes, entre as estrelas que pendiam das vigas, que pendiam e balançavam entre as lanternas flamejantes, mas que nunca cintilavam.

Eu me vi entre caixas e sacolas.
Caixas de sapatos e sacolas de compra.
Câmeras e luzes.
Lentes e lâmpadas.
Gravadores e fitas.
Microfones.
Penas e flores.
Ferramentas.
Ele e eu entre as ferramentas.
Ferramentas sujas do seu sangue escuro.
Ele abriu a boca, depois voltou a fechar.
Deixei o martelo no chão.

Eu cambaleava e me arrastava pelo mesmo caminho que usara para chegar ali, passando pela sandália infantil de verão, atravessando o túnel, chegando ao poço.

Vi uma luz cinzenta lá em cima.

Subi os degraus de metal em direção à luz, fraco, perdido naquela escuridão.

Cheguei ao topo. Com dificuldade, saí do buraco. Cheguei ao chão do galpão. Virei de costas, ofegante.

Ofegante e querendo sair dali.

Usei a mesa como apoio para me levantar. Meus óculos tinham desaparecido.

Cego, voltei a colocar a tampa do buraco no lugar. Escondi a abertura com sacos plásticos, chutando-os até que cobrissem a tampa e a corda.

Depois ouvi.

Atrás de mim.

Parei. Virei-me

Havia uma figura, uma silhueta ali no galpão, comigo.

Quieta e encapuzada.

Eu me agachei num canto, ao lado da mesa, das ferramentas, escondendo-me entre os sacos de fertilizante e cimento, entre os vasos e as bandejas.

Mãos pequenas.

Uma figura magra, com cabelos pretos e roupas esfarrapadas.

Sangrando.

A figura deu um passo à frente.

Braços erguidos no ar, com aparência de ameaça e fome implacável.

Eu segui na sua direção.

Cego e tateando, coberto de sangue escuro seco, murmurei:

– Quem é você?

A figura correu para o lado esquerdo. Eu a segui.

Depois para a direita. Eu a agarrei.

Mas ela se soltou.

Afastou-se das minhas mãos, saiu pela porta.

Eu corri, cambaleando.

Saí em direção ao campo, à chuva.

Mas ela sumira.

Fora embora.

Caí de joelhos na lama.

Ergui meus olhos e coração, cego e esfarrapado, em direção ao vasto e cinzento céu, deixando que a chuva escura e áspera lavasse o sangue.

Dos meus olhos e do meu coração, do coração dele e do meu.
Deixei que a chuva lavasse o sangue e o levasse para a terra.
Sobre a terra queimada, selvagem.
Aqueles corações queimados e selvagens.

Quinta-feira, 19 de dezembro de 1974.
Meia-noite.
Eu estava atrasado.
Blenheim Road, St John's, Wakefield.
Corações destruídos, perdidos.
Eu estava atrasado.
Número 28 da Blenheim Road, St John's, Wakefield.
Coração destruído.
Eu estava atrasado.
Estacionei. Saí do carro. Tranquei o carro. Subi em direção à porta. Entrei. Subi as escadas até o apartamento 5.
Coração.
Tarde.
Bati à porta.
O ar manchado.
Silêncio.
Tentei abrir a porta.
A porta se abriu.
Entrei.
Ouvindo.
Nada de soluços baixinhos, nada de soluços camuflados.
Nada de choro naquela noite.
Apenas silêncio.
De pé em frente à porta do quarto, murmurei:
– Mandy?
Fechei os olhos. Voltei a abri-los. Vi estrelas.
Estrelas e anjos.
O meu anjo.
Tentei abrir a porta.
– Mandy?

A porta se abriu.
Soluços altos, animalescos.
Contorcendo-se e gritando e uivando.
O choro era meu.
Ela estava nua, exceto pelo sangue.
Seus cabelos tinham sido cortados.
Estava dependurada no lustre.

Entre as suas sombras.
Corações mortos.
Mijo de gato e petúnia, desesperado num velho sofá.
A cabeça dela sobre o meu peito, e eu acariciando seu lindo e ensanguentado crânio.
Atrás das pesadas e manchadas cortinas, os galhos da árvore batendo contra a janela.
Soluçando e chorando.
Banhada em sangue e querendo entrar.
"Eu te amo."
Soluçando.
"Nós vamos…"
Chorando.
"Para longe."
Seu rosto à luz das velas, pálido e morto.
Os galhos da árvore batendo contra o vidro.
Soluçando e chorando.
Nós nos beijamos.
Pedindo para entrar.
Beijamos, depois fodemos.

As janelas olhavam para dentro, as paredes escutavam o seu coração.
Onde mil vozes choravam.
No fundo.
No fundo do seu coração destruído.
Havia uma casa.

Uma casa sem portas.
A terra chamuscada.
Selvagem e num eterno inverno.
As salas de assassinatos.
É aqui que a gente vive.

Acordei no escuro, nas suas sombras.

"Ela está na árvore."

Batendo contra o vidro.

Ela deitada de lado, nua.

Galhos batendo contra a janela.

Eu deitado de costas, vestindo cueca e meias.

Os galhos batendo contra a janela.

Deitado de costas, vestindo cueca e meias, com lamentos terríveis e suas espantosas elegias na minha cabeça.

Ouvindo os galhos batendo contra a janela.

Eu, deitado de costas, vestindo cueca e meias, com lamentos terríveis e suas espantosas elegias na minha cabeça, ouvindo os galhos batendo contra a janela.

Olhei para o meu relógio.

"Ela está nos galhos."

O relógio estava parado.

Procurei os meus óculos, mas eles desapareceram, saí da cama sem movê-la e fui até a cozinha, acendi a luz e coloquei água para ferver, liguei o gás e peguei um bule no armário, duas xícaras e pires, e lavei as xícaras e depois as enxuguei, tirei o leite da geladeira, que cheirava mal, mas servi nas xícaras, e coloquei dois saquinhos de chá no bule e depois a água fervendo, enquanto o chá apurava, olhei para fora através da pequena janela, vendo a cozinha refletida no vidro, um homem *não* morto e nu, exceto por uma cueca branca, um homem *não* morto e praticamente nu no apartamento de uma mulher morta às seis da manhã.

Sexta-feira, 20 de dezembro de 1974.

"Sob a frondosa castanheira."

Coloquei o bule, as xícaras e os pires numa bandeja e levei para a sala, deixando a bandeja na mesa de centro, servindo o chá e ligando o rádio.

“Ontem, um homem de Fitzwilliam apareceu diante dos Magistrados de Wakefield e foi acusado pela morte de Clare Kemplay, menina de Morley cujo corpo foi encontrado no sábado. O mesmo homem também foi acusado de várias infrações de trânsito e está sob custódia para responder a um inquérito relativo a crimes similares. Acredita-se que ele pode estar envolvido no desaparecimento de Jeanette Garland, de oito anos, em Castleford, em 1969, caso nacionalmente conhecido com o da Menina Que Nunca Voltou Para Casa *e que permanece sem solução…”*

Desliguei o rádio e levei a bandeja de volta à cozinha. Uma das xícaras permaneceu intocada.

Lavei as xícaras, depois as enxuguei e guardei.

Voltei ao quarto.

Deitei-me ao lado dela.

Ouvi sirenes e depois freios.

Fechei os seus olhos.

Botas nas escadas, punhos batendo na porta.

Eu a beijei.

Botas no corredor.

Fechei meus olhos.

Punhos batiam na porta do quarto.

Beijei-a pela última vez.

Bill me sacudia.

Abri os olhos.

Segurei a mão dela na minha.

Havia feridas nos dorsos de nossas mãos.

Feridas que nunca cicatrizariam.

Nunca.

Bill disse:

– Acho que você precisa de um amigo, Maurice.

Fiz que sim.

Os galhos batiam contra a janela e gritavam:

“Onde eu te vendi e você me vendeu.”

47

Caindo de costas em enormes profundezas, longe daquele lugar, suas memórias abertas, contorcendo-se e gritando e uivando, o som animal de uma esposa infiel presa e forçada a observar a morte do próprio marido sobre o gramado de sua casa, contorcendo-se e gritando e uivando, debruçada no carpete do hall*, sobre as flores douradas e folhas carmim, nas marcas deixadas pelo mijo, nas marcas deixadas pela merda, contorcendo-se e gritando e uivando sob as fracas luzes da árvore de Natal que piscavam, sob o velho pôster que alertava contra os perigos de beber e morrer no Natal, contorcendo-se e gritando e uivando, o cheiro de roupa suja e rostos com barba por fazer, contorcendo-se e gritando e uivando enquanto você anotava os seus nomes e suas lembranças, contando a eles o inferno em que tinham se metido e os novos infernos que você lhes estava trazendo, contando o quanto eles estavam verdadeiramente amaldiçoados, mas eles permaneciam sentados, em silêncio, esperando por novos infernos que entrariam em suas casas e apartamentos, e que os levariam para o andar de cima e os foderiam em suas camas com os olhos arregalados e as bocas abertas como se fossem peixes, a casa em completo silêncio, exceto por ela, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, seu marido apodrecendo numa caixa, já no caminho de volta ao mundo subterrâneo, com uma gravata ao redor do pescoço e um cassetete ao lado do corpo, com pedras no lugar de dentes, enquanto você voava para a igreja, tentando vencer os bancos e chegar ao* Texugo Bill*, para matá-lo naquele exato momento e lugar, mas o seu irmão Peter o segurava, contando-lhe tudo o que o seu pai fizera ou deixara de fazer, toda a merda em que ele estava envolvido, como estava verdadeiramente fodido, e que era melhor que estivesse morto, pois assim ela poderia se erguer e seguir em frente com a sua vida, melhor sem ele, com a boca dela aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, o som dos óculos quebrando entre os seus dedos, e então veio o policial de alta patente, veio para lhe dizer o quanto todos sentiam, para dizer que ele era um deles, um dos melhores que havia, e que todos sentiriam muita falta do* Velho John*,* o Porco*, com sua arma ainda soltando fumaça enquanto tentavam limpar tudo aquilo, o cheiro de merda entre a fumaça, com as mentiras espalhadas por todas as janelas do galpão, seu dedo no gatilho, vestindo seus uniformes que diziam* Polícia da Cidade de Leeds*, o seu*

pai morto entre um par de asas de cisne, sua história despedaçada, ainda lutando para atar aqueles pequenos cabos, para derrubá-lo ao chão e fazer com que fosse embora, mas isso nunca aconteceu e nunca aconteceria, não para ela, com sua boca aberta, contorcendo-se e gritando e chorando, arrastando-se pelas paredes e escadarias usando as mãos e os joelhos, tijolos sendo lançados para dentro de suas janelas e Leeds United escrito em suas paredes, as suásticas e forcas que dependuraram em sua porta, as crianças e seus cães cantando e latindo, assombrando sua casa em grupos, metendo merda na sua caixa de correios e fazendo ligações pornográficas, os fracos baques durante a noite e a lanterna que acendia e apagava, acendia e apagava do lado de fora da janela dela a noite inteira, a voz baixinha que pedia aos seus filhos que, por favor, por favor, viessem deter aquelas crianças e seus pais, as suásticas brancas e pretas, as marcas feitas pelas crianças e as feitas pelos seus pais, papel queimando no interior da caixa de correio e um gato morto na entrada de casa, aqueles policiais vestindo ternos e botas tamanho 42 e que checavam todas as trancas e bebiam todo o seu chá e a faziam lembrar que John e todos os demais tinham ido embora; as paredes cobertas de palavras recém-pintadas, o fedor de merda subindo as escadas, o cheiro de esterco de cachorro e ovos estragados, as frutas, os vegetais, os dias sem fim e as noites de ódio, aqueles dias longos, e longas, longas noites que você passava sozinha no seu quarto, com medo de descer, com medo de sair, com medo das crianças e dos seus pais, das suas mães e suas avós, seus cânticos e seus insultos, suas varetas e suas pedras, suas palavras e seus tijolos que sempre machucam, sempre, seu marido morto e seu filho que nunca telefonava, sozinha em sua cama, em meio à própria merda e mijo, sem comida em casa, com as portas e janelas todas trancadas e o cachorro morrendo de fome, sozinha em sua cama, ela caiu de costas nas profundezas, naquelas enormes profundezas, longe daquela casa, daquele lugar destruído e rançoso, daquele lugar que cheirava exageradamente a lembranças, a terríveis lembranças e história; aquele lugar onde você estava sozinho; aterrorizado, histérico e berrando, com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando, sozinho com a sua mãe, na cama dela, entre o mijo e a merda, sem comida em casa, e com a porra do lobo faminto à porta, sozinho com a sua mãe na cama dela, a sua mãe e…

Com a boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando debaixo das cobertas…

Contorcendo-se e gritando e uivando debaixo das cobertas.

Gritando e uivando debaixo das cobertas.

Uivando debaixo das cobertas.
Debaixo das cobertas.
Debaixo das cobertas enquanto ele as sodomizava e matava mais uma vez.
Somodizava e matava.
O Último Filho de Yorkshire.
Ele e depois ela.
Hazel.

Segunda-feira, 6 de junho de 1983.
Você estava de costas, de volta ao apartamento, ouvindo os galhos.
Todo mundo sabe, todo mundo sabe, todo mundo sabe.
Ouvindo os galhos batendo.
Todo mundo sabe, todo mundo sabe, todo mundo sabe.
Ouvindo os galhos batendo contra.
Todo mundo sabe, todo mundo sabe, todo mundo sabe.
Ouvindo os galhos batendo contra a janela.
D-3.

A senhora com bengala e o menino pequeno olhavam para você.
– Número 45!
Você olhou para o papel na sua mão.
– Número 45!
Você se levantou.
Na recepção, você disse:
– John Piggott, venho ver Michael Myshkin.
A mulher vestindo uniforme cinza passou o dedo úmido e roído pela lista, fungou e disse:
– O senhor não está na lista.
– Eu sou o advogado – você respondeu.
– Não está na lista.
– Deve haver algum engano.
Ela lhe devolveu o seu crachá de visitante.
– Volte ao seu assento. Um membro da equipe virá explicar a situação.

Cinquenta minutos e dois cisnes de papel mais tarde, um homem roliço e vestindo jaleco de médico disse:

– John Winston Piggott?

Você se levantou.

– Venha por aqui.

E você o seguiu por uma nova porta e uma nova tranca, um novo alarme e um novo sino, outra porta e outro corredor superaquecido, muito iluminado e cinza.

Diante de uma porta, ele parou e disse:

– Sinto dizer que o senhor Myshkin está na ala hospitalar do nosso edifício.

– Ah… – você disse. – Eu não…

– A família dele não entrou em contato com o senhor?

Você fez que não.

– Eu estive fora.

– Há uma semana que o senhor Myshkin vem recusando comida. Também começou a sujar as paredes com o próprio excremento. Recusou-se a usar a roupa oferecida a ele. A equipe e os familiares ficaram com medo de que ele acabasse com a própria vida. Por isso, o senhor Myshkin está hospitalizado desde sábado à noite.

Você fez que não novamente.

– Eu não tinha ideia.

– O senhor ainda poderá ver o senhor Myshkin – ele disse. – Porém por apenas um breve, breve momento.

– Entendo – você disse. – Obrigado.

– Não mais que dez minutos.

– Obrigado – você repetiu.

O médico digitou um código no painel preso à parede.

Um alarme soou e ele abriu a porta.

– Entre.

Você entrou em mais um corredor com piso e paredes cinza.

Nada de janelas, apenas portas à sua esquerda.

– Siga-me – disse o médico.

Você andou pelo corredor. Parou na terceira porta à esquerda.

O doutor colocou mais um código em outro painel preso à parede.

Mais um alarme soou. Ele abriu outra porta.

– Entre.

Você entrou numa grande sala cinza, sem janelas e com quatro camas.

Todas vazias, menos uma.

Você seguiu o doutor, cruzando a sala, para a última cama do lado esquerdo.

– Michael – disse o doutor –, você tem uma visita.

Você deu um passo à frente e disse:

– Oi, Michael.

Michael Myshkin estava deitado e amarrado à cama, vestindo pijama cinza, olhando para o teto.

Seu cabelo fora raspado. Sua boca estava cheia de feridas. Seus olhos inflamados.

Michael John Myshkin, o assassino confesso de uma criança.

Ele olhou para você.

Havia saliva no queixo dele.

Ele olhou para você. Não falou nada.

Você desviou o olhar. Olhou para os próprios pés.

O doutor fechou uma cortina ao redor de vocês dois e disse:

– Vou esperar aqui fora.

– Obrigado – você agradeceu.

Ele fez que sim.

– Volto em dez minutos.

– Obrigado – você repetiu.

O doutor o deixou parado ao lado da cama.

Michael Myshkin, amarrado à cama, olhava para você.

– Eu não sabia – você disse. – Ninguém me avisou.

Ele desviou o olhar, olhou para a parede.

– Sinto muito – você disse.

Ele não se virou.

Estava calor ali. A luz era forte. Cheirava a merda, desinfetante, mentiras.

– Michael – você disse. – Queria que me contasse sobre Jeanette Garland.

Ele não se virou. Não disse nada.

– Michael, por favor…

Ele estava deitado de costas, com a cabeça virada para a parede.

– Michael, eu venho tentando te ajudar. Ainda quero ajudar, mas…

Ele passou a olhar para o teto e murmurou:

– Por quê?

– Como assim por quê?

Ele olhou para você.

– Por que quer me ajudar?

Você engoliu em seco e respondeu:

– Porque acho que você não deveria estar aqui. Porque não acredito que tenha matado Clare Kemplay. Porque não acho que seja culpado.

Ele fez que não.

– O quê? – você perguntou. – O quê?

Ele encarou-o. Ele sorriu.

– Então por que quer saber sobre Jeanette?

– Porque você a conhecia, certo?

Ele continuava encarando-o.

– Eu conversei com Tessa. Você se lembra dela?

Ele suspirou, ele piscou.

– Ela disse que você tinha uma foto de Jeanette. Que levava a foto para todos os lados. Que conversava com a foto.

Ele começou a chorar.

– Ela disse que você conseguiu a foto no trabalho. Isso é verdade?

Ele fez que sim.

– Como? Por quê?

– Nós fomos à escola dela. À escola de Jeanette.

– Nós quem?

– Eu e o senhor Jenkins. Era a minha primeira semana.

– Para tirar fotos dos estudantes?

– Eu não sabia o que fazer. O senhor Jenkins gritava comigo. As crianças riam de mim. Mas não Jeanette.

– Então você guardou a foto dela.

– Não – ele disse. – Isso foi depois.

– Então você nunca mais a viu?

Ele afastou os olhos.

– O que aconteceu? – você perguntou. – Conte.

– Eu a via na rua às vezes, com o pai ou o tio.

– Johnny Kelly? Em Castleford?

Ele virou de costas, fazendo que sim.

– Ela sempre sorria e acenava, mas…

Ele estava preso à cama, vestindo um pijama cinza.

O cabelo raspado, a boca ferida, os olhos inflamados.

Ele soluçava.

– Você a viu mais uma vez, certo?

Ele fechou os olhos, fazendo que sim.

– Quando, Michael?

Ele abriu os olhos, olhando para o teto.
– Quando?
– Naquele dia – ele murmurou.
– Que dia?
– O dia em que ela desapareceu.
– Onde?
– Em Castleford.
– Onde em Castleford?
– Numa van.
Raspado. Ferido. Inflamado.
Ele chorava.
– Ela não estava sorrindo – ele disse. – Não acenava.
– Quem…
Ele suspirou, piscou e disse:
– Eu a amava.
Você fez que sim e perguntou:
– Ela estava com quem, Michael?
Ele olhou para você.
– Na van?
Ele sorriu.
– Quem era, Michael?
– Você sabe – ele respondeu.
Quente. Iluminado. Cheiro de merda. Desinfetante. Mentiras.
– Quero que você me diga.
– Mas você sabe.
– Michael, por favor…
– Todo mundo sabe! – ele gritou.
Você olhou para o chão.
– Todo mundo!
Você olhou para os seus sapatos.
– Todo mundo!
Você voltou a olhar para ele e perguntou:
– O Lobo?
Ele fez que sim.
– Mas por que você não disse nada?
– Eu disse – ele respondeu. – E você, por que não disse?
– Eu não sabia.

Michael Myshkin ficou olhando para você.

Você afastou novamente os olhos.

– Sabia sim – ele murmurou. – Todo mundo sabia.

– Sobre o Lobo?

– Sobre tudo.

Aquele calor. Aquela luz. Aquela merda. Desinfetante. Mentiras.

– Eu não sabia – você repetiu. – Não sabia.

Michael John Myshkin riu.

– O seu pai sabia.

Ele tinha saliva no queixo, lágrimas no rosto.

E você, lágrimas no seu rosto.

Com as portas trancadas, você olhou pelo retrovisor, depois pelos espelhos laterais. Ligou o carro, o rádio e acendeu um cigarro:

"Ontem, num Wembley Conference Center lotado, as estrelas foram ao encontro da senhora Thatcher: Bob Monkhouse e Jimmy Tarbuck, Steve Davis e Sharon Davies, Brian Jacks e Neil Adams, Terry Neill e Fred Trueman. Kenny Everett gritou: Vamos bombardear a Rússia *e clamou à multidão que* Chutasse Michael Foot para longe dali. *Lynsey de Paul compôs e cantou uma música chamada 'Tory, Tory, Tory'…"*

Você voltou a chorar:

Nada de Hazel.

Você desligou o rádio. Acendeu mais um cigarro. Ouviu a chuva caindo no teto do carro, de olhos fechados:

Catorze anos atrás, você esperava, no mesmo local, do lado de fora da Estação de Wakefield, pelo seu pai. Recém-formado. Um advogado, finalmente. O Filho Pródigo. Mas o seu pai não apareceu. Você pegou o ônibus para Fitzwilliam. Não havia ninguém em casa. Você não tinha a chave. Deu a volta na casa para esperar na edícula, a edícula onde guardava seus velhos trenzinhos e caminhões. Você imaginou que o seu pai poderia estar lá dentro. Abriu a porta.

Você abriu os olhos.

Você se sentiu mal. Seus dedos queimavam.

Você jogou o cigarro fora. Você apertou os botões do rádio. Encontrou uma música:

Iron Maiden.

Ninguém atendia.

Você ouvia o telefone da senhora Myshkin tocando sem parar e o som implacável da chuva batendo no teto.

Ninguém em casa.

A chuva caía, faróis de carros naquela molhada tarde de segunda-feira de junho.

O tipo de tarde molhada de segunda-feira que você costumava passar no seu escritório, respondendo e fazendo perguntas sobre casamentos e divórcios, filhos e custódia, pensão e dinheiro, tomando bourbon *e comendo biscoitos integrais, sentado à sua mesa, ouvindo a chuva cair sobre as janelas, os pingos de chuva no muro do lado de fora, afiados, cheios de dor, ouvindo o som implacável da chuva forte sobre as janelas e muros, sem vontade de visitar a sua mãe, morrendo de medo disso.*

O medo continuava vivo.

Você desligou.

Esse medo real.

Esse medo real e vivo.

Numa cabine telefônica em Merseyside, ouvindo a linha telefônica.

A linha telefônica e o som implacável da chuva no teto, sem vontade de sair daquela cabine telefônica, morto de medo de fazer isso.

Um medo vivo.

Segunda-feira, 6 de junho de 1983.

D-3.

O medo vivo.

O Lobo.

Você estacionou na porta da loja de conveniência da Northgate. Saiu do carro. Foi até a loja. Estava fechada, mas havia uma luz acesa atrás dos postais escritos à mão e das propagandas de sorvete e cerveja. Você bateu à porta. O velho paquistanês com sua barba branca apareceu atrás do vidro. Ele olhou para você. Fez que não. Você bateu mais uma vez na porta.

– Só queria um jornal – você gritou.

O velho paquistanês reapareceu no vidro. Fez que não novamente.

– Senhor Khan, por favor…

Ele chorava.

Você se virou. Voltou ao carro. Entrou. Trancou as portas. Ligou o motor. Subiu a Northgate e entrou na Blenheim. Estacionou. Saiu do carro. Trancou as portas. Entrou no seu prédio. Subiu as escadas. Pegou sua chave.

A porta não estava aberta. Não havia ninguém nas escadas.

Você abriu a porta. Entrou. Trancou a porta. Andou pelo corredor. Não foi ao banheiro. Não se olhou no espelho. Voltou ao quarto destruído. Pegou papéis numa gaveta. Pegou a sua caneta. Sentou-se numa pilha de discos quebrados.

O telefone tocava. Os galhos batiam.

Todo mundo sabe; todo mundo sabe; todo mundo sabe…

Você começou a escrever.

48

Um carro grande deu uma guinada e entrou pelo portão, passou pelas árvores desfolhadas e escuras, aproximando-se do edifício principal do hospital.

Do Hospital Psiquiátrico Stanley Royd, em Wakefield.

Ele estacionou na frente do velho edifício e, ao lado de BJ, atravessou o gramado em direção à porta de entrada.

BJ segurou a porta, depois o seguiu em direção à recepção.

Uma enfermeira com crachá escrito *White* estava sentada por ali. Ela escutava uma rádio local que comentava a prisão do Estripador de Yorkshire.

– Boa tarde – ele disse.

– Boa tarde – ela respondeu, sorrindo. – Posso ajudá-lo?

– Espero que sim – ele respondeu, sorrindo. – Viemos ver o senhor Whitehead.

– Como? – ela perguntou, diminuindo o som do rádio.

– Viemos levá-lo para casa.

– Jack Whitehead?

– É – ele respondeu, fazendo que sim.

– E quem é o senhor?

– O reverendo Laws.

Sem saber o que fazer, ela disse:

– Preciso falar com o doutor Papps.

O reverendo, com o nariz quebrado, tirou o chapéu preto e sorriu para ela, dizendo:

– Vamos esperar.

White pegou o telefone com uma das mãos e com a outra apontou para algumas cadeiras.

– Sentem-se.

BJ e ele se sentaram e esperaram, olhando para as portas abertas da sala sala de recreação.

Toda a sala olhava para eles, em seus pijamas e com seus chapéus de papel nas cabeças.

Era véspera do Ano-Novo de 1980.

Um homem gordo e baixinho desceu as escadas e disse:

– Senhores.

BJ e o reverendo se levantaram.

O homem estava com o braço estendido.

– Sou o doutor Papps, médico sênior.

– E eu sou o reverendo Laws.

Eles se deram as mãos.

Papps perguntou:

– A enfermeira White me disse que estão aqui por conta do senhor Whitehead.

– Exatamente – respondeu o reverendo, fazendo que sim. – Viemos aqui para levá-lo para casa.

Papps olhava para BJ, tentando lembrar-se de onde o conhecia.

De repente, ele tentou se esquecer de BJ.

Mas BJ se lembrava dele:

BJ nunca se esquecia de um pau.

Papps ficou corado, e disse, balbuciando:

– Sinto muito, mas isso não é tão fácil quanto os senhores pensam.

O reverendo passou um dos braços sobre os ombros de Papps. Depois olhou para BJ e disse:

– Este jovem é um parente.

O bom doutor tentou não olhar para BJ e murmurou:

– Parente?

– Filho.

O doutor Papps levou BJ e o reverendo escadaria acima, pelos corredores, saindo do edifício principal e chegando a uma das alas laterais, destrancando e trancando portas, até alcançarem o último corredor e a última porta.

O doutor Papps, com a chave na mão, disse:

– Ele não tem estado muito bem. Na verdade, ele acabou de voltar do Pinderfields.

– Eu sei – disse o reverendo.

– Não vai ser fácil cuidar dele.

– O filho sabe o desafio que tem pela frente.

O doutor Papps deu uma olhada em direção a BJ.

BJ sorriu. BJ deu uma piscadela.

Papps destrancou a porta.
Todos entraram.
A sala era fria e cinza, com apenas um vaso e uma cama.
Jack Whitehead estava deitado na cama, vestindo pijama branco.
Olhava a luz que vinha de uma janela alta.
Sua cabeça raspada e seu buraco entre as sombras.
– Jack – murmurou o reverendo.
– Padre – ele respondeu, sorrindo.
– Viemos te levar para casa.
Jack suspirou, seus olhos ficaram cheios de água.
Lágrimas rolavam pelo seu rosto.
Pelas suas bochechas.
Seu pescoço.
Seu travesseiro.
Seu colchão.
Caindo no chão.
Poças.
Rios.
Rios de lágrimas no chão de pedra.
Unindo as pontas de todas as nossas asas.
Jack olhou para a porta e disse:
– Tantos corações destruídos.
– Tantos cacos – disse suavemente o reverendo.
– Mas eles se encaixam? – perguntou BJ.
– Eis a questão – disse Whitehead. – Eis a questão.

Papps ajudou Jack a sair pela porta, ainda vestindo o pijama branco, e andar pelo corredor, destrancando e trancando portas, passando da ala lateral de volta ao edifício principal, por corredores e escadarias.

Na recepção, o reverendo, sorrindo, passou um envelope pardo ao mau médico.

– Acho que isso ajudará a resolver o problema da papelada.
Papps apalpou o envelope, fazendo que sim.
O reverendo voltou a colocar o chapéu.
– Bom dia, doutor Papps.

– Bom dia, padre.

A enfermeira White segurou a porta da frente enquanto BJ e o reverendo ajudavam Whitehead a descer os degraus de pedra e a atravessar o caminho em direção ao carro.

– Esperem – gritou a enfermeira White. – Ele está descalço!

BJ olhou para os pés descalços de Jack, que deixavam um rastro de sangue no chão de cascalho frio e afiado.

O reverendo segurava a porta do carro aberta.

– Não se preocupe, logo estaremos em casa.

BJ ajudou Whitehead a baixar a cabeça para entrar no banco de trás. BJ se sentou ao lado dele.

O reverendo ajustou o banco do motorista e se sentou. Fechou a porta.

– Logo estaremos em casa – ele repetiu, dando a ré no carro e descendo em direção à rua principal, passando entre as árvores desfolhadas e escuras, com marcas nos troncos que gritavam:

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição, maldição.

Era noite e chovia naquela maldita, sangrenta e velha cidade de Leodis quando o grande carro preto deixou para trás a Calverley Street e entrou na Portland Square, à sombra da catedral e da corte.

O reverendo parou em frente ao número 6.

Havia luz acesa na janela do segundo andar.

O reverendo abriu a porta e levantou o banco.

BJ ajudou Jack a sair do carro e a subir os três degraus de pedra que levavam à porta da frente. BJ o segurou enquanto atravessavam o frágil tapete de folhas e cartas em direção ao primeiro andar, depois ao segundo.

Até a porta do apartamento 6.

A porta na qual alguém escrevera:

Estripador.

A porta na qual alguém pusera outros dois seis junto ao número do apartamento:

6 6 6.

Mas havia tantas, tantas portas.

Muitas portas para o inferno.

Abertas.

Todas abertas.

Eles entraram.

Cheiro de amaranto e aldeído.

BJ e Jack seguiram em direção à sala.

Cortinas velhas e velas queimadas, palavras escritas nas paredes e fotografias pelo chão, sombras e sons:

"… não não ela eu a amei eu destruí o mal que havia dentro dela isso tinha de ser feito e estou tranquilo pois o que tinha de ser feito foi feito o mal que havia dentro dela foi destruído carol era boa mas eles tinham colocado o mal dentro dela e eu tive de matar ele me instruiu a fazer isso na noite passada então fomos à sua igreja em fitzwilliam e ficamos a noite inteira ele diria que foi uma longa noite ele dançou ao meu redor e queimou minha cruz mas era tarde demais minha cruz estava manchada pelo mal ele tentou e como tentou mas eu tinha de fazer isso tinha de destruir isso e estou tranquilo e em paz foi terrível ele me manteve na igreja a noite inteira olhou para as minhas mãos e eu as batia no chão o poder estava em mim e eu não conseguia lidar com isso e ele também não eu estava tomado por uma força dentro de mim da qual ele não conseguia me livrar eu queria destruir tudo dentro de casa todas as coisas vivas inclusive o cão todas as coisas vivas mas era um mal inferior e agora está feito está feito o mal que havia dentro dela foi destruído estava em carol usou a minha esposa minha querida eu droga eu amava aquela mulher não não carol ela era boa e eu a amava…"

A fita parou.

Havia uma toalha branca sobre a mesa.

O reverendo Laws fechou as cortinas.

Ele colocou uma cadeira de vime no centro da sala.

– Venha aqui – ele disse.

Jack não se mexeu.

– Venha aqui – ele repetiu.

Ele não olhava para Jack.

Ele olhava para BJ.

BJ fez o que lhe fora pedido.

Ele tirou a camisa de BJ.

– Sente-se aqui – ele disse.

BJ fez o que lhe fora pedido.

Ele pegou uma gilete que estava em cima da toalha branca.

Jack ficou parado no meio de sua sala, com seu pijama branco e seus pés sangrando, os olhos cheios de lágrimas.

O reverendo terminou. Ele assoprou o topo da cabeça de BJ. Assoprou os fios de cabelo que restavam. Foi até a cama. Deixou a gilete lá. Ficou parado bem atrás de BJ.

Encarava Jack, murmurando:

– *Eis o mar e o seu caminho pelas grandes águas, e os seus passos são desconhecidos.*

A porta do banheiro se abriu.

Uma pessoa de cabeça grande e raspada, vestindo macacão azul, estava parada na entrada.

Ele tinha uma chave de fenda Philips numa das mãos e um martelo com uma das pontas arredondada na outra.

– Este é Leonard – disse Martin Laws. – Você se lembra do Pequeno Leonard?

BJ fechou os olhos.

BJ esperou.

BJ sentiu a ponta fria da chave de fenda no topo do seu crânio.

A cabeça raspada e marcada, como ele queria.

49

Era véspera de Natal. Havia uma enorme casa feita de penas brancas no topo de uma alta colina preta, com grandes velas brancas acesas nas janelas. Eu subi a colina, sob a chuva e flocos de neve, e passei pelo peixe dourado gigante que havia no lago. Toquei a campainha. Ninguém respondeu. Abri a porta. Entrei. A lareira acesa, a sala repleta de sons e cheiro de comida boa. Sob uma árvore de Natal perfeita, caixas de presentes lindamente embrulhados. Andei pelo corredor em direção ao quarto. Fiquei parado na porta. Fechei os olhos, depois voltei a abri-los. Vi estrelas e anjos. Tentei abrir a porta. A porta se abriu. E eu a vi: minha estrela, meu anjo. Ela estava deitada na cama sob uma linda e nova manta, seus lindos cabelos espalhados entre travesseiros, seus olhos fechados. Eu me sentei na beira da cama, desabotoei meu uniforme. Me deitei, com cuidado, sob a manta, aproximando-me dela. Ela estava fria. Ela estava molhada. Seus cabelos tinham desaparecido. Tentei sair da cama, mas braços me agarravam, braços de uma criança, galhos…

– Tio Maurice! Tio Maurice!

Abri os olhos.

A filha de Bill me olhava.

Respirei. Respirei. Respirei.

– Você está bem? – ela perguntou.

Pisquei. Eu, deitado naquela cama de casal, vestindo pijama.

– Sou eu – ela disse. – Louise.

Eu me sentei na cama. Não era a minha cama. Não era o meu pijama.

– Você está na casa de John e Anthea – ela disse. – Em Durkar.

Pisquei. Fiz que sim.

– Quer alguma coisa? – ela perguntou. – Um chá?

– O que aconteceu? – perguntei.

– O meu pai disse que você precisava descansar.

– Que dia é hoje?

– Segunda-feira de manhã.

Olhei para o meu relógio. Estava parado.

– Pouco mais das dez – ela disse.
– E cadê todo mundo?
Ela começou a falar, mas logo parou. Colocou a mão sobre a boca.
– Fala, querida. Por favor…
– Em Sandal – ela disse.
Olhei para ela, esperei.
Ela suspirou e disse:
– Donald Foster morreu.
– O quê?
– Bob o encontrou.
– O seu Bob?
– Na casa dele, esta manhã – ela respondeu, fazendo que sim. – Assassinado.
Livrei-me das cobertas. Levantei-me.
– Para onde você vai?
– Não posso ficar aqui, minha querida.
– Mas o meu pai disse…
– Cadê as minhas roupas?
Ela apontou para o banco na frente da penteadeira.
– Ali.
No banco, encontrei roupas limpas e os meus óculos reservas.
– Eu estive na sua casa – ela disse. – Espero que não…
– Claro que não – respondi. – Muito obrigado.
– Para onde você vai? – ela repetiu.
– Para Wood Street. Posso usar o seu carro?
– O seu Triumph está aí fora.
– Obrigado – repeti.
– Mas você tem certeza, você…
– Estou bem – eu disse, sorrindo. – Sério.
– Quer que eu chame o meu pai?
– Não. Você sabe que ele se preocupa demais.

Fui de Durkar até Wakefield. Não parei em Sandal. Segui direto para Wood Street. Não entrei pela frente, mas pelos fundos. Não falei com ninguém. Ninguém falou comigo. Subi correndo as escadas. Fui ao meu escritório. Destranquei a última gaveta. Peguei duas pastas grossas e uma terceira, mais fina

e nova. Tranquei a gaveta. Peguei as pastas. Saí da sala. Desci as escadas. Voltei pelo mesmo caminho que entrei. Não vi ninguém. Ninguém me viu. Voltei correndo ao carro. Saí de Wakefield, passando pelo Redbeck. Cheguei aos arredores de Castleford.

Shangri-lá.

Não parei.

Havia um Jaguar vermelho-escuro estacionado na porta.

Fui até o final da rua. Virei à esquerda. Cheguei a um estacionamento. Virei o carro.

Esperei.

Não fechei os olhos. Não ousaria.

Observei.

Meia hora mais tarde, vi o Jaguar vermelho-escuro partir no final da rua.

Dois homens grandalhões no seu interior.

Eu conhecia o que estava no banco do carona.

O maldito *Derek Box*.

O Jaguar virou à direita. Desapareceu no final da rua.

Liguei o carro. Voltei por onde tinha vindo.

Estacionei na frente da casa. Saí do carro. Olhei para o topo da colina.

Shangri-lá.

Lembrei-me de quando aquele lugar era apenas um esqueleto.

Ossadas brancas erguendo-se do chão.

Lembrei-me daquele lugar à luz da lua.

A feia luz da lua.

Lembrei-me daquele lugar e das mentiras.

“Ele estava aqui comigo.”

Subi em direção à casa. Passei pelo peixe dourado.

Eu não estava com as mãos vazias.

Cheguei à porta. Toquei a campainha. Ouvi o ressoar.

A porta se abriu.

John Dawson, o *Príncipe da arquitetura* em pessoa.

– Maurice? – ele disse. – Que surpresa…

– Cale a boca – eu disse.

– O quê?

Eu o empurrei para dentro da casa.
A sua esposa de roupão descia as escadas.
– Quem é agora? – ela perguntou.
– A polícia – respondi.
– Maurice, o que está acontecendo? – ela perguntou.
Apontei para a sala à esquerda e disse:
– Quero vocês dois ali.
Eles foram até a grande e branca sala de estar.
Eu os segui.
A sala era completamente branca, decorada com imagens de cisnes.
– Espero que saiba o que está fazendo – disse Dawson.
Dei uma pancada na nuca dele.
– Sente-se e cale a boca.
Eles se sentaram no enorme sofá creme, lado a lado.
Na mesa diante deles, projetos de arquitetura e o jornal do dia.
Olhei para uma fotografia de cabeça para baixo:
Paula Garland.
Li a manchete:
IRMÃ DE ESTRELA DE RÚGBI ASSASSINADA.
Olhei para eles e disse:
– Vocês sabem porque estou aqui.
– Não, eu não sei – disse Dawson. – E tem mais, acho que Bill Molloy…
– Cale a porra dessa boca! – gritei. – Cale a boca!
– Senhor Jobson, eu…
– John – murmurou sua esposa. – Por favor, fique calado.
Olhei para Marjorie Dawson.
Para o seu caro roupão. Para os seus olhos cansados e solitários.
Olhei para ela e notei que ela sabia.
Olhei para o marido dela.
Suas roupas caras. Seus olhos tímidos e libertinos.
Olhei para ele e notei que ele sabia.
Sabia que ela sabia, sabia que eu sabia.
– Ted Jenkins – eu disse.
– Quem? – perguntou Dawson.
– O fotógrafo e fornecedor de pornografia. De pornografia infantil, para ser exato.
Tirei uma agenda preta de 1974. Abri. Virei as páginas até chegar aos

endereços e telefones. Encontrei os nomes que começavam com D. Olhei-os. Coloquei a agenda em cima do jornal e dos projetos. Apontei para um nome e um número.

Marjorie Dawson inclinou-se. John Dawson não.

Eu sorri e disse:

– O senhor Jenkins tem o seu número de telefone.

Marjorie Dawson olhou para o marido.

– Ele tem muitos números – eu disse.

John Dawson mordia os lábios.

– O de Don Foster também – eu disse. – Embora ele não vá voltar a atender o telefone.

Marjorie Dawson olhou para mim.

– Ele está morto – eu disse.

Ela abriu e fechou a boca.

– Sinto muito – eu disse. – Imaginei que você soubesse.

Dawson tentou segurar a mão da esposa.

Ela se afastou.

Ele disse a ela:

– Acabaram de me avisar.

– Foi por isso que Derek Box veio até aqui, certo? – ela perguntou.

John Dawson colocou as mãos sobre o rosto.

– Tenho mais algumas novas e más notícias… – eu disse.

Dawson olhou por cima das mãos.

– George Marsh também está morto.

– O quê? – perguntou Dawson.

– É verdade, eu mesmo o matei.

– O quê? – ele repetiu. – Por que…

Sorri novamente. Coloquei três fotografias sobre a mesa, em cima dos seus projetos…

Jeanette. Susan. Clare.

A esposa olhou para as fotos. Depois olhou para ele.

– Preferia que você estivesse morto – ela disse. – Que todos nós estivéssemos mortos.

Peguei as fotos.

Ele voltou a colocar as mãos sobre o rosto.

Ela se levantou. Deu um tapa no rosto dele. Arranhou as mãos do marido. Ela gritou.

Eu fui embora.

Saí de Shangri-lá, de volta para casa.

Casa.

Estacionei bem na frente da minha casa, do meu lar.

Nenhuma luz acesa, as cortinas abertas.

Tudo desaparecido.

Casa com os passos das crianças nas escadas, risadas e telefones tocando pelos cômodos, o som de uma bola batendo contra um bastão ou muro, o estampido de um tiro de festim ou de um balão sendo estourado, o som de comida sendo preparada, servida e degustada.

Todo mundo…

Judith, Paul e a minha Clare.

Jeanette, Susan, Clare Kemplay.

Mandy.

Todo mundo desapareceu.

Voltei para Wakefield, para a Blenheim Road, St John's, Wakefield.

Estacionei na rua, sob as altas árvores com corações desenhados nos troncos.

Olhei para a rua, para o número 28 da Blenheim Road.

Olhei para os policiais sentados nos seus carros, no escuro.

Fechei os olhos. Voltei a abri-los. Não vi nenhuma estrela.

Nenhuma estrela, nenhum anjo.

Olhei para o apartamento 5.

Nenhuma estrela, nenhum anjo.

Não naquela noite.

Uma batida no vidro.

Me assustei.

Bill.

Ele tentou abrir a porta do carona.

Estava aberta. Ele entrou.

Seus cabelos grisalhos. Sua pele amarelada.

Ele fedia a morte.

Nós dois fedíamos.

– Don está morto – ele disse. – E também John Dawson.

– Como?

– O maldito Derek Box matou Don. Parece que John e sua esposa se mataram.

Eu olhei para ele.

– A esposa também?

Bill fez que sim.

– O que vamos fazer?

Bill ficou olhando para mim. Ele sorriu e disse:

– Estamos atrasados.

"Sleigh bells ring, are you listening?"

O Marmaville Club.

Uma casa de luxo transformada em bufê, a preferida dos maçons.

A preferida de Bill Molloy.

O Texugo.

O salão do andar superior, ao lado dos banheiros.

As cortinas fechadas, as lâmpadas acesas, nenhum charuto.

Nenhum charuto naquele dia.

Segunda-feira, 23 de dezembro de 1974.

Malditas canções de Natal sendo ouvidas através do carpete.

O lindo carpete, repleto de flores douradas, carmim e vermelho.

Como o Chivas Regal e os nossos rostos.

Alguns de pé e outros sentados num círculo de grandes cadeiras, algumas delas vazias, de pernas para o ar.

A metade da gangue por ali:

Dick Alderman, Jim Prentice, John Rudkin e Murphy.

John Murphy de pé, longe da sua cadeira.

– Sente-se! – gritou Dick para o idiota.

O idiota de Manchester não obedecia.

– Não, não vou me sentar, porra nenhuma! – gritou Murphy. – Não até alguém me explicar que merda é esta que está acontecendo aqui.

Bill ergueu as mãos, um gesto para pedir calma:

– John, John, John…

– Não! Não! Não! – gritou Murphy. – John Dawson e Don Foster estão mortos, porra. Quero respostas, e quero agora!

Não dissemos nada.

Murphy deu uma olhada ao redor da sala. Depois apontou para mim.

– E esse idiota de merda…

Ele apontava e gritava na minha direção.

– Agora vocês vêm me contar que esse maluco deu um passeio por aí e destruiu metade do nosso negócio!

Eu não disse nada.

– Sabe-se lá o que fez com Jenkins.

Continuei mudo.

Bill levantou-se e disse:

– Acredite em mim, John, estamos tão preocupados quanto você.

Não fizemos que sim.

Murphy parou. Ficou de pé no centro do círculo. Ofegante, ele nos encarava.

– John, tudo o que planejamos, todo o nosso trabalho, isso não pode ser jogado fora – disse Bill.

Murphy fazia que não.

– Eu não vou deixar que isso aconteça – prometeu Bill.

Pelo que sabemos…

E nos lembrou:

– Fora das ruas, das vitrines das lojas, sob as nossas asas e em nossos bolsos.

Todos olhamos para Bill.

Bill sorriu. Bill piscou. Bill disse:

– Nossos ricos bolsos.

Nós não sorrimos.

Bill colocou o braço nos ombros de Murphy, obrigando-o a se sentar.

Depois contou a ele e a todos nós o que estava por vir:

– Tivemos que resolver algumas coisas, mas tudo chegará ao fim e nossos investimentos permanecerão seguros.

Jim Prentice balançou a cabeça e disse:

– *Algumas coisas*?

– Não muitas… – respondeu Bill. – Dois pequenos problemas, nada mais, Jim.

Esperamos.

Esperamos ele nos dizer o que já sabíamos:

– O maldito Derek Box era um desses problemas.

– Um babaca com duas caras – disse Dick.

– Cadê o babaca? – perguntou Jim.

– Vai se encontrar com Bob Craven e Dougie à meia-noite – respondeu Bill.

– Os heróis do momento – comentou Rudkin, sorrindo.

– É verdade… – disse Bill, fazendo que sim. – Vão se encontrar no salão superior do Strafford.

Uma batida na porta. A garçonete trouxe outra bandeja de uísques.

Duplos.

Ela pegou os copos vazios e foi embora.

Murphy perguntou a Bill:

– Qual é a pauta deste encontro dos cabeças?

– Você logo descobrirá – ele respondeu, dando uma piscadela.

– O que você quer dizer? – perguntou Murphy.

Bill olhou para Rudkin.

– As armas estão com você?

Rudkin fez que sim.

– Entregue a eles – ele pediu.

Rudkin saiu do salão.

Bill levantou-se.

– Todos de pé!

Todos ficaram de pé, com os uísques nas mãos.

Eu também.

Pois o corpo não é formado por apenas um único membro.

– À nossa saúde – disse Bill, erguendo o copo. – À saúde de todos nós.

Mas…

– Todos nós – murmuramos.

Vários.

– Ao Norte – gritei. – Onde a gente faz o que quer!

– Ao Norte! – ele repetiram, tomando seus uísques.

Voltamos a nos sentar.

– E quanto ao segundo pequeno problema? – perguntou John Murphy. – Você disse que eram dois, certo?

Bill olhou para trás, olhou para mim.

Todos olharam para mim.

– Eddie Dunford – disse Bill.

Fechei os olhos.

Eu vi minha estrela, meu anjo.

O meu maldito anjo silencioso.

Abri os olhos. Fiz que sim e disse:

– Eu vou…

Mas ouvimos botas nas escadas.

Botas pesadas.

Rudkin apareceu na porta e disse:

– Aconteceu um tiroteio no Strafford.

Bill e Dick foram os primeiros a se levantar.

Eu e Jim nos levantamos em seguida.

Murphy fodido.

Todos descemos as escadas rapidamente, bêbados, feios.

Todos gritavam.

Todos, menos Bill.

Descemos as escadas e entramos nos carros.

Cento e sessenta quilômetros por hora.

Bill, Dick e John Rudkin num carro.

Cento e setenta quilômetros por hora.

Jim dirigindo o nosso carro, Murphy no banco de trás.

Cento e oitenta quilômetros por hora.

O rádio da polícia reportando o tiroteio.

Cento e oitenta quilômetros por hora.

Eu gritando para Jim:

– Você não pode ir um pouco mais rápido, porra?

Cento e oitenta quilômetros por hora.

Eu mexia no rádio.

– Aqui é o chefe superintendente Maurice Jobson. Repito: não se aproximem da cena…

Cento e oitenta quilômetros por hora.

Eu disse:

– Oficiais armados estão sendo enviados.

Cento e oitenta quilômetros por hora.

Dei uma ordem:

– Organizem barreiras nas ruas num raio de dez quilômetros, aumentem o raio em dez novos quilômetros a cada dez minutos.

Cento e oitenta quilômetros por hora.

Avisei:

– NÃO SE APROXIMEM DA CENA DO CRIME!

Cento e oitenta quilômetros por hora.

John Murphy, com a cabeça metida entre os dois bancos dianteiros.

Bêbado e sorrindo, fodido para sempre.

– Por que eles te chamam de *Coruja*, porra? – ele gritou.

– Por causa dos meus óculos – respondi.

– Entendi – ele disse, sorrindo.

– Agora vá se foder e me deixa fazer o meu trabalho.

Ele se jogou no banco.

Olhei pelo retrovisor. Notei que ele olhava para fora da janela, para a noite escura de Yorkshire, para as luzes de Natal que já estavam quebradas ou desligadas.

Murphy chorava, querendo estar em qualquer outro lugar.

Querendo estar com outras pessoas.

Outra gente.

Chorando e desejando que estivéssemos todos mortos.

Ou pelo menos eu.

Pelo menos eu.

Que se foda.

Que se fodam todos.

Todos eles.

Eu sou o Coruja.

Prentice pisou no freio.

Uma e meia da manhã.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

O Bullring.

Wakefield.

Havia uma ambulância e duas viaturas no final da Wood Street.

Nossos dois carros com todas as portas abertas.

Bill sentado no banco do passageiro de um dos carros, dando as ordens:

– Dick e Jim, vão para a Wood Street e fiquem esperando a chamada. Comecem registrando algumas coisas: horários, ligações, essa merda toda.

Eles fizeram que sim e foram embora.

– Você fica por aqui – ele disse a Rudkin. – E quero todos bem longe, especialmente os de alta patente.

Rudkin fez que sim.

Bill olhou para o relógio.

– Ligue para a polícia especializada em três minutos.

Rudkin fez que sim novamente.

– E eu? – perguntou Murphy.

– Dê o fora o mais rápido possível – gritou Bill. –Você não tem nada a ver com isso.

Ele fez que sim e foi embora.

Bill olhou para mim.

Fiz que sim.

Ele se levantou. Foi até a traseira do carro.

Eu o segui.

Ele me ofereceu a Webley. E pegou a L39 para si.

Fechou o porta-malas do carro.

Ouvimos gritos distantes, ao vento.

Bill Molloy me olhou, me encarou.

Eu o encarei:

Há câncer nos olhos dele e ele sabe disso. Ninguém estará ao seu lado quando ele morrer.

– Você sabe o que devemos fazer, certo? – ele perguntou.

Fiz que sim.

– Vamos em frente, então.

Eu o segui pelo Bullring.

Em direção aos gritos.

Olhei para o primeiro andar do Strafford.

As luzes estavam acesas.

Bill olhou para o relógio. Abriu a porta.

Os gritos ficaram mais altos.

Nós subimos as escadas. Entramos no bar.

Em meio aos gritos. À fumaça. À música.

Rock'n'roll.

O disco estava arranhado na *jukebox*.

No inferno:

Uma mulher de pé atrás do balcão, banhada em sangue. Ela gritava.

Um velho sentado à mesa ao lado da janela. Com uma das mãos erguidas.

Bob Craven de pé no centro do salão. Ele não se mexia.

Bob Douglas deitado de barriga para baixo no banheiro. Ele se arrastava.

Um homem grandalhão deitado com as costas no chão. Ele abria e fechava os olhos.

Derek Box ao lado dele, morto.

Bill caminhou em direção a Craven e perguntou:

– O que aconteceu por aqui, Bob?

Sangue escorrendo da orelha de Craven.

Ele não escutava nada.

Bill bateu no rosto dele.

Craven piscou. Não disse nada.

Eu me aproximei de Bob Douglas. Virei o corpo dele.

Ele ficou olhando para mim.

– Quem fez isso? – perguntei.

Ele falou, mas eu não ouvi.

Aproximei-me da sua boca e perguntei:

– Quem?

Ouvi.

Levantei os olhos.

Bill Molloy estava de pé diante de nós.

– Dunford – repeti.

– Mate esse idiota – ele disse. – Mate todos eles.

Fiz que sim.

Bill se virou, atirando no velho sentado à mesa ao lado da janela.

Ele o matou.

Bill olhou para o seu relógio. Depois olhou para mim.

Eu me levantei.

Fui até a mulher atrás do balcão.

Ela parara de gritar.

Ela se encolheu embaixo do balcão.

Ela me olhou.

Eu a conhecia.

O nome dela era Grace Morrison.

Eu tinha o dedo no gatilho da arma que estava nas minhas mãos. Fechei os olhos.

Vi minha estrela, meu anjo.

Meu maldito anjo silencioso.

No inferno.

Abri os olhos.

Todos estamos…

O disco engasgado na *jukebox*.

No inferno.

– Mate-os – gritava Bill. – Mate todo mundo.

50

Você parou de escrever.

Havia luz do lado de fora, no meio da chuva.

Os galhos continuavam batendo contra o vidro.

Você deixou a caneta sobre a mesa.

Sete envelopes gordos diante de você.

Os galhos continuavam batendo contra a dor.

Você selou os envelopes.

Era terça-feira, 7 de junho de 1983.

Os galhos continuavam batendo contra a dor.

D-2.

Você abriu a porta do banheiro. Entrou. Ficou de pé em frente da pia. Seus olhos estavam fechados. Você abriu a torneira. Tirou os curativos. Ficou de pé em frente da pia. Seus olhos estavam fechados. Limpou as feridas. Secou-as. Ficou de pé em frente da pia. Abriu os olhos. Olhou para o espelho.

Escrita em batom, uma nota:

Todo mundo sabe.

Você foi a Wakefield pela última vez. O rádio ligado:

"Ontem, no inquérito, o patologista que examinou o senhor Roach disse acreditar que as feridas foram causadas por ele mesmo e que o senhor Roach colocou a arma na própria boca. No entanto, ele admitiu que não tem 100% de certeza. O inquérito registrou que o senhor Roach ouvia vozes antes da sua morte. Colin Roach, de 21 anos, morreu vítima de um ferimento de bala na entrada da delegacia de polícia de Stoke Newington, em janeiro…"

Você seguiu em direção ao Calder pela última vez. O rádio ligado:

"Ontem, o senhor Neil Kinnock disse ser uma pena que as pessoas tenham de deixar suas tripas nas Malvinas para provar a força da senhora Thatcher. Ao mesmo tempo, as pesquisas continuam apontando uma vitória avassaladora dos

conservadores, enquanto a Aliança e os trabalhistas lutam pelo segundo lugar…”

Você seguiu para Fitzwilliam.

Pela última vez.

Maldito Fitzwilliam.

Newstead View.

A rua calma.

Nenhum pai, nenhum filho.

Os homens não estavam ali.

Você estacionou em frente ao número 69.

Ao que restou do número 69:

Madeiras nas janelas e na porta.

Marcas escuras nas paredes.

Pilhas de móveis e roupas queimadas no jardim.

Palavras nas placas de madeira:

Leeds United, Ulster Defence Association, National Front. Descanse em paz.

Mais palavras:

Pervertido, Pervertido, Pervertido, Pervertido.

Você ligou o carro. Dirigiu lentamente até o número 54.

Havia um táxi Azad preto parado na porta, esperando.

A senhora Myshkin e sua irmã desciam em direção ao veículo. Elas usavam lenço na cabeça e casaco de chuva. As duas carregavam malas.

Você saiu do carro.

A senhora Myshkin parou no portão.

– Para onde a senhora está indo? – você lhe perguntou.

Ela olhou em direção ao número 69 e disse:

– Viu o que fizeram?

– Quando? – você perguntou, fazendo que sim.

– Há duas noites, um grupo destruiu tudo.

– Um horror – disse a irmã.

– E para onde as senhoras vão? – você insistiu.

– Finalmente para Leeds – respondeu a senhora Myshkin, olhando para a irmã.

Você deu um passo à frente, pegou as malas das mãos delas e perguntou:

– Finalmente?

– Preciso estar perto de Michael – ela disse. – Mas passarei em Liverpool hoje.
– Estive com ele ontem – você disse.
– Eu sei, obrigada.
– Falou com eles hoje?
– Sim. Atualmente falo todos os dias.
Você levou as malas ao táxi.
O motorista abriu o porta-malas do carro.
Você colocou tudo lá dentro.
– Obrigada – disseram a senhora Myshkin e a irmã.
– Esperem um minuto – você disse.
Elas fizeram que sim.
Você foi até o seu carro. Pegou dois envelopes. Voltou. Entregou os envelopes à senhora Myshkin.
– O que é isto? – ela perguntou.
– Um deles é para a senhora e para Michael – você respondeu. – O outro para a senhora Ashworth.
– Você quer que eu entregue a ela?
– Caso não se importe…
– Mas não sei quando…
– Com certeza se encontrará com ela antes de mim.
A senhora Myshkin olhou para você.
Havia lágrimas nos olhos dela.
Lágrimas nos seus olhos.
– Obrigada – ela disse. – Por tudo.
– Eu não fiz nada – você respondeu.
A senhora Myshkin deu um passo à frente. Ficou na ponta dos pés e beijou sua bochecha.
– Fez sim – ela disse. – Fez sim.
Você balançou a cabeça.
Ela tomou sua mão, a apertou e disse:
– Contaram o que eles fizeram com você.
Você balançou novamente a cabeça e disse:
– Não teve nada a ver com Michael.
Ela voltou a apertar sua mão, depois a soltou e se aproximou da irmã.
Elas entraram no táxi. Fecharam as portas. Acenaram para você.
Você ficou parado na Newstead View.
Entre os sacos plásticos e as merdas de cachorro.

Você acenou de volta. Ficou observando enquanto elas iam embora.
Seu sangue seco no portão.

Você parou na frente de outra casa lacrada com pedaços de madeira, em outra rua de outra parte de Fitzwilliam.

Saiu do carro. Aproximou-se da casa. Leu os dizeres:
Leeds United, Ulster Defence Association, National Front. Descanse em paz.
Leu as palavras:
LEEDS, LEEDS, LEEDS, LEEDS.
Olhou para a suástica e para a forca pintada acima da porta.
Virou-se.
Olhou para a lateral da casa. Você podia ver um pedaço do jardim.
Caminhou lentamente pela lateral da casa. Contornou-a. Parou.
Olhou para o jardim nos fundos da casa. Viu a edícula.
A edícula com os seus trenzinhos e trilhos.
A edícula.
Onde você imaginou que veria o seu pai.
A edícula.
Caminhou até a porta.
A edícula.
Abriu a porta.
A edícula.
Sentiu o cheiro de fumaça.
A edícula.
Viu o sangue.
A edícula.
Viu o seu pai.
A porta batendo ao vento, sob a chuva.
A sua mãe de boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando.
Você se virou.
"Por quê?"
Você fechou os olhos.
"Por quê?"
Você abriu os olhos.
Olhou para a cerca destruída. Olhou para outra casa vazia, logo ao lado.

Lembrou-se da família que vivia ali, havia muito tempo.

Duas crianças pequenas, a mãe e o pai.

“Um homem muito legal.”

O pai.

"Muito bom para os filhos."

O pai.

George Marsh.

Você estacionou na porta de uma casa branca com um pequeno jardim verdejante, mas vazio:

Maple Well Drive , número 16, Netherton.

Você bateu à porta de vidro. Sua boca estava cheia de água salobra. Você cuspiu.

Uma mulher gorda com cabelos grisalhos e permanente abriu a porta.

Você limpou a boca e perguntou:

–Senhora Marsh?

Ela fez que não e disse:

– Não.

– Sinto muito – você disse. – Há muitos anos.

– E você não sabe para onde foram?

Ela fez que não.

– Desapareceram.

– Desapareceram?

– Há quase dez anos – ela disse. – E o banco ficou com a casa.

– Eles simplesmente desapareceram?

– Viraram fumaça – ela disse.

– E me lembro que tinham um terreno ou algo parecido.

– Ali em cima, mas nós não...

– Não venderam junto com a casa, certo?

– Não – ela respondeu, sorrindo.

– Quem é dono do terreno, então?

– Não sei. A liga de mineiros, talvez...

– Obrigado – você agradeceu.

Ela fez que sim.

Você se virou. Voltou ao gramado.

– Desculpe-me – ela disse. – Quem é o senhor?
– Um advogado… John Piggott.
– Não tem nenhum problema por aqui, certo? Com a casa?
– Não. Eles são amigos dos meus pais, só isso.

O portão que dava para os campos atrás da casa não abria.

Você pulou o muro. Depois seguiu pelo caminho lamacento aberto pelo trator, em direção ao topo da colina.

O céu estava carregado, a chuva começaria a cair a qualquer momento.

No meio do caminho, você olhou para trás. Para a pequena casa branca com seu pequeno jardim verdejante ao lado de outras pequenas casas brancas com seus pequenos jardins verdejantes.

Podia ver a mulher gorda com cabelo grisalho na janela da cozinha.

Pegou o lenço. Limpou o rosto.

O seu hálito tinha cheiro de merda.

Você cuspiu novamente. E continuou subindo.

Chegou aos galpões.

Você olhou para dentro, tentando ver entre as madeiras, os buracos nos tijolos:

Viu tabuleiros e jornais velhos, vasos de planta e velhos exemplares do *Radio Times*…

Todos os tabuleiros de sementes e vasos de plantas, até o último galpão…

Aquele com a janela lacrada com tijolos. Com a porta fechada a cadeado.

Você bateu à porta.

Ninguém respondeu.

Você mexeu no cadeado.

Nada.

Você pegou um pedaço de tijolo. Bateu contra o cadeado.

Abriu a porta.

Abriu a porta e viu fotos na parede.

Fotos que já vira em outra parede:

Jeanette Garland, Susan Ridyard, Clare Kemplay e…

Uma foto nova, recortada de um jornal, de um jornal sujo…

Hazel.

Você sabia onde ela estava.

PARTE 5

“Todo homem é culpado pelo bem que não fez.”
VOLTAIRE

51

Uma rala chuva de verão caía sobre canteiros de flores logo abaixo da minha janela.

O doutor voltou a acender uma lanterna na frente dos meus olhos. Ele me aplicou três injeções. A enfermeira limpou minhas feridas, colocou os curativos. O doutor sorriu. Apertou minha mão. A enfermeira fez que sim. Beijou minha bochecha. E então me deixaram sozinho, para que eu me vestisse.

A chuva parara de cair e, além das nuvens, havia um raio de sol.

Eu me levantei da cama, vesti um pesado casaco militar. Coloquei um boné. Levantei o colarinho. Desci o corredor. Cheguei à sala de recreação. Fiquei de pé, vendo-os em seus roupões.

Um raio de sol fugitivo fez brilhar as lágrimas deles.

Eu estive tão longe.

Eu me despedi.

Tão longe dos braços dela.

O relógio do hospital marcava uma da tarde.

Semana do Ódio.

Este é o Norte.

Onde eles fazem o que querem.

Wellington Street, Leeds.

Saí do ônibus. Entrei no banheiro da rodoviária. Tirei o meu boné e o meu casaco. Livrei-me das ataduras. Olhei-me no espelho. Baixei a cabeça. Olhei mais uma vez para o espelho.

Estava ficando escuro.

Peguei a minha tesoura. Cortei meus cabelos. Balancei a cabeça. Os fios soltos caíram na pia. Abri a torneira. Peguei minha gilete. Misturei água e sabão na palma da minha mão. Passei a espuma por toda a minha cabeça. Peguei a lâmina. Tirei os pelos do pescoço. Barbeei o rosto. Raspei toda a cabeça. Olhei para a minha imagem no espelho. Baixei a cabeça. Voltei a olhar para o espelho.

Estava ficando escuro e…

Eu tinha visões de seis e setes, suásticas e crucifixos, grandes, escuros e

brancos, todos manchados de sangue num *bunker* subterrâneo, num bar num primeiro andar, numa parede de motel, num quarto de hotel no sétimo andar…

Numa porta de banheiro.

Estava ficando escuro e comecei a ficar confuso.

Vesti o boné e o meu casaco militar. Limpei a melhor insígnia que tinha.

UK Decay.

Fui até uma cabine telefônica. Entrei. Fechei a porta. Peguei o fone. Disquei o número dela. Ela não atendeu.

Nunca atende o telefone, ela nunca atende o telefone; é assim que ela…

Uma guerra de nervos.

Eu estava com fome. Entrei num café. Uma menina muito amável me perguntou o que eu queria. Pedi uma xícara de chá e um pedaço de bolo quente. Paguei. Ela sorriu para mim. Levei o chá e o bolo para uma mesa. Sentei-me. Fiquei observando enquanto ela trabalhava. Gostei do que comi. Agradeci. Peguei minha pasta e fui embora.

Desci a Wellington Street em direção à City Square.

Havia vozes nas vans.

Passei por dois leões de pedra e pela estação de Leeds.

Havia pôsteres nas paredes.

Depois passei pela Boar Lane e pelo Griffin Hotel.

Havia fantasmas em cada esquina.

Pela Vicar Lane e pela Call Lane.

Nas janelas e portas.

Pelo mercado, pela rodoviária e Millgarth.

Vi uma gárgula negra com asas.

Ela me observava com suas garras apontadas a tediosas memórias.

Estava escuro. E eu, confuso.

Esperei o ônibus para Fitzwilliam.

Uma sombra no muro.

O ônibus chegou. Entrei. Eu me sentei no andar superior.

Assento duro.

Acendi alguns fósforos. Fumei alguns cigarros. Li o que estava escrito nos assentos.

Brancos de Thornhill; Jeff viado; Leeds United; Barry & Clare.

Acendi alguns fósforos. Lembrei-me de rostos. Lembrei-me do rosto dela.

Penso nela o tempo todo.

Acendi fósforos.

Ela gostaria de mim? Ela me amaria? Ela me deixaria entrar, como se costuma dizer?

Ela se lembraria de mim? Ela me odiaria? Desejaria que eu estivesse morto, como as pessoas costumam desejar?

E então deixei que os fósforos caíssem no chão.

Esses idiotas nos tratam como imbecis.

Acendi outro fósforo.

Por que gostam de uma pessoa e não de outra?

Por que uma pessoa é amada e a outra não?

Meus dedos queimavam. Deixei o fósforo cair.

Eu menti para ele, mas não para ela.

Um beijo para ele. Para mim, um tapa.

Fechei os olhos.

Tudo ficou escuro.

Queria abrir novamente os olhos, mas não podia…

Minha calça na altura dos tornozelos. Suas mãos no meu pau. E o seu na minha boca. Você gozou na minha cara. Bateu em mim. Me estuprou novamente. Me deu dinheiro. Me obrigou a calar a boca. Disse que, caso eu não me calasse, mataria a minha mãe.

Eu ia descer na próxima parada.

Eu tinha nove anos de idade.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7…

Todas as crianças boazinhas vão para o céu.

Atravessei a rua. Cortei caminho pelo cemitério Corporation e cheguei à minha

rua.

À minha rua, à nossa rua:

Newstead View.

Onde tudo começou.

Fitzwilliam, 1967.

E aquilo não era o céu.

Olhei novamente para o meu relógio. Uma da tarde.

Semana do Ódio.

Desci a rua.

A nossa rua.

Cheguei à casa.

A nossa casa.

Abri o portão. Segui em direção à porta de entrada.

Tudo escuro. Eu estava confuso.

Toquei a campainha. Esperei.

Uma sombra na parede dela, a sua noite em completo silêncio.

Ouvi passos. Vi um pequeno corpo atrás do vidro.

Eu penso nela o tempo todo.

A espera quase no fim.

Eu estive tão longe, tão longe dos braços dela.

Mas chegara em casa.

De volta do submundo.

52

Eu a encontrei. Ela está em segurança, bem. Segurei a sua mão. Entramos no meu carro. A família dela ficará muito feliz. Liguei o carro. Fomos embora. Ela precisava ir ao banheiro. Paramos num posto de gasolina da estrada. Estacionei entre caminhões e carros. Saímos do carro. Tranquei as portas. Atravessamos o estacionamento. Eu segurava a sua mão. Ela entrou no banheiro feminino. Fiquei parado na porta. Esperando. A família dela ficará muito contente. Esperei. Começou uma chuva fina. Esperei. Os caminhões chegavam e partiam. Esperei. Ela não saía. Entrei para procurá-la. Havia sangue no chão. Sangue nas paredes. Abri as portas das cabines do banheiro. Cheguei à última. Estava trancada. Não abria. Bati. Bati e bati e bati. Sangue no chão. Nas paredes. Afastei-me. Chutei a porta. Ela não estava lá. Corri para fora. Ela não estava lá. Os caminhões e carros tinham ido embora. Não estavam lá. O estacionamento vazio. Sangue nos meus sapatos. Nas minhas meias. Uma maré sangrenta batendo nos meus tornozelos. Subindo pelas minhas pernas. Comecei a correr. A água subia. A água sangrenta. A chuva começou a cair. A chuva sangrenta. Escorreguei. Caí no chão. Não conseguia ficar de pé. Eu me afogava. A maré sangrenta, uma inundação sangrenta.

Acordei de joelhos, com as mãos em oração, nas sombras e no que restava da noite morta, com a casa escura e silenciosa, tentando escutar alguma coisa, qualquer coisa: patas de animais ou pássaros acima ou abaixo, um carro na rua, garrafas de leite sendo postas na soleira, o jornal sendo jogado no capacho, mas não ouvi nada; somente silêncio, as sombras e a morte, e me lembrei de quando não era assim, que não foi sempre assim, me lembrei de quando havia passos nas escadas, passos de crianças, o som de uma bola batendo contra um bastão ou muro, um estampido de tiro de festim ou de um balão sendo estourado, sinos de bicicleta e campainhas, risos e telefones tocando nos quartos, os cheiros, sons e sabores de carnes sendo cozidas, servidas e comidas, de bebidas sendo servidas, copos erguidos e brindes feitos por homens com charutos em seus paletós pretos de veludo, suas mulheres com os vinhos licorosos e usando longos vestidos de festa, o quarto extra para as longas e doces noites de verão quando ninguém

conseguia dirigir, quando ninguém conseguia ir embora, quando ninguém queria ir embora, antes daquela última vez, daquela vez em que o telefone tocou e trouxe um silêncio que nunca foi embora, um silêncio que continua comigo, que está deitado comigo, entre as sombras e os mortos da casa, silenciosa e escura, vazia…

Manhã de terça-feira.

Procurei os meus óculos e saí da cama, desci as escadas em direção à cozinha e acendi a luz, coloquei água para ferver e liguei o gás, peguei um bule no armário, uma xícara, um pires e destranquei a porta dos fundos para ver se o leite já tinha sido entregue, mas não tinha, e não havia leite na geladeira, ainda assim eu coloquei dois saquinhos de chá no bule, peguei a água fervendo e joguei a água sobre os saquinhos de chá, deixando-a apurando enquanto lavava a panela e a tigela de sopa usadas na noite anterior, depois as enxuguei, olhando para o jardim e para o campo atrás da casa, vendo a cozinha refletida no vidro, um homem completamente vestido com calça marrom-escura, camiseta azul-clara e pulôver verde com gola V, usando óculos de lentes grossas e pesada armação preta, um velho completamente vestido às quatro da manhã.

Terça-feira, 7 de junho de 1983.

Coloquei o bule, a xícara e o pires numa bandeja azul de plástico e levei tudo para a sala de jantar, coloquei sobre a mesa, servi o chá e acendi um cigarro, depois liguei o rádio e me sentei numa cadeira, esperando as notícias na Rádio Leeds:

"A busca policial pela menina desaparecida em Morley, Hazel Atkins, deverá sofrer grandes mudanças, já que a família fez uma dura crítica ao trabalho da polícia.

"Num artigo publicado esta manhã no Yorkshire Post*, o senhor e a senhora Atkins disseram que não estão sendo informados sobre o andamento do caso do desaparecimento de sua filha e que alguns detalhes eles ficaram sabendo pela televisão. O senhor e a senhora Atkins foram particularmente duros com o chefe superintendente Maurice Jobson, o homem que lidera a investigação. Eles dizem que o senhor Jobson só se dirigiu a eles em três ocasiões no início das buscas, mas que desde então está incomunicável.*

"Até este momento, o senhor Jobson se recusou a fazer qualquer comentário…"

Rádio desligado, óculos fora do rosto.

Permaneci sentado, novamente às lágrimas.

Às lágrimas.

Pois eu sabia que não havia salvação para ninguém.

Nada de novo sob o céu.

Às lágrimas.

Terça-feira, 7 de junho de 1983.

Dia 27.

Pouco mais das sete.

Delegacia de polícia de Morley.

A Sala de Ocorrências.

Ninguém por ali, exceto eu.

Ninguém e nada por ali, apenas duas dúzias de armários com quatro gavetas e quase duzentas caixas de papelão, duas fileiras de prateleiras de madeira com os resultados das atividades e dez mesas montadas sobre cavaletes com cinco grandes computadores e vinte telefones, os telefones postos em mesas desenhadas para escrever declarações e relatórios, para preencher fichas e checar as buscas em casas e carros, inserindo informações novas, atualizando as antigas e procurando por mais…

Ou talvez apenas registrando.

Caso arquivado.

Abri a porta que dava a uma sala menor:

Oficial encarregado pela investigação.

Sentei-me à minha mesa, em frente a um grande mapa de Morley cheio de alfinetes.

Um grande mapa de Morley, cheio de alfinetes, e uma fotografia.

A fotografia de uma menina.

Uma menina que continuava desaparecida.

Entrei na Blenheim Road, St John’s, Wakefield.

Árvores velhas, com corações desenhados nos troncos, perdendo as folhas em junho.

Estacionei em frente ao número 28 da Blenheim Road.

Uma velha e grande árvore, um velho e grande prédio, um velho e grande talho.

Fechei os olhos. Depois voltei a abri-los. Vi uma estrela.Uma única estrela, um

anjo.

Um pequeno e silencioso anjo.

Saí do carro. Tranquei a porta. Cuspi.

Carne.

Segui em direção ao prédio.

Sob a feia e misteriosa luz do dia, entre a água da chuva marrom e parada.

Na barra da minha calça, meus sapatos e minhas meias, sangue.

Tudo ensanguentado.

Entrei. Subi em direção ao apartamento 5.

Úmido e manchado.

Corações ainda desaparecidos.

A porta estava aberta.

Entrei. Fiquei parado perto da porta.

– Oi?

Ninguém respondeu.

Cruzei o corredor.

As portas estavam todas trancadas.

Fiquei parado na frente do quarto. Murmurei o nome dela.

Silêncio.

Os galhos batiam contra o vidro.

Tentei abrir a porta.

A porta se abriu.

O quarto e tudo o que havia dentro dele estava destruído.

Voltei ao corredor.

Fiquei parado na frente do banheiro. Murmurei o nome dela.

Silêncio.

Os galhos batiam contra o vidro, suas folhas desaparecidas.

Tentei abrir a porta.

Ela se abriu.

Corria água do chuveiro e da pia. O banheiro estava inundado.

Entrei. Fechei os registros. Abri a tampa do ralo. Fui até a pia. Tirei meus óculos. Lavei o rosto e as mãos na água. Tirei a tampa do ralo. Enxuguei o rosto e as mãos no meu casaco. Voltei a colocar os óculos. Olhei para o espelho acima da pia. Pousei os dedos no vidro.

Batom.

Todo mundo sabe.

Desci as escadas correndo. Voltei para o lado de fora. Entrei no carro. Tranquei as portas.

Olhei para o apartamento. Tirei meus óculos. Fechei novamente os olhos.

As janelas que olhavam para dentro, os muros que escutavam o seu coração.

Onde mil vozes choravam.

No fundo.

No fundo dos nossos corações destruídos.

Havia uma casa.

Uma casa sem portas.

A terra queimada.

Queimada, sempre inverno.

As salas de assassinatos.

Era lá que morávamos:

Jeanette, Susan, Clare, Mandy e…

Pega nos galhos, na árvore…

Um anjo.

Os galhos batendo no vidro, galhos cujas folhas estavam desaparecidas e que nunca seriam encontradas.

Querendo entrar.

Soluçando, chorando e pedindo para ser encontrada.

Hazel.

Olhei para as feridas nos dorsos das minhas mãos.

Feridas que nunca cicatrizaram.

Hazel, Hazel, Hazel.

A estrada que atravessava os Pennines, chovia, com trovões e raios ocasionais, enquanto eu dirigia em direção aos Moors.

Mais crianças desaparecidas, mais crianças perdidas.

Mais crianças sequestradas e assassinadas.

Mais vozes.

Vozes terríveis, histéricas, vozes de destruição, desastre e morte.

Continuei dirigindo, à deriva.

Reinos subterrâneos, reinos do mal de porcos e texugos, cidades de insetos e vermes; com cisnes brancos que gritavam em lagos pretos enquanto dragões circulavam logo acima, em céus pintados de estrelas a ponto de desaparecer, e

depois se escondiam em cavernas iluminadas por lâmpadas, onde uma coruja cega guardava a última princesa entre suas asas pequenas e cheias de penas, e o lobo estava de volta.

Passei por Manchester, segui para Merseyside, com um gosto familiar na boca:

Carne.

Medo.

Olhei para Michael Myshkin amarrado à cama.

Ele me olhou.

Seu rosto estava machucado. Seus olhos feridos.

Ele murmurou:

– Veio sozinho hoje?

– Somente eu.

– Não consegue ficar longe – ele disse.

Fiz que sim, sorrindo.

Ele não sorriu de volta.

Abri a minha pasta. Peguei uma fotografia, que segurei bem perto dele.

Michael Myshkin tentou se virar.

Eu aproximei ainda mais a foto.

Ele fechou os olhos.

– Ela está desaparecida – eu disse. – Há 27 dias.

Silêncio.

– Quero que você me conte tudo, Michael.

Silêncio.

– Tudo.

Silêncio.

– Sobre o Lobo.

Michael Myshkin encarou-me e disse:

– Mas você já sabe.

Engoli em seco.

– Eu te contei – ele disse.

Lutei contra as lágrimas.

– Há muito tempo.

Peguei uma caneta no bolso. Escrevi quatro palavras atrás da fotografia. Mostrei a ele.

Myshkin olhou para as quatro palavras:

ESTOU ARREPENDIDO DO OCORRIDO.

Ele começou a chorar.

Eu me curvei sobre a cama. Segurei seus largos ombros. Segurei o seu corpo. Coloquei minha cabeça sobre o peito dele. Ouvi o seu coração. Agarrei o seu corpo, que estava perdido na estupidez.

Em sua estupidez e eu na minha cegueira.

Os dois às lágrimas.

– Não é tarde demais… – eu disse.

– Eu continuo vendo o Reino Subterrâneo. É um lugar perverso e bárbaro. Um reino de cadáveres perdidos e sapatos de crianças, minas inundadas de lágrimas e sangue dos mortos.

– Outros tempos – murmurei.

– Um dragão uivando em céus flamejantes e igrejas vazias, enquanto multidões correm atrás de mim.

– Não é culpa sua – eu disse.

– Eu era o Homem-Rato, o Príncipe das Pestes – ele gritou. – E eu… eu poderia salvá-la, mas…

– Não importa – eu gritei.

Michael parou. Ele olhava para além de mim.

Virei-me e lá estavam elas.

Paradas na porta aberta:

A senhora Myshkin e a senhora Ashworth.

Soltei Myshkin. Fiquei de pé e comecei a falar.

A senhora Ashworth deu um passo à frente. Depois deu um forte tapa no meu rosto.

– Apodreça no inferno – ela gritou.

Fiz que sim.

– Todos vamos apodrecer neste inferno.

Fiz que sim.

A senhora Myshkin segurava Michael.

As cordas que o prendiam à cama continuavam presas a uma das minhas mãos.

Michael movia o corpo para a frente e para trás nos braços da mãe.

A fotografia de Hazel Atkins em minha outra mão.

– Neste inferno! – a senhora Ashworth gritou novamente.

A senhora Myshkin sussurrou:

– Por que não diz nada, Michael?

Michael olhou para mim, depois para sua mãe.
Tremendo e piscando entre feridas e lágrimas.
Ele ergueu os olhos.
Havia sangue no seu rosto. Lágrimas nas suas bochechas.
O seu rosto era tão lindo quanto a lua, tão terrível quanto a noite.
Ele ergueu os olhos. Piscou. Gritou:
– Ele me disse para não fazer isso!
Eu me virei, ficando de frente para a porta.
– Este inferno!
Dick estava de pé ali, ofegante.
– Chefe…
Michael Myshkin gritava sem parar:
– Ele me disse para não fazer isso!

53

Terça-feira, 7 de junho de 1983.

"*Não nos deixe cair na armadilha…"*

Noventa quilômetros por hora.

"De votar num valentão de pátio de escola."

Cem quilômetros por hora.

"Caso contrário, teremos de viver de joelhos."

Cento e vinte quilômetros por hora.

"O senhor Scargill avisou ontem."

Cento e quarenta quilômetros por hora.

"As pessoas devem se manter de pé e lutar."

Cento e sessenta quilômetros por hora.

"*Mais cedo ou mais tarde."*

Pisando fundo.

Todo mundo sabe; todo mundo sabe; todo mundo sabe, porra.

O ódio fincado nas trevas do seu coração.

O medo cravado na gordura de sua barriga.

Ódio e medo, medo e ódio.

Juntando medo e ódio, ódio e medo.

Juntando os dois e criando…

O Reino do Mal.

A chave no seu bolso.

A chave para o Reino.

D-2.

Você estacionou nos fundos do Redbeck Café & Motel, no estacionamento vazio.

O medo presente.

Os cães latindo, a espera.

O Lobo por perto.

Você saiu do carro. Trancou a porta. Atravessou correndo o estacionamento.

Poças de água da chuva e óleo de motor sob os seus pés.

Você atravessou a destruída área dos quartos de um motel abandonado.
As janelas quebradas e as pixações, o lixo e os ratos.
Você correu em direção à porta.
A porta que balançava ao vento, sob a chuva.
Parou na frente da porta.
Quarto 27.
Você abriu a porta.
O quarto estava escuro e frio.
Não havia luz ali.
Apenas dor.
Alguém estivera decorando o espaço:
As paredes repletas de inscrições de dor.
Fotografias de meninas mortas.
Peles pálidas, cabelos claros, asas brancas.
Entre mapas, tabelas e fotografias.
Suásticas e seis.
Em todas as superfícies.
Seis, seis, seis.
Você entrou.
Tentou mais uma vez acender a luz.
Não havia luz ali.
Apenas a dor e a escuridão.
Você deu mais um passo para dentro.
Móveis destruídos, madeira espalhada.
O estrado da cama de casal arrastado para o centro do quarto.
No estrado da cama, um gravador portátil.
Uma caixa de fita onde se lia:
O cuidado devido aos Mortos.
Você seguiu em direção à cama.
Você seguiu em direção à cama e a viu.
Você a viu.
Viu primeiro os seus pés.
Seus pequenos, pequenos pés.
Seus.
No chão, entre a cama e a parede.
Entre a cama e a parede, o seu rosto.
Ela.

Hazel Atkins.
Você olhou.
Desviou o olhar.
Você olhou.
Desviou o olhar.
Ajoelhou-se ao lado da beirada da cama de casal. Encostou o corpo na parede.
Depois se aproximou, virou o corpo dela.
No seu peito, estava escrito com caneta:
6 LUV.
Você caiu ao lado da base da cama e do gravador portátil.
"The only thing you learn in school is ABC…
"But all I want to know is about you and me…"
Você desligou.
Silêncio.
O único som era o do choro.
Sentado entre os seis silenciosos, chorando na beirada da cama de casal.
Olhando, através das lágrimas, para as fotografias e os seis…
Os seis silenciosos, esperando.
Seis, seis, seis.
O silêncio.
O longo silêncio até você escutar pneus de carro no estacionamento.
Poças de água da chuva e óleo de motor sob as rodas do carro.
Portas batendo, batendo com força.
Portas de carro batendo.
Botas pelo estacionamento.
Poças de água da chuva e óleo de motor sob seus pés.
Você olhou para a criancinha no chão.
Desviou o olhar.
Sentado entre os seis silenciosos, sentado na beirada da cama.
As suas asas, grandes e apodrecidas.
Coisas sombrias que o colocavam para baixo, pesadas.
Que não permitiam que você ficasse de pé.
Que fizeram com que você permanecesse sentado na beirada da cama de casal.
Olhando, através das suas lágrimas, para as fotografias e os seis.
Os seis silenciosos, esperando.
Seis, seis, seis.
Eles chegaram à porta.

A porta balançava ao vento, sob a chuva.
Eles ficaram parados na frente da porta:
Quarto 27.
Abriram a porta.
Duas figuras na entrada.
Eles entraram no quarto:
Maurice Jobson e outro homem.
Eles olharam para as paredes.
Para as fotografias e para os seis.
Eles olharam para o chão.
Para a menina no chão.
Depois olharam para você.
O homem gordo na cama de casal.
E as asas, grandes e apodrecidas.
Coisas lúgubres que o colocavam para baixo, pesadas e queimadas.
Que não permitiam que ele ficasse parado de pé.
Maurice Jobson caminhou ao redor do quarto.
Parou na sua frente.
Aproximou-se do seu rosto.
Seus dedos frios tocaram sua bochecha úmida.
Você deixou sua cabeça cair para a frente…
Você se inclinou em direção a ele.
Ele o segurou.
Ele o segurou e acariciou seus cabelos.
Você ergueu as mãos.
Abraçou-o.
Tocou as mãos dele…
Duas mãos feridas, a sua e a dele

54

Semana do ódio.

Voltei a tocar a campainha.

Mais uma vez, o relógio marcava uma da tarde.

Bati à porta. Esmurrei a porta.

Ela nunca atende o telefone, nunca atende à porta; é a sua forma de ser.

Eu me sentei no degrau em frente da porta, de costas para ela. Busquei, no meu casaco militar, uma laranja, que comecei a descascar.

A porta se abriu um pouco.

Virei-me, com um pedaço de laranja nas mãos.

O menino se aproximou, na ponta dos pés, vindo em direção à escuridão. Aproximou-se da laranja.

As pontas dos nossos dedos se tocaram.

Eu peguei a sua mão. Segurei-o pela cintura. Coloquei um pedaço de laranja na sua boca. Ela machucou a pele dos seus pequenos lábios. Ele sentiu o gosto da laranja velha e do próprio sangue. Ele não podia falar. Não conseguia me dizer que sua mãe não estava em casa, que estava na loja de…

Mas ela voltará logo, eu fiz que sim.

Levei-o porta adentro, de volta à sua casa, a mesma que passara a ser a nossa casa.

Nossa casa no meio da nossa rua.

Fechei a porta. Esperei.

A televisão estava ligada: *Play Your Cards Right*; *Give Us a Clue*; *Only When I Laugh*…

Eu não sabia de nada, eu era uma sombra.

Desliguei as luzes.

Restaram apenas as luzes da televisão: *Dynasty, Fall Guy, Kids from Fame*…

Eu não sabia de absolutamente nada.

Peguei mais uma laranja no meu casaco militar. Ofereci-a ao menino.

Ele fez que não com a cabeça.

– O seu nome é Barry, certo? – perguntei.

O menino fez que sim.

– O meu nome também era Barry – eu disse.

O menino olhou para os próprios pés.

– Olha – eu disse. – Você quer este distintivo?

O menino olhou para o distintivo na minha mão.

UK Decay.

Ele fez que não.

Ouvi a chave girando na porta uma vez...

(A gente pensa em chaves, cada um na sua prisão.)

e apenas uma vez.

Ela abriu a porta e a boca. Virou-se para ir embora, mas eu me levantei e atravessei a sala.

Levei-a de volta para dentro da nossa casa.

Onde costumávamos dormir (sonhar, gritar).

Arrastei-a em direção ao sofá. Bati a porta.

(Por aqui, costumamos manter a dor do lado de dentro.)

– Vá sonhando… – eu disse.

Ela ficou sentada no sofá. Olhou para mim, com o peito subindo e descendo.

O menino nos observava.

– Oi – eu disse. – Oi deste aqui que sumiu.

Ela ficou sentada, observando.

– Você não se lembra de mim?

Ela ficou sentada, me olhando, e então disse:

– Imaginei que estivesse morto.

– Ah, não. Eu não estou morto – eu disse.

Ela começou a chorar.

Eu me sentei ao seu lado. Passei o meu braço ao redor do seu corpo.

O seu cabelo cheirava a gordura e fumaça.

Lágrimas pesadas escorriam em suas velhas roupas.

– Não vai começar com esse rio de lágrimas – eu disse, sorrindo.

Ela parou. Ela fungou. Ela coçou o nariz vermelho. Ela secou os olhos vermelhos.

O menino continuava olhando para nós dois.

– Você acredita em fantasmas, pequeno Barry? – perguntei.

Ele fez que não.

– Pois deveria. Não é verdade, mamãe?

E então notei que eles…

Que eles chegavam.

Chegavam à nossa casa.

À nossa casa no meio da nossa rua (à nossa casa no meio do nosso inferno).

55

Sirenes na Doncaster Road e Barnsley Road, entrando em Wakefield.

Dois carros, uma van e uma ambulância.

A ambulância com as sirenes desligadas.

Piggott estava algemado e colocado no chão da van enquanto o levávamos a Wood Street, ao submundo, antes que tivéssemos qualquer ideia…

O nosso pessoal estava alinhado, esperando por ele, batendo, chutando e cuspindo nele enquanto o arrastávamos pelos calcanhares pelos corredores.

Subindo e descendo corredores.

Depois tiramos sua roupa. Pegamos suas digitais. Tiramos fotos dele.

E o jogamos numa cela.

– Faça com que ele fique manso – pedi a Dick.

– Com exceção das pequenas marcas de ligadura nos tornozelos e pulsos – disse o doutor Alan Coutts –, não há qualquer outro hematoma.

Parei de escrever e perguntei:

– Qual foi a causa da morte, então?

– Preliminarmente…

– O quê?

– Inanição e…

– O quê?

– Fome e…

– O quê?

– Provavelmente inibição do nervo vago.

– Estrangulada?

Ele fez que não.

– Um choque repentino e inesperado também poderia ser suficiente para estimular o nervo vago e causar a morte.

– Ela morreu de susto?

– Ou de fome.

– Quando?

– Não posso precisar – ele disse, – mas…

– Aproximadamente?

– Nas últimas 72 horas.

– Onde?

– Exames preliminares das partículas encontradas na pele e unhas revelaram forte presença de poeira de carvão.

– Daqui?

Ele fez que sim.

– Subterrâneo?

Ele fez que sim.

Olhei para as minhas próprias mãos.

Histórias e mentiras.

Eles estavam de pé no final do corredor, sombras escuras sob as luzes brancas.

"Sob a frondosa castanheira…"

Andei pelo corredor na direção deles.

Eles me esperavam.

– Senhor e senhora Atkins – eu disse.

Eles me encaravam.

Fiz um gesto em direção às quatro cadeiras de plástico cinza postas contra a velha parede de magnólia e disse:

– Acho que deveríamos nos sentar.

Eles me encaravam.

– Sinto muito ter de informá-los que encontramos uma menina e…

Eles esperavam.

– E essa menina não está viva.

Eles se deram as mãos. Apertaram.

– O corpo foi encontrado hoje cedo num quarto abandonado do velho Redbeck Café, na Doncaster Road.

Os dois olhavam para o linóleo. Balançavam a cabeça.

Eu não tinha nada mais a dizer.

O senhor Atkins levantou os olhos. O pai da menina perguntou:

– Como ela morreu?

– Aparentemente, de uma combinação de falta de água, comida e…

Os dois me encaravam.

– Susto – eu disse.

– Quando?
– Provavelmente nas últimas 72 horas, mas…
A senhora Atkins estava de boca aberta, contorcendo-se e gritando e uivando.
Ela me estapeava e me arranhava e me batia, tentava me matar.
Me matar.
Me matar.
Me matar.
Me matar.
E eu gostaria que ela tivesse me matado.
“Onde eu te vendi e você me vendeu.”
– Sinto muito – eu disse.

– Posso vê-la? – perguntou a senhora Atkins calmamente.
Ergui os olhos.
A policial Martin a agarrara pelos braços, tentando afastá-la de mim.
Fiz que sim.

O doutor Coutts abriu a porta.
Ele acendeu as luzes.
Elas piscaram e depois se estabilizaram.
Ela estava deitada sob um lençol numa maca posta no meio da sala.
O doutor Coutts puxou o lençol até os ombros.
Eles deram um passo à frente.
Caíram sobre a filha.

56

Eles levaram você, nu, a uma pequena sala de interrogatórios com luzes brancas e sem janelas. Eles o fizeram se sentar a uma mesa. Algemaram suas mãos atrás das costas. Atiraram mijo e merda no seu rosto. Depois começaram a jogar água gelada até que você caísse ao chão. E então o deixaram sozinho.

Você, caído no chão, algemado à cadeira.

Você ouvia gritos vindo das outras salas.

Ouvia gargalhadas.

Cães latindo.

Os gritos se repetiram sem cessar, pelo que pareceram horas.

Depois pararam.

Você fechou os olhos.

Você sonha.

E nos seus sonhos.

Nos seus sonhos, você tem asas.

E todas essas asas, em todos os seus sonhos…

São coisas grandes e podres.

A sala vermelha.

A porta se abriu. Três homens entraram. Eles carregavam cadeiras.

Um deles tinha um bigode cinza. O outro era careca, exceto por tufos finos de cabelo loiro:

Bigode e Loirinho.

Esse último homem você conhecia.

Maurice Jobson, o detetive-chefe superintende Maurice Jobson.

Lentes grossas e armação preta.

O Coruja.

Eles o agarraram, fizeram sentar na cadeira, soltaram suas mãos.

– Coloque as suas mãos com as palmas abertas sobre a mesa – disse Loirinho.

Você fez o que ele disse.

Loirinho se sentou. Ele pegou uma algema no bolso de sua jaqueta. Entregou-as a Bigode.

Bigode caminhou pela sala. Bigode brincava com a algema. Bigode sentou-se ao lado de Loirinho. Bigode segurou as algemas com a mão fechada. Bigode ficou encarando você.

Maurice fechou a porta. Depois encostou nela, com os braços cruzados. Ele ficou observando-o.

Todos sorriram.

Bigode deu um salto, batendo com a mão fechada com a algema na sua mão direita.

Você gritou.

– Coloque as mãos sobre a mesa – disse Loirinho.

Você as colocou sobre a mesa.

– Abertas.

Você ficou tentando abrir as mãos.

– Seu nojento – disse Bigode.

– Você deveria ver a sua cara – disse Loirinho.

Os dois sorriram.

Loirinho levantou-se. Saiu da sala.

Maurice o seguiu.

Bigode não disse nada. Ficou apenas observando.

Sua mão direita estava vermelha, pulsando.

Loirinho voltou com um cobertor. Ele colocou o cobertor sobre os seus ombros. Ele se sentou. Pegou um maço de JPS da jaqueta. Ofereceu um cigarro a Bigode.

Bigode pegou um isqueiro. Acendeu os cigarros deles dois.

Eles se sentaram. Sopraram a fumaça na sua cara.

Suas mãos tremiam.

Bigode inclinou-se para a frente. Bigode ficou balançando o cigarro sobre a sua mão direita. Bigode passou o cigarro entre os seus dedos.

A sua mão se contraiu.

Você afastou um pouco a mão.

Bigode aproximou-se ainda mais. Bigode agarrou o seu pulso direito. Bigode prendeu sua mão direita contra a mesa. Bigode fincou o cigarro nas feridas da sua mão direita.

Você gritou.

Bigode soltou o seu pulso. Bigode voltou a se sentar.

– Coloque suas mãos abertas sobre a mesa – disse Loirinho.

Você fez o que ele pediu.

A sala cheirava a pele queimada.

Sua pele queimada.

Bigode limpou a mesa dos restos de tabaco e cinzas.

– Mais uma vez? – perguntou Loirinho.

– Posso fazer? – perguntou Bigode, pegando mais um JPS do maço. Ele acendeu o cigarro. Olhou para você. Inclinou o corpo e começou a balançar o cigarro acima da sua mão.

– O que vocês querem? – você perguntou, levantando-se.

– Senta – disse Loirinho.

– Digam o que vocês querem!

– Senta.

Você se sentou.

Bigode e Loirinho levantaram-se.

– Levanta – disse Loirinho.

Você se levantou.

– Olhe para a frente.

Você olhou para a frente.

– Não se mexa.

Você não se mexeu.

Bigode e Loirinho afastaram as três cadeiras e a mesa para um lado. Maurice abriu a porta. Eles saíram para o corredor.

Você ouvia gritos.

Gargalhadas.

Cães latindo.

Eles fecharam a porta.

Você ficou de pé no meio da sala, olhando para a parede branca. Você estava nu. Queria mijar. Ouviu os gritos. Ouviu as gargalhadas. Ouviu os latidos. Não se mexeu. Fechou os olhos.

Você sonha.

E nos seus sonhos.

Nos seus sonhos, você tem medos.

Mas todos os seus medos, em todos os seus sonhos…
São ilhas perdidas entre lágrimas.
A sala branca.

A porta voltou a ser aberta. Bigode e Loirinho entraram novamente.

Maurice não.

Bigode e Loirinho caminharam ao seu redor silenciosamente.

Com cheiro de bebida e *curry*. Cheiro de suor.

Eles recolocaram as cadeiras e a mesa no centro da sala.

Bigode colocou uma cadeira bem atrás de você e disse:

– Senta.

Você se sentou em frente ao Loirinho.

Bigode pegou o cobertor caído no chão. Colocou-o sobre os seus ombros.

Loirinho acendeu um cigarro e disse:

– Coloque as mãos abertas sobre a mesa.

– Por favor, o que vocês querem?

– Apenas coloque as mãos abertas sobre a mesa.

Você fez o que eles pediram.

Bigode caminhava atrás de você.

Loirinho colocou um pacote pardo sobre a mesa. Abriu. Pegou uma pistola. Deixou a pistola sobre a mesa. Sorriu para você.

Bigode parou de caminhar pela sala. Ficou de pé atrás de você.

– Olhe para a frente – disse Loirinho.

Você olhou para a frente.

Loirinho deu um impulso. Loirinho pressionou seus pulsos sobre a mesa.

Bigode pegou o cobertor. Bigode enrolou o cobertor na sua cara.

Você caiu da cadeira. Tossiu. Engasgou. Não conseguia respirar. Agarrou-se à beirada da mesa.

Loirinho continuava segurando seus pulsos.

Bigode retorcia o cobertor sobre o seu rosto.

Você caiu de joelhos no chão. Tossiu. Engasgou. Não conseguia respirar.

Loirinho largou os seus punhos.

Você bateu contra a parede.

Bum.

Bigode tirou o cobertor do seu rosto. Ele agarrou você pelos cabelos. Prendeu-

o contra a parede.

– Vire. Olhando para a frente.

Você virou.

Loirinho estava com a pistola na mão direita.

Bigode tinha algumas balas que atirava para cima e depois voltava a pegar.

– Maurice me disse que esse idiota quer morrer – murmurou Bigode. – Então faça com que pareça que ele se matou.

Loirinho segurou a pistola com as duas mãos e os braços esticados. Apontou para a lateral da sua cabeça.

Você fechou os olhos, lágrimas rolavam em seu rosto.

Loirinho puxou o gatilho.

Clique.

Nada aconteceu.

– Merda – disse Loirinho.

Ele se virou e mexeu na arma.

Você se mijou.

– Consertei. Vai dar tudo certo desta vez – disse Loirinho.

Ele voltou a apontar a pistola.

Você fechou os olhos.

Loirinho puxou o gatilho.

Bang.

Você imaginou que estava morto.

Abriu os olhos. Viu a pistola. Viu algo negro saindo do cano da arma. Viu aquilo caindo no chão.

Bigode e Loirinho olhavam para você.

– O que vocês querem? – você gritou.

Bigode deu um passo à frente. Bigode chutou o seu saco.

Você caiu no chão.

– O que vocês querem?

– Levanta.

Você se levantou.

– Fique na ponta dos pés – disse Bigode.

– Por favor, me digam…

Bigode deu mais um passo à frente. Bigode chutou mais uma vez o seu saco.

Você caiu no chão.

Ele murmurou:

– Um cara já teve o saco arrancado após ter sido chutado pela polícia especial

de Leeds.

Loirinho afastou-se. Loirinho chutou o seu peito. Loirinho chutou o seu estômago. Loirinho algemou suas mãos nas costas. Loirinho pressionou seu rosto contra o chão.

Sobre o seu próprio mijo.

– Você gosta de cachorro, Johnny?

– O que vocês querem?

– Você gosta de cachorro?

– O que vocês querem, porra?

– Acho que você não gosta de cachorro, não é?

A porta se abriu.

Um policial uniformizado entrou na sala com um pastor alemão numa coleira.

Bigode com as pernas abertas atrás de você. Bigode levantou sua cabeça puxando-a pelos cabelos.

O cachorro o encarava, ofegante.

Com a língua para fora.

– Pega ele! Pega! – gritou Bigode.

O cachorro rosnava. O cachorro latia. O cachorro puxava a coleira o máximo que podia.

– Cuidado – disse Loirinho ao uniformizado.

Bigode puxou o seu rosto para a frente.

– Esse cachorro está faminto – ele disse. – Assim como a pequena Hazel estava.

Você lutou.

O cachorro se aproximava.

– Assim como a pequena Hazel.

Você tentou se soltar.

Bigode deixou o seu rosto ainda mais perto.

– Faminta.

Você gritou.

O cachorro estava a um passo de distância.

– Sozinha naquele quarto.

Você viu a garganta do cachorro. Viu os seus dentes. Cheirou o seu hálito. Sentiu o seu hálito.

– Faminta.

O cachorro rosnava. O cachorro latia. O cachorro puxava a coleira o máximo que podia.

– Ela morreu naquele quarto, faminta e sozinha.
Você se cagou.
– E você sabia, porra!
O cachorro estava a centímetros do seu rosto.
– E não fez nada.
Tudo estava ficando escuro.
– Nada!
Ficando escuro.
– Por favor, me digam o que eu fiz!
– De novo!
– Por favor.
– Por favor o quê?
Escuro.
– Por favor, me digam o que eu fiz.
– De novo!
– Por favor, me digam o que eu fiz!
– Menino esperto – ele disse.
Tudo ficou preto.
Você caiu de costas, algemado à pequena cadeira de plástico.
Caído no chão da cela, nas paredes da delegacia.
Na terra e nos oceanos.
Na atmosfera, no espaço sideral.
Nos abismos entre as estrelas.
Sempre longe do cachorro.
Longe daquele lugar.
Daquele lugar com piso de linóleo *podre* e destruído.
A anos-luz dali, mas com Jobson ainda de pé ao seu lado…
O cachorro desaparecido.

Você sonha.
E nos seus sonhos…
Nos seus sonhos, você vê algumas coisas.
Mas todas essas coisas, em todos os seus sonhos.
São coisas grandes, escuras.
A sala triste.

Você abriu os olhos.

Maurice Jobson olhava para você.

Você continuava na sala com luzes brancas e sem janelas.

Mas estava novamente usando as suas roupas.

Maurice Jobson tirou os óculos. Esfregou os olhos.

– Não fui eu – você disse.

– Você não é o culpado? – ele perguntou, sorrindo.

– Eu não sou o culpado.

Ele voltou a colocar os óculos de armação pesada e disse:

– Todos somos culpados, John.

Você fez que não.

– Menos eu.

– Todos somos – ele repetiu, fazendo que sim.

Você fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, ele continuava encarando você.

Continuava esperando.

– Você vai fazer direitinho? – ele perguntou.

Você fez que sim.

– Sim, senhor, vou fazer.

Você sonha.

E nos seus sonhos…

Nos seus sonhos, você derrama lágrimas.

Mas todas as suas lágrimas, em todos os seus sonhos.

São ilhas perdidas entre medos.

A sala vermelha, branca e triste (como você).

Ele conduziu você pelo corredor em direção à porta e ao pátio.

Uma van preta estava esperando, com as portas de trás abertas.

Bigode e Loirinho estavam dentro dela.

– Não vem? – você perguntou.

– Já estive lá antes – ele respondeu.
Mais uma vez, havia lágrimas nos seus olhos.
– Vamos nos ver novamente? – você perguntou.
– Não sei onde nem quando – ele respondeu, sem sorrir.
– Em algum lugar ensolarado? – você perguntou.
– Onde não exista escuridão.

57

Ouvi as sirenes, vi as luzes azuis.

Olhei pela janela e disse:

– Estão aqui.

Ela estava ajoelhada na frente do sofá. Ela soluçava. Ela agarrava o seu rosário.

Eu a levantei com o meu braço esquerdo ao redor do seu pescoço, e no braço direito uma arma.

Fomos até a porta.

Consegui abri-la no exato momento em que dois policiais uniformizados entravam no jardim.

– Afastem-se! – eu gritei. – Afastem-se ou explodo a cabeça dela!

Ela gritava, as pernas estavam bambas.

Os homens uniformizados retornaram e se posicionaram atrás dos seus carros.

Eu baixei a arma. Puxei o gatilho:

BANG!

Bem na lateral do carro deles.

Faróis apagados.

Arrastei-a de volta para casa. Bati a porta.

Levei-a à sala. Amarrei suas mãos e seus pés.

Fechei as cortinas. Quebrei o vidro. Dei mais um tiro no meio da noite.

BANG!

Recarreguei.

Estamos apenas começando.

Fui para a cozinha. Arrastei o guarda-louças e a geladeira para a frente da porta dos fundos.

Quebrei garrafas de leite. Quebrei toda a sua melhor porcelana. Espalhei tudo ao lado da barricada.

Voltei correndo à sala. Comecei a colocar coisas na frente da janela.

Ela estava deitada no meio de tudo aquilo, trincando os dentes.

Bati minha bota contra a televisão. Peguei a gasolina. Espalhei toda a gasolina.

Pela cozinha, pela sala.

– Pronto – eu disse. – Hora de ir para a cama.

E a arrastei escada acima, em direção ao quarto nos fundos da casa.

Atirei o seu corpo na cama de casal e corri para o quarto da frente.

Coloquei a cama e o colchão contra a janela. E o armário atrás.

Lá embaixo, o telefone tocava.

Arranquei as portas do banheiro e do quarto da frente. Coloquei uma à frente da janela do quarto e outra no alto da escada.

Voltei ao quarto dos fundos. Tirei-a de cima da cama e deixei-a no chão. Queria que ela estivesse em segurança. Ergui a cama. Coloquei-a na direção da janela.

Lá embaixo, o telefone continuava tocando.

Desci as escadas até o *hall*, lentamente, com as luzes apagadas.

Mantenha a dor sob controle.

Atendi o telefone, mas não disse nada.

Escutei.

– Quero falar com Maurice Jobson – eu disse. – Diga-lhe que preciso de um amigo.

Desliguei.

Voltei até a metade da escada. Esperei.

O telefone voltou a tocar.

Notei que eles se moviam pelo jardim.

Tirei o meu sapato, atirei no telefone, o fone saiu do gancho.

Ouvi quando eles gritaram:

– Vamos!

Apontei a arma para a porta. Pouco antes de ela abrir, atirei…

BANG!

– PORRA! PORRA!

Duas vezes:

BANG!

– POOOOOOOOOORRA!

Voltei ao andar de cima. Coloquei a porta novamente no topo da escada. Entrei no quarto.

Ela estava deitada no chão, com a saia levantada, como sempre…

Berrando, chorando.

Eu ouvia mais sirenes.

Levantei os olhos.

Havia pôsteres nas paredes do quarto, Karen e Richard.*

“Yesterday Once More”.

– Cadê o Barry? – gritei. – O que você fez com ele, porra?

* Karen e Richard Carpenter formavam o duo The Carpenters. [N. T.]

58

Escuridão.

Escuridão total.

Quarta-feira, 8 de junho de 1983.

Trovões, mas nenhum raio.

Interminável.

Carros no meio da noite, sirenes e luzes azuis.

No coração da escuridão, no estômago de um pesadelo.

Maldita Fitzwilliam.

Minha escuridão, meu pesadelo.

Duas rádios ligadas.

A da polícia e a maldita rádio local.

Um inferno estéreo:

"Em Fitzwilliam, após um incidente em que tiros foram disparados contra policiais que tentavam entrar numa casa em Newstead View, um homem mantém uma refém.

"Homens armados foram posicionados, mas o senhor Ronald Angus, chefe de polícia, fez uma declaração insistindo que os policiais querem encerrar o caso sem feridos. Tudo isso está acontecendo logo após várias semanas de críticas de que policiais armados foram recrutados para fazer patrulhas rotineiras na Grande Manchester e em West Yorkshire."

Desliguei essa merda com a sola da minha maldita bota.

Um, dois, três.

Crack!

Ellis dirigia, com os olhos pregados nas ruas molhadas, pisando fundo. Ele disse:

– Senhor?

Uma quarta batida com a bota.

Craaaaaaack!

Plástico voando, rádio morto.

No rádio portátil, eu gritava:

– Alderman? Prentice?

– Não, senhor.

– Cadê eles, porra?
– Em Netherton.
– Isso foi horas atrás, porra.
– Senhor…
– Porra! – eu gritei.
– Temos uma descrição…
– Diga!
– Homem branco, entre 25 e 30 anos. Cabeça raspada, com uma grande cavidade…
– Cavidade?
– Sim, um buraco, senhor.
– Nome?
– Estamos procurando.
– Procurem melhor, porra – gritei, arrancando o rádio.
O rádio estava morto nas minhas mãos.
A chuva e a noite sobre o para-brisa.
Lágrimas e sangue nas minhas bochechas.
– É ele, certo? – murmurou Ellis.
Levantei minha perna direita. Cravei a bota no maldito para-brisa…
Craaaaaaaack!
A chuva e a noite caíam sobre nós.
Lágrimas e sangue, lágrimas e sangue.
Por todo lado.

Estacionamos no fim da rua, entre outras luzes azuis.
Esperamos. Observamos.
Um sargento subia a rua. Ele se curvou na janela e disse:
– Senhor?
– O que foi, sargento?
– Ele está perguntando pelo senhor. O homem dentro da casa.
– Pelo nome? – perguntou Ellis.
– Sim.
– E o que mais ele disse?
– Disse que precisa de um amigo, senhor.
Abri a porta. Saí do carro, com os punhos e os tornozelos repletos de sangue.

– Ele vai te matar – disse Ellis.
Fiz que sim. Subi a rua em direção às luzes azuis.
Aos refletores brancos.
Sob a chuva vermelha.
Cheguei em frente à casa.
Ellis subia correndo a rua. Ellis gritava:
– Ele vai te matar.
Fiz que sim novamente. Abri o portão, pensando…
Mate-me.

59

Eles soltaram as algemas. Tiraram a venda dos seus olhos. Abriram as portas traseiras.

A van diminuiu a velocidade.

Eles o jogaram na rua. E foram embora.

Você ficou deitado ali. Sem saber se amanhecia ou entardecia.

Chovia.

Você se ergueu do chão. Você se levantou.

Viu um Viva verde estacionado na frente de uma pequena casa branca.

Nenhuma luz acesa. Cortinas abertas.

Você deu a volta na casa. Pulou o muro de pedra para o interior do terreno. Seguiu o caminho aberto pelo trator em direção aos galpões no topo da colina.

Chovia forte.

Você estava até o tornozelo de lama e merda de animal.

Você escorregou.

Você caiu.

Você se levantou.

Você olhou colina abaixo, para todas aquelas pequenas casas que dormiam profundamente.

Dia sim, dia não.

Você limpou a lama das suas mãos. Recomeçou a andar.

Você escorregou novamente.

Você caiu novamente.

Você se levantou novamente.

Você chegou aos galpões. Caminhou. Chegou ao último deles.

Aquele sem janelas e cuja porta preta…

Cuja porta preta balançava ao vento, sob a chuva.

A porta para o inferno.

Você entrou.

As fotos na parede tinham desaparecido.

Havia uma mesa de trabalho e ferramentas, sacos de fertilizante e cimento, vasos e bandejas.

Um buraco no chão. Buraco cercado de sacos e com um pedaço de corda

enlameada presa à tampa de um bueiro.

Você olhou pelo buraco.

Era o tubo de ventilação de uma mina.

Você desceu pelo buraco.

Suas mãos e botas nos degraus de metal.

Você começou a descer.

Tudo estava úmido. Tudo estava frio. Tudo estava escuro.

Você desceu até uma passagem horizontal.

Havia uma luz fraca no final da passagem.

Você se virou. Entrou no túnel.

Era estreito e feito de tijolos. Terminava na fraca luz.

Você imaginou ouvir uma música familiar sendo tocada lá longe.

The only thing you ever learn in school is ABC.

Você arrastou a sua barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

But all I want to know is you and me.

Arrastou a sua barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

I went and told the teacher about the things we found.

A sua barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

But all she says to me is that you're out of bounds.

Sua barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

Even though we broke the rule I only want to be with you.

Barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

School love.

Barriga grande e ensanguentada pelos tijolos, em direção à luz.

School love.

Barriga ensanguentada pelo tijolos, em direção à luz.

You and I will be together.

Barriga pelos tijolos, em direção à luz.

End of term until forever.

Pelos tijolos, em direção à luz.

School love.

Tijolos, em direção à luz.

School love.

Em direção à luz.

School love.

Direção à luz.

School love.

À luz.

Love.

Luz.

A música parou. O teto ficou mais alto. Havia vigas entre os tijolos.

Você ficou de pé, sobre as suas pernas e pés gordos.

Entre o esterco e a lama, os sons dos ratos por perto.

Próximo.

Você tropeçou num sapato.

Uma sandália infantil de verão, coberta de poeira.

Você limpou a poeira.

Uma sandália infantil de verão, usada.

Você deixou a sandália ali. Seguiu em frente.

Com as costas arranhadas pelas vigas e tijolos.

Até o teto erguer-se novamente e você conseguir ficar de pé, diante de uma pilha de pedras.

Você esperou. Esperou. Esperou.

Virou uma esquina logo após a pilha de pedras e…

Merda.

Você viu dois esqueletos deitados numa cama repleta de rosas mortas e velhas penas, caveiras olhando para um céu desbotado, feito de tijolos que um dia foram azuis, nuvens negras de algodão dependuradas em certos pontos, entre lanternas.

Dois esqueletos entrelaçados num abraço ósseo.

O filho deles se erguendo do chão em direção à fraca luz.

Em direção à fraca luz, com um martelo na mão.

Leonard Marsh.

O pequeno Leonard Marsh, com um martelo nas mãos.

A cabeça raspada e o peito nu, vindo na sua direção.

Em seu peito repleto de feridas sangrentas, você leu:

0 LUV.

Você não se mexeu. Esperou por Leonard Marsh.

Um martelo nas mãos, vindo na sua direção.

Você não se mexeu. Esperou até Leonard Marsh chegar quase em cima de você.

Um martelo nas mãos, vindo na sua direção.

Você ergueu um tijolo. Atingiu a lateral da cabeça dele com força.

Leonard Marsh uivou. Ele tentou baixar o martelo.
O martelo que tinhas nas mãos.
Você ergueu o tijolo novamente. E voltou a atingi-lo com força.
Leonard Marsh uivava, tentava se levantar.
Mas você estava atrás dele com o martelo nas suas mãos.
– Se lembra de mim? – você murmurou.

Cego com o seu sangue, você parou.
Naquele longo túnel de sangue, você se viu.
Nos dez espelhos quebrados.
As caixas e os ossos.
As sombras e as luzes.
Os gravadores e os gritos.
As flores mortas e as penas.
Você viu a si mesmo e a Leonard entre as penas.
Entre as asas.
Suas penas e suas asas.
Os dois cobertos pelo sangue dele.
Ele abriu e fechou a boca.
Você deixou o martelo no chão.
– Ninguém sequer olhou… – ele sussurrou.
– Eu sei – você disse, fazendo que sim.
– Ninguém.
Você limpou as lágrimas do rosto dele, beijou sua cabeça e disse:
– Eu sei.
Ele fechou os olhos.
Você colocou as suas asas sobre a boca de Leonard.
“As filhos de pecadores são crianças abomináveis.”
As suas asas, coisas grandes e podres.
“*E costumam assombrar os hereges.”*
Coisas grandes e podres.
“As crianças culpam os pais hereges.”
Pesadas e queimadas, sobre a boca de Leonard.
“Pois caem na desgraça por conta deles.”
Ele tentou erguer a mão.

“Mas o que vem da terra a ela retorna.”
Ele tentou detê-lo.
“Então o herege parte da maldição à destruição.”
Detê-lo.
D-1.

60

Ele atravessou o corredor. Bateu à porta.

– Está aberta – gritei lá para baixo.

Ele abriu a porta. Entrou.

– Aqui em cima.

Ele se virou. Começou a subir. Chegou ao topo da escada. Parou.

A porta estava na sua frente, bloqueando a passagem.

Ele viu minha mãe deitada no chão do quarto dos fundos.

Ele pulou a porta.

Virei-me.

Saí do quarto da frente.

Enfiei uma faca no casaco dele.

Atravessei o casaco, afundando na sua barriga.

– Olá – eu disse.

Puxei a faca para fora. Voltei a cravá-la.

Enfiei a faca entre as suas costelas.

"Olá daqui do duro banco dos fundos do último ônibus para casa, um olá do que fugiu e viveu para contar a história, de Barry Gannon e Eddie Dunford, Derek Box e seu amigo Paul, da minha amiga Clare e sua irmã Grace, Billy Bell e sua cerveja derramada, de John Dawson e seu irmão Richard, Donald Foster e Johnny Kelly, da Pat que foderam e deixaram para trás, Jeanette Garland e sua mãe Paula, de Susan Ridyard e Clare Kemplay, Hazel Atkins e todas as crianças desaparecidas na porra deste mundo, de Graham Goldthorpe e sua assassinada Mary, Janice Ryan e o Mau Bobby Fraser, de Eric Hall e sua esposa Libby, Peter Hunter e o Malvado Ken Drury, de Steve Barton e seu irmão Clive, Keith Lee e Kenny D, dos Dois Setes e Joseph Rose, Ronnie Angus e George Oldman, do adorável Bill Shaw e do Cego Velho Walter, do pobre Jack Whitehead e Ka Su Peng, do *pub* Strafford e do Griffin Hotel, das delegacias de polícia de Millgarth e Wood Street, do Gaiety e dos dois St Mary's, estradas e estacionamentos, de parques e banheiros, homens ricos e desempregados, de Maggie Thatcher e Michael Foot, do Partido Socialista dos Trabalhadores e da Frente Nacional, do IRA e do UDA, do Marks & Spencer e da C&A, do Tesco e do Coop e de todos os *shoppings centers* desta ferida, ferida terra, da merda que eles vendem e das

merdas que compramos, da minha velha mãe e da rainha-mãe, das crianças sem mãe e das mães sem crianças, dos Panteras Negras e do Estripador de Yorkshire, do Liddle Towers e Blair Peach, dos corpos negros em Calder e dos corpos no Aire, de toda a carne morta e dos meus amigos mortos, bares e clubes, sarjetas e estrelas, das gorjetas e das velhas pilhas de escória, das meninas da noite e dos meninos nos banheiros, faróis e luzes de freio, alta e baixa sociedade, de revistas sórdidas e vídeos pornográficos, poços silenciosos e peitos na página 3, dos nazistas e bruxas, dos policiais de West Yorkshire e seus amigos encurvados, de todas as pequenas merdas e das coisas que temos de ver, dos corpos mortos empilhados em bares do primeiro andar, do cheiro de pólvora misturado à cerveja, das sirenes que uivam por longos dez anos dominadas pelo medo, do que fugiu, do azarado, de Dachau a Belsen, Auschwitz a Preston, de Wakefield a Leeds, do Stanley Royd e do maldito Norte, da porra do West Riding e de Chapeuzinho Vermelho, da Solução Final e da Operação Baioneta, da Igreja do Cristo Abandonado e dos seus 22 discípulos, de Michael Williams e da esposa de Jack, Carol, das fotos e fitas, assassinatos e estupros, dos murmúrios e rumores, cânceres e tumores, de texugos e corujas, lobos e cisnes…”

Girei a faca:

“Isto é por tudo que você me obrigou a fazer, por tudo que você me obrigou a ver, por todos os paus que chupei e todas as noites que passei sem dormir, pelas vozes na minha cabeça e pelo silêncio da noite, pelo buraco na minha cabeça e pelas cicatrizes nas minhas costas, pelas palavras no meu peito, pelo menino que eu era e os meninos que eu vi, Michael Myshkin e Jimmy Ash, o gordo Johnny Piggott e seu irmão Pete, Leonard Marsh e seu pai George, por todos os meninos que você fodeu e pelos pais que gostavam de ficar olhando, com suas câmeras nas mãos e seus paus no meu cu, sua língua na minha boca e suas mentiras no meu ouvido, amar você me amando, as unhas deles nas minhas mãos, e as suas unhas na minha cabeça, por aquela faca no meu coração e esta em você…”

– Adeus, dragão – eu disse.

Arranquei a faca mais uma vez e…

Com um último beijo…

Deixei que ele caísse…

De costas…

Caísse…

Escada abaixo.

Com o peito nu e banhado em sangue.

Olhei para trás. Vi o meu reflexo no espelho do banheiro.

Um buraco na minha cabeça.
Um cepo nas minhas costas.
Sete letras no meu peito: *One Love.*
– Barry! – ela gritou. – Barry!
Eu o segui escada abaixo, em direção à porta de entrada.
Abri.
Maurice passava pelo jardim.
Acendi um fósforo.
Ele parou. Ficou olhando.
Eu deixei o fósforo cair no chão.
Nossa casa começou a arder.
Passei por cima do corpo morto de Martin Laws.
Sob a chuva vermelha, os holofotes brancos e as luzes azuis da polícia.
Sem os meus sapatos, caminhei descalço pelo jardim.
Com o cabelo raspado e a cabeça marcada, deixei a faca cair no chão e ergui a arma.

61

Nada de sirenes, apenas silêncio.
Nada de luz, apenas escuridão.
Estacionamos em Millgarth. Eu não subi.
Angus poderia estar me esperando.
Mais crimes e mais mentiras, mais mentiras e mais crimes.
Caminhei até o mercado. Caminhei pelo amanhecer.
Quinta-feira, 9 de junho de 1983.

Cortei caminho pelas ruas traseiras. Subi a Headrow.
Virei na Cookridge Street.
Abri a porta da igreja de Saint Anne.
Cambaleei, descendo o corredor.
Caí perante a Pietà.
Tirei meus óculos horríveis. Fechei meus olhos cansados.
Rezei:

"Senhor, não entendo as minhas próprias ações.
Sei que nada bom vive dentro de mim, na minha carne.
Não faço o que quero, mas faço exatamente o que odeio.
Posso querer o que é certo, mas não sou capaz de fazê-lo.
Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero é o que faço.
Quando quero fazer algo bom, o mal está sempre por perto.
Que homem deplorável e maldito sou!
O Senhor me resgataria deste corpo de morte?"

Abri os olhos. Olhei para Cristo.
O Cristo ferido e morto.

Eu chorava ali, de pé.

Eu chorava quando me virei para ir embora.

Eu chorava quando o vi.

Ele estava sentado entre as estações na *via crucis*. Com a cabeça raspada.

Ele estava vestido de branco, com os pés e as mãos sangrando.

Havia crianças sentadas ao seu redor.

Meninas e meninos.

– Jack?

Ele sorriu para mim.

– Jack?

Ele ficou olhando através de mim.

– O que foi? – perguntei. – O que você está vendo?

Ele sorria. Ele olhava para a Pietà.

– Como você ainda consegue acreditar? Após tudo o que viu?

– São as coisas que eu não vi – ele respondeu.

– Não entendo.

– Durante um eclipse não há Sol – ele disse, sorrindo. – Somente escuridão.

– Eu não…

– O Sol ainda está lá. Você apenas não consegue vê-lo – ele disse.

– Eu…

– Mas no fundo você sabe que o Sol voltará a brilhar, certo?

Fiz que sim.

– Fé – ele murmurou.

"A essência das coisas esperadas, as evidências do que não foi visto."

Olhei novamente para a Pietà. Voltei a olhar para o Cristo ferido.

Nada mais.

Havia uma mão segurando a minha.

Uma menina de dez anos e olhos azuis, com cabelos longos e loiros, vestindo um casaco impermeável laranja, suéter de gola alta azul-escuro, calça jeans azul-clara com uma águia bordada no bolso esquerdo traseiro e botas Wellington vermelhas, segurando uma sacola plástica de compras na outra mão.

Olhei para a minha mão na dela.

Não havia feridas nas palmas das minhas mãos.

– Ele não foi abandonado – disse Clare, sorrindo. – Ele é amado.

62

Quinta-feira, 9 de junho de 1983.

Dia D.

Apartamento 5, número 28 da Blenheim Road, St John’s, Wakefield.

Coração destruído.

Você não consegue dormir, não consegue dormir, não consegue dormir.

Os galhos continuam batendo contra a janela.

Todo mundo sabe.

Você, deitado de costas, de cueca e asas.

Os galhos batendo contra a janela.

Tudo mundo sabe.

Você, deitado de costas, de cueca e de asas, asas escuras por causa do sangue dele, escuras por causa de todo o sangue deles.

Os galhos batendo contra a janela.

Todo mundo sabe.

Você, deitado de costas, de cueca e asas, asas escuras por causa do sangue dele, escuras por causa de todo o sangue deles, essa melodia terrível e as palavras dela na sua cabeça.

Todo mundo sabe; todo mundo sabe; todo mundo sabe e…

Os galhos quebrando a janela.

Você olhou para o relógio. Viu que horas eram:

2h25.

Você saiu da cama. Avançou de joelhos pelo quarto.

Ligou o rádio. E também a televisão.

O ódio:

“Onde houver discórdia que levemos harmonia.”

O ódio:

“Onde houver erro que levemos verdade.”

O ódio:
“Onde houver dúvida que levemos fé.”
O ódio:
“Onde houver desespero que levemos esperança.”
Rádio desligado. A televisão também.
Os galhos despedaçaram o vidro da janela.
A chuva entrava na casa.
Sem esperança para a Grã-Bretanha.

Você abriu a porta do banheiro. Entrou. Ligou os registros do chuveiro. Colocou sal ao redor da banheira. Pegou duas tesouras. Cortou o seu cabelo. Cortou as unhas. Pegou uma gilete. Raspou a cabeça. Colocou os cabelos e as unhas num envelope. Colocou o envelope na pia. Acendeu um fósforo. Queimou o envelope. Olhou para o espelho.
Com sangue, estava escrito:
Ninguém se importa.

Você entrou na banheira. Deitou-se na banheira com as suas asas.
A água estava morna.
Você viu as cenas; viu as cenas de uma forma que não pôde ver na época.
As trevas no seu coração, o medo e o ódio.
O medo e o ódio.
Você misturou todo o seu medo e o seu ódio e encontrou:
Yorkshire, Inglaterra, 1983.
Você pegou a tesoura que estava na borda da banheira:
Meu condado, meu país, estando certo ou errado.
Quatro lágrimas escorreram pelas laterais do seu nariz.
Mas tudo bem, tudo estava bem, a luta havia terminado.
A água ficou vermelha.
Você escreveu três palavras finais num pedaço de papel molhado.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqui listados pelo seu apoio durante a escrita de *Red Riding*:
James Anderson, Marcel Berlins e o *Times*, a equipe de *Books Etc* do Covent Garden, à *Borders* Leeds, Jenny Boyce, George e Gill Chambers, Hiroyuki Chida, Julian Cleator, *Crime Time*, Jim Driver, Simon e Chiaki Evans, Judith e Reg Eyles, Max Farrar, Anne e Dave Francis, Robert e Astrid Fraser e família, Gregory Gannon, Leland e Carolyn Gaskins, Shigeko e Daisuke Goto, François Guérif, Alan Hadden e família, Richard e Alison Hall, Tamako Hamaguchi, Paula Hammerton, Seishu Hase, Nick Hasted, Hiroshi Hayakawa e toda a equipe da *Hayakawa Publishing*, Michael Hayden e Sam Dwyer, Jon Haynes, Shizuyo Ide, Jonathan Kelly, Darren Kemplay, senhora Lambert, Paul Landymore, Pete e Persis Lunt, Maxim e toda a equipe do *Murder One*, Hamish Macaskill, Takashi Matsuki, Yumiko Mikado, a família Nash, Chris Nelson e o *Big Issue in the North*, Yasuko Nomura, Joseph O'Neill, Basil e Felicity Peace, Jonathan Peace, George P. Pelecanos, Ruth Petrie, Justin Quirk, Jon Riley, Junzo Sawa, Yukako Higuchi e toda a equipe da English Agency Japan, a equipe da Serpent's Tail, Stephen Shoebridge, Mario Tauchi, Stuart Turnbull, Cathi Unsworth, Nicola Upson e o *New Statesman*, Anna Vallois, Marco Vicentini, Andrew Vine e o *Yorkshire Post*, Tomohiro Yoshida, a equipe da Waterstone's Leeds e Manchester, Sarn e Tara Warbis, Daina e Keri Warbis, Paul Westlake, Lynda Wigelsworth e família, Bob e Celia Wilkinson e família, Gareth e Sophia Williams, Mark e Susan Williams, Michael Williams e, fechando a lista, mas acima de tudo, a Izumi, George e Emi Peace. Obrigado.

Sobre o autor

David Peace nasceu em 1967, em Yorkshire, Inglaterra. Apontado pela revista literária Granta como um dos melhores escritores britânicos jovens em 2003, Peace ganhou vários prêmios, entre eles o James Tait Black Memorial Award, o German Crime Fiction Award e o Grand Prix Du Roman Noir, como melhor romance estrangeiro, na França. É autor também de Tóquio – Ano Zero e The Damned, inédito no Brasil.

Copyright © 2002 David Peace
Título original: *Nineteen eighty three*
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte e capa: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Preparação: Maísa Kawata
Revisão: Fábio Storino e Tulio Kawata
Diagramação: Nobuca Rachi
Imagem da capa: © Spanic/Getty Images
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P37M
PEACE, DAVID, 1967-
1983 [RECURSO ELETRÔNICO] / DAVID PEACE ; TRADUÇÃO RODRIGO PEIXOTO. - 1. ED. - SÃO PAULO : BENVIRÁ, 2013.
512 P., RECURSO DIGITAL (RED RIDING ; 4)
TRADUÇÃO DE: NINETEEN EIGHTY TREE
SEQUÊNCIA DE: 1977
FORMATO: EPUB
REQUISITOS DO SISTEMA: ADOBE DIGITAL EDITIONS
MODO DE ACESSO: WORLD WIDE WEB
ISBN 978-85-8240-067-8 (RECURSO ELETRÔNICO)
1. HOMICIDAS EM SÉRIE - INGLATERRA - FICÇÃO. 2. POLÍCIA - INGLATERRA - FICÇÃO. 3. YORKSHIRE (INGLATERRA) - FICÇÃO. 4. FICÇÃO INGLESA. 5. LIVROS ELETRÔNICOS. I. PEIXOTO, RODRIGO. II. MIL NOVECENTOS E OITENTA E TRÊS. III. SÉRIE.
13-03020 CDD: 823
CDU: 821.111-3
16/07/2013 17/07/2013

1ª edição, 2013
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva